

Os Templos de Cristais

A Era dos Grandes
Magos

Rubens Saraceni

Inspirado por Meon,
o Espírito da Fonte



MADRAS

Rubens Saraceni

OS TEMPLOS DE
Cristais
A ERA DOS GRANDES MAGOS



MADRAS®

© 2013, Madras Editora Ltda.

Editor:

Wagner Veneziani Costa

Produção e Capa:

Equipe Técnica Madras

Copidesque:

Adriane Schirmer

Revisão:

Adriana Cristina Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Os templos de cristais / [psicografado por] Rubens Saraceni. —

3. ed. — São Paulo : Madras, 2013.

ISBN 978-85-370-0839-3

1. Ficção umbandista 2. Obras psicografadas

I. Saraceni, Rubens,. II. Título.

13-02228 CDD-133.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Umbanda : Romances mediúnicos : Psicografia :
Espiritismo 133.93

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Madras Editora, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Todos os direitos desta edição reservados pela



MADRAS EDITORA LTDA.

Rua Paulo Gonçalves, 88 — Santana

02403-020 — São Paulo — SP

Caixa Postal 12183 — CEP 02013-970 — SP

Tel.: (11) 2281-5555 — Fax: (11) 2959-3090

www.madras.com.br



Sumário

Prefácio	7
Apresentação	9
Abertura	13
Introdução	19
Capítulo I — O início	25
Capítulo II — A ascensão do Grande Mago do Ônix	57
Capítulo III — O dualismo instala-se no Reino dos Cristais	65
Capítulo IV — A última batalha dos exércitos do Grande Mago do Ônix	95
Capítulo V — O encontro com Leish Ambar Yê	119
Capítulo VI — O fim de Lamahoon ou Lamar Ho Om Hep	215

Templos de Cristais

E Tempos de Cristais

Prefácios longos são, com toda a certeza, chatíssimos de se ler, a menos que perpetrados por alguma sumidade intelectual cuja pena terá sempre o dom de lançar mais brilho à obra que enuncia. Bem, não é o nosso caso. Somos apenas um velho repórter, amigo recente (será?) do Mestre Saraceni, viciado em boa leitura, que mergulhou neste livro para descobrir, página após página, que era quase impossível interromper a viagem a que ele nos levava. Dito isto, vamos aos fatos. *Templos de Cristais* é uma leitura apaixonante que deixa longe, na nossa avaliação, os *best-sellers* que se transformaram em filmes monumentais, gerando bilheterias estratosféricas. Pode ser que isso venha a acontecer com o livro de Saraceni, e tomara que algum diretor ou produtor de visão tome logo conhecimento de sua existência para transformá-lo num épico cinematográfico. Oxalá.

A aventura narrada em *Templos de Cristais* transcende, para os iniciados, o mero exercício de brilhante ficção. Trata-se de uma revelação, em que os mentores espirituais de Saraceni permitiram que o véu de alguns mistérios fosse parcialmente alçado e que se desvendassem alguns segredos que o Oculto, creio eu, julgava por bem manter sob o manto do sigilo. Novas eras têm se anunciado. Tremenda tem sido a carga negativa injetada ou deflagrada sobre o nosso planeta que a epopeia de Ialutá, o personagem central do livro, passada em tempos imemoriais, se nos afigura como algo, tecnologias e magias à parte, que está a ocorrer em tempos presentes. Trata-se do combate perene entre o Bem e o Mal. A luz de Ialutá contra as Trevas que cada vez mais ameaçam nos envolver e subjugar. O Mal não é obra de Satã ou Lúcifer, como querem ainda as chamadas religiões oficiais e outros pregadores mal informados. O Mal é um dispositivo gerado entre os Mistérios da Lei Maior. É, ensinou-me Saraceni, uma espécie de gatilho, inerte em todas as armas, até que nós, humanos e falhos, nos

encarregamos de acioná-lo. Somos nós, e não Deus, que geramos as Trevas através de nossas ações mesquinhas, pelo nosso desamor ao próximo. Não foi Deus quem gerou os *serial killers*, os assassinos em massa, os responsáveis pela fome e miséria que assolam milhões de semelhantes. Deus não é o Punidor impiedoso e nada tem a ver, acredite-se, com as catástrofes, grandes ou pequenas, que assolam a Humanidade. Uma vez perguntaram a um sábio rabino que vive em Israel a razão pela qual Deus havia submetido o seu povo, o povo escolhido, o povo judeu, ao imenso suplício que lhe foi imposto pelo Nazismo de Hitler. O rabino respondeu que Deus nada tinha a ver com o Holocausto do povo judeu, já que a maldade gerada por Hitler e seus seguidores era coisa dos homens... Eis aí, portanto, a raiz da questão.

Mas, como alertei no início, não quero tomar vosso tempo com digressões filosóficas. Mergulhai, como fiz, no livro de Saraceni e viajai através da magia que dele emana. Para redescobrir, finalmente, como ocorreu comigo, que é possível a Redenção, por maiores que sejam as agruras da estrada a ser percorrida. Por maior que seja a queda, não estamos sós. Na verdade, nunca estivemos e jamais o estaremos.

Mário Chimanovitch
jornalista

Apresentação

Amigo leitor, coloco a sua disposição um romance mítico de primeira grandeza, ainda que não seja possível provar os eventos aqui relatados, que culminaram com uma grande queda consciencial da Humanidade a partir daí.

Esses eventos, se não podem ser comprovados aqui no plano material da vida, são confirmados por diversos espíritos que os vivenciaram e nunca mais reencarnaram, tendo os fatos vívidos e vibrantes em suas memórias.

Psicografei este livro no ano de 1991 e o mantive guardado a chaves porque todos os relatos dos eventos acontecidos, então, seriam classificados como pura ficção. Mas, para minha surpresa, em 1997 chegou-me às mãos uma obra, também psicografada, que abordava um tal elixir da longa vida, aqui também citado e tido como a fonte da juventude na carne. Mais surpreso fiquei quando descobri que sua autora o tinha psicografado havia cerca de um século.

Que mistério envolve esse período da Humanidade, já que não são poucos os livros que relatam uma era áurea e mítica que alguns descrevem ter sido vivida nas desaparecidas Lemúria e Atlântida?

Todos os autores (inspirados) são unânimes em afirmar que a civilização era avançadíssima em alguns aspectos e que houve um esgotamento da vida evolutiva existente naquela época, que aconteceu uma degeneração consciencial, religiosa e moral que levou à derrocada de um período áureo e à consequente catástrofe planetária que alterou a configuração da crosta terrestre, fazendo submergir continentes inteiros, restando muitos pontos intactos, e que seus habitantes, isolados em todos os sentidos e sem os recursos tecnológicos existentes, mergulharam no barbarismo e na sobrevivência a todo custo e à própria custa.

Nesse relato épico de um grupo de iniciados, ficamos sabendo que todos os avanços científicos de então se perderam antes da catástrofe final porque uma série de acontecimentos foi desintegrando a sociedade e criando assim as condições necessárias para que um novo ciclo evolucionista dualista aqui se

estabelecesse e, por meio dele, bilhões incontáveis de espíritos paralisados evolutivamente pudessem retomar suas evoluções.

Mas o novo ciclo evolucionista não podia ter nada do anterior, pois fora nesse que tantos espíritos haviam “caído” e se estagnado nas faixas vibratórias negativas, classificadas por nós como trevas ou inferno.

Nos demais livros de minha autoria, o *Guardião Tranca-Ruas* e o *Guardião das Sete Encruzilhadas* — seus personagens principais — aludiam a essa “Era Áurea”, na qual eles haviam encarnado e conservado intactas as lembranças dos eventos que culminaram com o fim de uma etapa: “A Era dos Magos”.

Eu, surpreendido com os relatos de um número tão grande de espíritos, tanto nos livros de outros autores quanto nos psicografados por mim, resolvi não publicar esta obra e guardá-la para o momento oportuno.

No entanto, inquiri vários mestres espirituais sobre essa “Era Áurea” e eles, reticentes como são, revelaram-me mais algumas coisas a respeito desse período da Humanidade, que comento a seguir.

— Meon, o “Espírito da Fonte”, revelou-me mais ou menos isso: “Rubens, meu filho, naquela ‘Era Áurea’, a Humanidade não admitia uma falha sequer e a classificava como uma afronta a Deus e às Suas Leis, condenando os espíritos mais fracos a um isolamento que em nada contribuía para seu fortalecimento porque o estigmatizava como um ‘caído’.”

— Selmi Lanesh Yê, o *Guardião Tranca-Ruas*, revelou-me mais ou menos isso: “Mago, aquele foi um tempo confuso, pois tínhamos tudo para alcançar o paraíso, já que víamos as divindades nos seus santuários naturais porque o que hoje vocês chamam de “vidência”, em todo encarnado, era uma faculdade natural. No entanto, a visão permanente do divino não anulava o desejo de cada um de vivenciar certas coisas, classificadas como vícios. A monogamia era ponto de honra e o simples desejo ou o amor por outra pessoa, se externado, já era classificado como queda ou vício dos sentidos.

“Era uma bela utopia, mas que enviava para as trevas milhões de espíritos estigmatizados pelos ‘pecados’ que os atormentavam e fazia com que seus mentais se negativassem e não mais voltassem a se positivar. E não havia a posterior reencarnação retificadora dos mentais desequilibrados pelos desejos não vivenciados.

“Portanto, quem não ascendesse após o desencarne era atraído para as faixas vibratórias negativas e ali permanecia mergulhado nos seus tormentos emocionais.

“Mas como tudo o Criador previu, chegou ao fim um período em que bilhões incontáveis de espíritos se ‘virtualizaram’ em todos os sentidos e constituíram as Hierarquias Espirituais Luminosas e outro tanto não menos numeroso de ‘criaturas’ se constituiu nas não menores Hierarquias das Trevas, ambas voltadas para a atração dos espíritos que se afinassem com elas.

“Estava criado o dualismo espiritual e estavam prontas as duas hierarquias que, dali em diante, se digladiariam pela posse dos espíritos que viessem a reencarnar para sua retificação emocional ou pela posse dos que encarnassem pela

primeira vez e iniciassem seus ciclos evolucionistas num meio dualístico, em que 'luz e trevas' alternam-se na vida do ser adormecido na 'carne'."

Larrim, o iniciado do Ar (da Lei), nos revela: "Rubens, o desejo de vivenciar um sentimento é inato ao ser humano. E não serão doutrinas perfeitas em todos os sentidos que tornarão virtuosos os espíritos que viverem sob a luz e o amparo delas, que os farão ascender aos céus após desencarnarem.

"Na verdade, somente vivenciando cada sentimento um espírito desenvolverá uma consciência equilibrada que permitirá sua ascensão e virtualização."

Eis aí, amigo leitor, a opinião de alguns espíritos que têm na memória os eventos dessa "Era Áurea".

Tenham uma boa leitura!

Rubens Saraceni

Abertura

Somente hoje, finalmente, posso falar-lhes, meus irmãos, e lançar à Humanidade pecadora meu repto divino: “Vinde a mim todos os espíritos desvirtuados e desequilibrados nos mistérios da criação, porque em mim encontrarão o lenitivo às suas dores e a cura de suas doenças porque sou em mim mesma, e pela vontade do nosso Divino Criador, um mistério do sexo; reino sobre os desejos e atuo na vida dos seres por meio do sétimo sentido da vida.”

Eu sou Leish Ambar Yê, um Trono cujo atributo é estimular a geração de vidas cujas atribuições são as de reordenar a existência dos seres que se desvirtuaram e entraram em sintonia vibratória com as esferas negativas, que vós conheceis como trevas!

Fui “humanizada” pelo nosso Divino Criador, que mais adiante me espiritualizou para livrar-me de uma desagregação em todos os sentidos e para manter intacto um dos seus 33 degraus da vida.

Sim, eu sou Leish Ambar Yê, Trono regente do décimo terceiro degrau feminino da vida e reino sobre a sexualidade e a gestação dos seres.

. Leish significa desejo.

. Âmbar é a cristalização da seiva vegetal na qual as células vegetais multiplicam-se, uma vez que é uma seiva saturada do fator estimulador.

. Yê é o senhor ou senhora, forma de tratamento aplicada aos Tronos.

“Leish Ambar Yê” significa “Senhora da Pedra do Desejo” ou “cristalizadora da multiplicação da vida”.

Sim, todo Trono possui sua pedra simbólica e a minha é o âmbar, uma “pedra” formada pela resina vegetal, que é a cristalização da seiva viva dos vegetais, a fonte primária de sustentação da vida no plano material.

Antes de ser humanizada, eu era um Trono gerador e irradiador do fator divino que estimula a propagação da vida porque meu magnetismo agregador a sustentava dentro da faixa eletromagnética por onde ele flui em ondas, ativa tanto a multiplicação dos vegetais quanto dos animais, assim como estimula a reprodução de seres humanos na “matéria”.

Mas se fui “humanizada” quando a vida no corpo carnal começou, antes eu já estava aqui e atuava como estimuladora da multiplicação dos vegetais, que são, neste planeta, anteriores à “carne”.

Quando o Divino Criador e Pai Gerador da vida gerou de Si os “corpos carnis” no plano material da vida, tive meu mistério humanizado porque passei a irradiar para esse plano o meu fator estimulador da reprodução celular humana que, aplicada ao sétimo sentido da vida, ativa a multiplicação das células geradoras de novas vidas. Logo, meu fator aumenta o número de células sexuais, os óvulos e os espermatozoides.

Na Hierarquia Divina dos 33 degraus da vida, eu era um Trono energético gerador da parte feminina do fator estimulador da existência, ou um Trono da Geração, como somos denominados pelos “magos”, que são Tronos humanizados e espiritualizados responsáveis pelas religiões “humanas” e pela religiosidade existente na face da Terra desde que este plano da vida tornou-se seu multiplicador natural.

Minha “humanização” dotou-me de atributos humanos e meu mistério agregou às suas outras atribuições a de estimular nos seres humanos a multiplicação das células sexuais, que começam a ser geradas a partir da absorção do fator estimulador, que gero naturalmente e que flui com minhas irradiações que, ao alcançarem os seres, também despertam neles o desejo, multiplicador da vida no plano material.

Já o Trono da Geração, que polarizava comigo, era um gerador natural da energia que dá sustentação à multiplicação das células genésicas, denominado pelos “magos” de Trono da Fertilidade.

Juntos, formávamos um par de Tronos responsáveis pela emissão de irradiações altamente energizadoras e estimuladoras da multiplicação da vida humana no plano material.

Por quanto tempo durou essa nossa atuação natural na vida dos seres não importa, pois atuávamos desde os primórdios da Humanidade. Agora, o que é interessante, no meu caso, é quando os seres humanos começaram a cultuar-me como uma divindade natural e a oferecer-me com o intuito de acelerar minha atuação “religiosa” em suas vidas, pois sabiam que meu mistério gerava o fator estimulador da sensualidade e era multiplicador da vida no plano material.

Sim, quem abriu meu mistério aos espíritos encarnados foram os “magos”, que também criaram todo um culto a mim, um Trono dos Desejos, pois os encarnados viviam apáticos, estavam paralisando a multiplicação da vida no plano material e interrompendo a encarnação de bilhões de seres, estacionados nas dimensões naturais.

Um Trono da Fertilidade e um Trono dos Desejos foram cultuados a partir daí sob os mais diversos nomes e evocavam-nos pelos nossos nomes mânticos e sagrados, mas após a “queda” da Humanidade, começamos a receber nomes humanos os mais diversos, porque o declínio implicou a perda da língua única e a fragmentação de um dos mistérios da criação: a Língua Cristalina, cujos sons silábicos correspondiam à essência do objeto vocalizado.

Hoje, informada das “mitologias” humanas, vejo na alegórica torre de “Babel” a queda da Humanidade e a perda da língua única, e sua posterior segmentação, que deu origem aos atuais troncos linguísticos, assim como aos muitos que já deixaram de existir.

Também noto no mítico “Dilúvio” a decadência vibratória da Humanidade, que foi deslocada para menos um grau à esquerda na escala magnética horizontal, reguladora da separação vibratória das muitas dimensões planetárias.

Mas tudo isso sabereis com detalhes no decorrer da história de minha humanização e posterior espiritualização, da qual vos sentireis participantes ativos e vos vereis como parte dessa Humanidade pecadora, que é única em vossa capacidade de desvirtuar os mistérios divinos e dar-lhes feições degradantes e desumanas, que nada mais são que os reflexos de vossos defeitos e imperfeições e de vossos desvirtuamentos e vícios bestiais.

Sim, Humanidade pecadora! Sois tudo isso e muito mais, porque conseguísteis dividir o Divino Criador e criar tantos deuses quanto desejais, não?

Até criásteis um análogo oposto a Ele, na figura de um tal “diabo”, não?

Tudo isso fizésteis, Humanidade pecadora! Désteis feições desumanas às Divindades do Senhor vosso Deus e vosso Criador e, não contente e satisfeita, ainda ativásteis os seus aspectos negativos e sobrecarregásteis com vosso negativismo viciante os Tronos responsáveis pelo vosso amparo e pela vossa evolução, mísera Humanidade pecadora!

Humanidade pecadora, redimais-vos diante da Lei Maior e da Justiça Divina e libertai-vos do negativismo a que vos lançásteis desde que criásteis deuses para concorrerem com o Senhor vosso Deus e vosso Criador. Do contrário, nunca saireis do abismo que cavásteis sob vossos pés e denominásteis de “inferno”, ao qual comecei a ser atraída assim que desvirtuásteis meu mistério estimulador da multiplicação da vida, e désteis a ele as feições assustadoras dos aspectos negativos da sensualidade dos seres com desequilíbrios mentais e emocionais, os quais entendem o sexo como uma fonte de prazer mundano quando, na Lei Maior, ele está codificado como uma fonte de vida, de comunhão dos corpos, de harmonização emocional, de reequilíbrio energético e de sutilização do magnetismo mental dos seres.

Humanidade pecadora, aos olhos da Lei Maior vos mostrásteis como uma meretriz travestida de sofredora, pois o manto roto que cobre vosso corpo deformado foi feito com pedaços dos vossos vícios, deformadores de vossa beleza natural e de vossas qualidades divinas, todas existentes dentro do humanismo que vos distinguiu aos olhos do vosso Divino Criador, pois Ele concentrou em vós tudo o que Ele partilhou nas outras dimensões da vida que formam este belíssimo planeta que, se é tão belo, no entanto é evitado pelos habitantes dos outros mundos por causa do vosso pegajoso e assustador *desumanismo*.

Humanidade pecadora, saibais que recuperei minha visão atemporal e hoje posso acompanhar vossa existência desde sua geração divina até os dias atuais, que tanto vos tem atribulado porque olvidásteis parte da sentença divina emitida pelo Divino Criador quando vos gerou e vos ungiu com o mistério da multiplicação

da vida na carne: “Crescei e multiplicai-Me em vosso íntimo”, pois vos fiz à Minha Imagem e Semelhança, e trazeis em vossa semente original Minha Herança Genética Divina, capaz de, por si só, tornar-vos semelhante a Mim. Mas nunca sereis igual a Mim porque Sou único e Sou a fonte viva que vos gerou, único também, pois dois seres iguais em tudo não Gero, já que tudo o que Gero é Unigênito.

Sim, Humanidade pecadora, sois herdeira das qualidades do vosso Divino Criador, todas divinizadoras de vossa vida e santificadoras do vosso humanismo! Mas preferis o *desumanismo* dos vossos vícios à santidade de vossas virtudes, ó Humanidade pecadora!

Por que sois assim, Humanidade pecadora?

Por que optais por cobrir-vos com um manto roto da dor se podeis cobrir-vos com um luminoso manto do amor?

Por que tolerais a morte em vosso meio se sois multiplicadora da vida?

Por que virais vossas costas ao vosso Divino Criador e vos perdeis na escuridão das trevas desumanas?

Por que vossas filhas mercadejam o corpo, profanando uma de suas qualidades divinas e transformam um ato sublime em favor da vida numa tormentosa submissão à devassidão e aos pecados da carne?

Por que vossos filhos preferem a luxúria das alcovas à santidade do leito matrimonial, dissolvendo famílias e lançando na tristeza os filhos que os tinham como exemplo a ser seguido?

Por que o sexo tem tanta ascendência sobre a vida dos vossos filhos, que até se matam por causa dele?

Não tendes as respostas, não é mesmo?

Mas eu as tenho, Humanidade pecadora!

Sim, eu as tenho e vos dou neste momento, resumindo-as numa só: é porque vossos filhos pecadores endeusaram a matéria e perderam-se nos sete sentidos da vida, e não somente no sétimo, que é o que rege a sexualidade.

Até a mim, um Trono gerador do fator estimulador da multiplicação da vida, eles desvirtuaram quando me endeusaram e me lançaram na inconsciência da carne, da qual parti para a escuridão aterradora das trevas humanas, que é o vosso desumano inferno, ó Humanidade pecadora!

Lede a minha história e conheçais a origem da vossa queda, Humanidade pecadora!

Lede a minha história e saibais como vim pura e virginal, divina mesmo, à carne. E vede a si mesma nos que me julgaram desfavoravelmente, me viciaram, deformaram um mistério divino e me adoraram com a deusa do sexo.

Chorai por vós, Humanidade pecadora!

Lamentai por vós porque eu já chorei muito por vós, vos odiei muito, virei minhas costas e até tentei fugir para bem longe dessa vossa existência profana e desprovida dos princípios que regem todo o resto da criação divina. Mas, se não consegui, é porque eu sou parte de vós, ó Humanidade pecadora!

Eu já me havia transformado na catalisadora dos vossos pecados.

Dos vossos pecados do sexo!

Então, num misto de revolta e de súplica ao Divino Criador, lancei-vos o meu repto divino:

— Vinde a mim os que caíram pelo sexo porque, por meio dele, eu vos reequilibrarei, vos elevarei e vos recolocarei na senda luminosa que conduz aos planos superiores onde somente os virtuosos chegam.

— Vinde a mim, Humanidade pecadora!

— Vinde a mim porque em meu mistério divino vosso sexo, abrasado pelos desejos carnis, encontrará o refrigério.

— Vinde a mim, porque em mim vossa devassidão será depurada, ainda que o seja por intermédio da dor.

— Vinde a mim porque em mim vossos vícios serão anulados e substituídos pelos princípios virtuosos que regem a geração da vida em todos os níveis.

— Vinde a mim, Humanidade pecadora!

Vinde a mim porque sou Leish Ambar Yê, um Trono de Deus que rege a vossa sexualidade, ó Humanidade pecadora!

Introdução

A luta do bem contra o mal foi travada num tempo em que um Grande Mago da Luz Cristalina sustentou o bem e Leish Ambar Yê, ou senhora do poder do âmbar, disseminou o mal através do culto aos vícios.

Foi uma época em que a Humanidade correu o perigo de ser lançada nas trevas da ignorância para sempre. Mas, graças ao grande empenho do Grande Mago da Luz Cristalina e à luta titânica de um grupo de iniciados na origem, foi evitado o retorno ao caos ou ao princípio dual da evolução humana. Porém, isso não impediu que centenas de milhões de espíritos mergulhassem nos horrores das trevas da ignorância, pois se deixaram levar pelos vícios ou desvirtuamento dos princípios sagrados que regem a evolução da Humanidade.

Foi um momento já esquecido dos espíritos encarnados e desconhecido ou vedado aos habitantes das três primeiras esferas ascendentes da luz ou das três descendentes das trevas. Somente a partir daí, quando a memória ancestral pôde ser despertada sem grandes riscos para quem o fizesse, é que tal queda do ser humano começa a ser conhecida. E, ainda assim, apenas para os iniciados na origem, pois somente eles têm um recurso mental que possibilita retornarem incólumes do mergulho em suas memórias ancestrais sem se prenderem numa de suas prisões, onde a dor, o ódio, o sangue ou a revolta ainda estão retidos e latentes.

Um ser humano não iniciado na origem se perderia nas brumas dos tempos vividos e arquivados em sua memória ancestral imortal.

Bem, vamos trazer à luz um romance místico que aborda um período da eterna evolução humana, em que a vida tinha similaridade com a de hoje em dia, mas as fontes energéticas originavam-se dos cristais.

Os cristais possuem uma estrutura especial que contém, potencialmente, muito mais energias que outros elementos da Natureza.

Mas, como tudo tem seu tempo, tanto na evolução espiritual quanto na material da raça humana, o tempo dos cristais como fonte geradora já passou há milênios incontáveis.

Hoje, muitos já estão redescobrimdo suas diversas utilidades energéticas e terapêuticas.

Os místicos também estão decifrando o que há por trás de um simples, belo e colorido cristal. Muitos os usam com sabedoria e alcançam resultados fantásticos que ainda não encontram explicações no atual estágio da evolução da Humanidade.

Mas uma coisa é certa. Milhões de seres ainda têm vagas lembranças dessa época áurea da Humanidade em suas memórias imortais e, por isso, se encantam tanto com o mistério dos cristais.

Bem, na época em que vamos desenvolver este romance mítico, o princípio energético era o cristalino e da imensa variedade de formas, cores e tipos de cristais eram tirados os nomes das pessoas.

Foi um tempo em que não havia armas de fogo nem explosivos como em nossa época atual. Era também vedado ao povo em geral o uso de qualquer tipo de arma. Somente os iniciados na origem ou no meio as carregavam.

Esses iniciados na origem usavam longas espadas que simbolizavam o seu poder e área de atuação ou de influência.

Os magos dirigiam religiosamente os povos e os iniciados eram seus subordinados na hierarquia regente. Os sacerdotes cuidavam da aplicação dos mistérios sagrados no dia a dia de cada um e os mestres ensinavam ao povo a cultura vigente na época.

Então tínhamos uma hierarquia vigente desta ordem:

- 1º — Os magos
- 2º — Os sábios
- 3º — Os sacerdotes
- 4º — Os iniciados
- 5º — Os mestres

Os magos conheciam os mistérios da criação da vida.

Os sábios os esquematizavam e os passavam aos sacerdotes.

Os sacerdotes realizavam o culto à divindade.

Os iniciados cuidavam da aplicação dos mistérios e eram os guardiões da pureza original deles e também dos pontos de forças mágicas existentes na Natureza.

Os mestres ensinavam ao povo os mistérios sagrados da vida, já de uma forma aberta e mais acessível.

A hierarquia era perfeita e o sistema funcionava a contento, mas como tudo tem o seu tempo de duração, a hierarquia se desfez com os choques internos.

Os iniciados, como guardiões dos pontos de força da Natureza, sabiam quais eram os mistérios das trevas e os usaram para impor-se. Foi nesse tempo que a Humanidade sofreu o seu grande cisma na forma de cultuar Deus, e a seguir veio a grande catástrofe geológica, climática e espiritual que abalou o planeta e fez com que os oceanos engolissem continentes inteiros e fez com que toda uma cultura e ciência cristalina desaparecessem para sempre da sua face.

Os mistérios sagrados da criação, guardados nos imensos templos de cristais, desapareceram e, a partir daí, o horror, o terror e o pavor das trevas da ignorância tomaram conta dos remanescentes de uma civilização que ainda não foi igualada após a grande catástrofe. Em muitos aspectos, já atingimos um estágio quase igual, mas nos faltam os conhecimentos sobre os mistérios originais da criação divina para nos livrarmos das coisas “misteriosas” que só se avolumaram após a grande queda da espécie humana.

Os templos eram chamados pelo nome de cristais.

Havia o da Luz Cristalina
Havia o da Luz Dourada
Havia o da Luz Azul
Havia o da Luz Verde
Havia o da Luz Rosada
Havia o da Luz Amarela
Havia o da Luz Roxa etc.

Cada templo possuía um grande mago, que tinha sob suas ordens muitos iniciados na origem que cuidavam da guarda dos pontos de força da Natureza e da pureza na aplicação dos princípios divinos regentes da criação. Havia dois tipos de iniciados: os iniciados na origem e os iniciados no meio. Estes não traziam um símbolo divino no seu espírito, mas, ao se iniciarem, o recebiam no peito, que era marcado com cristais incandescidos.

Havia os iniciados da Estrela (da fé)
Havia os iniciados do Triângulo (do equilíbrio)
Havia os iniciados do Fogo (da justiça)
Havia os iniciados da Flecha (das direções)
Havia os iniciados da Lança (dos caminhos)
Havia os iniciados da Cruz (dos estágios)
Havia os iniciados do Coração (do amor)
Havia os iniciados do Raio (das energias)
Havia os iniciados da Rosa (da pureza) etc.

Era um mundo simbólico, mágico, religioso e iniciático aberto a todos os seres que tivessem seus sentidos despertados.

A religiosidade não era muito diferente da dos dias atuais, mas a forma como era praticada era diferente, pois os grandes rituais não se realizavam no interior dos templos, que eram usados para o ensino dos mistérios sagrados da vida.

Os grandes rituais se realizavam nos pontos de força da Natureza e eram a céu aberto, pois era codificado que Deus não podia ser contido no interior de quatro paredes, tampouco as oferendas poderiam ser dadas sobre um altar.

Elas eram depositadas nos pontos de força e lá deixadas em retribuição à generosidade divina com os seres.

Eram oferendas simbólicas em que eles dividiam sua colheita generosa com o Divino Doador da Vida. Quem as recebia eram as divindades responsáveis pelos pontos de força, geralmente com um templo em suas proximidades.

Já os rituais de iniciação eram praticados no interior dos templos e deles somente participavam os iniciados na origem, os magos, os sábios, os sacerdotes e os mestres. O povo não entrava no interior deles na data em que se realizavam os rituais ocultos ou iniciáticos.

Mas todos podiam ir, em qualquer dia, até os pontos de força e depositar suas oferendas sob as vistas dos guardiões deles.

Depositar uma oferenda fora do perímetro de um ponto de força era um sacrilégio punido pelos guardiões, pois seria sinal de desvirtuamento do ritual e de desrespeito às divindades que regiam a Natureza no planeta.

Mas existiam pontos de força espalhados por todas as partes e guardados pelas divindades menores. Mesmo nesses locais permaneciam iniciados a guardá-los.

Porém havia um horário a ser respeitado. Jamais uma oferenda podia ser depositada antes das 6 horas da manhã ou após as 21. Esse princípio era seguido à risca, pois se sabia, e isso é real, que das 24 horas até as 6 da manhã as trevas abrem seus portais para que os espíritos aprisionados nas esferas escuras possam voltar ao meio material e absorver sua energia a fim de suportarem os tormentos mentais que estão vivendo em espírito. Essa abertura a eles tem como princípio divino que se tudo for negado ao que caiu no meio do caminho, então ele acabará se esquecendo de como era boa a vida na Terra, e não será estimulado a reiniciar sua longa jornada de volta à luz da vida.

“Deus é perfeito e Seus princípios são Sua perfeição, guiando a evolução e sustentando o universo.”

Mesmo nos pontos de força, até os seus guardiões recolhiam-se nesse período da noite, pois a lei era para todos. Os guardiões voltavam aos seus abrigos, construídos próximos deles.

Também a ninguém era permitido ir até um ponto de força com a cabeça descoberta e, caso ousasse, seria conduzido até os mestres para que fosse escla-recido mais uma vez sobre a afronta às leis da Natureza, que não permitem que nosso mental fique descoberto senão o mistério de nossa origem é visualizado pelos seres que nela evoluem.

“Ao cobrir a cabeça com um tecido branco ou colorido as vibrações mentais não se tornam sensíveis aos seres da Natureza e assim não os incomodamos.”

A ritualização, paramentação e cânticos tinham fundamentos nos mistérios da criação e eram conhecidos pelos mestres que os ensinavam, já adaptados ao dia a dia do povo. Mas, caso alguém os infringisse, os guardiões o enviavam aos mestres para que fosse reeducado nos princípios divinos da conduta humana.

Tudo o que tinha relação ao ritual de culto às divindades era codificado e universalizado. Não havia diferenças de ritual, mas só de divindade cultuada nos pontos de força da Natureza, pois uma das montanhas não era a mesma de uma da cachoeira ou do mar.

A divindade cultuada podia ser diferente, mas o ritual era o mesmo para todas. Por isso sabiam como praticar o ritual a qualquer uma delas, pois bastava conhecer seus cantos sagrados e suas orações evocatórias.

Sabiam que cada ponto de força tinha uma divindade maior a velar por ele, e havia muitas outras à volta dela. Era assim e assim era respeitado, pois nos grandes rituais, quando os magos os realizavam, as divindades tornavam-se visíveis a todos que estivessem dentro do perímetro do ponto de força.

Por causa disso não havia a descrença atual sobre os seres divinos que velam pela Natureza e por nossa evolução.

Os magos eram escolhidos na primeira iniciação, aos 7 anos de idade. Eram confirmados aos 13 e investidos do primeiro grau aos 21; do segundo aos 33 e do terceiro aos 49 anos de idade.

Os grandes magos somente eram confirmados como tal ao atingirem os 77 anos de idade.

É bom que se diga que a vida no corpo carnal ultrapassava 100 anos ou um ciclo, como era chamado um período de 100 anos solares.

A média de vida era 120 anos e isso se devia aos costumes vigentes naquela época.

A existência não era materialista como a nossa atual, mas sim espiritualista.

Por essa razão, a queda foi tão grande e profunda. Ela não se realizou num só dia, mas através dos milênios e hoje atinge o seu ponto mais baixo, pois estamos no fundo do abismo aberto pelo mental, negativo que influencia a todos, independentemente de credo, raça ou cor.

Os princípios da criação estão perdidos e somente uma grande mudança de consciência sacudirá este negativismo para que os verdadeiros princípios divinos voltem a ser aceitos por todos.

Meon revelará um pouco do que já foi a Humanidade numa época em que apenas a memória ancestral, guardada no seu mental, poderia fornecer os elementos que culminaram com a queda.

Muitos identificarão a época com a tão lembrada Atlântida.

Em um local de especial beleza localizava-se o Templo da Luz Cristalina, todo construído por cristais de rochas.

Fui seu último Grande Mago e após meu desencarne outro não ascendeu ao posto. Posso dizer, com um imenso pesar no coração, que fui o Mago enviado à carne para apagar a derradeira luz do Templo da Luz Cristalina.

Esta não é uma "história", mas sim a memória da Humanidade, narrada por intermédio de um dos seus mais significativos participantes.

O local onde se passaram os acontecimentos que darão um fundo a este romance ficava ao sul das ilhas Marquesas. Ali, em um abismo submarino, ainda repousa o que restou do magnífico Templo da Luz Cristalina. Ele era todo construído de blocos de cristais e pedras das mais variadas cores.

Hoje, muitos milênios depois, em espírito, ainda o visitamos com tristeza no coração, pois simboliza um período da existência da Humanidade em que as virtudes foram vivenciadas com esplendor jamais igualado.

Como tudo tem seu tempo e finalidade, a “era dos cristais” não voltará a se levantar do abismo no oceano, pois o longo ciclo já vivido após o desmoronamento dos templos cristalinos já não permite isso.

Mas como a lei evolucionista é perfeita, esta era atual aproxima-se de seu fim e dará lugar a outra que conduzirá o ser humano rumo ao seu fim, que é viver em Deus. Em todos os sentidos!

Que todos possam tirar alguma lição de um fato verídico narrado neste romance e também que conheçam um pouco do que a Humanidade perdeu em termos de espiritualidade, contado justamente por quem protagonizou essa derrocada e a mantém livre de qualquer deturpação causada por qualquer reencarnação posterior que pudesse adormecer sua memória ancestral.

Eu, Lahi Ho Achne, um Grande Mago da Luz Cristalina, não me esqueço, pois minha memória ancestral não me permite isso, mas Leish Ambar Yê, que foi minha filha naquele momento trágico da evolução humana, fará uma melhor narração, que Meon romanceará.

Ainda que esta história não seja lida por mais ninguém além de seu autor inspirado, servirá para instruí-lo, reavivar sua memória ancestral e lhe ensinar que fora dos princípios divinos somente existe o caos e a tortura mental.

Servirá também para que Leish Ambar Yê pacifique-se com seu íntimo, atormentado pelo que vivenciou na carne e a lançou no abismo nas trevas da ignorância.

Aqui se inicia o romance místico de Leish Ambar Yê: os Templos de Cristais!

Lahi Ho Achne

Capítulo I

O Início

Não há uma data! Diremos apenas que aquele era um ano feliz para os habitantes do grande Continente Cristalino.

Foi quando Leish Ambar nasceu. Colheitas abundantes anunciaram muita fartura, alegrias e tempo para meditações, esportes e religiosidade.

Sim, era um ano que se anunciava promissor e ela veio à luz justamente num momento em que seu pai, o Mago da Luz Cristalina, assumira seu grau maior ou de Grande Mago.

Leish Ambar nasceu, mas recebeu pouca atenção do pai que, após assumir o seu grau, teve de iniciar uma longa viagem de inspeção a todos os templos ligados ao Grande Templo da Luz Cristalina. No dia do seu nascimento, o pai estava há quase mil quilômetros de distância e não pôde tê-la em seus braços senão três meses depois.

Quando Lahi a viu, encantou-se com a beleza da filha. Suas feições eram delicadas e seu espírito irradiava uma luz dourada que tornava a sua aura um adorno a tanta beleza. Então ele virou-se para o jovem que estava a seu lado e lhe perguntou:

- O que tem a me dizer, filho?
- Somente digo que é um encanto de filha, Grande Mago!
- Ótimo! Eu a coloco sob sua guarda pessoal.
- Mas...
- Nada de desculpas! Você será o responsável pela formação iniciática de Leish.
- Mas, Grande Mago, eu ainda não me sinto preparado para assumir tal incumbência já que mal alcancei meu vigésimo primeiro grau.
- No entanto, tem sua origem a secundá-lo em suas decisões.
- Ainda assim, sinto-me incapaz de assumir responsabilidade tão grande. Aqui no templo existem centenas de pessoas mais aptas que farão a iniciação dela em melhores condições que as minhas.

— Já escolhi, Ialutá. Irá decepcionar-me pela escolha que fiz do mestre dela?

— Está bem, Grande Mago!

— Ótimo. Então tome-a e acolha-a como o primeiro ser já colocado sob a sua guarda direta.

Era costume o pai ser o primeiro homem a pegar nos braços um recém-nascido. E o padrinho era a segunda pessoa a abençoá-la. Até aquele momento, Leish só havia sido aconchegada nos braços das parteiras e de sua mãe.

Assim Ialutá a tomou como segundo pai e a abençoou com o hálito da vida. Assoprou em suas pequenas narinas o seu próprio hálito e, ao vê-la sorrir, também sorriu e exclamou:

— Fui aceito como padrinho, Grande Mago! Leish sorriu-me.

— Ótimo, Ialutá! São poucos os que sorriem ao receber nas suas narinas o hálito daqueles que irão sustentar suas formações na ausência do pai. Você já vive no ser imortal de Leish e assim será enquanto a Terra for sua morada na eterna evolução.

Ialutá sorriu mais uma vez e a devolveu aos braços do pai, ansioso por pegá-la.

— Vá pensando a quem a consagrará, Ialutá! Daqui a sete dias, eu a batizarei e quero que a consagre a quem mais lhe aprover. A divindade que amparará a vida de Leish nesta terra abençoada será escolhida por você!

— Vou meditar um pouco antes de fazer a escolha, Grande Mago! Com sua licença!

— Medite. Isso é bom para um guardião!

Ialutá afastou-se e foi até o grande salão dos cristais, onde se concentrou e meditou. Olhou todo o seu passado ancestral e fez o mesmo com Leish.

No seu, reviu o que já conhecia e localizou Leish nele. Ela também era uma iniciada na origem.

Por isso ele se integrara ao templo. Ao nascer, seu padrinho, também um iniciado na origem, o guiara para a senda religiosa e o formara como um guardião dos mistérios sagrados da vida.

Ialutá havia sido bem preparado por seu iniciador e agora havia sido distinguido em função de sua preparação.

Ser escolhido como padrinho era uma honra. Somente os que mereciam confiança total recebiam tal deferência.

Após ter escolhido o elemento que identificava a divindade que ampararia Leish na sua evolução, ele saiu do salão e recolheu-se a seu quarto. Conhecia todas as qualidades e vícios dele, mas ainda assim foi até uma estante e apanhou um volumoso tomo de uma grande coleção em que estavam codificados todos os elementos. Queria reler todos os atributos positivos e negativos do que escolhera para Leish.

Quando o encontrou começou a ler com atenção:

“O âmbar possui um forte poder mágico. Se usado positivamente, restabelece o equilíbrio emocional em pouco tempo e revitaliza todos os centros de força do corpo espiritual, desbloqueando-os e descarregando o corpo carnal do magnetismo negativo que o enfraquece e leva à prostração. Mas, se usado negativamente,

coloca o emocional em vibrações desarmônicas e causa sensações que levam à loucura, paixões, ódios etc., podendo levar até ao suicídio para que o ser se liberte das sensações negativas.”

Ialutá continuou lendo e memorizando todas as virtudes e vícios do âmbar e somente quando fechou o livro uma voz meiga falou-lhe:

— Quanta concentração, guardião! Até parece que será sabatinado pelo grande mago!

Ele assustou-se com a presença de Ligha-Sher atrás de si.

— Está aqui há muito tempo?

— Eu não quis interrompê-lo. Você estava tão absorto na leitura que achei melhor não incomodá-lo.

— Bem, o que a trouxe até meu aposento?

— Primeiro, por que não me procurou quando chegou e, segundo, por que a porta estava aberta!

— Desculpe-me, Sher, mas fui até os aposentos do Grande Mago. Ele me convidou para ver sua filha recém-nascida.

— Ah, já está me trocando por uma recém-nascida? — perguntou ela com um sorriso insinuante enquanto se abraçavam. Após um longo beijo, ele foi até a porta e a fechou, voltando a abraçá-la e a beijá-la.

— Está se excedendo, Ialutá! Não dei permissão para carícias tão insinuantes!

— Como resistir se não consigo tirá-la de minha mente nem por um instante?

— Tudo tem sua hora e ainda não chegou a das carícias mais ousadas, Iá!

Iá, era assim que ela o chamava.

— Desculpe-me, Sher. Acho que estou me torturando demais pelo que sinto por você. Prometo não tocá-la mais!

Sher reagiu ao vê-lo com os braços caídos ao longo do corpo e desviou os olhos para a estante cheia de livros.

— Também não precisa ser assim tão dramático! Eu também sinto o mesmo. Mas me controlo porque sei que logo estaremos unidos para sempre.

— Como me controlar se tenho de participar de rituais em que meu raciocínio e meu emocional se alteram?

— Está tão difícil assim o seu trabalho de guardião?

Iá sentou-se na cama e, desviando os olhos, comentou:

— O Grande Mago faz certas coisas que me são incompreensíveis. Por que removeu o velho guardião que guardava o ponto de força no qual se realizam as consagrações das jovens e me colocou no lugar dele?

— Ele deve ter suas razões, não?

— E as minhas razões? Isso não ocorreu a ele?

Sher sentou-se a seu lado. Tomou-lhe as mãos entre as suas e as levou aos lábios, beijando-as. Depois as passou por suas faces com delicadeza. Ele então lhe disse:

— Sinto muito ter de falar-lhe dos meus sentimentos. Mas estão se tornando insuportáveis diante de tanto tormento visual. Espero que compreenda o que está se passando em meu íntimo.

— Eu compreendo, Iá. Posso ajudá-lo de alguma forma?

Ele a olhou diretamente nos olhos e após raciocinar um pouco desviou o olhar e deu de ombros e, numa clara demonstração de impotência, respondeu-lhe:

— Não, Sher. Isso é algo que eu mesmo tenho de superar. Ou domino meus sentimentos ou não alcançarei o grau dos 49 como guardião iniciado na origem.

— Talvez o Grande Mago somente o esteja testando.

— Só por causa desse talvez ainda não solicitei meu afastamento. Mas enquanto não terminar esse teste, fico me torturando mentalmente. As emoções embotam meus sentidos com visões que despertam meus instintos!

— Logo ele o designará para um posto em que será efetivado e aí nos casaremos.

— Mas até lá como suportarei tanta tentação?

— Alimentando o sentimento que nos une com muito amor.

— Eu estou fazendo isso, Sher. Como estou tentando me agarrar a ele para não me perder! Às vezes fecho os olhos e a mentalizo somente para livrar-me do tormento das visões. Mas a única coisa que vejo é você, nua, à minha frente!

— Como eu sou em suas visões?

— Mais bela do que imagina. Nunca a vi nua, mas já imaginei cada detalhe de sua anatomia.

— Ela o satisfaz?

— Não sei como será no dia em que puder vê-la sem esta longa veste, mas penso que nenhuma outra possui os seus encantos.

— Estou quase me entregando às suas carícias, Iá!

— Não faça isso, Sher.

— Por que não? Estou com pena de você!

— Ah, apenas por isso? Pensei que era por amor!

Ela o empurrou contra a cama, atirou-se por cima e o envolveu com os braços, exclamando:

— Então acha que vou ser objeto de descarga das vibrações de desejo que não está conseguindo conter?

— Não foi isso o que disse! — exclamou ele.

— Pois foi isso que entendi. Ou resiste às tentações por minha causa, ou se perca por causa delas.

— Você está sendo cruel, Sher! Joga-me na cama, deita-se sobre mim, envolve-me num abraço apertado e pede para eu resistir? Como é possível tal coisa com tanta tentação a meu alcance?

— Saiba que se o Grande Mago o está testando no ritual somente para conhecer a sua resistência às tentações da carne, eu o estou testando na sua fidelidade ao nosso amor.

— Até onde será que minha força de vontade é superior à minha vontade de tomá-la à força?

— Eu é que não vou ficar aqui para descobrir!

— Por que não?

— Talvez a minha seja mais frágil que a sua e então meus frágeis músculos não resistirão à força dos seus, que pelo que posso sentir me subjugarão facilmente. Até a noite. Nós nos veremos no grande salão, Iá!

— Sairá assim, sem me dar um beijo de despedida?

— Fica para a noite! Continue sonhando comigo e imaginando como sou por baixo desta longa veste.

— Torturadora!

Sher nada respondeu à exclamação dele. Apenas assoprou-lhe um beijo quando saía do aposento e puxava a porta atrás de si. Ele ainda foi até a porta e a abriu, mas Sher havia desaparecido no corredor. O jeito foi voltar a sua cama e sonhar com as delicadas curvas anatômicas que tanto inebriavam seus sentidos.

À noite, haveria a reunião dos dirigentes, quando muitos assuntos delicados seriam discutidos à luz da Lei que regia a vida dos habitantes do Reino dos Cristais. Ele participaria como assistente, pois somente os guardiões iniciados, que já haviam realizado a vivenciação dos “49”, poderiam opinar ou fazer apartes no meio dos debates.

Essas reuniões realizam-se de sete em sete anos e todos os grandes magos do Reino dos Cristais participavam. Duravam sete dias e eram precedidas de uma visita do Grande Mago da Luz Cristalina a todos os templos.

É bom que se diga que não existia governo ou governantes civis ou militares. Todos eram ligados aos templos, únicas sedes de poder e reguladores das leis aplicadas ao dia a dia nas suas regiões de domínio.

Nesses sete dias seriam discutidos todos os assuntos de interesse dos habitantes do grande reino, que possuía mais ou menos 8 milhões de quilômetros quadrados e era habitado por quase 200 milhões de pessoas. Como hoje existem leis nacionais, lá havia normas que se fundamentavam nos princípios divinos da criação. Eram os mistérios que impunham um código de conduta baseado nos sete sentidos ou virtudes originais, nas quais estão codificados todos os princípios evolutivos e ascensionistas do ser humano. Fora deles tudo devia ser combatido, não pela força física, mas sim pela mental.

As leis divinas, que eram rememoradas pela sua leitura codificada aos homens, sustentariam as discussões a respeito da conduta dos habitantes do reino dos templos dos cristais.

Seriam sete dias repletos de discursos, proposições, exposição e codificação de novos mistérios divinos etc., o que significava um privilégio único na vida de um iniciado, pois somente os que acompanhavam os grandes mestres ou os grandes magos teriam acesso ao grande Salão da Luz Eterna, onde jamais escurecia. Ele ficava na abóbada do grande conjunto arquitetônico, que era o imenso Templo da Luz Cristalina. Toda a abóbada era feita de cristal translúcido e puríssimo. Eram blocos de talhes perfeitos, cujas disposições geométricas, em certos pontos, captavam energias tão poderosas que alimentavam uma infinidade de pontos de iluminação interna e também forneciam aquecimento e força energética para fins industriais específicos.

A noite veio e a grande reunião dos dirigentes teve início. Cada grande mago trazia em seu peito um disco de cristal com um símbolo sagrado marcado no seu centro.

Cada cor simbolizava uma virtude, e cada símbolo, uma força ou mistério original.

Somente os mestres e magos tinham acesso a todo o mistério da criação aplicado à espécie humana e ao planeta. Mas apenas os grandes magos compreendiam as codificações simbólicas totais, pois somente após os "77" é que se lhes abriam as portas do conhecimento total.

Já os iniciados guardiões possuíam acesso parcial, pois se restringiam ao seu símbolo e cor originais. Jamais um guardião iniciado na origem era colocado à disposição de um grande mago, mago ou mestre se não pertencesse ao símbolo original deles.

Somente assim haveria identificação com os princípios que os regeriam.

Os grandes mestres entraram no salão, que possuía assentos em toda a sua volta e formavam um anfiteatro oval. No lugar onde se sentava o Grande Mago da Luz Cristalina ficavam os sete símbolos sagrados, ligados a um ponto no topo da abóbada de cristal. De cada fio descia uma cor que tornava o seu símbolo com a aparência de força viva.

À frente de cada grande mago ficava um grande disco de cristal de aproximadamente um metro de diâmetro, no qual estavam gravados os princípios regidos por eles.

No alto dos grandes discos havia uma palavra que designava as forças divinas originais que estavam contidas naqueles símbolos poderosos, pois eram sagrados.

Todos eles começavam com a sílaba yê: senhor, senhora, nomes que são guardados em segredo pelos que os mantiveram vivos, e que ainda são motivo de confusão nos dias atuais. Não vamos escrevê-los, pois o estágio mental da atual civilização está viciado e não comporta um nome sagrado num meio tão profano! É em função disso que os seus preservadores não os revelam e codificam como uma afronta ao Criador a sua pronúncia em vão.

As reminiscências do passado da raça humana nos revelam detalhes ínfimos, mas que podem nos dar uma ideia do estágio da evolução mental, vibratória e espiritual conseguida na Era dos Templos de Cristais.

Ialutá sentou-se na quarta fila de cadeiras, logo atrás dos sacerdotes.

Na primeira, os grandes magos. Na segunda, os quatro grandes sábios, um para cada ancestral. Na terceira, sete sacerdotes, cada um simbolizando um dos dons originais ou virtudes divinas, e na quarta, 21 iniciados na origem: um para cada sagrado guardião dos mistérios divinos da criação do Universo. Na quinta fila de cadeiras, 49 grandes mestres divulgadores dos princípios que regem a criação humana.

E a grande reunião teve início com uma palestra do Grande Mago da Luz cristalina, em que deixou clara a direção que imporia no rumo dos discursos.

— Meus irmãos, é hora de voltarmos nossa atenção a um perigo que todos os oráculos nos vêm alertando há séculos! A mim, parece que os tempos anunciados com grande antecedência pelo mistério das revelações já é chegado, e está

sendo vivido com muita intensidade em certas partes do planeta. Nós ainda não temos sentido essas influências porque nossos antepassados deram atenção aos avisos. Quanto a nós, temos vigiado os atos e palavras dos nossos, tanto de dia quanto de noite. Mas temos detectado a vinda à carne de vários espíritos viciados por já terem aberto vários mistérios das trevas da ignorância em seus mentais. Não sabemos se voltam à carne em nosso meio, ainda equilibrado, para se purificarem de seus vícios ou se é para trazê-los, lentamente, ao nosso povo. Por isso essa será a tônica desta reunião com todos os grandes magos. É preciso que nos informemos sobre o que está ocorrendo em várias partes, as muitas mensagens que nos mandam os mestres-magos, enviados para observar o que está sendo feito nesse sentido pelos grandes magos de outros continentes para combaterem os focos de desvirtuamento dos princípios originais de conduta dos seres humanos. O Grande Mestre da Estrela vos falará sobre o que vem ocorrendo em todo o globo terrestre, meus irmãos.

O Grande Mestre da Estrela falou então sobre o que estava ocorrendo nos outros continentes habitados por outros povos.

Com sua narrativa, todos foram informados de quais eram os mais atingidos pelo desvirtuamento dos princípios originais. Em algumas regiões, a viciação havia assumido proporções alarmantes e um retorno aos princípios originais já não era possível.

Foram sete dias de intensas discussões em que tudo foi posto em pauta. Após a deliberação final, ficou acertado que cada um dos magos enviaria um dos seus iniciados na origem a essas partes do planeta para que tentassem descobrir quem eram os grandes magos da “luz negra” que poderiam ameaçar a integridade do Reino dos Templos de Cristais.

Com a partida de todos os participantes da grande reunião, Ialutá voltou a seu aposento e pôs-se a meditar:

— Será que sou um desses espíritos viciados que voltaram à carne? Sim, só pode ser isso! Se não, qual seria a explicação para o tormento do desejo no meio de um ritual sagrado de iniciação feminina? — pensou ele.

Após muita reflexão interior chegou à conclusão de que devia falar com o Grande Mago. Só não foi naquele momento porque outra reunião se realizava com o corpo interno do Templo da Luz Cristalina. Ele dirigiu-se ao salão de orações onde se localizava o grande “espelho da alma”. Após assentar-se, pôs-se a orar em profundo estado de desligamento do mundo material.

Quando conseguiu visualizar-se no espelho da alma, direcionou sua mente sobre a forma ali refletida e despertou sua memória ancestral. Pouco a pouco foi vivenciando sua encarnação anterior.

No registro dela não encontrou nenhum sinal de vivenciação intensa de nenhum vício. Além do mais, ela havia se processado cerca de mil anos antes, e nesse tempo os oráculos ainda não haviam detectado nenhum sinal de desvirtuamento dos princípios originais.

Não! A causa dos desejos devia ser outra e no espelho da alma não lhe seria possível descobri-la. Então, foi falar com seu mestre, mas ele havia sido convocado para a reunião. Isso foi o que lhe disse Sher quando indagada sobre onde ele poderia ser encontrado.

— Por que não entra e fica um pouco comigo, Iá?

— Prefiro não fazê-lo, Sher.

— Algum motivo especial?

— Sim, mas é pessoal e prefiro guardá-lo comigo.

Sher ficou curiosa, mas achou melhor não interrogá-lo. Se era pessoal, ele certamente nada lhe diria. Ficou olhando-o afastar-se rapidamente, sem ao menos se despedir.

— Algo grave o atormenta! — pensou Sher. — Serão as imagens femininas que o incomodam tanto? Ou será algo que não me ousa revelar? Sher ficou preocupada e decidiu ir até seu aposento para lhe falar, mas sentiu-se decepcionada ao ver que ele não estava ali. Já ia saindo quando ele chegou ofegante e a saudou enquanto apanhava sua espada simbólica, conquistada após a iniciação dos 21.

— Onde vai com tanta pressa? — perguntou-lhe Sher.

— É pessoal, Sher. Em outra hora lhe contarei tudo.

— Está ocultando algo de mim, Iá? — Sher estava com o semblante fechado e inquisidor.

— Segredos? Não é nada disso, Sher!

— Então por que a pressa e a falta de atenção comigo?

— Tenho de descobrir algo muito pessoal!

— Não quer dividir comigo suas dúvidas? Já fizemos isso antes, não?

— Desta vez é algo que não pode ser dividido, Sher. Desculpe-me! — Ialutá deu-lhe um delicado beijo na face e saiu apressado. Sher o seguiu a distância, pois a atitude dele havia aguçado sua curiosidade feminina.

Afinal, o que poderia ser tão pessoal que ele não confiava nem em sua futura esposa e com quem crescera junto, pois seu pai, o Grande Mestre Behur Lix, era seu iniciador no Templo da Luz Cristalina?

Sher o seguiu por quase meia hora. Nesse tempo todo, Ialutá não desviou seu olhar do caminho uma única vez, nem para os lados olhava, e somente parou diante do ponto de força no qual se realizavam as cerimônias rituais de iniciação dos guardiões iniciados na origem.

Ele entrou em seu perímetro e foi até a fonte natural, onde se purificou. Depois seguiu até onde o oráculo era invocado e, após o ritual próprio, pôs-se em comunicação direta com o gênio do oráculo, que era seu gênio ancestral na luz do saber divino. A uma distância prudente, Sher o observava. Mas não podia saber o que tanto o incomodava para realizar uma invocação do seu gênio ancestral. Assim que Ialutá encerrou o ritual do gênio, ela afastou-se e ficou oculta atrás de uma árvore. Quando ele afastou-se do perímetro, ela continuou a segui-lo, pois o viu preocupado e tenso.

Dali ele caminhou rapidamente até a costa marítima e, ao chegar diante do mar, iniciou outro ritual. Ele invocava seu gênio tutelar no corpo carnal.

Sim, Sher ainda se lembrava da iniciação dos sete anos. Havia sido iniciados no mesmo dia e ao mesmo gênio das águas marinhas, que era o gênio ancestral dela e gênio tutelar dele. E o inverso se aplicava ao gênio do oráculo.

Ambos possuíam os mesmos gênios, mas na ordem inversa. Era isso que os tornava tão harmônicos e afins.

Enquanto o observava a distância, Sher sentia vontade de aproximar-se mais só para poder ouvir o que Ialutá iria dizer ao seu gênio tutelar e o que dele ouviria. Viu quando surgiu das águas marinhas a figura magnífica e luminescente do gênio do mar.

Todos os gênios eram lindos. Mas, para Sher, esse era o mais lindo de todos, pois era o seu gênio ancestral, manifestado ali sob a aparência de uma imagem já codificada em sua memória ancestral. Todas as vezes que havia uma cerimônia à beira-mar, ela procurava estar presente apenas para poder rever o seu gênio ancestral do elemento aquático.

Caso quisesse, Sher poderia se aproximar um pouco mais, mas sabia que não ouviria nada, pois não era uma cerimônia aberta e sim um ritual pessoal. Nesses casos de nada adiantava aproximar-se. Somente lhe seria possível ver a imagem, mas nenhum som lhe seria audível.

Então controlou sua vontade de aproximar-se dele para poder observar melhor. Estranhou a demora no encerramento do ritual e o sol já se punha no horizonte quando viu Ialutá levantar-se e despir suas vestes de guardião iniciado na origem. Viu como ele colocou sua espada simbólica sobre as vestes dobradas com cuidado. Depois entrou no mar e foi caminhando até onde a água quase o cobria. Deixou-se afundar nela por sete vezes seguidas para somente então retornar a seu lugar ritual.

Viu também quando saíram das mãos do gênio das águas marinhas muitos raios luminosos que o ocultaram por um instante.

Ouviu um urro de dor, logo acompanhado de um choro convulsivo. Mesmo distante, de onde ela se encontrava era possível ouvi-lo chorar.

Como ele não se levantava para vestir-se, ela resolveu aproximar-se. Mas quando chegou bem próximo não teve coragem de se anunciar e, tão silenciosa como havia chegado, se afastou. Sher resolveu voltar ao Templo da Luz Cristalina, pois já estava escuro e teria de andar quase uma hora até ele. Esperaria seu amado no seu aposento. Apressada, pôs-se a caminho!

Quanto a Ialutá, não movera um único músculo desde que se sentara na posição ritual de contemplação das águas marinhas.

Assim que entrou no Templo, Sher viu seu pai conversando com o Mago da Luz Verde e não quis interrompê-los. Já se afastava quando seu pai a chamou:

— Sher, o que tanto a incomoda para estar sem cor nem brilho?

— Só preocupações, papai! — ela procurou ocultar o que sentia.

— O que poderia incomodar uma linda jovem como você, Sher? — disse o Mago da Luz Verde.

— Acho que ainda não sei, Mago da Luz Verde. Assim que souber lhe direi.

— Não é melhor nos falar agora, minha filha?

- Somente saberei quando Iá voltar ao templo.
- Onde está ele se a esta hora deveria estar com o Grande Mago?
- Eu o vi a cerca de uma hora à beira das águas marinhas.
- O que ele fazia lá?

— Não sei, papai. Mas o vi praticar o ritual de invocação de seu gênio tutelar. Somente não pude ouvir nada pelos motivos que o senhor conhece melhor que eu.

— Estranho! O que o levaria a consultar seu gênio tutelar? Você sabe de algum motivo especial que o tenha levado a fazer tal coisa sem antes falar com o Grande Mago?

— Ouvi uma declaração dele em que se dizia atormentado pelo desejo.

— Bem — atalhou o Mago da Luz Verde — na idade dele e tendo como futura esposa uma jovem tão linda, isso não me parece um tormento que possa levar alguém a consultar seu gênio tutelar num ritual de invocação pessoal. Uma conversa com o Grande Mago solucionaria esse caso e talvez até tivéssemos um casamento antecipado em alguns meses!

— Não sou eu a causa do seu tormento! — exclamou, aflita, Sher.

— Não? — perguntaram os dois ao mesmo tempo — Quem é então? — continuou seu pai.

— As jovens às quais ele presidia a iniciação como guardião iniciado.

— Bem, ainda assim é compreensível, pois eu mesmo já fui atormentado por causa disso quando me iniciei como Mago da Luz Verde.

— É justamente por causa de seu tormento que Iá invocou o gênio do oráculo e seu gênio ancestral, antes de ir às águas cristalinas invocar seu gênio tutelar.

— Ele também fez isso, minha filha?

— É pela sucessão dos fatos que eu estou preocupada, papai.

— Onde ele estava quando você o viu pela última vez?

— No local onde foi realizada a nossa iniciação dos 21.

— Vamos até lá, Mago da Luz Verde? — convidou o pai de Sher.

— Imediatamente, Mestre da Luz Azul!

— Sher, vá para junto de sua mãe e lhe diga que me demorarei um pouco para chegar!

— Irei imediatamente, papai.

Os dois homens foram até o imenso pátio do templo e entraram num veículo que os conduziu até o local onde deveria estar Ialutá. Mas somente encontraram suas vestes e sua espada simbólica. Procuraram por toda a orla marítima e não o encontraram.

Ainda ficaram ali até perto de meia-noite. Quando faltavam dez minutos, voltaram ao veículo e retornaram ao templo em alta velocidade, pois em instantes os portões se fechariam automaticamente e ficariam para fora quebrando uma lei guardada por todos. Assim que cruzaram os portões, eles se fecharam.

— Bem, o que me diz, Mestre Lix?

— Nada por enquanto, Mago da Luz Verde. Só ele nos esclarecerá! Vou recolher-me aos meus aposentos, já que apenas ao amanhecer saberemos o que aconteceu com ele.

— Procure-me ao amanhecer, Mestre Lix!

— Sim, senhor.

Os dois se despediram e pouco depois Mestre Lix, já em sua residência, vendo que Sher não estava, indagou a sua esposa sobre ela.

— Ainda não voltou do aposento de Iá, querido! O que houve com ele?

— Não sabemos. Mas creio que Ialutá perdeu-se nas trevas da ignorância, querida.

— Não!!! — exclamou aflita a mulher, que tinha Ialutá como um filho adotivo.

— Creia-me, isso me dói tanto quanto em você, minha querida! Vamos ver se ele está em seu aposento. Se bem que não acredito nessa hipótese, pois vimos à beira-mar suas vestes e sua espada simbólica.

— Como?!!

— É isso mesmo!

— Mas onde estaria ele sem suas vestes de guardião iniciado?

— Não o encontramos em parte alguma da orla marítima. Vamos buscar Sher?

Pouco depois o casal entrava no quarto onde estava Sher, que olhou para o pai ao não ver Ialutá com ele. Viu a tristeza nos olhos do pai e pôs-se a chorar. Ele a abraçou e tentou consolá-la. Mas foram em vão todas as suas palavras. Ela sabia que seu querido Iá havia se perdido para sempre e não poderia pôr novamente seus pés no interior do Templo da Luz Cristalina nem em nenhum outro local consagrado às virtudes, tampouco aos pontos de força da Natureza consagrados aos gênios da criação.

— Por que, papai? — perguntou ela, quase sem voz.

— Não sei, querida! — exclamou Lix, o Mestre da Luz Azul. — Vamos voltar aos nossos aposentos e aguardar o amanhecer, pois ele pode ter-se recolhido a um abrigo consagrado para purificar-se dos seus tormentos. Ao amanhecer tudo estará bem!

— O senhor acredita nisso, papai? — perguntou Sher, olhando-o diretamente nos olhos.

— Não, minha filha. Mas tudo é possível e acho melhor acreditar nessa hipótese se não nos atormentaremos sem saber da verdade. Vamos?

— Sim, senhor.

Assim que entraram, Sher foi para seu quarto, deitou-se e cobriu a cabeça com o travesseiro para abafar seu choro. Pouco depois sua mãe entrava no quarto com um copo de chá balsâmico.

— Beba, Sher. Esse chá lhe fará bem.

— Não quero, mamãe!

— Vamos, querida. De que adianta o choro se não sabemos o que aconteceu com Iá?

— Ele se perdeu, mamãe!

— Como pode saber o que houve se você não participou do ritual em que ele entrou em contato com seu gênio tutelar?

— Eu ouvi quando ele deu um urro lancinante e começou a chorar convulsivamente. Eu devia ter falado com ele!

— Conte-me tudo o que sabe, Sher! Somente assim poderei me acalmar, já que Iá não é o primeiro a ficar confuso em dado momento de sua existência.

Sher contou-lhe tudo desde o dia em que Ialutá havia retornado da viagem que fizera com o Grande Mago da Luz Cristalina. Quando terminou e viu sua mãe calada, perguntou:

— A senhora acha que eu deveria ter agido de outra forma?

— Não. Isso seria errado e certamente não seriam felizes caso você tivesse tentado ajudá-lo nos seus tormentos do desejo. Isso é algo que cada um tem de harmonizar em seu emocional senão jamais alcançará o equilíbrio mental.

— Eu ainda penso que deveria tê-lo ajudado quando me revelou o que tanto o atormentava.

— Não seria essa a melhor nem a mais recomendável atitude, Sher!

— Eu sei, mamãe. Mas o que posso pensar senão que, ao falar-me, na verdade, estava me pedindo ajuda para livrar-se de um dos piores tormentos, que são os desejos.

— Vamos, beba o chá antes que fique gelado e perca suas propriedades balsâmicas. Talvez seu pai tenha razão ao pensar que ele se tenha recolhido a um local de purificação.

— Sim, mamãe!

Sher bebeu o conteúdo do copo e voltou a deitar-se. Sua mãe foi à saleta e viu o marido com os olhos fechados em sinal de profunda meditação. Deixou-o sozinho, pois sabia que ele tentava penetrar a distância no mental de Ialutá e seria melhor não perturbá-lo. Assim que se deitou, também começou a chorar, pois seu íntimo lhe dizia que havia perdido para sempre seu querido Ialutá. Ela o criara a partir dos 3 anos de idade, logo após a morte de sua mãe.

Quanto ao Mestre da Luz Azul, por mais que tentasse, não conseguia captar nenhuma vibração mental de Ialutá. Sempre conseguia isso, pois desenvolvera essa comunicação telepática com seu iniciado e protegido! Por que agora não conseguia? — indagava-se.

Isso confirmava sua certeza de que ele havia se perdido nas trevas da ignorância, pois do contrário somente lhe restaria a morte como interrupção da ligação mental.

“Talvez seja melhor a morte como resposta a meus impulsos telepáticos. Essa seria uma alternativa menos vergonhosa a um iniciado na origem” — pensou ele em voz alta.

— Não!!! — gritou Sher.

Mestre Lix virou-se e viu sua filha quase histérica, pois ouvira suas palavras. Ele colocou a destra sobre sua testa e com um impulso magnético adormeceu. Quando a levava para sua cama, viu a esposa com os olhos vermelhos.

Assim que deixou Sher em seu leito, voltou para junto da esposa e a abraçou, falando:

— Nada mais pode ser feito, pois nosso Iá se perdeu ou morreu. Em qualquer uma das alternativas nós não o teremos mais a nosso lado e nada podemos fazer a não ser nos conformar.

— E quanto a Sher?

— Não sei, mas o tempo curará sua dor. Vamos nos deitar e tentar conciliar nosso sono. Já é muito tarde e o dia que se aproxima será muito duro para todos no Templo da Luz Cristalina. Ele é o primeiro iniciado na origem a perder-se em milênios de existência deste templo.

Os dois se deitaram, mas não conseguiram conciliar o sono.

O que não sabiam é que assim que Mestre Lix e o Mago da Luz Verde se afastaram da orla marítima, Ialutá saiu de trás de umas rochas e voltou a seu lugar ritual. Olhou para o firmamento e calculou a hora.

“Está chegando o momento do meu sacrifício!” — pensou ele.

— Que Deus me guarde de agora em diante, pois as trevas me engolirão para que eu possa realizar meu destino na carne e cumprir as ordens dos meus gênios ancestrais e tutelares.

Mal havia dito aquilo, um arrepio tomou conta de seu corpo carnal. Ele sentiu-se envolto pelo medo. Então invocou o gênio das trevas da água marinha e ficou aguardando sua aparição. Quando uma aterrorizante imagem plasmou-se, ele levou a mão ao cabo de sua espada simbólica.

— Pare, iniciado! — ordenou-lhe uma voz tonitruante que quase estourou seus tímpanos. — Pare ou eu o fulmino antes que tire sua espada da bainha!

Ialutá tremia todo por causa do medo que se apossara dele. O gênio das trevas tornou a lhe falar:

— Não existe mais o caminho do retorno. Para você as portas da luz foram fechadas há pouco. Ou segue em frente ou levo seu espírito comigo para o lado escuro da água marinha.

Tentando dominar o medo, Ialutá balbuciou:

— É um direito meu apoiar-me na minha espada simbólica.

— Não neste caso, iniciado! Ela lhe foi tirada por seu gênio tutelar e somente voltará a usá-la quando ele assim o ordenar.

— Quanto tempo durará isso?

— Que importa o tempo, se ele é a Lei e ela está assumindo o seu destino?

— Por que eu?

— Não compete a mim lhe responder tal indagação. Vamos, relaxe e liberte-se do corpo carnal, que vou levá-lo comigo às trevas da água marinha.

— Eu estou com medo!

— É um vício, e quem se entrega a ele se entrega à morte.

— Eu sei disso, mas não posso evitar de senti-lo.

— Relaxe que o conduz a sua descida!

Ialutá procurou lembrar-se do que falaram os seus gênios ancestral e tutelar. Somente após rememorar tudo, fechou os olhos e deixou de sentir tanto medo. Em dado momento, sentiu-se arrancado do corpo carnal e arrastado para o fundo do mar. Apenas quando parou de descer, ousou abrir os olhos. Então viu tudo!

O que viu ou deixou de ver não importa. O que realmente importa é que tudo o que precisava descobrir e conhecer, Ialutá enxergava enquanto ouvia as explicações. Somente voltou ao corpo carnal dez minutos antes das 6 horas da manhã.

Quando abriu os olhos, soube que já não era o mesmo. Conhecera os vícios e suas sensações que estão sob a jurisdição do gênio das trevas das águas marinhas.

As lágrimas rolavam em silêncio, pois se recusava a emitir o menor som de lamento. Sabia que jamais seria o mesmo enquanto ocupasse um corpo carnal. Nem naquela ou em nenhuma outra encarnação, pois havia assumido o lado negativo do seu gênio tutelar, que o havia conduzido na sua evolução dual.

Agora reabriria as comportas do seu mental negativo e iria reviver os tormentos de sua evolução dual, mas oculta pelo corpo carnal!

Eram 6 horas e 15 minutos quando vários veículos estacionaram atrás dele. Ialutá não voltou sua cabeça ou sequer moveu um músculo, pois sabia quem estava atrás de si.

Como continuou imóvel, o seu iniciador e seu segundo pai veio a sua frente e sentou-se. Então o olhou nos olhos e perguntou-lhe:

— Por quê?

Dos olhos do iniciado brotaram mais lágrimas, mas não emitiu uma só sílaba.

— De que lhe adiantará tal conhecimento se ele o pôs a perder-se, iniciado na origem? — perguntou-lhe o Mago da Luz Azul.

Novamente o iniciado não emitiu som nenhum.

— O que viu e vivenciou o satisfez, guardião? — perguntou-lhe o Mago da Luz Cristalina, também com os olhos lacrimejantes.

Como o iniciado nada respondesse, ele tornou a perguntar:

— Por que não me falou dos seus tormentos enquanto eu podia ajudá-lo?

Ialutá olhou-o numa súplica de perdão e compreensão, mas ainda assim nada falou. Apenas apanhou sua espada simbólica e suas vestes e as entregou ao Grande Mago. Após deixar de ser um guardião, pediu:

— Pode dar-me uma faixa de tecido para cobrir-me? Não quero ser desterrado para a ilha de isolamento dos que caíram nas fraquezas da carne com o motivo de minha queda à mostra.

Após pensar um pouco, o Grande Mago falou-lhe:

— Talvez seja melhor para sua reeducação mental que nada o cubra, pois o seu tormento tem de ficar visível aos que o virem chegar à ilha do isolamento.

— Está bem, Grande Mago! Ordene que me levem logo para ela, pois conheço a lei e a quebrei ao expor meu mental às irradiações das trevas da ignorância.

— O que tanto o atormentou para optar pela pior das soluções?

— Creio que o senhor já sabia qual era o meu tormento.

— Por que, iniciado na origem?

— Eu quis que fosse assim, Grande Mago!

— Há algo mais que não consigo captar, iniciado. Vamos, diga-me o que é e o livrarei da vergonha a que será exposto no altar do júízo divino.

— Eu lhe digo, grande mago! Eu somente queria aprender como dominar o mental feminino para poder realizar meus desejos sem ser descoberto por ninguém dentro do templo.

— Meu Deus! O mesmo que vem ocorrendo noutras partes do mundo, e que tanto discutimos na última grande reunião, agora acontece na sede de todo o poder espiritual deste continente? Como é possível isso, meu Deus? Será que a loucura já se disseminou por aqui também?

— Sinto muito, Grande Mago. Sou um fraco e não mereço mais o seu amor nem o seu respeito.

— Nem o meu perdão, iniciado! Ainda que passem mil milênios não o perdoa-rei por ter-se entregado à pior forma de compreender-se um tormento mental, e de livrar-se dele.

Ialutá nada respondeu e abaixou a cabeça. A um sinal do grande mago, dois outros iniciados o conduziram a um veículo. Dali partiram rumo a uma ala externa do Templo da Luz Cristalina onde havia uma prisão. Ali ficou detido junto a outros prisioneiros, mas sua vergonha era maior, pois era o único sem vestes a cobrir-lhe o corpo.

Alguns reconheceram os símbolos marcados em seu peito e costas e foi mais um motivo para vergonha, pois todos compraziam-se em humilhar alguém que havia pertencido ao corpo de guardiões que cuidavam da integridade dos princípios. Ialutá foi para um canto de sua cela e procurou não dar atenção às ofensas.

Foi um dia difícil de passar. Aqueles prisioneiros não se cansavam de incomodá-lo.

À tarde, a esposa do seu iniciador, o Mestre da Luz Azul, veio até sua cela. Quando a viu, Ialutá cobriu o rosto com as mãos e procurou ocultar-se.

Mas nem isso lhe foi possível, pois ela falou-lhe:

— Por que se ocultar de mim, Iá?

Ele procurou manter-se oculto o mais que podia, pois sentia vergonha de estar nu diante daquela que havia sido uma segunda mãe.

Ela tirou uma faixa de tecido e a estendeu em sua direção. Mas nem isso o fez mover-se.

— Se agora está com tanta vergonha, então por que desobedeceu a lei e entregou-se aos vícios?

Como ele nada respondia, ela falou-lhe ríspida:

— Nós pensávamos que o havíamos criado como um filho. Mas vejo que estávamos enganados, pois os sentimentos de amor eram verdadeiros em nossos corações, mas não no seu, Iá. Por que nos iludiu por tantos anos?

— Desculpe-me, mestra! Amo-os muito mais do que possa imaginar. Mas agora é tarde até para justificar-me, já que tudo está acabado e só restou-me a Ilha dos Desterrados e nada mais!

— Não consigo entender como alguém tão instruído como você foi cair por causa do desejo. É algo tão estúpido que custa crer que você tenha feito isso.

— Mas fiz! E agora não me adianta justificar. Mas quero que saiba que sinto o mesmo que estão sentindo.

— Será?

— Talvez comigo esteja sendo pior. Eu os amo e não minto quando digo isto: **jj**amais os esquecerei!

— Nós também não o esqueceremos, Iá. Mas o nosso tormento será muito maior, pois você significava muito para nós.

— Não significo mais?

— Não, Iá. Será apenas uma lembrança a nos tirar a alegria da vida feliz e virtuosa que levávamos juntos.

— Pois para mim ainda significam muito, mestra! Jamais os esquecerei!

— Não pensou em Sher antes de fazer contato com os seres das trevas?

— Prefiro não dizer mais nada. Já estou fora da vida dela.

— O amor significa tão pouco para você, Iá? Como você está iludido pelos vícios!

— Por favor! A senhora não está vendo o meu estado emocional? Será que é preciso mais acusações do que as que me estou imputando? Quer aumentar ainda mais o meu tormento?

— Sher quer vê-lo antes que seja desterrado, Iá! Cubra-se com este pano para não ferir os sentidos dela ao se verem.

— Eu não quero vê-la mais, mestra! Diga a ela que sinto muito tê-la decepcionado, mas que um encontro com ela será insuportável. Se insistir nele usarei esta faixa de tecido para me enforcar.

— Como você está possuído pelos vícios da ignorância, Iá! Nunca imaginei que uma coisa dessas um dia passasse por sua mente. Não foi isso que aprendeu conosco ou com os outros mestres do Templo da Luz Cristalina!

— Agora sou um ser dominado pelos vícios, mestra. Um encontro com Sher somente irá causar-lhe maiores tormentos e predispô-la a entregar-se também.

— Pelo menos nisso você está certo.

— Perdoe-me, mestra! Eu não tive alternativas para purificar-me do vício que tomou conta de meu emocional.

— Eu o perdoo porque sei que foi possuído por um dos piores vícios. Só não o perdoo por ter dado menor valor ou atenção a nós do que a um vício, Iá.

— Mestra, um dia, não importa quando será esse dia, eu voltarei a pedir-lhe perdão por ter colocado um vício acima de todos vocês!

— Esse dia não acontecerá tão breve, Iá. De agora em diante você irá tomar o caminho dos possuídos pelos vícios e não haverá um novo reencontro.

— Não falo de um reencontro na carne, mas sim em espírito, mestra! Lá, onde tudo poderá ser pesado na balança fiel do Criador, terei como justificar minha queda, pois sei que o olho que tudo vê sabe o que me conduziu a esta queda.

— Mas até lá todos nós sofreremos muito, Iá!

— É o preço que temos de pagar por sempre procurarmos mais e mais em nosso aperfeiçoamento. Esta via evolutiva não comporta a fraqueza e não dá uma

outra oportunidade, ainda na carne, aos que caíram diante dos seus tormentos mentais. Ainda que seja uma via perfeita, ela não comporta o perdão a quem não resistiu à sua prova!

— Por isso você precisou conhecer os mistérios negativos, não?

— Sim.

— Você tinha a luz para auxiliá-lo a livrar-se das imagens que tanto o incomodam!

— Talvez minha vergonha tenha sido maior do que meus desejos, mestra!

— Você está completamente confuso, Iá! Está confundindo a vivência de um desejo com sua depuração mental. Creio que tudo o que lhe ensinamos não serviu para nada. No primeiro teste você já caiu! Onde está sua fé e força interior? Onde está a fé e força que um iniciado na origem traz consigo? Onde está seu sentido de vivência dos mistérios divinos da criação?

— Por favor, mestra! Já tenho tormentos suficientes para que acrescente outros. Deixe-me a sós com minha vergonha até que chegue o dia em que poderei voltar a olhar em seus olhos sem ter do que me envergonhar.

Iá encarou-a por um momento e logo desviou o rosto para a parede. De seus olhos lágrimas voltaram a brotar em abundância, mas os lábios retesados não deixavam o som escapar de sua garganta.

Sua segunda mãe acariciou seus cabelos num gesto carinhoso. Ialutá tentou afastar suas mãos, mas nem isso conseguiu, pois ao pegá-las, os soluços explodiram como um vulcão e voltou a cobrir seu rosto com as próprias mãos. A hora do desterro aproximava-se e ele sabia que não reveria mais as pessoas que tanto amava. Com um aceno pediu-lhe que saísse. Ela acedeu a sua súplica, mas também saiu da cela chorando.

Assim que o guardião fechou a porta, ela ouviu um grito de desespero do seu querido Iá: — Meu Deus, porque me determinou viver o inferno na carne?

Mais nada se ouviu, porque ele voltou ao silêncio total. O iniciado amava muito aquela que havia sido sua segunda mãe e somente de olhar em seus olhos por um instante viu que ela sofria muito.

Era um sofrimento duplo, pois, aos olhos de Deus, ela se culpava por não ter evitado que seu filho adotivo caísse diante de um vício. Ela não sofria apenas por ele, mas também por si mesma, pelo marido e pela filha.

Mais tarde dois guardiões vieram buscar os prisioneiros para levá-los à Ilha dos Desterrados. Quando estavam na fila para subir no barco que os levariam, Ialutá viu a certa distância o Grande Mago. Desviou os olhos para não ter de ouvir sua voz mais uma vez. Mas não adiantou nada porque ele veio até onde estava e lhe perguntou:

— Por que, iniciado?

— Já lhe falei qual foi o motivo, Grande Mago.

— Eu não consegui vê-lo no espelho da alma. O que houve realmente entre as 24 e às 6 horas da manhã, iniciado?

— Realizei o motivo do meu tormento. Satisfeito?

— Eu teria visto isso no espelho da alma, mas o que vi foi um corpo vazio e sem alma posicionado diante do mar. Você permaneceu imóvel por seis horas, Ialutá. Sua alma não era visível no espelho que reflete até a alma dos que já deixaram a carne. Como me explica isso, iniciado?

— Não sei por que minha alma não foi refletida; talvez eu não tenha uma alma.

— Que ritual negro você praticou, iniciado?

— Um que satisfizesse meu tormento.

— Não foi isso o que eu perguntei. Eu conheço todos os rituais negros e você conhece a parte que pertence aos seus símbolos, o original e o tutelar. Mas em nenhum deles eu o encontro. Que força oculta sua alma do espelho que consegue refletir a alma dos próprios seres das trevas?

— Não sei, Grande Mago. Fui levado em espírito ao jardim das delícias e lá me iniciei nos prazeres dos sentidos. Disso lembro-me e sei que retornaria a ele, se agora isso me fosse possível!

— Meu Deus, como você está confuso!

— Prazer nenhum daqueles que a matéria pode me oferecer se compara aos do jardim dos prazeres.

— Mas isso é loucura! O jardim dos prazeres é a habitação dos mais baixos seres das trevas. Lá somente existe a ilusão dos sentidos!

— Foi isso que eu procurei: a ilusão dos sentidos e dos desejos que não realizaria na carne em tempo nenhum da minha curta existência nela.

— Você está louco?

— Provavelmente sim, Grande Mago.

— **Isso lhe fecha o** retorno à luz por toda a eternidade, iniciado. A lei não permite o retorno à luz dos que perderam a noção que distingue o real do ilusório.

— Não importa. Já está feito e me basta fechar os olhos para rever o que satisfaz as minhas ilusões.

— Bem, que Deus o perdoe, pois isso me é impossível.

— Um dia, quando Ele quiser, me perdoará. E aí o senhor também me perdoará, mesmo que eu não lhe peça perdão.

— O que quer dizer com essa frase dúbia?

— Que quando Deus quiser que eu retorne à luz, Ele fará com que primeiro entenda a razão de minha queda para depois compreender-me e voltar a amar-me como sempre me amou.

— Insinua que devo sofrer o tormento da ilusão dos sentidos para compreendê-lo?

— Quando o dia chegar, então verá que eu não tinha saída para o tormento que havia tomado conta do meu emocional. Nesse dia, e somente nesse dia, me perdoará e voltará a auxiliar-me na minha evolução rumo a meu fim.

— Não creio que nossos caminhos voltem a se cruzar, iniciado!

— Isso pertence à lei, grande mago! Marque isso: um dia, quando Deus assim quiser, e somente nesse dia, o senhor compreenderá que eu não tive outra alternativa, pois outra Ele não me deixou. De agora em diante, vou viver o meu inferno na carne e o tormento no meu mental até que Ele venha libertar minha

alma do meu cativo no vazio onde ela foi aprisionada. Hoje sou um ser vazio que vive na ilusão dos sentidos, pois essa foi a única alternativa que me restou para livrar-me do vício do desejo que havia tomado conta do meu ser imortal.

— Saiba que eu vi a alma do seu pai, o Grande Mago da Luz Verde, e ele verte lágrimas pela sua queda, iniciado! Isso não serve de alerta para que se liberte da ilusão dos sentidos que tomou conta do seu racional?

— Um dia, e somente nesse dia, o sorriso voltará aos lábios do meu pai, pois até que esse dia chegue ele apenas terá motivos para verter lágrimas. Mas nesse dia meu pai virá até onde eu estiver vivendo o meu inferno da ilusão dos sentidos, e então, sorrindo, me dirá: — Hoje termina o seu inferno no jardim dos prazeres, meu filho! De agora em diante voltará a viver no jardim das virtudes originais!

— Quando será esse dia, iniciado?

— Que importa quando ele será, se para mim tudo aconteceu porque outra alternativa não tive ou encontrei?

— Você tornou-se dual até no modo de expressar-se, iniciado.

— É porque dual tornou-se meu racional, Grande Mago. E dual voltará a ser o ser humano que viver na carne, pois a tentação dos vícios está se mostrando mais forte que a vivência das virtudes. Já me considero um ser dual na carne e só nesse dia que falei poderei livrar-me do dualismo que tomou conta do meu ser imortal.

— Agora tenho certeza de que você se perdeu, iniciado. Nem os seus símbolos de origem e tutela brilham mais. A vida se apagou em seu ser imortal e hoje está possuído pelo espectro da morte, que eu imaginava que jamais o tocaria.

— Um dia, e somente nesse dia, voltarei a viver! Mas até lá serei um morto e a morte fará parte de minha vida.

— Você dualiza tudo o que digo para despertá-lo da ilusão dos sentidos que tomou conta do seu racional.

— É porque sei que terei de viver o inferno na carne, mas alimentarei a ilusão de que “o dia” a que aludi estará próximo, quando sei que ele está distante; que em certos momentos de loucura, chegarei a me esquecer de que ele virá, porque esta é a vontade de Deus, que não me deixou outra alternativa senão a vivenciação das ilusões do jardim dos prazeres e dos vícios da ignorância das trevas.

— Você verte lágrimas ao dizer palavras cujo sentido me escapa. Qual é o seu segredo, iniciado na origem?

— Meu segredo é que sei que outra alternativa não tive se quisesse viver os desejos que tomaram conta de meu emocional.

— Pois eu lhe digo que a um iniciado na origem tudo é possível, desde que não se deixe levar pelas ilusões dos sentidos viciados que desenvolvemos no nosso estágio dual da evolução. E você não é só um iniciado na origem, mas também um dos 21 guardiões que acompanharam o Divino Mestre na Sua vinda em socorro aos humanos, o que o torna um ser diferente no modo de ser e agir, ainda que nas aparências seja o mesmo dos outros.

— Não sou diferente de ninguém, Grande Mestre!

— Você sabe e eu sei quem são os 21 iniciados na origem que desceram à carne pelas divinas mãos do Divino Mestre. Em cada ação, pensamento ou palavra, um sentido tem de ser descoberto, pois por trás deles está o poder divino do Divino Mestre. Isso eu sei! E você sabe que isso sei!

— Sim, isso sei.

— Então, diga-me, por tudo o que de sagrado ainda possa existir e pulsar no seu ser imortal: O que o levou a entregar-se à pior alternativa, se tantas, de origem virtuosa, estavam à sua disposição para evitar que se entregasse, sem a menor luta interior, aos vícios das ilusões dos desejos?

— O que o levou a colocar-me como guardião das cerimônias de iniciação das jovens quando elas são obrigadas a se purificar no banho, quando eram purificadas das coisas do mundo?

— Queria que você se tornasse o guardião que não se vergaria à menor tentação dos sentidos duais. Eles ainda vibram em nosso ser imortal para que os revivamos na carne da mesma forma como já os vivemos quando somente espíritos duais nós éramos.

— Meu instinto dual tomou conta do meu emocional e hoje vivo o dualismo em meu racional. Eu cá!

— Isso é algo que não entendo, iniciado. Você caiu e isto é patente. Mas, por Deus, por que não lutou se a luta é parte da vida nos iniciados na origem?

— Tentei e perdi, grande mago! Não estava preparado para este combate e pensei que poderia vencê-lo sozinho. Mas estava enganado e agora já não há mais retorno para mim. Não enquanto Ele não permitir!

— Na sua loucura, você imagina que um dia será resgatado do seu inferno pessoal, não?

— Sim, um dia, mas somente nesse dia! Até lá, viverei nas ilusões. Meu emocional encontrou ressonância no jardim dos prazeres das ilusões.

— Como eu gostaria de saber qual é o desígnio do Divino Mestre que o induziu a tomar como única alternativa a pior delas!

— Já lhe falei o que me induziu a tomá-la. Foi o desejo de vivenciar os meus desejos.

— Não, iniciado! Somente eu e seu pai sabíamos que além de iniciado na origem você é um dos "21" que sempre são movidos pelos fios invisíveis do Divino Mestre. E, quando Ele os movimentar, sempre tem um sentido que nos escapa, mesmo a nós, os magos iniciados na origem!

— Se descobrirem qual o sentido que me levou a escolher a realização dos vícios do desejo na carne então me digam, está bem?

— Aí já será tarde, iniciado.

— Então espere o dia a que aludi e verá que vivi o que desejei viver e nada mais.

— Mas eu sei que você somente vive o que o Divino Mestre quer que viva, iniciado! Você ainda é jovem na carne, mas é tão velho quanto eu em espírito. Ainda que não tenha tido a oportunidade de despertar na carne todos os seus mistérios originais, sei que a queda sem luta não está entre eles.

— Talvez o Divino Mestre tenha se cansado de sustentar-me na luz e resolveu lançar-me nas trevas da ignorância, Grande Mago!

— Isto é o que estou tentando saber de você sem sucesso algum! — exclamou irritado o Grande Mago. — O sentido dúbio tomou conta do seu racional e já não me é possível saber quando mente ou quando diz algo que foi codificado como conduta certa em seu mental. Nem isso me é possível extrair de você enquanto conversamos, iniciado! Qual é o seu segredo?

— Eu não tenho mais uma alma, grande mago! — Ialutá cobriu seu rosto ao fazer essa exclamação, pois o pranto brotou convulsivamente.

O Grande Mago olhava-o com todos os seus sentidos alertas e não conseguia captar a causa do pranto depois de uma longa conversa, ainda que dúbia, com o iniciado. A um sinal seu, dois guardiões seguraram-no pelos braços e o conduziram de volta à sua cela.

— Não!!!! — gritou Ialutá. — Não faça isso comigo, Grande Mago. Desterre-me logo antes que eu enlouqueça de vez e aí perderei até esse dia a que aludi!

Mas de nada adiantou sua súplica. Ele voltou a outra cela muito especial.

Sabia que o tormento da tortura mental tomaria conta do seu ser imortal, pois já vira isso acontecer a outros que não convenceram seus inquisidores. Ele não havia convencido o Grande Mago.

Foram dias em que os grandes sábios o submeteram ao hipnotismo, às confusões mentais mais duais possíveis e ainda assim somente conseguiam extrair dele a alusão aos gozos incomparáveis do jardim dos prazeres. Por fim, disseram, numa reunião com o Grande Mago: — Ialutá se perdeu pelo desejo dos prazeres e sua alma está aprisionada no mundo das ilusões dos sentidos. Ainda que um dia tenha sido um virtuoso, hoje é dualista no ser, no pensar e no agir.

— Tentem reuni-lo a Sher e observem todas as suas reações. Se nada conseguirem descobrir, então o enviem à Ilha dos Desterrados, e que ele pereça na miséria da carne, pois aí se confirmará que o princípio do mal apossou-se de sua alma. Se isso se confirmar, então nosso reino estará envolvido na grande profecia e tudo o que temos feito não nos livrará do grande juízo da Lei.

— Sim, senhor!

À noite, Sher foi introduzida na cela de Ialutá e todas as suas palavras, gestos, pensamentos e ações foram registrados pelos sábios. O próprio Grande Mago assistiu ao encontro dele com Sher.

Mas nada foi descoberto, pois o desejo instalou-se nele de imediato, mas misturado com a vergonha.

No dia seguinte, Ialutá foi enviado à Ilha dos Desterrados e logo o Grande Mago reuniu-se com o corpo de diretores do Grande Templo de Luz Cristalina. Tentaram encontrar o sentido da queda de um iniciado na origem e sua recusa em voltar atrás, mesmo sob o efeito da tortura mental, na qual todo o seu dualismo fora rememorado.

O horror do estágio dual da evolução encontrou um Ialutá pronto para vivenciá-lo em todo o seu emocional.

“Ialutá se perdeu porque talvez estivesse rememorando o seu estágio dual sem a assistência de um mestre, Grande Mago!”

Essa foi a sentença final que constou do relatório sobre sua queda.

Ainda com ele aberto sobre sua mesa, o Grande Mago recebeu a visita de Sher e sua mãe. Após as saudações habituais ele lhes perguntou:

— Em que posso servi-las, irmãs?

— Ajude-nos a tirar um pouco de nossas tristezas, Grande Mago.

— Como posso fazer tal coisa se esse sentimento teima em torturar-me, mesmo sabendo que não foi por acaso que Ialutá caiu?

— Como assim, Grande Mago?

— Nós não conseguimos descobrir, mas que há um sentido oculto por trás de tudo, disso não tenho dúvidas. Ele está sendo instrumento de uma ação da luz ou das trevas, e disso não duvido! Não foi por acaso que algo que escapa a todos os nossos recursos tenha sido lançado em nosso meio. Devemos nos preparar, mental e emocionalmente, pois outros casos como o dele logo acontecerão em nosso reino.

Ainda conversaram por muito tempo. Quando elas saíram de sua sala, ele comentou para si próprio:

“Sua queda foi a nossa queda, iniciado! A sua dor é a nossa dor e o seu tormento ainda será o nosso, pois sei que por trás de tudo, e ocultando algo de nós, está um mistério que se esconde para que nós também nos percamos.

Enquanto isso, na Ilha dos Desterrados, Ialutá vivia o seu inferno na carne. Dali não havia como fugir.

A Ilha dos Desterrados era mais ou menos do tamanho da ilha de Marajó, no litoral norte do Brasil. Ela não possuía florestas nem grandes árvores. Sua vegetação compunha-se de muitas plantas frutíferas. Também havia muitas fontes de água doce. Ela era destinada exclusivamente aos que eram presos pelo delito de quebra do princípio de recolhimento após as 24 horas da noite. Não havia como fugir dela. À sua volta só existia o mar profundo, não havia transporte e ela ficava a quase 50 quilômetros do continente. A falta de grandes árvores impedia a construção de sólidas embarcações que suportassem o mar revolto a sua volta. Ela estava situada no meio de uma corrente marinha que conduzia as pequenas embarcações para o meio do oceano.

Ialutá foi deixado na enseada e ficou olhando com tristeza o veículo se afastar rapidamente no horizonte.

Virou-se para o interior da ilha e viu algumas pessoas observando-o a distância. Caminhou na direção delas, mas o que conseguiu foi colocá-las em fuga.

Gritou para que o esperassem, pois não conhecia nada da ilha, mas não foi ouvido. Desanimado, sentou-se na areia e olhou seu estado.

Mais tarde, resolveu procurar alguma fonte de água doce. Sem ela, em poucos dias estaria morto. Caminhou por muito tempo e sentia-se vigiado, mas sem conseguir ver os seus observantes. Já começava a escurecer quando localizou uma fonte natural de água potável. Foi com imenso prazer que saciou sua sede. Depois, sentou-se numa pedra e ficou olhando atento a sua volta. Sabia que estava sendo vigiado e se quisessem beber água teriam de vir até a fonte e se mostrar. Resolveu colher algumas frutas e comeu até não mais poder. Depois deitou-se e logo adormeceu.

Somente acordou com os raios do sol incomodando seus olhos e viu um grupo de pessoas a sua volta. Pela aparência, não eram amistosos! Um deles perguntou-lhe:

— O que faz aqui?

— O mesmo que vocês, seres caídos!

— Não acreditamos nisso. Você foi enviado para nos vigiar, não?

— Eu? Vigiar vocês? Estão enganados! Caí e fui expulso do convívio dos habitantes do continente.

— O que o levou à queda?

— Ousei desafiar o princípio da meia-noite e descobrir o segredo dos prazeres.

— Você o descobriu?

— Sim.

— Então você é um dos nossos!

— Não sou de ninguém, companheiros de infortúnio.

— Acompanhe-me, iniciado! Você irá conhecer o nosso chefe e então saberá qual será o seu destino.

— Eu não quero ver chefe nenhum. Deixem-me só, pois tenho muito do que me lamentar e não preciso de ninguém para vigiar-me.

— Vamos, acompanhe-me ou sofrerá um pouco mais.

— Não vou a lugar nenhum com vocês!

O grupo agarrou-o e, depois de uma renhida luta na qual Ialutá foi socado e chutado brutalmente, foi arrastado até onde estava o chefe da ilha. Ficou preso dentro de uma cela feita com galhos secos.

Somente à noite foi levado até o chefe. Estava com sede e fome e tinha o corpo todo picado por insetos. Assim que entrou numa imensa caverna, assustou-se com o que viu. A orgia tinha, ali, seu lugar de honra!

Num trono de pedras um homem de compleição forte e olhar maligno o ocupava, e pousou seus olhos em Ialutá assim que ele foi jogado na sua frente.

— Quem é você, iniciado?

Ialutá olhou o homem e tudo a seu redor. Viu um grupo de belas mulheres em volta e aos pés dele, e isso despertou os seus sentidos de desejo.

— Quem é você, iniciado? — tornou a perguntar o homem.

— Pelo que vejo, sou mais um de vocês, pois aqui tem exatamente o que me levou à queda.

— Estou vendo que é! Você não domina seus instintos como fazem os iniciados na luz.

Ele virou-se para a esquerda e com um gesto de mão um homem de olhar cruel aproximou-se.

— Quem é ele, Mago Negro?

— Um iniciado que caiu, chefe!

— Tem certeza?

— Absoluta. Vejo os símbolos do espírito dele tão negros quanto os de todos por aqui.

— Ótimo! — gargalhou o homem. — Junte-se a nós, iniciado.

— Já estou junto, não?

— Sim, você está mesmo! Como se chama?

— Ialutá, chefe.

O homem caiu na gargalhada e foi acompanhado por todos os presentes.

— Isso não tem mais sentido, iniciado. A luz acabou-se para você.

— Mas eu gosto do meu nome e vou conservá-lo.

— Está certo. Mas nós lhe acrescentaremos mais um a ele.

— Mais um?

— Isso mesmo. Você será conhecido como Iafershi.

— Iafershi? Não sou isso!

— Pode assumi-lo, pois é o que agora você é, e não adianta iludir-se.

— Iafershi! Tem sentido, chefe. Mas para mim continuo sendo Iá e nada mais.

— Mas para ser Iafershi terá de mostrar o dom negativo que o levou à queda.

— Dom negativo? Que eu saiba, os dons são da luz!

— Aqui, chamamos os vícios de dons e não será você quem vai querer nos chamar de viciados, não é mesmo?

— Não estou procurando encrencas, chefe. Mal saí de uma que me custou muito caro para querer me meter em outra. O que devo fazer para mostrar o meu dom negativo?

O homem apontou alguém próximo deles e falou:

— Está vendo aquele ali? Seu dom é gostar de matar. Aquele outro, de lutar.

De um em um, foi classificando todos os presentes na caverna, iluminada por uma fogueira. Então perguntou a Ialutá.

— Qual o seu dom negativo, Iafershi?

— Tenho liberdade de mostrá-lo sem ser punido por fazê-lo?

— Se não precisar matar-me para mostrá-lo terá liberdade de ação e pensamento e não será punido por causa do seu dom.

— Então eu escolho estas duas mulheres aos seus pés para mostrar meu dom negro, chefe. Posso usá-las para mostrá-lo?

— Estão a sua disposição! — falou, gargalhando, o homem sentado no trono.

Ialutá as tomou pelas mãos e assim que elas ficaram de pé na sua frente, ele tirou de seus corpos os farrapos que as cobriam e deu vazão a seu dom negativo. Como se estivesse no mais fechado recinto e com a mais íntima companheira, após uma, juntou-se à outra e continuou como se estivesse no jardim dos prazeres.

Em volta formou-se um círculo de curiosos que gargalhavam e blasfemavam enquanto Ialutá entregava-se às ilusões dos seus sentidos do desejo. Em dado momento o chefe ordenou:

— Já chega! Você é um dos nossos!

— Deixe-me continuar por mais algum tempo, chefe! — clamou ele.

— Por hora já chega. Grande mago negro, faça com Iafershi o ritual de juramento e lealdade.

— É para já, chefe. Venha até aqui, Iafershi!

Ialutá deixou a mulher contra a sua vontade e acompanhou o tal Mago Negro.

— Jure pelas trevas que a partir de hoje você se chamará Iafershi e não renegará seu nome!

Ialutá fez o que lhe foi ordenado, mas usou do sentido dúbio ao jurar diante do Grande Mago Negro.

— Eu juro pelo sangue que derramo sobre a pedra negra que nas trevas eu sou e quero ser chamado de Iafershi e enquanto viver nas trevas serei Iafershi.

Uma aclamação tomou conta do recinto.

— Bem-vindo à vida, Iafershi!

Quando a aclamação cessou, o chefe falou-lhe:

— Você é sábio, Iafershi! Deu ao seu nome o seu dom negativo. Realmente, você é o próprio “prazer da luz negra”!

— E agora, chefe? Posso voltar para junto de minhas escolhidas?

— Divirta-se, Iafershi! Todas elas estão à disposição do seu dom negativo.

Iafershi olhou à sua volta e num relance escolheu com quem iria vivenciar a ilusão dos seus sentidos do desejo. Após abraçá-la, olhou para o chefe e falou:

— Chefe, isto aqui não é igual ao jardim dos prazeres que eu vivenciei no lado negro, mas aqui tem muitas coisas que lá são a própria razão de ele existir!

E assim Ialutá, ou melhor, Iafershi vivenciou o desejo que vibrava em seu emocional desequilibrado. À sua volta formou-se um “harém” com as mais belas caídas nos vícios das trevas da ignorância. E como elas eram insaciáveis! A um sinal seu, todas se excitavam e se ofereciam.

Assim foi por uns meses e tudo corria bem para ele até que uma nova caída chegou à ilha. Só de olhar para ela, todo o seu íntimo vibrou com suas formas perfeitas.

Como era bela a nova habitante da Ilha dos Desterrados! Sem perda de tempo, Iafershi tomou-a para si. Se bem que teve de lutar e vencer para possuí-la.

Isso causou um mal-estar no estranho e macabro agrupamento de seres humanos caídos nos vícios das trevas da ignorância. Mas para ele pouco importou, pois o que quis, conseguiu.

Quanto à jovem caída, achou que ele seria a melhor companhia em meio a tantos seres embrutecidos, e não o largava um só instante.

— O que a levou à queda, iniciada? — perguntou-lhe Iafershi.

— Eu quis dominar os mistérios do poder negativo.

— Conseguiu?

— Sim.

— Ensine-me como fazer para dominá-los.

— Você teria coragem de lidar com eles?

— O que tenho a perder?

— O mesmo que perdi.

— O que você perdeu?

— O meu poder sobre os mistérios do poder da luz.

— Você é uma iniciada na origem?

— Sim. E você, Iafershi?

— Também.

— Então é por isso que nossas vibrações são harmoniosas mesmo depois de nossas quedas. Quer tentar?

— Tentar não! Quero consegui-lo, Sheferlu!

— Esta noite ensino-lhe como se consegue, mas só se depois você me levar ao jardim dos prazeres.

— Está certo, Sheferlu! Acho que formamos um bom par.

E assim eles trocaram seus conhecimentos.

Iafershi aprendeu como dominar os mistérios do poder das trevas. Isso lhe abriu as portas das esferas negras e pouco a pouco foi dominando todos os mistérios negativos das trevas da ignorância.

Mais de um ano passou-se até o dia em que uma embarcação aportou numa enseada. Dela desceu um grupo de homens vestidos de preto e portando afiadas lâminas. Dirigiram-se direto para a caverna, onde conversaram com o grande mago negro.

Após um longo tempo, ele falou do alto do seu púlpito:

— Amigos, temos uma oportunidade única em nossas vidas miseráveis. O príncipe negro Hemofer mandou-nos uma embarcação para levar ao seu reino todos os que queiram morar lá. Ele lhes oferece moradia e proteção enquanto permanecerem leais e servi-lo com dedicação!

Um clamor de aprovação ecoou na imensa caverna. Tanto Iafershi quanto Sheferlu juntaram-se aos que queriam sair da Ilha dos Desterrados.

Quando Iafershi viu que o grande mago negro não os acompanharia, perguntou-lhe:

— Por que não nos acompanha também, Grande Mago Negro? Saia desta ilha miserável conosco e assim nosso grupo terá seu líder.

— Para onde vocês irão existem muitos magos negros, Iafershi! Eu ainda devo permanecer por aqui até que consiga alcançar meu objetivo.

— Que objetivo poderá alcançar, isolado nesta maldita ilha?

— Não é aqui que está o meu objetivo e sim no Templo da Luz Cristalina do continente. É lá que está quem eu devo dominar.

— Ah! É algo pessoal, não?

— Não é pessoal, Iafershi. Vou destruir o Grande Mago da Luz Cristalina pouco a pouco. Quando ele se der conta, já terei me instalado no continente e acabarei com seus princípios luminosos.

— Ainda assim, acho que é pessoal!

— Não é pessoal. Sigo a orientação do príncipe negro Hemofer. Quando alcançar meu objetivo, ele virá para cá e dominará este continente, como já fez com o dele! Lá, os princípios da luz foram viciados pelos seus magos negros, travestidos de magos da luz.

— Será que ele me devolverá meu posto de iniciado?

— Já ordenei isso ao comandante da nave. Você poderá voltar a ser o que sempre foi, mas sem os entraves dos princípios da luz.

— Vou gostar disso, Grande Mago Negro!

— Pelo brilho nos seus olhos, imagino que sim, Iafershi! Boa sorte na sua volta ao posto de iniciado a serviço do príncipe negro Hemofer. Sirva-o bem e terá dele tudo o que desejar.

— Quero muito mais, mas não quero perder Sheferlu.

— Ela é sua, não?

— Espero que sim. Senão vou ter de lutar por ela mais uma vez.

— Agora vá, pois estão querendo partir logo desta ilha.

Assim que se afastaram, Sheferlu falou-lhe:

— Você usou dos mistérios do poder das trevas, Iafershi?

— Claro que sim! Acaso acha que eu iria ao encontro do desconhecido sem me informar antes?

— Tem razão! É bom nos mantermos unidos se quisermos sobreviver.

— Não ficará com ciúme caso eu venha a possuir outras belas mulheres quando reassumir meu posto de iniciado?

— Só um pouco! Basta não me abandonar de vez, que eu controlo meu ciúme. Afinal, este não é meu dom e não posso impedi-lo de vivê-lo com intensidade. Ainda não sei onde encontra tantas energias!

— É meu dom negativo, não?

— É mesmo. Fui tola ao não me lembrar do motivo de sua queda.

— Eu não me esqueço do seu motivo e não luto contra seu desejo de poder. Viva-o, desde que eu não tenha de perecer por causa dele, e sempre estarei ao seu lado.

— Ótimo. Eu acho que até o amo, Iafershi!

— Você me ama? — exclamou ele, rindo.

— Então como classificaria o que sinto por você?

— Possessão. Sou alguém que você gosta de possuir.

— Tem razão. Agrada-me tê-lo a meu lado e possuí-lo.

— Vamos embarcar?

— Estou ansiosa para conhecer o tal Hemofer.

— Até imagino por quê!

— Você está me conhecendo demais, Iafershi. Cuidado!

— Isto é uma ameaça?

— Não. Apenas uma advertência. Não quero que o sentido do prazer se sobreponha aos meus outros sentidos, senão acabarei me tornando sua escrava. Se isso se acentuar, me afastarei de você!

— Com sérios perigos para mim, não?

— O meu dom comporta várias alternativas para afastar os entraves que o impeçam de se sobrepor aos outros dons negativos. Quero somente você a meu lado porque satisfaz meu sentido do prazer, e gosto de você! Mas não vou permitir que isso me torne submissa a seu poder sobre os desejos do prazer na carne.

— Já registrei seu modo de ser, pensar e agir, Sheferlu!

— Assim é melhor, senão poderia tornar-se um empecilho no meu retorno ao posto de iniciada.

Já dentro da nave ela lhe perguntou:

— E quanto a você, onde eu poderia me tornar um empecilho a seu retorno a seu posto?

— Meu dom só comporta meios muito sutis para afastar os empecilhos do meu caminho. Mesmo você não me ajudando, ainda assim ele vibra que você o satisfaz plenamente. Portanto, não me obrigue a eliminá-la caso algo assim venha a ocorrer.

— Usaria de meios sutis para vergar-me a seus impulsos do desejo, não?

— Isso mesmo.

— Melhor assim, Iafershi. Bem melhor!

— Por que este sorriso de alegria em razão do meu dom?

— Agora sei que me matar será sua última alternativa caso eu venha a incomodá-lo, e sei também que tentará vergar-me de muitas maneiras caso eu me interponha em seu caminho.

— De certa forma, sou menos perigoso que você, não?

— Agora que o conheço melhor já não represento perigo nenhum para você. Satisfaço-o plenamente e nunca desejará minha eliminação total.

— Ótimo. Isso me deixa mais tranquilo quanto ao futuro de nossas relações, Sheferlu!

Pouco depois um dos soldados indicou-lhes uma cabine. Quando ficaram a sós a conversa entre os dois continuou num outro sentido mais sutil, mas tão viciado quanto o anterior.

Ao entardecer chegaram a um imenso porto. Ali havia altíssimas torres de vigia com soldados portando armas mortíferas. Isso não acontecia no Reino dos Cristais e foi registrado tanto por Sheferlu quanto por Iafershi. Eles foram conduzidos a um veículo de transporte terrestre e pouco depois eram instalados num aposento luxuoso no interior do que outrora havia sido um Templo Cristalino.

Também isso foi registrado por eles enquanto tomavam banho e vestiam roupas de seda para irem conhecer o príncipe negro Hemofer.

À noite, foram conduzidos, com muitos outros desterrados das mais diversas regiões do planeta, ao grande salão do templo.

A apresentação processava-se como um ritual e Iafershi registrava tudo, principalmente a bela mulher sentada ao lado de Hemofer. Isso não passou despercebido a Sheferlu que se posicionara ao seu lado.

— Cuidado, Iafershi! — falou ela baixinho. — Ela poderá colocá-lo em choque com Hemofer.

— Mas ela não o ama! Sinto isso em suas vibrações de insatisfação.

— Mas eu registro nele vibrações de possessão quando olha para ela. Se envolver-se com ela e ele souber, certamente o eliminará.

— Obrigado pelo aviso, Sheferlu. Eu registro nele vibrações de insatisfação com a posse dela, pois, mesmo a considerando como sua propriedade, ele é volúvel às formas e imagens femininas brancas. É por isso que ele, um negro, tem ao seu lado uma não negra.

— Registrei isso, Iafershi. Vamos ver o que consigo com essas informações. Acho que nunca poderei perdê-lo, pois sinto que você tem mais utilidade do que o simples prazer dos desejos.

E assim, unidos, ambos reassumiram os seus postos de iniciados guardiões.

Após alguns meses de preparação, receberam suas armas simbólicas de acordo com seus dons negativos.

Como ambos eram iniciados na origem, Hemofer os manteve próximos de seu palácio. Ali eles o serviam como iniciados já graduados.

Sheferlu não perdeu tempo e logo estava recebendo a visita de Hemofer em seu luxuoso aposento. Quanto a Iafershi, aproximou-se do Grande Mago Negro que dirigia o culto iniciático numa dependência da imensa construção. A princípio foi por causa de sua insinuante filha, a qual ele se apossou pelo poder do seu dom negativo.

Assim que ela se tornou dependente dos seus desejos, ele, por meio dela, aproximou-se do seu pai e começou a privar de seus aposentos.

Não foram poucas as noites em que Iafershi acabou não voltando a seu aposento para repousar. Começou a discutir assuntos de pouca importância. Ficou sabendo que ele estava com 70 anos e que tinha vários filhos com várias das sacerdotisas que serviam na imensa construção. Certo dia ele perguntou a Iafershi.

— Como pôde acontecer a queda de alguém como você, um iniciado na origem!

— Eu não resisti às imagens das jovens que eram iniciadas, Grande Mago Negro. Cansei-me de somente olhar para elas e conter meus desejos. Infelizmente para mim, fui descoberto quando procurava o poder dos sentidos do desejo do prazer viciado.

— Acha que a sua queda foi ruim?

— De certa forma sim, Grande Mago. Se não tivesse sido descoberto, hoje estaria realizando meus desejos com as mais puras jovens do Grande Templo da Luz Cristalina. Não imagina como elas são belas!

— Minha filha não lhe agrada?

— Muito! Mas me víciei, e as imagens são o meu tormento. Não abandono uma mulher conquistada, mas logo que aparece outra que me agrada procuro me apossar dela também. Não posso evitar isso, pois conheci os mistérios negativos do jardim dos prazeres.

— Mas precisa ter uma delas como esposa já que somente assim se realizará como homem e poderá ascender a um cargo mais elevado.

— Está insinuando que devo me casar?

— Você tem uma capacidade excepcional, Iafershi. Estou pensando em requisitá-lo para me auxiliar.

— Qual o sentido disso tudo, Grande Mago Negro?

— Espero formar o próximo dirigente deste reino, pois Hemofer não pode gerar um descendente. Ele é estéril.

— Então?

— Case-se com minha filha e dê-me um neto que será o senhor de todo este reino.

— Continue! Isso me interessa, Grande Mago!

— Case-se com Lisharize e eu o torno meu primeiro auxiliar. Quando o tempo certo chegar, coloco-o na linha direta de sucessão de Hemofer. Muitos pensam que o sucederão em caso de morte, mas não ousam matá-lo, pois teriam

de ter meu consentimento para tanto. Como tenho meu próprio sentido de poder para guiar minhas ações, e vejo que o que o move não é o poder material, mas sim a satisfação dos sentidos do prazer, então nada melhor que ter como pai do futuro herdeiro um iniciado na origem.

— Continue, Grande Mago!

— Eu o tornarei o iniciador das jovens do nosso reino. E olhe que já dominamos parte das terras dos vermelhos!

— Já?

— Sim. É por isso que Hemofer traz para cá todos os iniciados caídos, não importando se foram iniciados na origem ou no meio. Mas você, um iniciado na origem, e casado com minha filha, conquistará a confiança total dele e abrirá o caminho para o seu filho sucedê-lo.

— Acho um tanto difícil, Grande Mago.

— Deixe isso comigo, Iafershi. Eu o iniciarei nos grandes mistérios negativos e, com o tempo, será um grande mago negro tão poderoso quanto eu.

— Isso me interessa. Mas antes me diga quem é Hemofer.

— Um iniciado na origem que se perdeu em todos os sentidos.

— Não lhe restou ao menos um princípio virtuoso?

— Não. E, como ele, existem vários outros iniciados, magos, mestres, sábios e sacerdotes que caíram em todos os sentidos. Eles se entendem e se comunicam, pois estão espalhados por várias partes do mundo. Mesmo no Templo da Luz Cristalina já há um grande mestre que caiu e está bem oculto à espera do momento em que irá iniciar sua missão de dominar aquele continente.

— Por que ele não me ocultou ou defendeu quando fui descoberto na minha queda?

— Ele poria tudo a perder porque seria descoberto. Teríamos perdido uma operação brilhantemente planejada.

— Compreendo. Quem é o chefe dele?

— Lushmer, o senhor do sexto sentido das trevas.

— Isso significa que ainda voltarei ao Grande Templo da Luz Cristalina!

— Poderá ser seu grande mago, caso alie-se a mim, pois isso será do interesse do futuro príncipe negro, que será o meu neto, filho seu!

— E quanto a Lushmer?

— No tempo certo nós tomaremos o reino dele. Mas isso só depois de ele ter executado seu plano brilhante de levar a confusão ao Templo da Luz Cristalina e dominar o mental da filha do Grande Mago, pois ela será uma das forças dele no interior do Grande Templo.

— A filha? Mas ela é uma criancinha ainda?

— O seu iniciador foi o homem de Lushmer.

— Eu havia sido escolhido para ser o iniciador dela, Grande Mago Negro!

— Eu sei disso. Lushmer interveio, em parte, na sua queda para tirá-lo do caminho do Grande Mestre que vigia todos os movimentos do Grande Mago da Luz Cristalina, o dirigente máximo do Reino dos Cristais.

— Agora compreendo por que não encontrei alternativas para livrar-me dos meus tormentos do desejo.

— O Grande Mestre os instigava em você, Iafershi! Assim que captou suas incipientes vibrações de desejo pelas imagens que refletiam e encontravam ressonância em seu emocional, ele as instigou cada vez mais, até que caísse.

— Bem, um dia ainda voltarei ao Templo da Luz Cristalina!

— Lamahoon tem dois servidores no Templo da Luz Verde e Habaal já têm muitos no da Luz Dourada. Será pelo Templo da Luz Dourada que se iniciará a derrocada do Reino dos Cristais.

— Então não serei o Grande Mago daquele reino!

— Como não? Você não é a luz negra do desejo?

— Sim, mas...

— Torne-se no que significa seu nome. Deseje o poder máximo, que está além das imagens femininas, e o conseguirá.

— Tem razão, Grande Mago Negro! Tenho no senhor o mestre que me falta para poder dar vazão a todo o potencial do meu dom negativo.

— Submeta-se a mim que lhe ensino todos os princípios dos sete dons negativos do ser humano.

— Coloco-me sob sua orientação a partir deste momento, Grande Mago Negro.

Após dizer isso, Iafershi ajoelhou-se diante dele e foi selada a nefasta união que um dia culminaria com sua recondução ao Grande Templo da Luz Cristalina como grande mago negro.

— Convocarei uma reunião de todo o corpo de servidores deste templo e anunciarei o seu casamento com minha filha. A partir daí, seguirá só a minha orientação, pois no dia do casamento o apresentarei como um iniciado na origem e mago no meio. Isso facilitará sua rápida ascensão!

Iafershi vibrou com tão rápida ascensão e isso não passou despercebido ao Grande Mago, que o advertiu:

— Primeira lição: Jamais deixe que seu emocional vibre em caso de sentir-se contente pela realização dos seus desejos. Se não dominar-se, logo algum mago o destruirá a partir de seus pontos fracos.

— Isso se deve ao meu dom. Vibro todo quando me sinto satisfeito!

— Já é hora de dominar seu próprio dom e colocá-lo a seu serviço, e depois em função do seu domínio dos sentidos alheios.

— Como conseguirei isso?

— Tudo lhe ensinarei, mas uma coisa nunca saberá.

— Qual é?

— Como matar-me.

— Não penso em matá-lo! Isso jamais tomará conta dos meus desejos, pois o meu dom negro não comporta a morte como meio de alcançar meus objetivos.

— Nisso você também ainda é ignorante. Seu dom negativo comporta tudo o que os outros comportam, mas numa diferente ordem de prioridades.

— Isso é verdade?

— Sim. E será por aí que eu o iniciarei nos mistérios originais das trevas da ignorância. Somente após dominá-lo, em vez de ser dominado por ele, poderá dominar os outros com facilidade.

— Quando começamos?

— Amanhã à noite, depois do ritual da meia-noite. Não vá deixar-se dominar por uma amante e faltar ao ritual.

— Começarei a dominá-lo a partir de agora. Até amanhã, Grande Mago Negro! Vou despedir-me de sua filha.

— Até amanhã, Iafershi!

Ele ainda demorou-se um bom tempo no quarto dela, mas quando ficou a sós em seu aposento pôs-se a pensar:

“Tudo está correndo como eu imaginei. Logo terei acesso aos outros dons negros e assim ninguém me confrontará. Quanto ao preço, até que é muito agradável, pois a filha dele é muito atraente.”

Mas em outro local, o Grande Mago Negro pensava outras coisas.

“Iafershi veio mesmo em boa hora. Hemofer está sendo um empecilho ao meu desejo de dominação. Mas assim que forçá-lo a nomear meu neto o herdeiro da coroa, o eliminarei do meu caminho e assumirei o domínio de tudo. Então enviarei meus próprios magos para estenderem meu domínio sobre o mundo. Sim, Iafershi veio mesmo a calhar, pois já tenho mais dois iniciados sob meu domínio mental. Um dia serei aclamado o supremo Mago Negro do planeta. Há, há, há... Quanto a ter de ver minha filha submeter-se a ele, até que é um preço razoável, pois ela me dará a descendência de um iniciado na origem e que trará em seu ser imortal a vibração carnal do seu genitor. Há, há, há...”

Capítulo II

A Ascensão do Grande Mago do Ônix

Iafershi casou-se com a filha do Grande Mago Negro e iniciou-se nos mistérios negativos. Primeiro, dominou o seu próprio mistério e depois foi dominando um a um todos os outros seis mistérios. Com seu grau de mago, tinha acesso a todas as iniciativas de Hemofer.

Quanto às de seu iniciador, bem, quando conversavam, Iafershi mentalizava o que ele estava desejando, e logo sabia de seus planos. Assim, era útil tanto a um como ao outro.

Depois do nascimento de seu filho, o Grande Mago Negro o enviou à região onde dominavam sobre os vermelhos e o nomeou Grande Mago de um imenso templo rebatizado de Templo do Ônix.

Iafershi foi com duplos poderes. Seria o Grande Mago Negro do Templo do Ônix e chefe das forças de ocupação de Hemofer. Este conversou longamente com Iafershi antes de sua partida.

— Procure ser leal a mim, ou então irá arrepender-se, Grande Mago do Ônix!

— Não tenho dado motivos para desconfiar de minha lealdade, poderoso Hemofer.

— Não sei, não, Iafershi! Tal como eu, você é um iniciado na origem e, portanto, sujeito aos mesmos impulsos.

— Já tenho tudo o que desejo, poderoso Hemofer. De agora em diante muito mais terei, pois serei o poder máximo naquela região.

— O que pretende fazer para me compensar por tê-lo nomeado chefe supremo do meu poder naquela região?

— Estender seus domínios até o outro extremo do reino dos vermelhos. Tenho me instruído na arte do domínio pela força das armas e pretendo expandir seus domínios até o outro extremo do continente.

— Ao norte, Habaal já domina. Não temos motivos para nos indispor contra ele. Os nossos inimigos são os templos dos Magos da luz.

— Será que são somente eles?

— Fale mais claramente!

— Conto com seu segredo total?

— Sim. Fale o que já sabe, mas que ainda não sei.

— Ouvi tudo o que foi falado no último encontro entre os Grandes Magos Negros. O Grande Mago de Habaal brevemente lançará uma iniciativa sobre o Reino dos Cristais e consolidará um domínio ostensivo sobre aquele continente. Caso ele realize seu intento, Habaal ficará em posição de vantagem, poderoso Hemofer! Em caso de domínio total, ninguém o deterá na conquista do supremo posto de dirigente deste planeta. Além do mais, quem poderia afirmar com certeza que Habaal não pensa em dominar esta região também? Seu “corpo” de Magos e de Grandes Magos é imenso, e ninguém o formaria tão grande assim se não tivesse outros planos além de dominar os vermelhos e destruir o último sustentáculo das sete cores originais.

— O que sugere?

— Dê-me autonomia para que possa avançar contra Habaal e vergá-lo a seu poder. Só assim não precisará temer uma traição por parte dele.

— Como pretende vergá-lo?

— Tenho o meu dom negro para guiar minhas ações e poderei penetrar no centro do poder de Habaal por meio de sua própria filha, a Pérola Negra.

— Até ela você já conduziu ao seu jardim dos prazeres?

— Somente uma vez, mas logo ela voltará para reviver, comigo, sensações não encontráveis nos idiotas que a servem como cordeiros mansos.

— Você já levou minha esposa ao seu jardim dos prazeres?

— Não.

— Por que não, se eu o vejo cobiçá-la sempre que a olha?

— Respeito a hierarquia a que me integrei. Se ela tem uma imagem que me agrada, também tem como marido o homem que me retirou da Ilha dos Desterrados e restituiu-me o meu posto de iniciado.

— Muito sábio de sua parte. Mas ela está contagiada pelo desejo de conhecer o seu jardim dos prazeres, Iafershi!

— Posso assegurar-lhe com toda a certeza que não movi uma só onda mental para despertar isso nela.

— Eu sei disso!

— Então por que abordou esse assunto tão delicado comigo, se já estou de partida para bem longe dela?

— Digamos que eu queira que você a leve para conhecer o templo do Ônix.

— O quê?!!!

— É o que você ouviu, Iafershi. Leve-a para conhecer aquela região e retenha-a por lá até que eu lhe ordene que a mande de volta para mim.

— Assim está me colocando numa posição muito difícil, pois se ela desejar conhecer o meu jardim dos prazeres estarei encrencado!

— Por quê?

— Se eu levá-la para conhecê-lo, logo ficará sabendo, e aí estarei arruinado. E, se não levá-la, estarei do mesmo jeito, pois ela armará uma intriga qualquer e caio em desgraça junto ao senhor.

— Ela já está pronta para ir com sua comitiva, Iafershi!

— Exija de mim lealdade e lhe serei fiel. Deixe-me livre para agir e lhe entregarei Habaal. Ordene-me que fique para sempre no templo de Ônix e jamais sairei do interior dele. Mas, por favor, não me obrigue a levá-la comigo senão não terei condições de servi-lo como gostaria, já que em qualquer das duas hipóteses estarei desagradando-o e desrespeitando a hierarquia que, mesmo sendo um iniciado caído, ainda conservo.

— Caso isso o deixe tranquilo, digamos que desejo ter outra ocupando o lugar dela no meu leito. Estou cansado de ir aos aposentos de Sheferlu às escondidas, como se eu não fosse o poderoso Hemofer!

— Então por que não se livra dela pelas vias que tão bem conhece?

— Não posso. Ela é filha de Lamahoon e se eu fizer isso a guerra virá ao meu reino, pois ele é tão poderoso quanto nós e poderá reduzir-me a um mero dependente.

— Bem, assim fica mais fácil entender o que me pede. Então não correrei o risco de ser decapitado caso ela venha a conhecer o meu jardim dos prazeres?

— Aprisione-a no seu jardim dos prazeres por um certo tempo, Iafershi!

— Por quanto tempo?

— Para todo o sempre está bom?

— O que ganho com isso?

— Deixo-o livre para dominar todo o reino dos vermelhos e fazer com Habaal o que desejar, desde que não me crie constrangimentos com Lamahoon ou Lushmer. Assim o templo do Ônix será tão importante quanto o da Luz Cristalina é para o Reino dos Cristais.

— Hemofer, será o mais poderoso dos iniciados caídos nos vícios da carne e serei o mais poderoso dos Grandes Magos Negros.

— O Grande Mago do Ônix!

— Leal servidor do poderoso Hemofer!

— E quanto ao seu sogro?

— Ele já está satisfeito com seu poderoso templo por aqui.

— Ótimo, Iafershi. Mas nunca se esqueça de que tudo sei e vigio a todos.

— No dia em que detectar o menor sinal de deslealdade de minha parte mande chamar-me e degole-me.

— Assim será feito caso isso aconteça, Iafershi!

— Não duvido, poderoso Hemofer. Com sua licença, pois preciso despedir-me de meu sogro, esposa e filho.

Iafershi saiu do aposento de Hemofer e logo a seguir Sheferlu juntou-se a ele e falou-lhe:

— Não lhe disse que Iafershi não recusaria a companhia de uma bela mulher?

— Por que ele é assim?

— Acho que quando desceu ao jardim dos prazeres fez um pacto com a divindade negativa que o sustenta. Ele é insaciável na sua ânsia de apossar-se das imagens que mais lhe agradam.

— Por que ele não a possuiu antes?

— O prazer de Iafershi não comporta o risco de perder o único “meio” de dar vazão a ele.

— Instrumento este que você conhece muito bem, não?

— Por motivos de sobrevivência, não só conheci muito bem como senti-me insatisfeita por nunca poder saciá-lo. Iafershi é um ser vazio e sem alma. Por isso é insaciável! Onde sua alma está aprisionada, o prazer que ele colhe na carne não a alcança. Por isso é como é: insaciável!

— Bem, agora você se sentará ao meu lado no Trono do Reino.

— E lhe serei mais útil que Lemifer, em todos os sentidos, meu amado.

Quanto a Iafershi, após despedir-se do Grande Mago Negro, teve de ouvir os lamentos da esposa, que não se conformava com a partida repentina dele. Somente com hábeis palavras ele a convenceu de que só assim teria condições de auxiliar seu pai na consolidação do projeto de tornar o neto o supremo chefe de todo o planeta.

— Mais alguns meses e você poderá ir visitar-me, Lisharize.

— Até lá você já terá outra no meu lugar, Iafershi.

— Está enganada, minha amada. Eu possuo as outras, mas a única que me possui é você. E isso é o que importa em nossa união!

— Como eu gostaria de crer nisso.

— A semente que depositei em seu ventre não lhe dá a confiança necessária em minhas palavras? Ou pensa que se eu tencionasse abandoná-la iria dar-lhe mais um filho que nos unirá ainda mais?

Iafershi estava bravo quando a censurou com essas palavras.

— Desculpe-me, querido. Estou com ciúme por vê-lo partir para uma região tão distante.

— Acalme-se, pois seu pai sabe o que faz e nós não vamos decepcioná-lo, não agora que já fomos tão longe e estamos tão próximos do nosso objetivo.

— Sou uma tola ao colocar meus sentimentos acima dos seus interesses.

— Nossos interesses, minha amada! Agora enxugue essas lágrimas e sorria, pois não gosto de amar uma mulher chorosa.

Lisharize sorriu ao ouvi-lo dizer aquilo e o abraçou com carinho, como ele gostava!

Mais tarde, ao observar o embarque dos que o acompanhariam nos muitos veículos de transporte, Iafershi recebeu uma visita sorrateira.

— Você aqui, Sheferlu?

— Psiu! — fez ela com o indicador sobre os lábios. — Só vim despedir-me de você, e Hemofer não sabe disso!

— Você conseguiu o seu objetivo, não?

— Você também, Iafershi! Agora é um Grande Mago Negro e poderá saciar sua oculta razão de viver.

— Mas terei de aturar Lemifer ao meu lado.

— Acho que ela será dócil aos seus desejos tanto quanto eu era na Ilha dos Desterrados.

— Por que devo acreditar nisso?

— Já tive uma longa conversa com ela. Tenho certeza de que ela não lhe criará problemas assim que levá-la ao seu jardim dos prazeres.

— Você sabe como afastar um empecilho, não?

— Mas não pedi sua cabeça ao descobrir quais são os planos do Grande Mago Negro.

— Nossa união não comporta a morte, Sheferlu!

— Saberei proteger seus filhos na sua ausência. Agora, ame-me um pouco, Iafershi! Você ainda não deixou de ser o único que satisfaz os meus sentidos do desejo dos prazeres.

— Você tem algo em mente, Sheferlu. O que é?

— Quero que me possua, já que quero ter um filho com Hemofer.

— Mas ele é infértil e saberá que foi traído!

— Disso cuido eu. Quanto a você, cumpra o que lhe pede o seu dom negativo! Iafershi cumpriu com o que lhe ordenava seu dom... com o maior prazer!

Dias mais tarde, já instalado no Templo do Ônix com a dócil Lemifer ao seu lado, Iafershi raciocinava em como dar os seus próximos passos na direção de Habaal.

Lamahoon já dera sinais de que o apoiaria nesse sentido, desde que lhe passasse o comando das operações de Habaal contra o Reino dos Cristais. Com Hemofer satisfeito e dando-lhe todo o apoio, logo tomaria todo o Reino dos Vermelhos para si e dali vergaria o próprio Hemofer ao seu poder, pois Sheferlu o ajudaria nessa parte dos seus planos. Como ela o iludiria de que o filho era dele e não de outro, ele deixara por conta dela!

Foi pensando nisso que ele recebeu no poderoso Templo do Ônix a filha de Habaal.

— Não sabe como é imenso o prazer que sinto em recebê-la em meu novo templo, Pérola Negra!

— Só poderei sabê-lo quando me conduzir ao seu jardim dos prazeres, Iafershi!

— Esta noite mesmo a levarei até ele. Depois disso não encontrará nada igual na Terra, a não ser ao meu lado.

— Lemifer já é sua escrava?

— Como chama de escrava alguém que divide as delícias do jardim dos prazeres comigo?

— Então o que ela é, se deixou Hemofer por você?

— Digamos que ela não era uma mulher feliz nos seus sentidos do prazer, assim como você também não será, a não ser comigo.

— Espero que não me mande de volta ao meu pai.

— Por quê? Algo por lá a incomoda?

— Sim.

— O que é?

— Hafgor, o filho de Bengalor. Ele pediu-me em casamento ao meu pai.

— Quem são Bengalor e Hafgor, Lemifer?

— Vou falar-lhe deles, Iafershi!

Depois de uma longa conversa em que ela falou quem eram eles, o agora Grande Mago do Ônix virou-se para Pérola Negra e falou-lhe:

— Talvez eu tenha de lutar contra seu pai para poder mantê-la ao meu lado, minha Pérola Negra!

— Será que meu pai chegará a tanto?

— Eu sou um Grande Mago Negro e já havia previsto um choque entre nós. Só espero que não seja muito violento.

— Não creio que venha a acontecer, pois isso me deixará muito triste.

— Não se decida sobre nada antes de conhecer o meu jardim dos prazeres. Só depois de visitá-lo poderá saber se vale a pena ou não lutar pelo que mais deseja na vida.

Iafershi serviu-lhe uma taça de saboroso néctar e depois a convidou a conhecer o Templo do Ônix.

— Você nos acompanha, Lemifer?

— Não, Iafershi. Acho que têm sobre o que conversar... a sós! — respondeu ela, sorrindo em cumplicidade.

Ele a levou ao jardim interno do Templo do Ônix e lá ela pode desfrutar um pouco do seu jardim dos prazeres.

À noite ele levou tanto Pérola Negra quanto Lemifer ao seu tão desejado jardim. No dia seguinte já tinha duas belas mulheres aos seus pés e um plano bem delineado para acabar com Habaal, Bengalor e Hafgor.

Conversou longamente com Lemifer a respeito do seu plano.

— Não sei se meu pai irá se arriscar a tanto, meu amado.

— Vá você mesma expor-lhe o meu plano, pois não confio muito em mensageiros. E o que está em jogo é nosso futuro e nossa vida.

— E se falhar?

— Não falhará, minha amada! Já consultei a pedra ônix e tudo nos favorece em nossos planos. No final, só restarão seu pai e eu no domínio do planeta.

— Como posso saber que não irá traí-lo no fim de seus planos?

— Você já tem uma semente minha em seu ventre, não? Você é filha única e herdeira do Trono de seu pai, caso ele faleça. Então nossos filhos herdarão tudo no final!

— Mas e os filhos das suas outras amantes?

— Muitos serão necessários para governar o mundo que está se degenerando em todo o seu corpo humano. Já não existe um só povo isento da viciação. Portanto, tudo terá de ser dominado à força, pois a hierarquia luminosa já não existe mais de fato, e sim só na aparência.

— E você reinará absoluto como o Grande Mago da Pedra Ônix, não?

— Eu e minhas eleitas para viverem no meu jardim dos prazeres. O que é meu também é seu e vice-versa. Nada mais poderá nos separar!

— No meio de tanta traição e falsidade você é o mais coerente de todos, pois ousa dividir seus sonhos com as suas mulheres, Iafershi! Só por isso irei falar com meu pai!

— Diga a ele que o Grande Mago Negro irá propor a Hemofer a anulação do seu casamento com ele e é para seu pai não reagir a isso, pois você está com seus dias contados e se voltar para ele será morta.

— Está certo, meu amado. Amanhã mesmo irei ao encontro do meu pai. Agora, dê-me um pouco do seu amor, pois imagino que irá passar a noite com Pérola Negra.

Capítulo III

O Dualismo Instalase no Reino dos Cristais

Para os planos de Iafershi tudo ia muito bem! Enquanto isso, no Reino dos Cristais, a confusão começava a tomar corpo e o Grande Mago da Luz Cristalina estava muito abatido.

— Como é que se explicam tais ocorrências, Grandes Mestres?

— Não temos como explicá-las, Grande Mago. Tudo acontece à nossa revelia e a situação já nos escapa ao controle.

— Precisamos purificar nosso povo ou a profecia se cumprirá com todo o seu vigor destrutivo.

— Nós sabemos disso, mas parece que o povo não dá muita atenção a ela. Por mais que os sacerdotes cobrem uma conduta dentro dos nossos princípios ancestrais, estes já não ecoam com a mesma força de tempos atrás.

— Pois digam aos iniciados guardiões que redobrem a vigilância em todos os pontos de força onde são realizados os rituais e também ao redor do continente, pois recebemos informações de que vários iniciados, caídos em várias partes do mundo, planejam atacar nosso reino e nos dominar pela força das armas.

— Como isso é possível, Grande Mago? — perguntou um iniciado que comandava as forças de defesa do reino. Como a Humanidade pôde decair tanto após ter chegado a um grau de evolução que demorou milênios para ser alcançado?

— Não sei, iniciado guardião!

— Tem de haver uma resposta satisfatória para esse estado de coisas. Já não está ocorrendo só o desvirtuamento do ritual e sua posterior viciação, mas também lutas fratricidas pelo comando dos povos. Não lutam mais por princípios virtuosos, mas sim pelo domínio das pessoas. A igualdade que balizava os seres se desvirtuou de tal maneira que agora já existem castas, conclaves, ordens, associações etc., que se dedicam a estudar o melhor meio de se apossarem do comando

dos povos. Já não existe mais a hierarquia que norteou a Humanidade por milênios incontáveis e possibilitou-nos uma evolução harmônica e muito virtuosa. Como entender e reagir a esse estado de coisas, Grande Mago?

— Sinto-me impotente, iniciado guardião. Tudo o que colocou como o nosso estado atual é uma verdadeira descrição da loucura como lógica de ação. E não tem respostas em nosso meio. Só um poder muito grande e fora de nosso alcance poderia estar no comando de tal processo.

— Que poder é esse, Grande Mago?

— Ou é a lei ou algum mistério das trevas.

— Bem, se for a lei, nós seremos vergados por ela e lançados nos tormentos do desvirtuamento como forma de purificação. Mas, se for das trevas, o processo de purificação será a provação dos tormentos dos vícios.

— É isso o que eu acho, iniciado guardião. Nós temos feito tudo o que nos é possível e ainda assim não conseguimos deter a degradação das pessoas. Enviamos auxílio aos outros povos, mas a derrocada acontece no nosso corpo interno com a queda dos próprios guardiões das virtudes, para depois vir a dominação externa das forças do mal. Observem como acontecem as quedas dos membros das hierarquias! Eles não lutam e caem sem um motivo aparente. Uma hora é um iniciado que deseja vivenciar um desejo não detectado antes. Outra é um Mago que não se satisfaz com os princípios virtuosos e procura vivenciar os opostos que lhe trazem a ilusão do poder das trevas. Outra hora são sacerdotes que bloqueiam qualquer evolução virtuosa nos seres sob sua orientação religiosa e entregam-se aos princípios viciados.

— Por que a queda dos iniciados, Grande Mago?

— Não sei. Eles deveriam defender os princípios virtuosos e, no entanto, foram os primeiros a cair diante dos princípios viciados. Foram eles que formaram exércitos de adeptos e vergaram os povos aos seus novos princípios, que dão plena satisfação ao materialismo e se esquecem do espírito. Se isso não é o princípio da loucura dos sentidos, então é a loucura dos princípios!

— Como alternativa, só nos resta a força como meio de nos defender dessa ameaça. Mas logo teremos de usá-la para proteger nossos domínios, pois irão nos atacar para acabar com os nossos princípios virtuosos, não?

— Disso não tenho dúvidas. De uma forma ou de outra seremos envolvidos nesse processo de decadência da espécie humana. E mesmo para continuarmos vivendo no meio onde só os princípios virtuosos são aceitos, teremos de adotar o uso da força das armas. Aí já estaremos nos entregando a um princípio viciado, já que as virtudes não são impostas, e sim aceitas de boa vontade como princípios que nos elevam para perto das divindades ancestrais que nos têm guiado por milênios incontáveis, e têm sustentado a formação virtuosa do espírito humano para seu posterior ingresso no reino angelical, reino esse que não comporta vícios de nenhuma espécie!

— Dessa forma, como entender o Criador, que permite a degeneração, quando só as virtudes são aceitas como asseguradoras da evolução e ascensão?

— Não sei explicar isso, iniciado guardião! Mas não tenho dúvidas de que por trás de todo esse processo de viciação do ser humano está a Lei das Formas e Transformações, agindo com todo o seu poder de ação sobre o mental coletivo do planeta.

— Então não adianta lutarmos contra essa degradação coletiva, Grande Mago!

— Só de pensar assim, você já está se entregando a um princípio viciado e se deixando cair pela impotência, iniciado guardião. Lembre-se de que foi codificado na sua origem que deve propiciar aos seres os meios virtuosos pelos quais possam evoluir na Luz até que alcancem o estágio evolutivo angelical. Caso pense de outra forma, estará bloqueando a evolução deles, lançando-os de volta ao estágio dual, no qual não sabiam diferenciar uma virtude de um vício sem antes vivenciar os horrores do segundo para só depois, reduzidos ao nada, despertarem para as benesses do primeiro.

— Mas se teremos de usar a força para manter os princípios virtuosos, estaremos nos desvirtuando e adotando, ainda que para defender as virtudes, um princípio negativo! Como entender esse novo princípio e colocá-lo em ação sem que nos conduza ao uso de novos princípios viciados?

— Partindo do princípio de que a fé exige sacrifícios e a luta. Nesse caso, será o sacrifício pela manutenção das virtudes.

— Então o processo de degeneração nos alcançará de qualquer forma, não?

— Sem dúvida, iniciado guardião! Todo aquele que pegar em armas para lutar por seus princípios virtuosos será lançado no princípio dual que comporta a morte de um semelhante como forma de manter ou impor aquilo que acredita como o meio mais correto de encaminhar o ser humano.

— Nós teremos de lutar, matar e impor pela força os princípios virtuosos. Assim, estaremos nos degenerando e nos afastando das virtudes que tanto defendemos como únicas vias de evolução. Isso é a loucura, Grande Mago!

— Sei disso, iniciado guardião! Mas temos outro meio para manter vivos os princípios virtuosos?

— Não. Por Deus, não nos deixam outra alternativa, já que o diálogo, como solução de toda essa loucura, não encontra ressonância nas mentes viciadas.

— Isso mesmo, iniciado guardião! Os princípios viciados não comportam o diálogo como meio de *desviciação*! Só a vivenciação dos horrores contidos nos seus vícios os alterarão. Compreendeu bem a nossa situação?

— Compreendi, Grande Mago. Qual é sua ordem final?

— Prepare um corpo de iniciados no meio (guardas, soldados etc.) para nos defender da agressão externa.

— Imediatamente. Com sua licença, Grande Mago!

— Mantenha-me informado da evolução dos acontecimentos em todo o mundo, iniciado guardião.

— Sim, senhor.

Após a saída do iniciado guardião que comandava a guarda do Templo da Luz Cristalina, o Grande Mago dirigiu-se aos grandes sábios e falou-lhes:

— Vocês já estão cientes da transformação que se processa! Convoquem todos os mestres e os coloquem a par de minha resolução. Que eles comuniquem ao povo que teremos de adotar o sacrifício que a fé comporta como princípio de manutenção de suas virtudes originais e também como provação ante as aflições que os princípios viciados nos lançam.

— Sim, senhor.

E os grandes sábios foram divulgar o novo princípio da fé que nortearia a formação de um grande exército em armas para a manutenção dos princípios virtuosos da evolução do espírito.

O Grande Mago da Luz Cristalina ficou só e fechou os olhos para meditar um pouco sobre o que havia decidido fazer para defender o Reino dos Cristais da invasão iminente oriunda de outros reinos, já dominados pelos vícios.

Ele nem notou a entrada de Sher, que permaneceu em silêncio até que saísse do seu estado de meditação. Quando ele abriu os olhos e a viu, perguntou-lhe:

— Faz tempo que chegou?

— Sim, senhor. Acho que o senhor está preocupado.

— Estou com muitas dúvidas, minha filha. Sabe do que me recordava?

— Não penetrei em seus pensamentos, Grande Mago!

— Sei que não faria isso, mas é meu hábito falar assim. Recordava-me de Ialutá.

— Por quê?

— Ainda posso ouvir claramente sua voz e sentir sua angústia quando dizia que aquela era a única alternativa que lhe restara para solucionar os tormentos do desejo.

— O que tem isso a ver com os nossos atuais problemas?

— Nós não temos problemas, Sher. O que nos aflige são tormentos! Entenda que nós compreendemos que os vícios são princípios dualistas que não comportam a ascensão do espírito, mas tão somente a ilusão dos sentidos. Então nós estamos sofrendo tormentos provenientes dos vícios vividos por outros povos.

— Ainda não o entendi.

— É tão simples que se torna difícil de compreender. Nós trabalhávamos para impedir a viciação do nosso meio e nos esquecemos de que só nos restou como última alternativa o uso da força.

— Teremos de adotar certos princípios viciados se quisermos conservar os virtuosos, não?

— Exatamente. Antes nunca precisamos de exércitos para a manutenção da doutrina, pois ela era baseada em princípios tão puros que os dispensavam. Mas agora, em função da ameaça externa, somos forçados a formá-los senão seremos subjugados pela força bruta dos povos viciados. Ou nos defendemos da ameaça externa ou a invasão e posterior domínio do Reino dos Cristais nos lançará num tormento ainda pior.

— Primeiro vem a formação de um exército e com ele o princípio viciado da luta, que comporta a morte dos semelhantes como meio de vitória, não?

— Sim, Sher. E depois vem a opressão dos princípios da força bruta e todas as reações em cadeia que ela desperta no ser humano.

— O senhor ligou os nossos tormentos aos de Ialutá. Mas onde está a ligação se ele caiu pelos desejos que o torturavam e nós sofremos uma ameaça externa? Ele podia ter-se controlado, equilibrado e harmonizado e assim evitaria o tormento que os desejos lhe causavam!

— Aí é onde todos nos enganamos! De que nos adiantou manter o Reino dos Cristais isento da viciação interna se do lado externo não nos dão condições necessárias para que possamos vivenciar nosso virtuosismo?

— Mas...

— Não deixei de pensar na frase dele que mais me marcou: não me deixaram outra alternativa!

— Mas se ele tivesse se contido e se reequilibrado, logo se casaria e, assim, de uma forma racional, daria vazão à sua carga emocional acumulada. Afinal, eu também sofria as sensações desagradáveis que o acúmulo dessas energias de desejo nos causa. Isso não justifica sua queda e só a tornou ainda mais condenável. Demonstrou que não estava apto ao posto que seu grau de iniciado na origem lhe conferia.

— Mas ainda assim há uma lógica perversa atuando sobre ele.

— Mais condenável tornou-se sua queda, porque ele deveria ter dominado os impulsos que os seus desejos enviavam ao mental. Todo o mistério vibratório, energético e magnético do mental humano era conhecido por ele e, ainda assim, não usou dos meios disponíveis para raciocinar que o desejo devia ser anulado em seu emocional, já que somente assim traria de volta o equilíbrio necessário para cumprir seus deveres como iniciado guardião e concluir mais um estágio em sua evolução.

— Você não o perdoa, não é mesmo?

— Não, senhor! Quanto mais penso nos motivos de sua queda, mais encontro motivos para achá-lo um fraco e sujeito à influência dos vícios. Não sei se morreu na Ilha dos Desterrados ou se conseguiu evadir-se para outro continente, mas tenho certeza de que já se entregou a defeitos piores.

— Disso não tenho dúvidas. Mas creio que você deve perdoá-lo.

— Por que o senhor o defende?

— Pelo que disse num momento de desespero logo após a visita de sua mãe à cela onde ele aguardava o desterro.

— O que ele disse?

— “Meu Deus, por que permitiu que eu viva o inferno na carne?”

— Isso foi apenas uma tentativa de imputar a Deus um erro pessoal. Geralmente é isso o que fazem todos os que caem, não?

— É verdade! Mas suas palavras tinham um sentido de inevitabilidade e insatisfação com o inferno que se avizinhava como sua desgraça pessoal.

— Discordo do senhor nesse ponto, Grande Mago! — Sher foi tão taxativa ao dizer isso que até o surpreendeu.

— Você está deixando que um princípio viciado tome conta do seu emocional, Sher. Volte a raciocinar com o conhecimento e conseguirá entender o que estou lhe dizendo. Ialutá não culpou Deus pela sua queda. Apenas reclamou por Ele não ter deixado outra alternativa além daquela.

— Desculpe-me se me excedi na defesa do meu princípio que não comporta o dualismo num ser humano. Na verdade, sofri muito após a queda dele e encontrei em sua condenação o alívio para minha dor!

— Eu a compreendo, minha filha. Deve perdoar-lhe a queda. Somente perdoadando-o você poderá, no futuro, ajudá-lo a livrar-se das trevas que o acolherão após desencarnar.

— Não sei se tentarei isso no plano maior do espírito. Para mim ele é um ser das trevas e, como tal, deve ser evitado.

— Saiba que mesmo um ser caído nas trevas deve receber de alguém o exemplo da piedade e do perdão para que possa reiniciar sua longa jornada rumo à luz.

— Talvez o tempo mude minha atitude em relação a alguém tão fraco quanto ele.

— Um dia, e somente nesse dia, saberá se é ou não a melhor coisa a fazer!

— Essa frase dita por ele o marcou muito, não?

— Não foi apenas ele quem a pronunciou com insistência. Outros iniciados na origem que caíram depois dele também a pronunciaram.

— Mas...

— Tenho tentado decifrar isso e chego à dura conclusão de que a indução à queda de tantos iniciados na origem não é obra do acaso. Parece uma ordem que não pode ser desobedecida por eles.

— Estou tentando entender o seu raciocínio.

— Tentarei ser mais objetivo, Sher. Os iniciados que caíram falaram em um "dia", quando seriam compreendidos. Mas somente os iniciados na origem, e não os iniciados no meio! Os iniciados na origem sabem qual é o sentido de suas quedas! E mesmo sabendo que vivenciarão o inferno na carne não evitam ou desobedecem à ordem que os está levando ao encontro de tormentos dos princípios viciados. Eles sabiam que a queda seria inevitável e que, se não caíssem através da única alternativa deixada a eles, seria muito pior, pois estariam desobedecendo não aos princípios virtuosos, mas a quem os sustenta.

— Que força maligna é essa que os induz? Isso, aceitando seu raciocínio, é o dualismo que comporta o uso de um princípio viciado como alternativa, certo?

— Não sei se ela é maligna ou não. Mas que existe uma força, tenho certeza de que sim!

— Assim crendo, o senhor está aceitando o dualismo que está se apossando de todos os povos e só a duras penas estamos conseguindo evitar que se estabeleça em nosso meio!

— Não estamos evitando nada, Sher! Ele já se estabeleceu desde que fui obrigado a ordenar a formação de um corpo especial só para defender o nosso meio ainda virtuoso. De agora em diante, outros princípios das trevas da ignorância se estabelecerão entre nós com uma rapidez fantástica.

— Se todos pensarem como o senhor, não duvido de que isso venha a acontecer, Grande Mago!

— Sua condenação a Ialutá não lhe permite entender o que estou tentando explicar tão claramente. Nós fomos lançados no dualismo, mesmo contra a nossa vontade, senão o nosso meio se desintegrará assim que formos invadidos por qualquer um dos povos já dominados pelos princípios viciados. Ou lançamos mão de um mistério das trevas que é o uso da força ou seremos dominados por aqueles que virão nos vergar com o uso dessa mesma força! Ou codificamos como certa a formação de um exército e o treinamos para a luta colocando-o em condições de repelir ou até mesmo matar quem invadir nosso reino ou em breve todo o nosso virtuosismo desaparecerá de nosso meio. Compreende que não nos restou outra alternativa para evitar nossa ruína total? Ou adotamos um mistério das trevas como meio de defender nossa via de evolução e modo de vida, ou seremos extintos da face da Terra? É tão difícil assim entender o grito de desespero que agora também ecoa no meu íntimo: meu Deus, por que permitiu a mim ter de viver na carne um mistério das trevas? O inferno já se mostra nessa tentativa de defendermos os princípios virtuosos que nos tem guiado por vários milênios, Sher!

— Desculpe-me ter posto sua sabedoria em dúvida. Acho que meus sentimentos turvam a compreensão de um raciocínio tão claro como o seu. Mas, por que ele, um iniciado na origem e um dos 21 que acompanham o Divino Mestre desde a Sua vinda ao nosso planeta?

— Isso não consigo descobrir. Por que o Divino Mestre iria permitir que um iniciado Seu não tivesse outra alternativa senão a queda ante um mistério das trevas, e que, caso a recusasse, seria pior, pois estaria desobedecendo a uma ordem que não comportava a desobediência? Por que detecto no plano material mais outros seis iniciados na origem que sempre são conduzidos nas suas ações pelo Divino Mestre? E também por que todos os seis caíram?

— Como soube disso?

— Um Grande Mago tem seus meios, minha filha.

— Desculpe-me, havia me esquecido disso.

— Então, diga-me: por que tantos iniciados na origem estão caindo sem lutar contra as trevas da ignorância?

— Agora compreendo sua angústia, Grande Mago!

— Fico menos preocupado então, minha filha. Diga-me, o que a trouxe até aqui?

— Vim falar-lhe de sua filha Âmbar, Grande Mago.

— O que houve com ela?

— Desde que ela fez a iniciação dos sete anos, percebo nela uma mudança. Creio que algo a está incomodando.

— Não descobriu o que é?

— Ainda não.

— Vamos vê-la agora mesmo. Sinto que uma vibração maligna está se formando no interior do Templo da Luz Cristalina.

O Grande Mago foi ver sua filha e depois de examiná-la, perguntou-lhe:

— O que há com você, querida?

— Não tenho nada, papai.

— Você está tão triste!

— Sinto saudade de mamãe.

— Já lhe falei que deve aceitar a ausência dela. Todos estamos sujeitos à morte.

— Eu sei, papai. Mas não posso evitar a tristeza.

— Está certo, minha filha. Vamos sair um pouco?

— Para onde me levará? — perguntou ela, já sorrindo.

— Vamos ao jardim, pois vou contar-lhe a história de uma florzinha muito triste só porque se sentia solitária no meio de um imenso jardim florido.

— Por que ela era triste se estava no meio de tantas flores?

— Bem, depois que contar-lhe o porquê, verá que esta florzinha tem muito a ver com uma menininha muito triste que nós dois conhecemos. Vamos ao jardim?

— Sim, papai!

Enquanto caminhavam no meio do florido jardim, o Grande Mago contava a história da florzinha triste à sua filha Âmbar. Sher olhava para ele com admiração: como era sábio e paciente! Ele sempre tinha tempo para resolver os pequenos, mas delicados problemas das pessoas à sua volta. Depois de ouvir o conto e voltar a sorrir, Leish Âmbar pediu-lhe algo:

— Papai, posso voltar ao Grande Templo da Luz Azul?

— Por quê? Não é feliz aqui?

— Não é isso, papai! Ele fica à beira-mar e posso banhar-me nas águas marinhas todos os dias.

— Vou ver o que posso fazer nesse sentido, Leish.

— O meu padrinho irá visitá-lo na semana que vem e disse-me que, se o senhor permitir, ele me levará junto.

— Está certo. Vou falar com ele se isso a deixa feliz.

E assim, Leish Âmbar voltou a ser a menina saltitante de antes da morte de sua mãe.

Mas, enquanto isso, no outro extremo do planeta, Lemifer conversava com seu pai, o poderoso Mago que dominava o reino dos brancos.

— Não posso consentir com a morte de Habaal, minha filha! Ele será de muita utilidade quando invadirmos o Reino dos Cristais.

— Iafershi lhe será muito mais útil, pois conhece muito bem os costumes daquele povo, além de desejar o domínio do Grande Templo da Luz Cristalina!

— Aí está o meu receio em apoiá-lo. Em caso de vitória, ele tentará aposar-se de todo o reino e me deixará de fora na partilha.

— Estarei ao lado dele nesse dia, papai! As vitórias dele, indiretamente, serão suas já que trago em meu ventre um filho dele.

— Isso muda um pouco o quadro. Fale-me de Iafershi!

Lemifer falou tudo o que sabia dele, até mesmo que o Grande Mago Negro também participara de sua queda ao auxiliar Lushmer e seu grande mestre infiltrado no Templo da Luz Cristalina.

— Bem, ele é quase igual a mim, Lemifer!

— Por quê?

— Ora! O Grande Mago Negro não iria ensinar-lhe tudo o que sabe. Esse é um risco que ele não costuma correr. Além do casamento com a filha, ele deve possuir outro trunfo contra Iafershi que, além de jovem, não resiste a uma bela mulher. Esse é o ponto fraco do seu amado Grande Mago do Ônix!

— Como assim, papai?

— É muito simples, filha! Quando o Grande Mago Negro se cansar ou não precisar mais dele, arrancará seu espírito do corpo unicamente com o envio de uma imagem perfeita ao jardim dos prazeres que ele tanto visita. Essa será a queda definitiva do seu iniciado, cujo espírito será escravo de uma miragem que o enlouquecerá, já que só existirá em seu subconsciente.

— Puxa! Como o senhor entende dos mistérios das trevas!

— É por isso que sou tão respeitado e Hemofer não ousou causar-lhe mal algum além de desvencilhar-se de você. Espero que esteja sendo mais feliz com seu Grande Mago do Ônix do que era com aquele verme!

Lemifer acariciou o ventre com ternura e falou:

— Disso não tenha dúvidas, papai. Iafershi caiu por amar e deseja a nós, as mulheres. Isso o torna incomparável aos meus olhos. Além do mais, dividi-lo só me dá maior satisfação. Assim nunca se cansará de mim como aconteceu com o canalha do Hemofer, que me recusou como se fosse uma imprestável.

— É, isso não me agradou, minha filha. Além de você ser jovem e bonita, ele não foi homem para dar-lhe um filho.

— Quanto a Iafershi...

— Está certo. Você me convenceu! Vou auxiliá-lo, mas não será da forma que me pediu, e sim ao meu modo.

— Qual é o seu plano?

— Não atacarei Bengalar, pois despertaria Hemofer de sua ilusão e seria muito perigoso para mim ter de enfrentá-lo neste momento em que parte dos meus exércitos invadiram o Reino dos Cristais. Não poderia sustentar uma luta em três frentes ao mesmo tempo!

— Então como auxiliará Iafershi contra Habaal?

— Não auxiliarei Habaal e Bengalar, caso eles se aliem contra Iafershi.

— Então meu amado terá de contar só com suas próprias forças e nada mais?

— Somente assim ele provará que merece ser seu marido e pai do meu neto, que um dia haverá de dominar o mundo sozinho!

— Bem, isso não o deixará muito feliz.

— Você saberá como alegrá-lo se ele sair derrotado, minha filha!

— Papai!!!

— Deixe-me a sós, pois preciso meditar sobre os meus próximos movimentos.

— Vou partir imediatamente, papai! Envie-nos notícias dos seus sucessos na invasão do Reino dos Cristais.

— Eu a manterei informada, Lemifer. Cuide-se, pois as pedras estão muito instáveis e poderá pisar em falso caso não olhe bem onde põe seus pés.

— Tentarei agarrar-me ao meu ônix e fazê-lo brilhar cada vez mais!

— Não o deixe brilhar muito. Sua luz poderá ofuscar-me e isso é o que mais incomoda os meus sentidos.

— Está certo, papai. Também o manterei informado dos sucessos de Iafershi, pois no caso de ser derrotado logo o conhecerá pessoalmente.

— Não gosto de abrigar um derrotado!

— Nem o pai do seu neto?

— Somente por causa disso o acolherei caso não saia vencedor da luta que irá travar.

— Até outro dia, papai!

— Até, Lemifer!

Assim que ela embarcou de volta para o Grande Templo do Ônix, Lamahoon trancou-se no seu santuário mais oculto e olhou quem era Iafershi. Descobriu mais coisas além das que sua filha sabia. Somente após ter visto em Iafershi tudo o que poderia pô-lo sob seu domínio, saiu de sua concentração.

— Então você é mais vulnerável do que imaginei, Iafershi! Eu o destruirei quando bem entender e Lemifer nunca descobrirá nada!

Ele deu uma gargalhada de satisfação, pois já sabia que nada tinha a temer do emergente Grande Mago do Ônix, nem todos os mistérios do ônix, o Grande Mago Negro, havia lhe ensinado. Certamente os Magos Negros de Habaal ou o próprio Bengalor o matariam assim que a luta se iniciasse.

Assim que Iafershi ouviu Lemifer falar da observação de seu pai sobre o poder que o Grande Mago Negro usaria para destruí-lo, recolheu-se ao seu aposento e pôs-se a meditar.

Olhou para o grande ônix à sua frente e pensou:

“Certamente ele também não me revelou todos os mistérios do ônix. É hora de eu mesmo decifrar meu poder para melhor poder usá-lo quando o momento decisivo chegar.”

Iafershi adormeceu suas duas companheiras e quando a meia-noite chegou, saiu sorrateiro do Grande Templo do Ônix rumo à beira-mar. Já havia passado da meia-noite quando se sentou ritualisticamente e invocou o gênio que já havia visto uma vez.

Assim que este se tornou visível perguntou-lhe:

— O que deseja de mim, iniciado guardião?

— Preciso conhecer todos os mistérios do ônix e como aplicá-los com sabedoria, pois fui eleito o seu Grande Mago. Pode fazer isso por mim?

— Sim. Mas e quanto a você, já está preparado para conhecer todos os mistérios e poderes do ônix?

— Não sei se estou preparado, mas sei que, ou os conheço, ou logo estarei morto. Como não posso morrer em meio ao inferno que se está formando a minha volta, então me arrisco.

— Concentre-se que o levarei ao interior do ônix.

Iafershí foi levado pelo gênio guardião do lado negativo das águas marinhas ao interior do ônix, a mais poderosa das pedras negras!

Somente retornou a seu corpo ao amanhecer já com todo o mistério revelado e o poder concentrado em suas mãos. Então comentou:

— Maldito Grande Mago Negro! Seu falso e traidor! Ainda pagará muito caro por iludir-me, fazendo-me acreditar que já era o Grande Mago do Ônix. Só que não contava com meu poder de iniciado na origem para proteger-me de seres iguais a você! Antes de movimentar-me contra Habaal, vou decifrar os mistérios das Sete Pedras Negras e aí sim, serei um Grande Mago.

— Como poderia ser um Grande Mago se só conhecerá os mistérios e poderes das Sete Pedras Negras, iniciado?

Iafershí assustou-se ao ouvir tal coisa e virou-se de um salto para ver quem o vigiava.

O que viu deixou-o mais tenso ainda.

— Quem é o senhor?

— Sou aquele de que lhe falou o gênio do ponto de força onde você tirou o oráculo que selou seu destino na senda dual.

— Larrin?

— Eu mesmo, Ialutá!

— Como soube que eu era Ialutá e estaria aqui?

— O ar ouviu tudo. Vim para completar o seu oráculo!

— Como?

— Primeiro, descubra todos os segredos, mistérios e poderes das Sete Pedras Negras. Somente então assumirei a sua formação como Grande Mago dos Sete Sons.

— Está certo, iniciado Larrin. À meia-noite voltarei aqui para começar a dominar todas as Sete Pedras Negras.

— Eu o assistirei nessas iniciações, iniciado Ialutá!

— Fico grato pela sua chegada. Procurei ocultar-me o melhor possível.

— Sei disso e quando isso não lhe foi possível, o ocultei. Mas já é hora de você mesmo aprender a ocultar-se, senão logo cairá diante do poder de Bengalor. Ele é mil vezes pior que Habaal e tão poderoso quanto Lamahoon. Foi por isso que ele não quis auxiliá-lo na luta que planeja iniciar contra os dois.

— Então o inferno ainda não iniciou sua revolução!

— Não. Mas dentro de pouco tempo mostrará suas garras contra o Reino dos Cristais e outros reinos. Quanto à sua nova amante, Pérola Negra, ela tem ordens do pai para vigiar seus movimentos e, em comum acordo com Bengalor, atacarem Hemofer assim que você entrar nos domínios dele.

— Eles atacarão o Reino dos Cristais?

— Já devem estar fazendo isso neste momento. Mas avisei o Grande Mago da Luz Cristalina há algum tempo. Somente espero que ele tenha tomado as providências necessárias.

— Suas mensagens chegam de que forma até ele?

— Através de mensageiros confiáveis.

— Saiba que o grande mestre que iniciou a filha do Grande Mago da Luz Cristalina é um servo de Lushmer, o Sexto Sentido das Trevas.

— Meu Deus!!! — exclamou estarecido Larrin, o Grande Mago do Ar.

— Ele é o seu contato dentro do Templo da Luz Cristalina?

— Sim — respondeu Larrin, abatido.

— Então cheguei muito tarde ao posto de Grande Mago do Ônix. Até parece que há um jogo de traição entre a luz e as trevas e nós estamos nos movendo com toda a impotência característica dos que participam de uma disputa entre dois adversários mais poderosos que têm suas próprias regras, que são desconhecidas para nós.

— É isso mesmo, iniciado Guardião da Estrela. Nós possuímos um poderoso exército, mas vamos ter de direcioná-lo para a defesa do Reino dos Cristais. Só assim eles terão tempo de se preparar melhor.

— E quanto ao grande mestre traidor?

— Alguém irá pessoalmente até o Grande Mago da Luz Cristalina para que o afastem de vez do centro das decisões.

— Mas ele pode ter infiltrado outras pessoas no interior do Grande Templo dos Cristais, Larrin.

— Sem dúvida. Mas o Grande Mago poderá detectá-los mais facilmente, Ialutá.

— Iniciado do ar, como vamos alcançar uma vitória num meio tão traiçoeiro, instável e movediço como é o das trevas?

— Usando tanto o próprio poder delas quanto o da luz.

— O dualismo.

— Exatamente. Não esmoreça agora, pois outros iniciados na origem que se mantêm fiéis às ordens recebidas estão se movendo em várias partes do planeta. Na hora certa haverá uma confluência de iniciativas que preparará a Humanidade para o próximo estágio de evolução.

— Sabe, iniciado do ar, se eu não soubesse que isso é inevitável pode ter certeza de que já teria me suicidado.

— Nunca, mas nunca mesmo faça isso! O duelo é entre a luz e as trevas, e nós somos os únicos instrumentos que a luz dispõe neste jogo de forças para manter vivos os princípios virtuosos.

— Mas as trevas infiltram-se na luz com uma ousadia incomum.

— Mas a luz está agindo da mesma forma. O que são vocês senão infiltrações bem planejadas para levar a desarmonia às sete cabeças do mal? Logo saberá o nome dos outros iniciados, magos, sábios, mestres e sacerdotes que são infiltrações nas forças das trevas para que não os confunda com inimigos a serem abatidos.

— Está certo. Agora vou voltar ao Templo do Ônix e meditar para ver se encontro um meio de iludir Pérola Negra para que me entregue a cabeça do próprio pai.

— Faça isso, iniciado da Estrela. É o mínimo que fará pela luz.

— E o máximo, qual é, iniciado do ar?

— Decapitar Lamahoon, Bengalor, o Grande Mago Negro, Labasher, Lamishor, Lushmer, Hafgor e uma infinidade de caídos na carne ou iniciados na origem para servirem às trevas.

— Alguns nomes que citou eu desconheço.

— Eles formam as Sete Cabeças ou os Sete Sentidos das Trevas. Eles são os seus adversários e o fim de suas quedas sob a orientação do ancestral místico das formas e transformações.

— Eu sei que os futuros habitantes deste planeta são de um estágio em que a evolução está muito atrasada, Mago do Ar. Mas por que encerrar desta forma algo tão belo como o nosso meio evolucionista?

— Há uma abertura total, Ialutá. A lei está vigiando cada um dos envolvidos no calor da luta entre os dois princípios para ver quem realmente está apto a alcançar as grandes esferas luminosas e, a partir delas, dirigir o novo estágio de evolução da espécie humana que ainda não alcançou os dons das virtudes, mesmo com toda a generosidade do nosso amado Deus.

— Onde ficamos nós, que sabemos de tudo e ainda assim temos de nos calar e violentar todos os princípios que nos têm guiado através dos milênios nesta luta sem fim entre luz e trevas?

— Devemos ficar ao lado da Lei, pois foi em função dela que fomos iniciados na origem e a temos codificado em nossa herança genética divina como o princípio e o fim de tudo. Mas para que ela alcance seu fim, é preciso atravessar o longo vale escuro onde habitam os sete sentidos negativos que trazemos em nós, que são os opostos das sete virtudes originais. Nunca deixe de crer nisso e sobreviverá!

— Está certo. Cumprirei com empenho total a ordem recebida.

— Ótimo, Ialutá! É o mínimo que pode e deve fazer. Até a noite!

Os dois homens despediram-se e Ialutá, ou melhor, Iafershi voltou ao Grande Templo do Ônix. Assim que chegou, foi direto aos seus afazeres como Grande Mago do Ônix.

Enquanto dava as ordens rotineiras, refletia sobre tudo o que estava ocorrendo e também em como não dar um passo em falso na sua escalada rumo ao poder. Por fim chegou à conclusão que o Grande Mago Negro era o seu aliado mais perigoso e teria de concentrar seu poder mental sobre ele se quisesse derrotá-lo.

À tarde, ao lado das suas duas amantes, dedicou-se ao seu dom negativo. Pouco pôde descansar antes de voltar, à meia-noite, à beira-mar e penetrar nos mistérios das sete pedras negras.

Seu único ponto de apoio consistia em não ser descoberto nas suas novas iniciações, que o tornariam imune aos outros Grandes Magos dos Mistérios das

Trevas. Dedicou-se unicamente às duas mulheres que o agradavam e controlou seus impulsos quanto às belíssimas servidoras do Grande Templo do Ônix.

Não se descuidou do que mais lhe interessava, que era a formação de um poderoso exército de guardiões vermelhos nos territórios sob seu domínio. Quando terminou com os Mistérios das Sete Pedras Negras, Larrin abriu-lhe todos os mistérios do ar. Após dominá-los, se sentiu mais confiante e comentou com seu novo iniciador.

— Agora já posso mover-me com mais desenvoltura, iniciado do Ar.

— Ainda não, iniciado da Estrela! É hora de dominar todos os Mistérios das Sete Cores.

— Mas o tempo corre contra mim, Larrin!

— Não se preocupe, pois os seus três maiores adversários estão ocupados com a invasão do Reino dos Cristais. Isso lhe dará tempo para terminar de preparar o seu exército. Só então você poderá lançar-se com sucesso contra Habaal e dominar todo o Reino dos Vermelhos.

— Temo que a filha dele o vire contra mim de uma hora para outra, pois só tenho o meu dom negativo para mantê-la ao meu lado. Ela é muito mais esperta do que eu imaginava!

— Após dominar os Mistérios das Sete Cores, lhe darei um conhecimento que a tornará sua virtuosa escrava. Agora vamos até alguém que está a nossa espera.

— Quem é?

— Um iniciado que nos acompanha desde nossa origem comum. Ele também é um dos 21 Guardiões originais que acompanham o Divino Mestre.

— Qual o grau de confiabilidade dele?

— Total. Ele também está sendo preparado para o confronto final com as sete cabeças do mal.

— Está certo! Onde temos algo em comum?

— Ele será o comandante do seu exército em formação. Conhece toda a arte da guerra e domina todos os mistérios da Morte.

— Ótimo. Assim me livro dos homens de Hemofer.

— Seja cauteloso!

— Eu os enviarei ao Templo do Diamante Negro, onde os alojarei.

— Assim é melhor.

Iafershi conheceu Iasilet, o outro iniciado na origem e Guardião das Sete Espadas da Morte.

Quando Iafershi retornou ao Templo do Ônix, já tinha um iniciado na origem para acelerar a formação do seu poderoso exército de seres humanos já caídos no dualismo materialista. Assim que se livrou dos homens de Hemofer, Iasilet lançou-se com desenvoltura na formação do poderoso exército de Iafershi.

— Quem é seu novo iniciado, Iafershi? — perguntou-lhe Pérola Negra.

— Eu o convidei a ficar no Grande Templo do Ônix. É um iniciado que caiu há algum tempo e era observado por mim.

— Então era por isso que você andava tão ocupado nos últimos dias?

— Exatamente. Vou ver se arregimento mais alguns iniciados que estão numa prisão no Reino dos Vermelhos, ainda não conquistado por nós.

— Para quê?

— Ora, como vou ser um Grande Mago se não tiver alguns iniciados ao meu lado?

— Bem, isso é verdade — concordou Pérola Negra. — Eu não gostaria de viver ao lado de um homem que tem de fazer tudo sozinho.

— Por que não?

— Como iria ter tempo para nós, suas iniciadas no jardim dos prazeres?

Iafershi sorriu de suas palavras e depois perguntou-lhe:

— E como vão suas relações com seu pai?

— Um pouco abaladas, creio eu!

— Ele não está exigindo sua volta para que se case com Hafgor?

— Por enquanto não.

— Hafgor desistiu de suas pretensões?

— Não.

— Então?

— Creio que devem ter algo mais importante a ocupá-los.

— Compreendo!

— Você está preocupado, Iafershi?

— Sim, Pérola Negra. Caso eles iniciem uma guerra contra mim, vou ficar isolado, pois os vermelhos estão preparando um exército muito poderoso para tentar recuperar seus antigos domínios e logo poderei ser atacado. Foi por isso que enviei os guardiões negros ao Templo do Diamante Negro.

— Por quê?

— Ora, Pérola Negra! Não percebe o quanto é importante a manutenção daquele templo? Se ele sofrer um ataque e cair, nós ficaremos vulneráveis em duas frentes, pois dos lados do Templo da Safira já colhemos indícios de intensa movimentação de tropas do outro lado do grande rio. Conto com os guardiões negros para a defesa do Templo do Diamante enquanto preparo, o mais rápido possível, outro exército só de vermelhos para a defesa dos Templos do Ônix e da Safira. Por isso preciso de vários iniciados caídos a meu lado. Eles poderão convencer os vermelhos a lutar por mim e, ao mesmo tempo, convencer os habitantes da região de que estão sendo protegidos, e não escravizados!

— O que diz Hemofer sobre suas iniciativas?

— Nada. Foi ele quem me ordenou tal coisa. Vim para dar aos vermelhos a sensação de que não são escravos dos negros, mas sim aliados.

— Muito sábio o poderoso Hemofer. Mas e quanto ao Grande Mago Negro?

— Ele tem seus próprios planos e meios de executá-los.

— E seus planos de tomar os territórios vermelhos de Habaal, Iafershi? — perguntou Lemifer, provocativa.

— Eu penso racionalmente Lemifer! Se Habaal tentar tomar-me Pérola Negra, uma mulher que amo, vou lutar contra ele, pois não vou abrir mão de uma

das mais encantadoras moradoras do meu jardim dos prazeres. Além do mais, Hafgor já é chefe de um poderoso reino e não hesitará em usar o poder do próprio pai, o Grande Mago Negro Bengalor, para eliminar Habaal de uma forma muito sutil só para apossar-se de vez dos seus domínios no Reino dos Vermelhos.

— Você acredita nisso, Iafershi? — perguntou uma assustada Pérola Negra.

— Não sei ao certo, mas ouvi uma sutil insinuação do Grande Mago Negro, e peço que fique aqui comigo, pois prefiro correr o risco de uma guerra com seu pai e fazê-lo recuar dos territórios conquistados a deixá-la correr um risco dessa magnitude.

— Muito nobre de sua parte, Iafershi! — exclamou Pérola Negra.

— Entendam, as duas, algo muito importante: nós temos algo muito forte a nos unir! Eu as considero os amores dos meus sentidos dos prazeres e não vou permitir que venham sofrer algo que também me fará sofrer muito. Meu dom negativo não comporta a perda de vocês.

— Mas comportou a perda de Sheferlu e o afastamento de Lisharize! — exclamou Lemifer.

— Você está enganada, minha amada. Sei que sou muito fraco como Mago e não poderia interferir nos planos do Grande Mago Negro. Quanto a Sheferlu, ela atua em faixa própria. Se Hemofer deixou você, foi porque ela o convenceu que eu a amava, e que assim evitaria um confronto com seu pai caso a matasse. De certa forma sou o Anjo Negro que as protege de um fim muito doloroso para vocês e triste para mim, pois sem suas presenças a meu lado meu jardim dos prazeres não será tão feliz.

— Diga-me, Iafershi, até onde posso confiar em você? — perguntou Pérola Negra.

— Até onde quiser, pois tenciono torná-la senhora de todo o Reino dos Vermelhos, isto é, caso possa contar com sua confiança e lealdade. Não gosto muito de ter de ficar despachando com os encarregados dos negócios a maior parte do meu tempo. Afinal, tenho coisas mais prazerosas a fazer sem desgastar-me tanto!

— Por que você é assim, Iafershi?

— Assim como, Lemifer?

— Quer conquistar, mas não deseja assumir suas conquistas.

— Aí é que você está enganada, minha amada. Minhas conquistas são vocês e não o Grande Templo do Ônix ou as terras à volta deles. Das minhas amadas tenho ciúme, pois o meu dom negativo comporta o ciúme como um de seus recursos. Já as conquistas materiais, dedico a vocês, minhas amadas! Sei que isso as agrada e as tornará as mulheres mais felizes e poderosas da face da Terra!

— Não acredito nisso, Iafershi! — exclamou Pérola Negra.

— Qual o seu dom negativo, minha amada?

— Não sei!

— Como não?!

— Ora, meu pai somente realizou os rituais comuns a todas as meninas de minha idade, e nada mais!

- Ele não realizou a sua iniciação dos 13 anos?
- Só houve um ritual no qual reafirmamos lealdade a uma divindade dos Mistérios Negativos.
- E você, Lemifer? Qual o seu dom negativo?
- O poder, Iafershi!
- O que pode me dizer sobre ele?
- Sou movida pelo desejo do poder.
- Então possuir-me satisfaz o seu dom?
- De certa forma, sim!
- Tão pouco assim?
- É.
- Como você sabe que seu dom negativo é o desejo do poder se antes não conheceu o seu dom virtuoso e todos os seus princípios luminosos?
- Como assim?
- Simples! Se não conhece seu dom original, então qualquer dom negativo pode ser seu. Só que sempre será uma mulher vazia que se satisfará com qualquer tipo de poder.
- Para onde você está nos conduzindo e onde pretende chegar?
- Sou um iniciado na origem, esqueceram-se disso?
- O que isso tem a ver conosco? — perguntou Pérola Negra.
- Você sabe se é uma iniciada na origem?
- Não.
- E no meio?
- Também não — respondeu ela, intrigada.
- E quanto a você, Lemifer? O que você sabe?
- Bem, nada sei. Meu pai não me revelou o que viu em minha ancestralidade.
- Estão vendo! Vocês são só meios para eles realizarem seus instáveis, traiçoeiros e pouco felizes acordos.
- Bem, é assim que tem sido há muito tempo, e você não poderá alterar isso.
- Aí é que vocês se enganam. Cai para realizar um desejo. Mas não precise matar, roubar, blasfemar ou renunciar a nada para concretizá-lo.
- Eu também não fiz nada disso! — exclamou Pérola Negra, a mais interessada na conversa.
- Então você ainda possui todas as condições de descobrir quem você já foi, e o que é hoje, minha amada. Somente sabendo isso sobreviverá em meio a tantos acordos falsos, que apenas servem para ocultar objetivos não revelados.
- Como posso conseguir isso?
- Um dia desses abra-lhe as portas da verdadeira iniciação. Antes preciso de um pouco de paz nas fronteiras, pois só assim poderei reassumir meu posto de iniciado e proceder a um verdadeiro ritual de iniciação.
- Virando-se para Lemifer, ele perguntou-lhe de chofre:
- Era feliz com Hemofer?
- Não: Eu o odiava, e ainda o odeio!

— Então seu dom negativo não é o poder. Se fosse, teria ficado feliz por dividir com ele o posto de chefe de todo um povo. Também teria lutado para mantê-lo, em vez de ficar grata a Sheferlu por livrá-la da presença incômoda e perigosa de Hemofer. Com todo o meu conhecimento de iniciado na origem, digolhe que você é mais uma mulher que está agindo como eles querem que ajam.

— Iafershi, você está querendo nos confundir?

— Não, minhas amadas. Somente quero ajudá-las a se conhecerem melhor, e nada mais! Só assim saberei se poderão assumir suas verdadeiras vocações, e não estas que as estão iludindo.

— Por que deseja isso se só lhe agradamos por lhe dar prazer?

— Não o recebem também?

— Sim! — exclamaram ambas.

— Então temos um princípio virtuoso a nos unir. Nós realizamos trocas de sensações de prazer e emoção. Nossos relacionamentos não são viciados na origem, mas sim no meio. Mas posso solucionar isso e então serão trocas codificadas como princípios virtuosos.

— Como?

— Sou o Grande Mago do Templo do Ônix e pretendo tornar legal e positivo o que os antigos Magos codificaram como negativo.

— O que eles codificaram como negativo, Iafershi?

— Um homem ter mais de uma esposa e vice-versa. A doutrina religiosa que rege a formação das pessoas tem seus dogmas, que impregnam a consciência individual dos seus seguidores e, após imantá-la totalmente, se a pessoa não seguir os dogmas, sua consciência começa a ser incomodada porque “pecou”. E isso, o pecado, negativa o mental da pessoa e a coloca em sintonia vibratória com alguma esfera negativa que logo começa a imantar seu mental com seus princípios duais à consciência e começa a abrir no mental as faculdades duais ou negativas regidas pelo magnetismo negativo da esfera ou faixa vibratória sintonizada pelo “pecador”. Em verdade, há outros mecanismos evolutivos e que desconhecemos quais são suas finalidades, já que só conhecemos os mecanismos e meios evolutivos que nos conduzem aos reinos celestes angélicos. Mas devem existir outros reinos celestes desconhecidos por nós, mas que atendem a desígnios do nosso Divino Criador, infinito em todos os sentidos. Foi isso que solapou os seus poderes, e não a tão renhida defesa da pureza. Desde que o mental religioso coletivo codifique como correto um homem poder casar-se com mais de uma mulher, isso deixa de ser um princípio viciado e passa a ser aceito como algo puramente racional. Será que fui claro nas minhas ideias, minhas amadas?

— Muito!!! — exclamaram as duas, sorridentes.

— Quando tenciona emitir esse princípio, Grande Mago do Ônix? — perguntou Lemifer.

— Já o emiti hoje, durante a grande reunião de todos os servidores dos templos sob minhas ordens. Esse já é um princípio que está sendo divulgado pelos meus sacerdotes e será ensinado pelos mestres em todo o meu domínio.

— Por quê?

— Primeiro porque devido às guerras existem mais mulheres que homens, e segundo porque irá legalizar todas as uniões já consolidadas, mas codificadas como vícios e quedas. Logo, um homem com várias esposas não precisará se preocupar se é um virtuoso ou um caído, pois o que está fazendo é praticar o princípio tornado legal pelo Grande Mago do Ônix. E vocês serão as primeiras a se beneficiarem do novo princípio.

— Mas ainda estou casada com Hemofer, Iafershi!

— Estava, minha amada! Já recebi o documento da anulação dele pelo Grande Mago Negro. Só espero que seu pai não o melindre por isso.

— Ele se calará. Mas onde está o documento?

— Em meu aposento de despachos.

— Posso vê-lo?

— Vamos até lá que lhe mostrarei, minha amada!

Eles foram para o aposento de despachos e, assim que ela o leu e viu o timbre do Grande Templo Negro, agarrou Iafershi e deu-lhe um longo beijo. Quando se soltaram, ela comentou:

— Finalmente estou livre daquele imundo!

— Caso aceite, peço-a em casamento, minha querida Lemifer.

— Eu aceito, meu amado! Se já me considerava ligada a você, de agora em diante sou toda sua!

— Toda mesmo?

— Como?!

— Pergunto-lhe mais uma vez: você é realmente toda minha, Lemifer?

— Ensine-me a ser toda sua, meu amado, e terá em mim a mais leal de suas futuras esposas.

— Isso exige uma comemoração especial, minha amada.

— O que pode ser tão especial?

— Entregar-se sem reservas, quando nos unirmos no meu jardim dos prazeres. Afinal, você carrega uma semente minha em seu ventre, querida Lemifer!

— Por que, a cada dia, sinto-me mais feliz, Iafershi?

— É muito simples, minha amada! Meu dom negativo não comporta a falsidade. Não sou falso com você, que sabe que se a desejo ao meu lado é porque me agrada, e não por interesses. Poderia tê-la recusado e nada me teria acontecido. Mas, se não a recusei, é porque a desejo como mulher e não como filha do poderoso Lamahoon.

— E quanto a mim, Iafershi? — perguntou Pérola Negra, um tanto triste.

— Já lhe disse que, se for preciso, vou à guerra só para tê-la ao meu lado. Não permitirei que mal algum a atinja!

Ele soltou-se de Lemifer e a tomou nos braços. Ela não resistiu e o envolveu também, oferecendo-lhe os lábios sequiosos por um beijo ardente. Iafershi não precisava de estímulo melhor que esse para ativar todo o potencial do seu dom negativo. Pouco depois passou os braços pelas costas de ambas e as conduziu ao

seu aposento, onde deu plena vazão ao seu dom negativo e o dividiu com as duas, que reagiram com ardor às suas carficias. Quase chegou atrasado ao encontro com o iniciado Larrin, que o conduziu a um ponto de força da Natureza onde o iniciaria nos Mistérios das Sete Cores.

Os dias passavam rapidamente, e ele foi iniciado nos Sete Sons Originais. Depois, mais demoradas foram as iniciações nos mistérios dos Elementos e do Tempo. Quando terminou com elas, veio a iniciação nos Mistérios dos Sete Símbolos, tanto os da Luz quanto os das Trevas. Somente quando terminou com todos eles, vieram as iniciações mais importantes. Ialutá iria conhecer os mistérios das nove serpentes ou o sentido sinuoso dos princípios imortais que todo ser traz em si mesmo.

O 1º sentido foi o da Serpente Dourada e foi iniciado por um Mago da Luz Dourada.

O 2º sentido foi o da Serpente Azul e foi iniciado por um Mago da Luz Azul.

O 3º sentido foi o da Serpente Verde e foi iniciado por um Mago da Luz Verde.

O 4º sentido foi o da Serpente Lilás e foi iniciado por um Mago da Luz Roxa.

O 5º sentido foi o da Serpente Branca e foi iniciado por um Mago da Luz Cristalina.

O 6º sentido foi o da Serpente Coral e foi iniciado por um Mago das Três Cores (branca, preta e vermelha).

O 7º sentido foi o da Serpente Branca e Preta e foi iniciado por um Mago das Luzes Branca e Negra.

O 8º sentido foi o da Cobra Vermelha e foi iniciado por um Mago da Luz Vermelha e da Pedra Rubi.

Finalmente, o 9º sentido foi o da Serpente do Arco-íris ou a união de todos os sentidos num só, que é o princípio luminoso que preside a evolução da espécie humana. Nessa iniciação contou com a união e o auxílio de todos os Magos que o haviam iniciado nas anteriores. Os oito Magos formariam um nono, que seria ele, Ialutá, e que emergiria como o Grande Mago das Serpentes Luminosas que estão contidas nos sentidos dos princípios sinuosos que presidem a evolução da espécie humana. Ser um Mago do Arco-íris era o topo máximo que alguém poderia alcançar. E Ialutá o havia conseguido. Um a um, seus mistérios haviam sido incorporados ao seu poder mental e agora só lhe faltava dominar os mistérios ocultos da criação para se tornar o Grande Mago dos Magos. Quando isso lhe foi proposto por Larrin numa reunião de Grandes Magos, reunidos no Grande Templo da Cobra Coral, e que estava situado no território, ainda livre, do povo vermelho, ele falou:

— Eu não quero isso, meus irmãos! Não sou a pessoa mais indicada nem creio que exista uma para assumir esse grau. O que precisava os senhores já me concederam. Agora, depois de tanta preparação, é hora de começar a mover-me contra meus traiçoeiros, desleais e ambiciosos “amigos” servidores das trevas. Já infiltrei nos templos sob meu comando os seus iniciados, magos, mestres e sacerdotes. Já adotei todos os princípios que tanto libertam o ser humano

como o subjugam. É hora de levá-los aonde as trevas não dão a liberdade de opção aos espíritos. Primeiro Habaal, depois Bengalor, Hafgor, Lushmer, Hemofer, o Grande Mago Negro e, por último, Lamahoon.

— Está se esquecendo de Labasher? Ele se levanta todo-poderoso no meio dos amarelos. A confluência dos iniciados, magos, sábios, mestres e sacerdotes irá se iniciar em três meses. Habaal, Lushmer e Lamahoon já se estabeleceram no Reino dos Cristais e será difícil derrotá-los com movimentos isolados.

— Começo com Habaal e o iniciado das Sete Direções começa com Bengalor. O iniciado da Justiça ataca Hemofer e me deixa livre de sua vigilância enquanto ataco Hafgor. Deixaremos Labasher por último, caso isso nos seja possível.

— Veremos. Daqui coordenaremos todas as nossas ações, pois o mundo pode se tornar dualista, mas a luz não viverá ou começará essa nova era em desvantagens! Que venha o grande cataclisma que mudará a face do planeta, mas a luz não perderá esta luta por falta de iniciativa ou omissão dos seus cultivadores no coração e mente da espécie humana!

E assim Ialutá alcançou o poder máximo que somente um Grande Mago das Sete Pedras, Sete Cores, Sete Sons, Sete Letras e Nove Sentidos poderia possuir.

Quando voltou ao Grande Templo do Ônix, encontrou aflitas suas novas esposas e mais a filha do Grande Mago Negro.

— O que houve?

— Nossos filhos foram mortos de forma misteriosa, Iafershi! — exclamou, chorando, Lisharize.

— Como?! — exclamou ele aturdido. — Como isso é possível?

— Não sei nem meu pai conseguiu sabê-lo, mesmo com todo o seu poder.

— Não desconfiam de quem tenha feito isso?

— Não.

— Como eles morreram?

— Caíram doentes e em dois dias estavam mortos.

Iafershi deixou cair lágrimas de tristeza. Só depois de um longo tempo falou:

— Quem planejou a morte dos nossos filhos pagará caro, Lisharize! Não pense que verme tão ásqueroso ficará impune!

— Estou com medo, Iafershi! — exclamou Lemifer.

— Por quê?

— Quem fez isso poderá matar nosso filho que está para vir à luz.

— Acalme-se, minha amada! Logo os culpados estarão aqui, diante do Grande Ônix Negro, para darem conta das suas traições.

— Mas você está sozinho, Iafershi! — falou Pérola Negra.

— Tenho vocês comigo, e isso é muito importante! Vou ao meu aposento mais oculto. Quem vier me visitar nos próximos três dias, conduza-o até onde estarei em concentração. Mas antes vou dar uma ordem aos meus iniciados!

Iafershi foi até onde estavam os iniciados guardiões e falou-lhes:

— Iniciem por três frentes o ataque a Habaal. Quero que o degolem e me tragam a sua cabeça. O Grande Mago da Serpente Dourada irá acompanhar o primeiro corpo de guerra. O da Pedra Verde, o segundo corpo, e o Grande Mago

do Templo da Coral, o terceiro corpo. Que seja um ataque fulminante e que Habaal não tenha como fugir ou sobreviver.

— Assim será feito, Grande Mago do Arco-íris e das Sete Pedras.

Depois de dar as ordens, Iafershi voltou a seu aposento mais oculto, alimentou-se e a seguir colocou sua veste de Grande Mago do Ônix. Então postou-se na posição ritual diante do Grande Ônix e começou a movimentar seu poder mental. Por dois dias ninguém chegou ao templo à procura de Iafershi, mas no amanhecer do terceiro dia uma comitiva estacionou diante do grande portal de acesso à monumental construção. Nela estava Hemofer, Sheferlu e o poderoso Mago Negro Bengalor.

Como haviam sido instruídas, elas os conduziram até o aposento mais oculto do Grande Mago do Ônix. Ao entrarem e verem que estava em meditação, Bengalor falou a Hemofer:

— Deixemos o abatido Grande Mago do Ônix a sós, pois a mim parece que a notícia da morte de seus filhos o deixou prostrado e profundamente abatido.

Sem abrir os olhos, Iafershi falou-lhes:

— Sentem-se, poderosos senhores. Já os espero há dois dias!

— Você nos aguardava?

— Sim, poderoso Hemofer. Por favor, sentem-se, senhores!

Depois de estarem acomodados, Iafershi ordenou a um auxiliar que lhes servissem uma bebida. Como era hábito, o criado se serviu de um gole dela antes de servi-la aos visitantes.

Após serem servidos, Iafershi falou com a voz cortante.

— Bela união para executar duas crianças indefesas, não?

— O que está insinuando, Grande Mago do Ônix? — perguntou Sheferlu assustada com a incisão das palavras.

— É isso mesmo, poderosa Sheferlu. Você me traiu com o auxílio do poderoso Bengalor e com a aquiescência do poderoso Hemofer. Eu havia lhe dito que o meu dom negativo não comportava a morte como meio de se realizar e você não me deu ouvidos. Agora é hora de morrer, traidora!

— Veja como fala, Grande Mago do Ônix! Nós não o prejudicamos, e sim ao Grande Mago Negro. Ele estava tentando eliminar Hemofer para colocar o seu filho como soberano do reino dos Negros. E nosso acordo não comportava isso!

— Mas também não comportava a morte dos meus filhos. Prepare-se para sua execução, Sheferlu!

Iafershi levantou as mãos sobre o poderoso ônix e Sheferlu começou a ser paralisada. Quando ela tentou reagir, ele levantou a destra na direção de sua cabeça e ela caiu para trás.

— Um espírito agora conhecerá a verdadeira face do Senhor do seu dom negativo — falou Iafershi.

— Pare, Mago do Ônix! — exclamou Bengalor. — Pare ou arranco seu espírito do corpo e o lanço nos tormentos da noite eterna!

— Tente, Bengalor! Deixo-lhe a iniciativa. Mostre-me qual é seu real poder sobre os mistérios das trevas e como os usa em seus intentos criminosos contra os mais frágeis.

— Você é quem pediu, idiota!

Bengalor movimentou suas forças mentais, mas nada conseguia contra Iafershi. Por mais que tentasse, o mental dele era impenetrável e, assim que se viu impotente, exclamou assustado:

— Que poder é esse que o protege, Grande Mago do Ônix?

— Vou mostrar-lhe imediatamente, Grande Mago Negro Bengalor!

Após elevar suas mãos acima dos olhos, Iafershi lançou seu poder mental sobre Bengalor. Este deu um urro e caiu, já sem vida.

Somente então Hemofer saiu de sua paralisia e perguntou a Iafershi.

— Você nos enganou estes anos todos, iniciado?

— Sim, Hemofer. Nossas quedas foram programadas e dirigidas pela lei. Chegou o momento do ajuste de contas!

— Como irá dirigir o meu reino, ou pensa que bastará matar-me para assumir o seu comando?

— Não assumirei nada, Hemofer! Outro iniciado na origem nascido em seu meio o assumirá. Neste momento já avança no comando das forças que estão no Templo do Diamante rumo à conquista de todo o seu domínio.

— Você está louco? Só com um corpo de guardiões não conseguirá tal proeza.

— Mas não será só este corpo, Hemofer. Já existem vários outros preparados no interior do seu reino, e que, se nas aparências lhe eram leais, na verdade são dirigidas por iniciados leais a mim. Enquanto esse corpo ruma para o sul, os outros assumem o controle das regiões onde estão acantonados e começam a mover-se por raios. Logo todos se encontrarão na capital e o controle será total.

— Por que isso? Dei-lhe tudo o que desejava e até algumas coisas mais.

— Eu não desejo nada para mim, Hemofer. Somente cumpro o que me foi ordenado.

— Podem passar milênios, Iafershi, mas jamais esquecerei que me traiu. Você me deve esta vida!

— Um dia lhe darei a oportunidade de vingar-se, Hemofer. Mas até lá, volte para junto do seu senhor no abismo negro dos seres degradados.

— Estarei à espera desse dia, Iafershi!

— Não tenha dúvidas de que ele chegará, Hemofer! No novo mundo que despontará após o grande cataclisma, seres iguais a nós estarão mergulhados por inteiro, de corpo e alma, na evolução que se processará sob o rigor da Lei. Muitos serão os nossos encontros e muitas serão as lutas, mas saiba que se o mal tem seus servidores, o bem também os têm. E eu, Ialutá, estarei sempre entre os últimos!

— Como pode dizer que é um servo da luz se pude ver como é seu dom negativo e como você o vive com tanta intensidade na matéria que até encontro seus reflexos nos belos corpos de suas escravas.

— Saiba que a Lei comporta os recursos das trevas em certos momentos, e ela pode transmutá-los assim que não forem mais necessários. Já o inverso não é verdade, porque às trevas só interessa mais trevas. Não quer reagir, Hemofer? Eu lhe deixo a iniciativa.

— Para que lutar, se sei que já perdi a luta?

— Esta é mais uma diferença entre a luz e as trevas, iniciado caído em todos os sentidos! A luz, por mais aprisionada que esteja, sempre procura uma fresta por onde possa expandir-se. Adeus, Hemofer!

— Até outro encontro, iniciado da Estrela!

E Iafershi, com o seu poder mental, eliminou Hemofer. Assim que viu os três corpos já sem vida, ordenou a seus auxiliares que incinerassem os cadáveres e lançassem suas cinzas nos seté pontos de forças negativos.

Quando ele voltou a seu aposento de descanso, Pérola Negra, Lemifer e Lisharize o olharam com tristeza. Iafershi estava abatido fisicamente, mas muito mais moralmente. Ele havia violado o seu dom negativo e tirado vidas com seu poder mental.

— Não fique assim, Iafershi! Você somente fez o que era preciso! Lemifer tentava animá-lo.

— Acabei de atravessar o escuro portal que dá passagem ao imenso vale da morte.

— Vou trazer-lhe um pouco de alimentos. Você está muito fraco após três dias de concentração total.

Depois de comer um pouco, Iafershi deitou-se e dormiu.

Era o máximo do poder da magia concentrado em um único mental humano. E ele havia usado todo o seu poder para reunir, encantar e aniquilar três inimigos perigosos.

Longe dali, o vale da morte escancarava todos os seus portais, pois as batalhas eram travadas em todos os continentes e entre todos os povos. Era uma luta inglória, pois por trás dos homens estava se travando o combate entre as virtudes e os vícios, entre a luz e as trevas. E, por trás de tudo, estava o Ancestral Místico da Luz das Formas e das Transformações.

Todas as hierarquias da luz movimentavam-se para lutar de igual para igual contra as das trevas e muitos iniciados guardiões assumiam o controle de regiões imensas. Outros caíam sob o controle mental dos caídos em todos os sentidos. Foram anos de muita dor na face da Terra. Para cada ponto de luz estabelecido, um das trevas se opunha a ele. As escaramuças eram intermináveis e o dualismo se impôs de forma impressionante. Mesmo os templos ainda controlados pelos grandes Magos da Luz foram obrigados a permitir certos princípios duais para poderem continuar com seu poder, pois do contrário se esvaziariam.

Foram 14 anos de guerras e os grandes Magos duais surgiram na face da Terra.

Iafershi era um deles, já que, do imenso e poderoso Templo do Ônix, seus princípios duais irradiavam-se por todos os continentes. Ele e uns outros poucos iniciados na origem haviam se transformado nos maiores Magos e nos mais poderosos homens.

Quando Iafershi eliminou o Grande Mago Negro, Lisharize assumiu o seu posto, como sua grande sacerdotisa, mas já atuando sob o dualismo do seu marido. Tanto eram abertos à luz quanto às trevas os rituais praticados nos pontos de força. Ali já não se manifestavam só as divindades luminosas, mas também as negativas que encontravam ressonância nos mentais humanos.

Pérola Negra assumiu um templo no qual outrora seu pai fora o iniciado guardião caído em todos os sentidos. Mais um local onde os princípios duais se firmaram com todos os seus poderes de ressonância nos mentais humanos.

Só ficara ao seu lado Lemifer e seus filhos. Ela havia sido trabalhada por ele em todos os sentidos e adotara o dualismo dele como via de evolução.

Dia a dia, Iafershi aproximava-se do confronto final com Lamahoon, o mais poderoso dos Magos negros. Quando ele viu que não podia eliminar Iafershi com suas magias, eliminou à própria filha, Lemifer, e os netos. Foi outro golpe profundo no seu poderoso inimigo.

Então, num movimento de forças bem planejado, Iafershi invadiu seu território e com o auxílio dos iniciados na origem que comandava seus corpos de guardiões invadiu o Grande Templo da Serpente Negra, domínio absoluto de Lamahoon. Foram dias em que o sangue humano lavou aquela terra de pecados.

Quando o iniciado das Sete Espadas da Morte trouxe Lamahoon até onde Iafershi estava em estado de concentração, recebeu ordens de deixá-los a sós.

— Finalmente chegou sua vez, Lamahoon!

— Ou a sua, Iafershi! Aqui somos iguais e a única coisa que nos separa são os campos que defendemos.

— Isso mesmo, Lamahoon. Mas levo uma imensa vantagem sobre você.

— Não vejo como, Iafershi! Usamos os mesmos princípios e meios para alcançarmos nossos objetivos.

— Está enganado, Lamahoon! A Lei só lhe deu liberdade para que semeasse os princípios das trevas no meio humano. Quanto a mim, ela deu a permissão para lançar o dualismo como meio de vida. Seu tempo terminou. Chegou o meu tempo de impor o dualismo humano como via de evolução!

— O seu dualismo comporta-se como um de seus componentes, Iafershi?

— Exatamente, Lamahoon. Somente como componente, não como princípio regulador. Você sempre foi só um componente e jamais será algo mais que isso! Eu sou um componente da luz que irá combater os componentes das trevas, que você simboliza. De agora em diante nós faremos parte do mental coletivo que pulsará no planeta até que o ancestral místico das formas e transformações interfira em nível planetário sobre o seu rumo evolutivo.

— Longa será a noite de trevas da Humanidade, Iafershi! Você ganha perdendo e eu perco ganhando.

— Sei disso, Lamahoon. Nosso tempo de domínio está terminando. Depois de nós, os seres humanos não serão os mesmos e terão Luz e Sombra a povoarem suas existências. Em dado momento estarão vivendo sob o sol mais radiante e, noutros, estarão perdidos na mais escura das noites. Às vezes, o ser humano pensará que estará servindo ao Criador, mas, na verdade, só estará se servindo Dele para seu engrandecimento pessoal e ilusório. Noutras, pensará que, sendo humilde, estará servindo ao Criador, mas, na verdade, só estará se acovardando diante do imenso poder das trevas, e assim agirá para não ter de lutar contra ela. Mas ainda haverá outros que acreditarão estar combatendo as trevas com princípios virtuosos, mas só estabelecerão no mental coletivo da Humanidade o princípio

viciado que comporta a morte como meio de sobrevivência do ser humano e dos seus ideais.

— Terei lugar nessa forma de evolução, Iafershi?

— Sem dúvida! Muitos serão os nossos reencontros, Lamahoon.

— Por que não se aliou a mim, Iafershi?

— Para quê? Prefiro a dor da verdade, você quer a ilusão dos sentidos.

— Mas aceitou a doce ilusão dos sentidos dos prazeres dos desejos como forma de ingressar no meio que tanto condena.

— Não me foi deixada outra alternativa, Lamahoon.

— Um dia você ainda cairá por causa desse seu princípio dual que o guia na realização de suas missões, Iafershi.

— Talvez. Mas até que esse dia chegue muitos dos que ingressarão na nova via de evolução terão se purificado do dualismo como via de evolução e terão se libertado dos seus princípios viciados, ingressando na esfera luminosa dos princípios virtuosos.

— Mas você nada ganha com isso, não é mesmo?

— Que importa se ganho algo ou perco tudo, se o meu Senhor sempre ganha? Ele é o Senhor, e eu, seu servo. Se o meu Senhor ganha, então nunca perco nada, pois sou parte Dele e Ele sou eu por inteiro. Se eu cair, somente serei uma célula morta num imenso corpo vivo e eterno.

— Ainda assim sou mais feliz que você, Iafershi. Olhe para mim!

— O que tem você, Lamahoon?

— Não está vendo a minha aparência? Eu estou com centenas de anos de idade, e no entanto aparento ter apenas 50. Partilhe disso também, Iafershi!

— Para quê?

— Eu possuo o segredo da vida eterna na matéria!

— De que adianta a vida eterna na carne se temos de sacrificar nosso espírito imortal?

— Nada matará, pois jamais virá a perecer.

— Mas o cataclisma virá em breve e ceifará milhões de seres humanos. Então, de uma forma ou de outra, perecerei!

— Não, Iafershi. Sabemos quais serão os lugares que não serão submersos e viveremos eternamente! Com isso o nosso poder nunca será extinto.

— Você está enganado, Lamahoon. Seu poder já terminou e estou aqui para mostrar-lhe isso.

— Tenho algo que talvez lhe interesse, Iafershi.

— Nada que venha de você pode me interessar, Lamahoon!

O Mago Negro retirou do bolso do seu longo sobretudo um frasco e falou:

— Eis o elixir da imortalidade, iniciado da Estrela! Prove um pouco dele e todo o vigor que possuía há alguns anos voltará imediatamente!

— Isso é um veneno, Mago Negro.

— Está enganado, iniciado. Se tenho a aparência de um homem de 50 anos posso voltar até meus 30 se tomar um pouco mais além da dose apropriada para

manter-me assim. Deixe-me mostrá-lo em mim. Depois, não duvidará de que só estou lhe oferecendo o paraíso eterno no jardim dos prazeres que existe no seu dom negativo. Se o poder não lhe interessa, talvez a juventude eterna seja o fim das nossas discórdias nesta terra, Iafershi!

Lamahoon injetou-se uma dose do elixir e Iafershi viu como ele foi rejuvenescendo até se parecer um jovem de 25 anos. Iafershi demonstrou interessar-se pelo elixir.

— Como conseguiu isso, Mago Negro?

— Se a luz oferece o paraíso depois da morte, as trevas me ofereceram a vida eterna no paraíso da carne!

— É assim que tantos homens sábios tem caído, não?

— Exatamente, Iafershi! Tome, este frasco é seu, pois só precisarei ingerir outra dose daqui a 25 dias.

— Como posso saber que tem mais desse elixir!

— Acha que se não tivesse mais estaria lhe dando a minha fonte da vida eterna na matéria?

Iafershi não se descuidou um segundo sequer de Lamahoon. Enquanto o vigiava, examinou o frasco. Depois de cheirá-lo e olhá-lo rapidamente, perguntou:

— Do que ele é feito, Lamahoon?

— Esse é o meu segredo, iniciado. Una-se a mim e terá acesso à fonte da eterna juventude no corpo carnal. Depois disso não precisará se preocupar com o que possa vir a lhe ocorrer após a morte, pois nunca mais estará sujeito a ela.

— Isso é um desafio ao Criador, Mago Negro!

— O que é o Criador para quem tem em seu poder o elixir da vida eterna? Não notou que Hemofer, o Grande Mago Negro, Bengalor, Habaal, Lemifer, Lisharize, Pérola Negra, Hafgor e tantos outros que já passaram por sua vida nestes últimos anos eram seres humanos fortes e com idade de acordo com seus interesses?

— Então era por causa desse elixir que nunca envelheciam?

— Sim, Iafershi. Una-se a mim e lhe mostrarei onde ainda existem milhares de frascos como este. E, se jurar lealdade ao meu senhor, aprenderá a fórmula que o torna possível de ser produzido em grandes quantidades.

— Então é por isso que vocês não lutaram entre si, Lamahoon?

— Sim. Se o senhor era o mesmo para todos nós, então um não destruíra o outro, pois estaríamos desservindo ao nosso Mestre.

— É por isso que ninguém sabe quando Lamahoon, o Grande Mago da Serpente Negra, começou a reinar na Terra?

— Já estou na carne há mais de 400 anos, Iafershi. Fui estabelecendo meus domínios pouco a pouco e, agora, somente preciso de você ao meu lado para dominar este planeta por toda a eternidade.

— Diga-me como fabricar esse elixir e pensarei na sua proposta, Mago Negro.

— Não, Iafershi. Antes terá de renunciar à sua estrela e ao seu Senhor. Só depois de renunciar a ele no sacrifício ritual é que terá acesso à fonte do elixir!

— Como é o seu sacrifício ritual?

— Quantos seres humanos já morreram em função de nossas lutas?

— Centenas de milhares, talvez milhões, Lamahoon!

— Só precisará sacrificar, ritualmente, sete deles ao meu senhor.

— Somente sete?

— Sim. É um pequeno número, não? Imagine que depois de renunciar ao seu Deus e à sua origem e praticar o sacrifício ritual ao meu senhor, passará a viver eternamente na carne, e ainda terá o poder de conservar para sempre as formas femininas que mais lhe agradarem. Não estou lhe oferecendo o jardim dos prazeres carnis, Iafershi?

— Simi, Lamahoon. Este é o elixir que levou tantos iniciados a renunciarem aos rigores da Lei só para não enfrentá-los após a morte do corpo!

— Exatamente, iniciado da Estrela! Imagine para onde a Lei o enviará após sua morte. Você, um ser humano que possuiu “carnes” tenras até fartar-se, que ordenou a morte de milhares de pessoas como se fosse um deus e levou a fome, a miséria, a dor, o desespero, a aflição e a angústia a milhões de semelhantes, acha que irá para o paraíso eterno do jardim das virtudes?

— Não, isso não!

— Então, Iafershi, já que o inferno lhe aguarda após a morte, viva para sempre unindo-se a mim e servindo ao meu senhor.

— Prefiro o inferno com Deus do que o prazer eterno sem Ele, Lamahoon!

— Não seja estúpido, iniciado da Estrela! Estou lhe oferecendo a vida eterna na carne em troca de aliar-se a mim e servir ao meu senhor.

— Aguarde um instante, Mago Negro.

Com um grito Iafershi chamou o iniciado das Sete Espadas da Morte.

— Pois não, Grande Mago do Ônix!

— Desembainhe sua espada simbólica encantada e degole esse ser das trevas imediatamente, e na minha frente, pois só assim Deus nos perdoará de todo o mal que já praticamos em nome da luz!

— Estúpido! — gritou Lamahoon.

Quando Lamahoon tentou usar dos seus poderes de Mago Negro, Iafershi dominou seu mental e o fez distender o pescoço. Com um só golpe foi degolado o outrora poderoso Lamahoon. Enquanto limpava sua espada, o iniciado das Sete Espadas perguntou-lhe:

— Por que dessa vez você agiu diferente?

— Sente-se que vou lhe contar o que descobri.

Quando terminou de narrar-lhe o que havia descoberto, o iniciado falou:

— Pena que tenhamos incendiado todo o Templo da Serpente Negra, senão descobriríamos onde ele guardava seu elixir da longa vida na carne.

— Outros iniciados na origem, mas caídos em todos os sentidos, o possuem, guardião! De agora em diante nossa luta vai tomar um novo rumo. Não poupe um só sacerdote, iniciado, mago, mestre ou sábio desse maldito reino. Quero que todos sejam degolados e depois queimados.

— Suas ordens serão cumpridas sem discussão, Mago do Arco-íris!

E o horror tomou conta do imenso reino que havia pertencido ao poderoso Grande Mago da Serpente Negra. Lamahoon não deixou sementes em seu reino, pois tudo foi destruído pelos exércitos sob o comando dos iniciados que obedeciam ao poderoso Grande Mago do Ônix.

Aquela foi uma região da Terra que perdeu tudo. Templos foram queimados e reduzidos a cinzas. Ali, cultura, saber e poder deixaram de existir.

Somente quando viu o povo reduzido a nada, Iafershí o entregou aos magos, sábios e mestres que o acompanhavam.

— Para onde vamos agora, Grande Mago do Ônix? — perguntou, muito triste, o iniciado Guardião das Sete Espadas da Morte.

— Voltar ao reino dos vermelhos e completar nossa obra de destruição. Ser humano nenhum pode possuir um poder que só a Deus pertence!

— Como descobrirá quem possui o segredo do elixir?

— Sei como fazê-lo denunciar-se, iniciado. Faça a sua parte que faço a minha. No dia em que o grande cataclisma chegar, encontrará tanto a luz quanto as trevas em iguais condições de sobrevivência!

— Não posso permitir a morte indiscriminada, Grande Mago. Isso viola meus princípios.

— Isso não será necessário, iniciado. Só preciso eliminar as mulheres que coloquei no poder. Depois disso estará livre para atacar os iniciados caídos que dominam quase todo o Reino dos Cristais.

— Se você exceder-se eu o degolarei, Grande Mago do Arco-íris!

— Faça isso por mim, caso me exceda, iniciado das Sete Espadas!

E assim Iafershí levou seus corpos de guerra de volta ao reino dos vermelhos e foi com grande dor que descobriu que sua bela Pérola Negra era jovem porque guardava muitos frascos do elixir da vida eterna. Além do mais, descobriu que um corpo de Magos negros já se formara em torno dela.

Dessa vez não foi ele quem ordenou a destruição dos grandes templos, mas sim seus iniciados guardiões. Mais uma vez não restou um grande templo de pé. Muitos foram degolados ao menor indício de ser possuidor do elixir da vida eterna.

Depois foram para o reino dos povos negros e Lisharize foi a primeira a ser degolada e queimada. O reino dos povos negros foi varrido de norte a sul pela devastação dos seus templos, onde, mais uma vez, o poder das trevas tomava corpo.

Depois foram auxiliar os povos amarelos. Vários exércitos sob o comando dos iniciados na origem, e compostos de centenas de milhares de soldados varreram as regiões dominadas pelos exércitos das trevas. Por trás deles e dando-lhes proteção e orientação estavam os Grandes Magos da Luz.

Foi outro horror! Em cada grande templo sob o domínio dos princípios viciados uma imensa fogueira era formada. Dos cinco corpos das hierarquias dirigentes, nenhum era perdoado e todos eram mortos. Muitos, que nunca haviam ouvido falar do tal elixir, foram mortos da mesma forma.

Quando partiam, atrás dos exércitos só restava a Terra arrasada. A Humanidade retrocedia séculos nas suas conquistas materiais e sociais, pois um sentido de destruição já havia tomado conta dos corpos de luta. Não tocavam nos habitantes, mas os corpos de guardiões dos templos eram destruídos, assim como todas as suas hierarquias.

Capítulo IV

A Última Batalha dos Exércitos do Grande Mago do Ônix

Uma das providências que Iafershi tomou, fora destruir o próprio Grande Templo do Ônix. Após vê-lo consumir-se nas chamas, foi com seu corpo de iniciados ao Templo da Luz Dourada para se encontrar com os Grandes Magos da Luz.

Ali, num recinto fechado, foi relatado o porquê de tanto poder dos servidores das trevas. A voz do oráculo revelou que o ponto de irradiação do poder deles estava localizado no Reino dos Cristais. Lushmer o dominava!

— Quando destruírem todas as hierarquias no resto do planeta, dirijam-se para lá e acabem com Lushmer, senão logo ele será indestrutível — falou o iniciado na origem e Mago do Ar, Larrin.

— Como ficarão os povos sem uma hierarquia a dirigi-los, iniciado?

— Não se preocupe, Ialutá. Deus a suprirá com uma amostra do que os aguarda mais à frente, depois do grande cataclisma!

— Está certo, Larrin. Nossa parte será cumprida à risca. Mas espalhem sacerdotes para anunciar o advento da transformação que purificará a Terra dos milhões de seres caídos e dos espíritos condenados pela Lei da Evolução.

— Não se exceda, iniciado da Estrela. Dentro de 26 anos a Lei das Formas e da Transformação se fará sentir em todo o seu poder sobre o planeta e não podemos nos permitir um erro neste momento. Não foi para isso que lutamos tanto!

— Está certo, iniciado do Ar.

Assim, tudo foi feito para levar a mensagem derradeira à espécie humana. Ou ela se redimiria em meio às mais variadas tentações ou então não encontraria a paz no além, depois da morte do corpo físico. Foi um tempo em que no meio do dualismo, já impregnado com todas as suas ilusões, os seres humanos tiveram todas as chances de escolher entre a luz eterna ou as trevas das ilusões passageiras.

Assim, pensando no combate final, dezenas de corpos de luta comandados pelos iniciados guardiões e formados em sua maior parte na raça dos vermelhos avançaram contra o Reino dos Cristais. Não atacaram o Grande Templo da Luz Cristalina, pois o consideravam como aliado natural.

Quantas decepções os aguardavam após o desembarque dos corpos de luta! O primeiro corpo, sob o comando do iniciado das Sete Espadas, rumou na direção do Grande Templo da Luz Azul. O horror tomou conta do campo de batalhas logo nos primeiros combates. As novas armas de guerra dos corpos de combate dos guardiões caídos eram superiores às dos guardiões da Luz.

Quase todo o seu corpo de luta foi dizimado e somente a duras penas conseguiram retroceder a uma base segura. O mesmo ocorreu com todos os outros pontos escolhidos como alvos prioritários.

Após vários dias de lutas e derrotas inimagináveis, todos se reuniram com os Magos sob o comando de Iafershi. Este iniciou a reunião com certa tristeza na voz.

— Meus irmãos, nós caímos numa cilada! Enquanto nós lutávamos, lutávamos e lutávamos, eles aperfeiçoavam armas que nem sonhamos possuir. Creio que deveríamos ir até o Grande Templo da Luz Cristalina e conseguir descobrir quais são os segredos dessas novas armas para as fabricarmos, ou então eles nos cederem para que lutemos contra estes iniciados caídos em todos os sentidos.

— Podemos pedir ao iniciado Larrin que consiga isso o mais rápido possível. Senão, teremos de voltar para nossos povos como derrotados — falou o iniciado da Justiça.

Um a um, todos concordaram com a necessidade de conseguir o apoio do Templo da Luz Cristalina. Concordaram também em suspender novas investidas contra os alvos prioritários do contrário sofreriam a aniquilação total.

Dois dias depois, uma comitiva encabeçada por Larrin chegava até onde estavam acampados os corpos de luta sob o comando dos iniciados.

Após ser informado das dificuldades, ele rumou para o Grande Templo da Luz Cristalina. Com ele, iam sete iniciados na origem. Entre os Magos estava o do Arco-íris.

Assim que chegaram, foram conduzidos ao grande salão de reuniões. Toda a hierarquia do templo reuniu-se para ouvi-los.

Larrin falou em primeiro lugar.

— Meus irmãos! Nós viemos em busca de auxílio para que exterminemos de vez com os focos dos caídos nas trevas da ignorância e que cultuam os sete sentidos dos grandes mistérios das trevas. Nós já estamos há tantos anos em combates contra eles que não nos ocorreu que a luta por aqui seria diferente. Não conhecemos as novas armas dos guardiões caídos nem temos como nos defender delas. Mas como lutamos pelos mesmos princípios, então queremos vosso auxílio para derrotá-los. Este auxílio tanto pode em ser pessoas como em material.

O Sábio da Luz Verde falou pelos povos cristalinos:

— Caros irmãos dualistas! Nós compreendemos seu drama, mas achamos que esta luta é sua e não nossa. Foram vocês quem primeiro caíram ante os

princípios viciados e não têm o direito de nos envolver nessa disputa com os iguais a vocês. Nós estabelecemos um acordo com os invasores do nosso reino, pois, se não podemos expulsá-los, eles também não podem avançar já que aprendemos a nos defender. Portanto, nós lhes pedimos que saiam do nosso continente para que a paz volte a reinar nesta parte do mundo.

— Mas eles são seus inimigos! — exclamou Larrin. — Mais dia menos dia farão com vocês o que fizeram conosco. Em princípio nós os aceitamos para evitar maior derrame de sangue. Mas depois eles solaparam nossas hierarquias com seus adeptos. Além do mais, nós não somos dualistas na origem, mas só no meio, e não há como evitar isso em quase todos os nossos domínios. Até vocês já são dualistas, pois têm de cultivar as armas e dividir com o mal o seu reino, outrora virtuoso. Pensem, irmãos na luz! — exclamou o aflito Larrin.

Após confabularem por um bom tempo, veio a palavra final na voz do Grande Mago da Luz Cristalina.

— Nós sentimos muito, irmãos dualistas, mas preferimos não nos envolver com seus meios de combater as trevas. Não se acaba com a ignorância somente com as armas. Temos de usar os recursos das virtudes para não cairmos no mesmo estágio em que vocês caíram.

Ialutá, o Grande Mago do Arco-íris, levantou-se e tomou a palavra com ardor.

— Grande Mago da Luz Cristalina! Onde está o seu sentido de justiça? Acaso já se esqueceu de quem o avisou de que sua filha estava sob a orientação de um caído?

— Larrin me avisou um pouco tarde, Grande Mago do Arco-íris. Quando seu emissário chegou com a mensagem, ela já havia sido raptada.

— Ainda assim, quem se preocupou com sua segurança fomos nós, os iniciados que não fugimos da luta. Nós ousamos nos infiltrar nas trevas para descobriremos seus meios e o que pretendiam.

— Mas o que conseguiram, Grande Mago do Arco-íris? Não são vencedores do mal, mas sim parceiros dele num jogo sem fim! — falou incisivo o Grande Mago da Luz Cristalina.

— A mim parece que vocês não estão dando ouvidos aos avisos dos oráculos, Grande Mago! O tempo está contra nós nesta luta e, se não fizermos algo, logo as trevas começarão em vantagem total após o grande cataclisma. Se quiserem se manter fora da luta, terão um fim muito pior, porque do seu reino nada restará a não ser uma página triste no livro de memórias da Humanidade.

— Nós confiamos em Deus e temos uma fé inabalável em que Ele nos amparará, senão na carne, pelo menos em espírito.

— Mas nós somente estamos pedindo armas iguais às dos caídos e nada mais! Será para o seu próprio bem, Grande Mago!

— Sentimos muito, mas a nossa luta, nós já travamos. Se não a vencemos, também não a perdemos por completo.

— Então devemos voltar aos nossos reinos e aguardar o grande cataclisma com uma revolta no peito, não? Nós lutamos por tantos anos em vão, pois, no fim de tudo, as trevas sairão vencedoras.

— Elas já venceram há muito tempo, Grande Mago do Arco-íris. Assim que vocês permitiram que o dualismo voltasse ao nosso meio, as trevas venceram!

— Está enganado, Grande Mago da Luz Cristalina! Um dia, mas somente nesse dia, vocês saberão o quanto estiveram enganados. Pena que esse dia ainda demore para chegar. Mas quando essa hora chegar, vocês clamarão a Deus que os perdoe, pois agiram com o egoísmo dos que acham que tudo está bem se bem estiverem os seus.

— Vocês é que suplicarão perdão a Deus por terem voltado ao dualismo.

— Diga-me, Grande Mago, onde está sua filha hoje?

— Em algum lugar onde não podemos penetrar.

— Ela é essa tão falada senhora do poder do Âmbar?

— Como sabem disso?

— Nós ouvimos a confissão de um Grande Mago Negro antes de sua execução.

— Sim, Leish Ambar Yê é minha filha.

— Como ela foi raptada?

— O seu iniciador tirou-a do meu convívio quando ainda contava com 7 anos de idade.

— Muito bem. Quem pode lhe garantir que muitos dos que o aconselham a abster-se de nos ajudar, hoje, já não sejam servos das trevas infiltrados na sua hierarquia?

— Nós nos submetemos periodicamente a um teste de avaliação mental. Hoje posso afirmar que nosso corpo de servidores está isento do dualismo como meio e via de evolução. É por isso que não vamos adotar a morte como princípio de vida!

— Não lhe ocorre que se não lutarem não poderão procurar um lugar seguro quando o grande dia chegar?

— Isso a Deus compete, Grande Mago do Arco-íris!

— Está certo. Que no dia, mas só nesse dia, cada um colha os frutos das suas ações no presente. Quanto a nós, voltaremos aos nossos reinos e tentaremos descobrir novas armas para um dia voltarmos até este continente e arrasarmos com os grandes Templos Cristalinos sob domínio dos Grandes Magos Negros. Não descansaremos um momento sequer, pois esse será o primeiro princípio que guiará os seres humanos após o grande cataclisma.

Larrin agradeceu o corpo dirigente do Grande Templo da Luz Cristalina e retirou-se com seu corpo de iniciados.

Quando voltaram ao acampamento, ordens de retirada de todos os corpos de luta foram expedidas com rapidez. Após isso feito, foi convocada uma reunião dos iniciados com os Magos.

O primeiro a falar foi Larrin:

— Meus irmãos, nós não temos inimigos apenas nos templos caídos, mas até no Templo da Luz Cristalina. Localizei através do mental de alguns homens que

estão muito próximos do Grande Mago vários seres caídos. Eles estão ocultos sob as vestes de sábios, Magos e até mesmo iniciados guardiões. Temos de retornar aos nossos reinos de origem e nos preparar para o pior.

— Descobri algo muito pior, iniciado do Ar! — exclamou Ialutá. — Nós fomos valentes combatentes e tolos observadores. Eles nos iludiram como perfeitos idiotas nesse tempo todo. Só não fomos derrotados antes graças à nossa obstinação de que não podemos falhar, senão já teríamos sido derrotados há muito.

— Como assim, iniciado da Estrela? — perguntou intrigado o iniciado das Sete Espadas.

— Na verdade, os únicos cabeças dos sete sentidos das trevas que nós derrotamos foram Bengalor e Hemofer, pois concentrei-me diante do ônix e os trouxe diante de mim e os matei. Mas Hemofer, Lushmer, Labasher, Hafgor e Lamahoon, não! — falou Ialutá.

— Você também leu o mental do grande sábio, iniciado das Sete Espadas?

— Sim, Mago do Ar. Nós somos uns estúpidos! Como não conhecíamos os rostos dos malditos, sempre degolamos alguém posto em seus lugares. Então pensávamos ter eliminado os verdadeiros cabeças.

— Diga-me, Larrin! Há quanto tempo começaram exatamente as desordens na evolução estabelecida em nosso planeta. Há muito séculos? — perguntou Ialutá.

— Há mais ou menos uns 350 anos. A partir daí, começaram a surgir discórdias, guerras, quedas contínuas e a adoção dos princípios viciados como meio de vida.

— Então, finalmente, nós descobrimos o fio da meada!

— Explique-se melhor, Ialutá! — exclamou intrigado o Mago do Ar.

— Conte-lhe você, irmão da Espada!

— Está certo, irmão da Estrela! Mago do Ar, Lamahoon deve ter sido um Grande Mago muito sábio e, como isso foi possível, ainda não sabemos, mas ele descobriu o elixir da longa vida. Imaginamos que tenha descoberto alguma fórmula que não pertença ao conhecimento humano. Quem lhe forneceu tal fórmula, somente ele pode saber, mas imaginamos que seja o sentido primordial das sete cabeças do mal.

— Como isso é possível?

— Nós tivemos a prova ao ver o falso Lamahoon ingerir uma dose do líquido contido no frasco e rejuvenescer uns 25 a 30 anos em questão de minutos.

— Impossível, Ialutá!

— Creia em nós, Larrin. Ele tentou por todos os meios induzir-me a bandear-me para o seu lado, pois só assim eu obteria a fórmula da vida eterna. Eu quis me aprofundar mais para ver o que descobria e nada obtive do seu inconsciente. Só o degolamos após eu ter certeza de que nada extrairia de sua memória. Mas agora entendo por que falhei: ele não era Lamahoon e só o verdadeiro Lamahoon conhece a fórmula.

— O que mais ele falou, Ialutá?

— Propôs-me um pacto, no qual eu deveria fazer um sacrifício ritual ao seu senhor e imolar sete vítimas inocentes em sinal de renúncia ao meu Deus e a meus princípios virtuosos.

— Então é por isso que alguns iniciados e outros membros das hierarquias caíram e continuam caindo em todos os sentidos! — exclamou Larrin. — Senão, como compreender que um ser humano conhecedor das leis divinas e da que cuida da evolução possa se deixar cair em todos os sentidos? A nossa queda forçada para que combatêssemos pelos princípios duais, regidos pela Lei da evolução, ainda é aceitável, pois sabemos qual o seu fundamento. Já a queda pelo simples prazer de desafiar a Lei não se mostra como minimamente racional, se não existisse uma compensação muito grande. Então eles não temem a Lei, porque acham que assim ficam livres das suas teias invisíveis que envolvem a todos nós!

— Mas não sabem que a Lei os usou para preparar o meio para a próxima etapa da evolução da espécie humana. E agora ela nos lançou contra eles para que os destruíssemos antes que este novo estágio se estabeleça. É hora de executarmos, com redobrados esforços, o que a Lei nos ordenou!

— Como? — perguntou, desanimado, o Mago do Ar. — Nós não podemos derrotá-los pelo único meio que nos temem, que são as armas, porque nossos corpos de luta estão voltando derrotados aos seus reinos de origem.

— Está enganado, Mago do Ar. Só precisamos descobrir quem é Lamahoon e saber qual é o seu dom negativo ou seu primordial Mistério das Trevas. A partir daí ele cairá em nosso poder e será degolado.

— Como?

— Vou usar meu dom original, Larrin. Só com o conhecimento nós os derrotaremos e vou descobrir como foi que Lamahoon teve acesso à tal fórmula e quais os seus dois dons primordiais para então explodir o seu cérebro.

— Deseje-lhe boa sorte, iniciado da Estrela!

— Deseje-me algo mais forte que a sorte, Mago do Ar! Eu irei precisar muito mais é do amparo do Criador.

— Jamais deixei de desejar isso a você e a todos os envolvidos nesta transformação brutal que estamos assistindo e participando como meros instrumentos.

Então Ialutá falou:

— Senhores, pelos meus cálculos este frasco contém umas cinco doses iguais a que vi o falso Lamahoon ingerir. Quem me acompanha nesta nova empreitada?

— Qual o seu plano, iniciado da Estrela? — perguntou o iniciado das Três Cruzes.

— Bem, nós somos muito conhecidos e se fôssemos nos infiltrar com estes rostos certamente seríamos reconhecidos de imediato. Então proponho um pacto mortal em nome da Lei. Acertamos de comum acordo que recorreremos ao elixir e rejuvenesceremos uns 25 anos. Então nos infiltraremos nos grandes

templos dominados pelas cabeças do mal e mataremos um a um os canalhas. Só pararemos quando todos estiverem mortos. Mas que haja um juramento diante do altar sagrado e em nome dos senhores dos símbolos que nos regem e, se falharmos, não denunciaremos os outros envolvidos no plano. Quem concordar, que fale agora.

Todos concordaram. Então Ialutá continuou:

— Voltaremos ao Grande Templo da Coral onde todos nós faremos o juramento. Mesmo os que não se envolverão diretamente nele o farão! Assim, quem estiver no meio do inferno não precisará preocupar-se com a indiscrição dos que estarão lutando em outra frente, pois a batalha continua no campo das armas e das mentes. Após o juramento, sairemos um a um do grande salão e, após passarmos por uma sala, dali partiremos para nossos destinos. Quem for escolhido seguirá o plano e se infiltrará. Já os que não forem voltarão aos seus domínios e redobrarão a atenção nos movimentos sinuosos das trevas e os combaterão com redobrados esforços.

— Está certo, iniciado da Estrela! — encerrou a reunião o iniciado Larrin.
— Voltemos ao Grande Templo da Coral, imediatamente!

— Esperemos a retirada total dos nossos guardiões, Mago do Ar. Pode ser que precisem de nós para coordená-los em caso de um ataque de surpresa dos caídos em todos os sentidos.

— Tem razão, Ialutá. Voltem aos seus postos e à medida que os seus comandados tiverem partido aos seus lugares de origem voltem aqui e assim iremos todos juntos ao Grande Templo da Coral.

Dois dias se passaram até que a maioria começou a retornar ao acompanhamento de Ialutá e Larrin. Mas ainda faltavam alguns corpos de luta se retirarem quando um veículo de transporte aterrissou diante do acampamento dos dualistas.

Imediatamente foi cercado por guardiões armados que conduziram os seus ocupantes até onde estavam os iniciados na origem.

— Quem são vocês e o que fazem aqui? — perguntou Larrin.

— Viemos pedir socorro, pois o lado caído atacou há cerca de três horas o grande Templo da Luz Cristalina.

— Por quê? — perguntou Larrin.

— Antes do amanhecer fomos atacados em todas as frentes, Grande Mago!

— O que podemos fazer por vocês se não temos meios de vencê-los com nossas armas?

— Nós precisamos de auxílio imediato, Grande Mago! O Grande Templo da Luz Cristalina está sob intenso ataque e poderá cair em pouco tempo.

— É o preço da covardia, iniciado guardião! — exclamou Ialutá. — Não estão pagando nada além do preço da covardia diante de um fato consumado que é o dualismo, e também o preço do egoísmo. Nós perdemos milhares de valentes guardiões ao tentarmos invadir seu continente e mesmo assim fomos humilhados por vocês como se fôssemos seres das trevas. Deus não aguardou nossa partida para nos mostrar que estávamos no caminho certo ao não fugir da luta. Deus está conosco, iniciado guardião!

— Pois então nos auxiliem logo ou os caídos nos fulminarão. Eles sabem que vocês foram derrotados.

— Tenho um plano melhor, iniciado guardião. Você tem acesso à produção das suas armas?

— Sim, eu tenho.

— Sabe quem são os responsáveis pela produção delas?

— Sei.

— Ótimo. Vamos para lá imediatamente! Nós os tiraremos do meio da destruição e serão levados a um dos nossos templos. Nele começarão a produzi-las para nossos corpos de luta, e um dia, que espero chegue rápido, voltaremos aqui e destruíremos os caídos de uma vez por todas.

— Mas até lá já estaremos sob o domínio dos Magos Negros.

— Não se preocupe com isso. Nós aprendemos a conviver com eles e até podemos derrotá-los se não tiverem armas superiores às nossas. Vamos, iniciado guardião, conduza-nos à fábrica de armas imediatamente!

— Não sei se devo fazer isso, Mago do Arco-íris.

— Por Deus! Onde estão suas qualidades de iniciado, guardião? Por acaso até isso já não consegue usar devido ao seu maldito egoísmo? Será que o sangue derramado nessas terras pelos nossos guardiões foi totalmente em vão para não merecermos um voto de confiança seu?

— Está bem, acompanhem-nos e logo estaremos lá.

Uma hora depois entravam numa fantástica fábrica de armas desconhecidas para eles.

— Qual é a segurança dessa fábrica?

— Só tem um corpo de guardiões para defendê-la, caso sejamos atacados!

— falou aflito o iniciado que a guardava.

— Então reúnam no pátio todos os veículos de transportes e os carreguem com todas as armas disponíveis e mais as ferramentas necessárias à produção delas. O iniciado das Sete Espadas os guiará ao nosso destino final.

— Onde será o nosso destino final?

— O Grande Templo da Coral. Lá estarão em total segurança e reiniciarão a fabricação em massa das armas que nossos corpos de luta precisarão para voltar e esmagar de vez esses malditos servos das trevas. Levem também todos os sábios que as constroem. Não deixem para trás nada que seja necessário a sua fabricação.

— Assim será feito, Grande Mago do Arco-íris!

Enquanto os trabalhadores do imenso arsenal movimentavam-se com rapidez, Ialutá conversou em particular com o iniciado guardião do arsenal e o das Sete Espadas.

— Vamos iniciar um planejamento sincronizado de nossas ações, irmão da Espada! Você irá com esse nosso irmão e auxiliará o pessoal dele na adaptação ao dualismo por nós codificado como aceitável ao ser humano.

— Que dualismo é esse, Mago do Arco-íris? — perguntou o assustado iniciado guardião do arsenal.

— Nada que não possa ser aceito como racional na nova ordem, que em breve se estabelecerá na face da Terra, irmão! São aceitos como já codificados na nossa evolução dual, pois encontram ressonância naquele estágio de nossa

evolução. São princípios que podem até degradar o corpo, mas não o espírito eterno.

— Mas isso poderá gerar uma série de situações adversas que nos conduzirão ao encontro de princípios viciados.

— Melhor que vivam em meio a eles, mas mantenham viva a chama da luz divina, que dar vazão a seus instintos, como se outro meio não existisse senão a renúncia a Deus e a autoentrega consciente aos princípios negativos.

— Ainda assim, estarão violentando a lei da evolução virtuosa!

— Melhor uma evolução lenta e dual, mas constante, que um virtuosismo que já não pode mais ser sustentado em um meio tão viciado quanto o nosso. Entenda que toleramos certa degradação emocional em benefício da integridade do espírito imortal.

— Será difícil entender isso, Grande Mago!

— Você poderá avaliar o que estou lhe dizendo quando lá chegar. A alternativa será enfrentar o caos em que sobrevivem os dominados pelos Magos Negros. Entre eles não terá oportunidade de vivenciar um só princípio virtuoso sem ser molestado. Não lhes oferecemos o bem absoluto nem o mal sem retorno, mas tão somente uma forma de poder cultivar seu virtuosismo pessoal num meio que também comporta uma viciação limitada. Dê-nos crédito e descobrirá a lucidez e o racionalismo da nossa solução intermediária para não lançarmos às trevas o ser humano logo no seu primeiro vício, que é reparável. A nova via evolucionista já está se mostrando como a mais correta num meio viciado pelos princípios codificados como negativos na nossa evolução dual, que é anterior à humana.

— Vocês estão trazendo para a matéria um estágio que já superamos há milênios incontáveis em nossas evoluções como seres espirituais.

— A carne, que torna o ser mortal e perecível, atenuará o impacto dos vícios a serem vivenciados e torna limitada a ação de cada um pela reação que despertará nos que forem atingidos por ela. Além do mais, esse estágio de evolução atual criou uma divisão nefasta para o ser humano. Ou ele é virtuoso ou é viciado! Não lhe deixaram um meio-termo para que possa viver suas virtudes individuais, mesmo num meio que contenha vícios. Ou nos adaptamos para esse novo tempo ou não estaremos aptos a viver nele em futuras reencarnações a se processarem com nossos espíritos imortais, em constante evolução.

— Vou tentar compreender isso quando observar as leis que estabeleceram como aceitáveis para um meio viciado.

— Ótimo! O iniciado das Sete Espadas lhe mostrará tudo com sua tradicional boa vontade e sabedoria.

— Espere um instante, Ialutá! — exclamou ele. — Por acaso pretende deixar-me de fora dessa etapa de nossa luta contra os Magos Negros?

— Sim. Você foi escolhido como chefe do novo corpo de luta que se formará para darmos combate de igual para igual contra as Sete Cabeças da Serpente Negra.

— Não pode fazer isso comigo! Quero estar a seu lado quando chegar o momento de explodir o cérebro de Lamahoon.

— Já está decidido, irmão iniciado na origem. Confio cegamente no seu sentido de lealdade e em sua capacidade de ação num meio adverso. Portanto,

partirá daqui diretamente para o Templo da Coral e providenciará o alojamento de todos os que partirem com você, e também da fabricação das armas. Não abra mão delas, pois não podemos nos permitir novas derrotas!

— Vou sentir-me um iniciado deficiente se não participar do confronto final contra as Sete Cabeças da Serpente Negra.

— Esqueça esse sentimento, pois teremos de combater ora uma, ora várias e noutras vezes as sete cabeças, que se levantarão das trevas nos próximos milênios quando a Humanidade viverá o tempo todo entre as virtudes e os vícios. Muitos serão os nossos reencontros tanto em espírito quanto na matéria, e em todos, o adversário será sempre o mesmo!

— Isso é uma despedida, meu irmão de origem?

— Sim.

— Não nos veremos mais depois deste dia tão triste?

— Talvez em espírito nos reencontremos brevemente.

— Então vença para poder contar-me como foi doce o sabor da morte de Lamahoon ao perder sua maldita vida eterna na carne, desejada em detrimento da imortalidade do espírito.

— Deus permita que eu e os que me acompanharão vencamos. Mas se isso não acontecer, então, quando encontrar-me do outro lado e vagando nas trevas da ignorância, não titubeie em puxar sua espada simbólica que o acompanhará para todo o sempre e degole meu espírito com um só golpe, pois não terei traído a um irmão na luz, mas sim ao nosso Divino Criador.

— Eu sei que Ele não nos deixará entregue ao acaso e guiará todos os nossos passos, abençoando nossas ações.

Os dois abraçaram-se e lágrimas caíram dos seus olhos, pois ali estavam dois seres que se identificaram em tudo e se amavam muito.

Quando se separaram, lalutá virou-se para o iniciado guardião e perguntou-lhe:

— Onde estão seus familiares?

— Moram nos arredores dessa fábrica.

— Então mobilize todos os seus guardiões para que os recolham e todos irão para o Templo da Coral. Lá o iniciado das Sete Espadas criará um núcleo onde ficarão alojados e à espera da evolução das lutas entre nós e os Sete Sentidos das Trevas.

— Esperem um instante! — exclamou o iniciado guardião. — O Grande Mago do Arco-íris é o mesmo iniciado que um dia desonrou o Grande Templo da Luz Cristalina?

— Sim, irmão na origem. Só fiz o que me ordenou meu gênio tutelar. Tenho conhecido, vivido e combatido com todos os meus recursos os escravos das trevas. Foi por isso que caí, irmão na luz!

— Então foi uma farsa, não?

— Não entendo como sendo uma farsa, porque tive de sofrer humilhações, deixar para trás tudo o que amava e renunciar aos meus mais sagrados princípios somente para cumprir uma ordem do meu gênio tutelar, que foi orientado pelos sagrados guardiões dos mistérios divinos da criação. Não imagina como isso foi difícil não só a mim, como a todos os que tiveram que aceitar essa missão.

— Ialutá, você ainda vive no coração do Grande Mago da Luz Cristalina! Ele jamais se esqueceu de você e até chorou muito quando foi informado de que Iafershi, o Mago Negro do Ônix, era o mesmo iniciado que um dia ele tanto amara.

— Eu tive uma vontade imensa de revelar-me na reunião que solicitamos com o corpo hierárquico do Grande Templo da Luz Cristalina, mas teria sido pior. Mesmo lá os Magos das Trevas já têm os seus adeptos da vida eterna na carne.

— Como sabe disso?

— Sou o Grande Mago do Arco-íris, meu irmão na luz! Tudo o que pensarem à minha volta, caso esteja com meus sentidos atentos, posso “ouvir” mentalmente.

— Deve ter sido difícil revê-lo e não poder revelar-se, não?

— Sim, foi muito dolorido ver alguém que amo cercado de traidores. Mas que fique só entre nós o que aqui foi revelado. Sobre isso o irmão da Espada lhe falará quando estiverem fora de perigo. Agora vá ordenar aos seus guardiões que recolham seus familiares. Todos irão para o Grande Templo da Coral, pois somente assim terão paz para nos auxiliarem de agora em diante.

Assim que o iniciado guardião afastou-se, Ialutá conversou com Larrin a sós. Seria o novo plano para derrotar as Sete Cabeças da Serpente Negra. Depois, ao ver os veículos de longo curso lotados com os familiares dos membros da hierarquia, deu-lhe ordens taxativas de só parar quando chegasse ao seu templo de origem e a partir dele iniciar a nova etapa de lutas.

Ainda não haviam partido quando um novo veículo estacionou no imenso pátio. Dele desceu um grupo de homens com a aflição estampada nos rostos. O líder do grupo falou rápido:

— O Grande Templo da Luz Cristalina acabou de cair sob o domínio dos servos das trevas!

— Quais os que ainda resistem? — perguntou o iniciado guardião.

— Já caíram os Grandes Templos da Esmeralda, da Safira, do Rubi, de Jade e da Ametista. Os outros ainda resistem, mas acredito que logo cairão, pois o ataque foi tão bem arquitetado que ninguém pôde reagir. Fomos apanhados com nossas defesas totalmente paralisadas. O caos e o horror instalaram-se entre nós!

Ialutá olhou para todos os recém-chegados e descobriu entre eles dois infiltrados. Com um movimento das mãos, os lançou ao solo.

— Confessem o que sabem, servos do mal!

— Nós viemos juntos para nos apossarmos da fábrica de armas e nada mais.

— Onde levaram os servidores do Grande Templo?

— Não sabemos.

— Então que morram imediatamente!

O iniciado das Sete Espadas puxou de sua espada simbólica e ali mesmo os executou. Então Ialutá perguntou ao iniciado guardião da fábrica:

— Vocês não têm um dispositivo para destruir este complexo?

— Tem sim.

— Ordene a partida dos veículos de transporte que o ativarei e aguardarei sua destruição total para que não caia na mão dos traidores.

Imediatamente o comboio, com alguns milhares de pessoas, armas e máquinas começou a decolar. Despediram-se mais uma vez e o iniciado das Sete Espadas embarcou e assumiu o comando. Em pouco tempo, o imenso pátio ficou vazio. Ialutá e o iniciado guardião que o procurara no acampamento acionaram os dispositivos de destruição da imensa construção subterrânea. Do alto, assistiram ao incêndio e ouviam as ensurdecedoras explosões que abalavam tudo à volta. Tão fortes foram as explosões que chegaram a rachar a montanha que a ocultava. Só partiram após se certificarem de que nada mais restara intacto. No compartimento de cargas levavam uma grande quantidade de armas para proteção do acampamento. Assim que desembarcaram, foram direto ao local onde Larrin já os aguardava com outros iniciados.

— Como foi a operação, iniciado da Estrela?

— Um sucesso, iniciado do Ar! Leiaghômer está conduzindo todos ao Grande Templo da Coral. Em pouco tempo terão chegado, pois estão usando veículos de alta velocidade.

— Ótimo! Mas temos más notícias. O Grande Mago da Luz Cristalina foi aprisionado e levado a um local desconhecido.

Ialutá cobriu o rosto com as mãos e tentou sufocar o choro, que brotou imediatamente. Larrin procurou confortá-lo com palavras bem sensatas, mas não conseguiu impedir que despertasse nele o ódio contra os Magos das Trevas.

Quando se acalmou um pouco, Ialutá pediu a Larrin que reunisse numa dependência isolada os iniciados das Três Cruzes, da Justiça, do Triângulo, das Sete Flechas, do Tempo, mais o Grande Mago da Vida.

Assim que ficaram a sós, falou:

— Aqui temos o que precisamos para o combate final. Ou venceremos ou pereceremos, mas nunca nos trairemos ou retrocederemos!

— Qual o seu novo plano, Ialutá? — perguntou o Mago da Vida.

— É um plano de emergência e veio em boa hora. Onde está o frasco com o elixir?

— Comigo — respondeu Larrin.

— Ótimo. Grande Mago da Vida, use dos seus poderes e conhecimentos e nos esterilize imediatamente e de forma irreversível.

— Por que essa ação tão drástica, Ialutá?

— Nós iremos ingerir esse elixir e não poderemos ter filhos para tolherem nossos movimentos. Cada um de nós aqui reunidos conhecemos os mistérios das trevas, dominamos a magia e podemos nos considerar como no último grau de poder e sabedoria. Vivenciamos em nossos dons negativos até o seu mais oculto poder, e ainda assim não caímos em todos os sentidos! Todos já perdemos família: irmãos, filhos, esposas e tudo o mais. A nós nada resta senão os irmãos na luz e a causa comum que nos une desde nossa origem, que é combater os Sete Sentidos das Trevas. Depois de tomarmos o elixir, só nos restará a causa comum. Nem os irmãos na luz teremos mais, pois encenaremos nossa própria morte e os senhores nos anunciarão como mortos num acidente do veículo que nos transportava. Isto é para evitar que possamos retroceder. Se cairmos sob o domínio das trevas, voltaremos e seremos acolhidos só para destruí-las. Assim, só teremos dois caminhos

a seguir: ou alcançamos nosso objetivo ou caímos em todos os sentidos. Comece seu trabalho, Grande Mago da Vida!

— Espere, Ialutá! Você sabe se os outros iniciados desejam esse fim?

Ialutá olhou para eles, e todos disseram que esperavam ser convocados quando da escolha que se realizaria no Templo da Coral.

— Então inicie seu trabalho, Grande Mago! — exclamou Larrin, contrariado.

Após concluir com perícia e rapidez seu trabalho, ele falou-lhes:

— Irmãos, de agora em diante são estéreis para a geração de vidas na carne. Espero que venham a ser muito férteis na vida em espírito.

— Nós seremos, Grande Mago da Vida! — exclamaram eles.

Então Larrin abriu um baú e retirou dele os sete símbolos sagrados. Cada um estava gravado num disco especial para esse fim. A origem lhes era desconhecida, mas diziam que era a herança ancestral divina entregue aos seres humanos.

Cada um dos iniciados na origem derramou sete gotas de sangue em cada um deles e jurou servi-los sem nunca trair um irmão seu. Que faria tudo o que estivesse a seu alcance para destruir os que cultivavam os sete sentidos sinuosos dos mistérios das trevas e que não voltariam à luz sem antes ter cumprido o que jurava diante dos símbolos sagrados.

Larrin, um iniciado na origem e Grande Mago do Ar, pronunciou as sete palavras sagradas e sob o som delas selaram o juramento final. Então ele recolheu os discos com os sete símbolos sagrados e disse:

— O sangue de vocês ficará nesses discos, que serão depositados no local mais oculto do Grande Templo da Coral. Eles simbolizarão a sua coragem, lealdade e resignação diante dos imperativos da lei. Ainda que tudo se perca e nada reste, ainda assim existirão os sete discos com os sete símbolos sagrados, manchados pelo seu sangue, que no devido tempo será transportado desta terra para o Grande Templo da Coral que existe na sétima esfera da luz, e que é a morada eterna dos 21 Guardiões das Leis que regulam todos os procedimentos da espécie humana. Caso venham a cair em vários sentidos, ainda assim serão amparados por eles. Mas caso vocês falhem e caiam em todos os sentidos, então nem no alto, nem no meio nem embaixo seus espíritos imortais conhecerão a paz e o perdão pela queda total. A partir de agora tudo lhes é permitido para que cumpram com a Lei, mas não lhes é permitida a queda total em todos os sentidos!

— Assim será, Grande Mago do Ar e Grande Mago da Vida — responderam eles.

Então Ialutá falou:

— Nesta mochila estão vestes que tiramos dos inimigos caídos nos campos de lutas. Vamos levá-las a um veículo e os Grandes Magos irão para outro. Então rumaremos a um lugar que já escolhi como ideal e ali ingerimos as nossas doses do elixir maldito que teremos de destruir, custe-nos o que custar, menos nossa queda total!

Eles colocaram armas e alimentos no veículo, depois partiram. Antes espalharam aos outros guardiões que iriam observar de perto o Grande Templo da Luz Cristalina, que ficava a uns mil quilômetros de distância.

Ialutá rumou direto para a Ilha dos Desterrados e ali, numa enseada oculta, ingeriu em primeiro lugar sua dose do elixir. Em instantes rejuvenesceu uns 20 anos. Depois, um a um, todos o ingeriram.

— Está feito! Até uma invenção das trevas Deus nos permite para que vencamos este combate que se iniciou há mais de 300 anos. Ou vencemos ou morreremos!

— Deixe-me dar uma última olhada em seus rostos, iniciados.

Após olhá-los, e com lágrimas nos olhos, Larrin falou:

— A mim vocês parecem anjos enviados da luz para impedir que o mal comece em vantagem após o grande cataclisma.

— A mim, os senhores parecem os olhos de Deus a dizer-nos isso: lutem pela Luz, pois fora dela só existe o nada da morte eterna! — falou Ialutá com lágrimas nos olhos, dirigindo-se aos dois Grandes Magos. — Agora voltem ao seu acampamento e digam que nosso veículo foi abatido no ar e perecemos na explosão.

Os iniciados abraçaram os dois Magos e a seguir eles partiram.

Os iniciados ocultaram as armas e alimentos e vestiram as suas novas roupas, pois mesmo as que usavam antes haviam sido colocadas no veículo que Larrin explodiria.

Depois vasculharam aquela parte da ilha para ver se não havia ninguém. Então voltaram ao esconderijo e esperaram a noite cair.

Quando o sol se pôs, rumaram ao lugar onde Ialutá sabia que se ocultavam os desterrados. Todos iam armados e tinham um plano que pretendiam executar na sombra da noite.

Duas horas depois chegaram próximo da grande caverna onde um clarão denunciava a presença de pessoas no seu interior.

— Vamos dar a volta, pois do outro lado existe um buraco por onde sai a fumaça. Dali ouviremos o que estão falando e até veremos se existem muitos caídos abrigados na ilha.

Pouco depois podiam ver e ouvir um homem que Ialutá reconheceu como sendo o mesmo que um dia o obrigara a revelar seu dom negativo de forma bestial. Também ouviu quando ele falou:

— Iniciados caídos, o momento de sairmos desta maldita ilha logo chegará. Então viveremos os gozos dos nossos dons negativos sob a proteção do meu chefe Lamahoon. Logo virão nos libertar desta prisão!

— Mas você disse que viriam ontem, Mago Negro! — exclamou um mais exaltado.

— Acalmem-se! Se ainda não vieram é porque estão encontrando dificuldades em acabar com os Grandes Templos da Luz.

Ialutá fez um sinal e os seis se afastaram da fresta.

— Vamos colocar nosso plano em prática. Ainda bem que não raspamos a barba há dias, assim não serei reconhecido pelo Mago Negro. É o mesmo que me obrigou a vivenciar meu dom negativo, e não mudou nada desde minha chegada aqui há muitos anos. Ele tem o elixir da vida eterna!

— Vamos matar todos a sangue frio? — perguntou o iniciado da Cruz.

— Sim. Esta será a nossa primeira queda nesta nova fase de luta contra o mal. Só pouparemos o Grande Mago e algumas mulheres.

— Por que elas? — quis saber outro membro do grupo.

— Terão de perder a noção de pudor ainda esta noite, meus irmãos.

— Você está violando os meus princípios, Ialutá!

— Faço isso pelo seu próprio bem! Talvez tenha de violar muitos outros. Mas esse poderá salvá-lo de muitas encrencas. Depois de dominar uma caçada com o seu poder mental, não poderá fugir do que fará esta noite, já que porá tudo a perder. Do Mago Negro tiraremos as informações que precisamos e depois o matamos. Dos caídos tiraremos os nossos novos nomes, que ele costuma dar após cada um mostrar seu dom negativo. Agora vamos!

Pouco depois, eles entravam na caverna como se fossem soldados dos caídos. Assim que os viu na entrada, o Mago Negro exclamou feliz:

— Até que enfim chegou a minha hora de sair desta maldita ilha! Aproximem-se, guardiões!

— Quem são eles, Mago Negro? — perguntou Ialutá.

— São os caídos que foram deixados aqui, guardião.

— Quais os dons negativos de cada um?

— Por que isso tem de ser visto agora e não depois de nossa volta ao continente?

— Temos de deixá-los distribuídos nos vários templos conquistados, onde serão aproveitados de imediato, pois nos faltam iniciados para dirigi-los e acalmar o povo em desespero. Vamos logo, Mago Negro, nós também somos necessários por lá!

— Está certo, guardião, também não vejo a hora de voltar para junto de Lamahoon.

E o Mago Negro separou os homens das mulheres. Depois os separou pelos seus dons negros e símbolos a que serviam.

Ialutá separou seis com mais ou menos a mesma idade que eles e com os mesmos símbolos. Depois procurou saber quem os havia induzido à queda, pois todos eram oriundos do Grande Templo da Luz Cristalina.

— Foi o grande sábio da Luz Azul! — responderam eles. Ele nos enviou para cá, pois achava que logo seríamos recolhidos e poderíamos servir na grande invasão.

— Ótimo! Acompanhem o guardião à minha direita que voltarão imediatamente para lá.

Eles saíram da caverna e assim que chegaram a um ponto afastado, outro iniciado juntou-se ao primeiro e os amarraram bem. Depois voltaram.

Então Ialutá tirou de uma bolsa sua pedra de ônix e sentou-se. Em instantes o Mago Negro caiu sob seu poder mental. Com um sinal feito com a mão direita, um iniciado saiu com um grupo de mulheres já escolhidas para o segundo embarque.

Quando se afastaram Ialutá tornou a levantar a destra e o massacre teve início. Em instantes não restava ninguém vivo. Então ele perguntou ao Mago Negro:

— Existem mais caídos nesta ilha?

— Não.

— Para onde serão levados todos esses caídos?

— Serão distribuídos por vários templos. Cada um seguirá para um templo e servirá a um Mago Negro como iniciado. Eles auxiliarão no domínio dos templos conquistados.

— Para onde irão os seis primeiros que separei?

— Tenho uma lista já pronta em meu bolso. Todos serão aproveitados de acordo com seus dons negativos.

— Quem são seus contatos junto aos cabeças da serpente do mal?

— Lushmer é o único que vem a esta ilha. Ele esteve aqui há uma semana e disse-me que logo voltaríamos ao continente.

— Desde quando você não se encontra com Lamahoon?

— Desde o dia em que me deu o elixir da longa vida.

— Como é ele?

— É um homem de forte compleição física e com uma serpente tatuada no lado esquerdo do seu rosto.

— Como são os outros Magos Negros?

— Habaal tem a serpente negra sobre o seu símbolo original de iniciado e é da raça vermelha. Lushmer a tem nas costas e é de cor negra. Labasher é da raça dos brancos. Hafgor a tem na testa e é louro. Lamishor é amarelo e a traz marcada em sua testa.

— Onde eles se reúnem?

— Não sei.

— Onde está Lamahoon. Ou qualquer um dos outros sentidos?

— Não sei. Só os contatos falam comigo. O único que veio aqui foi Lushmer.

— Onde está ele?

— No templo da deusa do Âmbar.

— Ela é a tal de Leish Ambar Yê?

— Sim.

— Qual o dom negativo de cada um dos sete sentidos?

O Mago Negro revelou os dons negativos dos sete sentidos, e mais os de Bengalar e Hemofer, já mortos.

Então Ialutá penetrou fundo no seu mental e tirou de sua memória tudo o que precisava. Depois foi a vez de os outros cinco fazerem a mesma coisa. Só depois disso Ialutá tirou o papel do seu bolso e o exterminou de vez.

Depois foram até onde estavam amarrados os seis escolhidos. Cada um sentou-se diante do que lhe forneceria a identidade e penetraram em suas memórias, tirando-lhes tudo até o momento em que haviam nascido. Depois avançaram nas suas ancestralidades e só pararam quando alcançaram o estágio dual das suas evoluções.

— Todos já tiraram tudo o que precisavam? — perguntou Ialutá.

— Sim! — responderam em uníssono.

— Então voltemos com eles até o local já escolhido e os executemos. Para eles será um bem não poderem continuar com suas quedas!

Pouco depois voltaram à enseada onde estavam as mulheres. Cada um tomou a sua pelo braço, mas uma delas perguntou:

— Por que a demora em sairmos daqui?

— Talvez o transporte esteja encontrando dificuldades em retornar. É melhor nos divertirmos um pouco, antes de suas partidas. Vamos, tirem suas roupas e divirtam-nos, pois estamos fartos de matar pessoas.

Essas palavras as assustaram muito e logo estavam despidas e prontas para diverti-los.

Já amanhecia quando Ialutá fez um sinal e todos apanharam suas armas.

— Não nos matem, seus malditos! — gritou uma delas.

Mas foram em vão seus lamentos e imprecações. Logo estavam mortas. Depois vestiram as roupas dos homens que haviam lhes fornecido a identidade e voltaram à caverna.

Já dentro dela Ialutá sentou-se diante do ônix e mentalizou o grande sábio que o havia mandado para a ilha do desterro. Assim que localizou seu mental e sentiu que ele estava sozinho no seu aposento, magnetizou a pedra de ônix e o matou a distância. Mas antes retirou valiosas informações de sua memória e as passou aos outros cinco homens.

— Agora já sabem de tudo o que precisamos para alcançar a vitória final contra os sete sentidos das trevas da ignorância. Deem disparos não mortais em seus corpos e depois nos livraremos das armas ficando no aguardo do nosso resgate. Procurem ser convincentes nos ferimentos.

Todos foram muito convincentes, mas, para azar deles, um veículo de resgate só apareceu ao entardecer. Depois de certificar-se de que eram guardiões caídos, Ialutá saiu do seu esconderijo e apresentou-se:

— Sou Shefershi e estava oculto, pois ontem a noite uma nave veio até aqui e provocou o maior massacre que já vi.

— Onde está o Mago Negro?

— Lá na caverna. Nós estávamos no mar com nossas amigas e só escapamos porque submergimos na água e nos salvamos. Os corpos delas ainda estão lá na praia. Os outros participavam do ritual com o Mago Negro e foram mortos a sangue frio.

— Devem ser os desesperados! — exclamou o guardião que comandava o resgate. — Vamos até a caverna ver os cadáveres.

Pouco a pouco os outros cinco foram se aproximando e logo se juntaram ao grupo que foi até a caverna. O chefe foi direto ao bolso do Mago Negro e retirou a folha manchada com sangue.

— Que azar! Só havia servidores de alto nível! O Grande Mago Negro não ficará feliz quando souber do que houve aqui.

— Ajudem-nos, pois nossos ferimentos estão infeccionados! — pediu Ialutá.

— Vamos até o continente. Lá serão tratados.

Pouco depois o veículo estacionava num grande templo já sob domínio dos caídos. Os seis foram atendidos às pressas, pois havia centenas de feridos. Ialutá levava oculta sob suas vestes a sua pedra de ônix. Quando viu que ninguém o vigiava, ocultou-a sob seu leito e a cobriu com um tecido escuro.

Somente alguns dias depois eles receberam a visita do guardião que os resgatara da ilha. Foram conduzidos até um Grande Mago Negro e submetidos ao seu acurado exame.

Ele tentou penetrar em suas memórias e recebeu de volta o que haviam tirado da memória dos homens que lhes forneceram as suas identidades. Também examinou seus símbolos na carne e no espírito.

— Não restam dúvidas! Vocês são realmente o que são. Vamos indicar para que reassumam seus postos. Mas não voltarão ao templo de onde saíram, pois isso revoltaria ainda mais os habitantes dele.

— Poderíamos ter nossas espadas simbólicas de volta, Grande Mago Negro? Elas nos foram tiradas e sem elas não nos sentimos como éramos antes.

— Está certo. O guardião os acompanhará até onde estão e depois os conduzirão aos seus novos templos. Sirvam com lealdade e logo alcançarão o topo da hierarquia, iniciados!

— Somos gratos por nos devolver aos nossos postos, Grande Mago Negro!

— Provem suas gratidões impondo as novas leis nos templos onde assumirão seus postos.

— O Grande Sábio havia nos prometido uma recompensa especial.

— Que recompensa? — perguntou o Grande Mago Negro.

— Ele disse-nos que seria algo tão especial que não teríamos motivos para temer a luz e suas difíceis virtudes.

— Antes de alcançar essa recompensa terão de dar provas de que não defendem mais as virtudes como via de evolução, e sim a obediência aos ditames do seu novo senhor. Agora vão apanhar suas espadas e assumam logo seus postos. Os guardiões os apresentarão aos seus superiores.

— Sim, senhor.

Eles acompanharam o homem que os havia recolhido na ilha e uma hora depois entravam no devastado Grande Templo da Luz Cristalina. Guardiões portando armas mortais circulavam em todas as direções.

Enquanto sobrevoavam os arredores, puderam ver imensas filas de pessoas sendo conduzidas pelos guardiões caídos. Eram os escravizados que daquele momento em diante só teriam duas alternativas: ou entregar-se às trevas ou aniquilar-se pouco a pouco no trabalho escravo. Ialutá e seus amigos já haviam visto aquilo em todas as partes do mundo.

Quando entraram no salão onde ficavam guardadas as espadas simbólicas dos caídos, o iniciado das Três Cruzes virou-se para o guardião e falou:

— Alguém se apossou de minha espada, pois ela possuía uma marca especial que eu mesmo havia feito.

— Vamos, apanhem qualquer uma, pois elas só servem para distinguir-nos dos seres inferiores e nada mais. E, levando à mão a arma mortífera que trazia na cintura, falou:

— Este é o novo símbolo do poder. Apanhem qualquer uma com os seus símbolos originais e partamos logo deste local.

Ialutá foi direto à sua espada e a devolveu ao seu lugar, no cinto de onde nunca deveria ter saído.

Enquanto se afastaram, ele perguntou ao guardião:

— Onde está o nosso Sábio Mestre?

— Acho que alguém o matou com algum veneno desconhecido, pois foi encontrado morto em seu aposento sem sinais visíveis que pudessem denunciar a *causa mortis*.

— Então estou sem um protetor?

— Nós somos os nossos protetores, iniciado! Ou você se impõe ou logo será escravo de um mais esperto que o utilizará em benefício próprio.

— Como saber quando devo obedecer e quando posso beneficiar-me de um posto recebido?

— Isso será com vocês. Caso tenham iniciativa própria, logo assumirão o comando dos grandes templos para onde serão enviados. Os nossos mestres negros não toleram desafios às suas ordens nem tampouco a traição aos mistérios das trevas, mas não se importam com os meios que usarmos para nos destacar em nossas funções.

— Isso nos deixa numa posição difícil, não?

— Mais ou menos! Ou você avança ou estaciona, pois retroceder agora é impossível.

— Não quero retroceder. Já bastam os anos que passei servindo à luz junto a um ponto de força da Natureza! A única diversão era olhar as jovens que iam até ele para realizarem seus rituais. Nem tocá-las eu podia!

— Agora poderá realizar seus dons negativos à vontade. Só assim alcançam o respeito na nova ordem.

— Ah! Então é assim?

— Lógico! Senão para que nos serviria auxiliar à nova hierarquia que está surgindo?

— Isso quer dizer que se eu quiser requisitar algumas mulheres que me agradem bastará procurá-las e tomá-las para mim?

— Isso mesmo, iniciado!

— Aqui mesmo existiam algumas que desejei desde a mais tenra idade, guardião! Assim que souber qual o meu posto e se tiver onde alojá-las, virei procurá-las.

— Você não nega seu nome, Shefershi!

— Foi por causa disso que caí e, através do meu dom negativo, me levantei novamente.

O guardião, já entrando no veículo, deu uma gargalhada. Pouco depois levantavam voo. O iniciado da Justiça foi deixado no pátio do outrora Grande Templo dos Diamantes. O das Três Cruzes, no dos Brilhantes. O das Sete Flechas ficou no Templo das Safiras. O iniciado do Triângulo ficou no Grande Templo da Esmeralda. O iniciado do Tempo ficou no da Ametista. Então o guardião rumou para o sul e pouco depois estacionava seu veículo no pátio do Grande Templo do Âmbar e falava:

— Agora poderá realizar seu sonho, Shefershi. Servirá no Grande Templo de Leish Ambar Yê. Aqui ficará ao lado de sua nova deusa. Vamos até seu superior.

Pouco depois ele entrava num imenso salão envolto pela penumbra. Um Mago os recebeu e os conduziu a uma sala anexa que ficava nos fundos.

— Pode retirar-se, guardião! Eu conduzirei o iniciado até o poderoso Mago Negro Lushmer.

Ialutá alegrou-se com sua imensa sorte. Quando entrou na sala um arrepio percorreu-lhe o corpo de alto até embaixo. Um homem com um turbante vermelho e um ônix na frente ordenou ao Mago que saísse e o deixasse a sós com o iniciado caído.

— Seu desejo é uma ordem, poderoso Lushmer!

Assim que ficaram a sós, ele, com voz sibilante, ordenou-lhe:

— Sente-se na minha frente, iniciado Shefershi.

Após sentar-se, Ialutá olhou nos olhos de Lushmer, mas logo desviou o olhar.

— Vejamos do que você é capaz, iniciado Shefershi. O que tem a dizer-me?

— Estou aqui para assumir minha nova função que meu posto de iniciado me confere, poderoso Lushmer. O grande sábio havia me prometido muitas coisas caso o servisse com lealdade e foi o que fiz até ser enviado por ele à Ilha dos Desterrados. Espero receber minha recompensa a partir de agora.

— Qual a recompensa que mais deseja?

— Bem...

E Ialutá deu plena vazão ao dom negativo em sua mente, mas não ousou falar. Só balbuciou algo como:

— Bem, creio que o senhor deva ter sido informado por ele.

— Seu dom negativo é muito poderoso, iniciado Shefershi! Ele me agrada de maneira especial. Você também me agrada como homem. Tem uma aparência imponente e muito atraente!

— Bem, eu...

— Os meus desejos o incomodam?

— Em parte — gaguejou Ialutá. — Não era bem isso que tinha em mente como meio de dar vazão aos meus desejos.

— O que terá de proporcionar-me será só uma parte do muito que está ao seu alcance. Mas o que quero o seu dom negativo comporta, pois o conheço em todos os seus vícios derivados. Vamos, dê-me suas mãos que vou levá-lo até o mais oculto vício de seu dom.

— Mas eu...

— Ousa contrariar uma ordem minha?

— Não, poderoso Lushmer! Eu o servirei com imenso prazer!

— Ótimo, Shefershi! Não me realizo na carne, pois ela tem limitações. Por isso prefiro realizar meus desejos em espírito e no interior do ônix. Garanto-lhe que apreciará o prazer que irei proporcionar-lhe. Agora coloque suas mãos sobre as minhas e feche os olhos que o conduzirei ao meu paraíso dos prazeres.

— Deixo-me conduzir por suas mãos, poderoso Lushmer!

No mergulho dentro do Ônix, Ialutá foi conhecer o paraíso dos prazeres de Lushmer.

Sim, como Iafershi, Lushmer havia esgotado todos os vícios derivados de seu dom negro. Agora os realizava justamente no ônix, sua pedra de força mágica. Pelo menos isso aprenderia com Lushmer.

Quando voltaram à carne, o poderoso Mago Negro falou:

— Está vendo como foi bom, Shefershi!

— Eu não conhecia esta modalidade de dar vazão ao meu negativo.

— São tantas as coisas que ainda desconhece, querido iniciado! Ficaré comigo e muitas mais ainda descobrirá. Com o tempo lhe ensinarei todos os mistérios do ônix e suas múltiplas possibilidades. Mas o meio que uso para dar vazão ao meu tormento não degrada meu corpo carnal, pois ele é meu maior tesouro e se deixá-lo sofrer qualquer dano logo o estarei perdendo. Com o tempo você também aprenderá isso!

— Talvez, depois de provar as formas e imagens que me atormentam passe a pensar e agir como o senhor.

— Não me chame de senhor quando estivermos a sós. Para você sou seu querido Lushmer. Mas só para você!

— Por que esta deferência comigo?

— Você foi o que mais me agradou até hoje. Ficarei enciumado quando der vazão ao seu dom negativo com as mulheres, Shefershi!

— Dê-me tempo para que realize meus desejos. Só assim terei um pouco de paz. De outra forma logo acabarei louco e serei de pouca utilidade, pois em tal estado não conseguirei manter-me em equilíbrio.

— Está certo, Shefershi, agora me provará sua lealdade.

— Como?!!

— Tenho outro amante, mas como você lhe é muito superior, assumirá seu lugar a partir de agora. Vou chamá-lo até aqui e você me livrará de presença tão incômoda.

— Eu...

— Ousa desobedecer a uma ordem minha?

— Não, poderoso Lushmer!

— Já disse que quero que me chame de querido!

— Está certo, querido Lushmer.

— Assim é melhor! Logo ele estará aqui. Quero que você o degole na minha frente!

Pouco depois entrava um homem de feições pouco recomendáveis. Lushmer olhou-o zombeteiramente e falou:

— Já tenho um substituto para você, meu querido! Shefershi agrada-me mais que você e ordenei a ele que o degolasse na minha frente.

— Não, querido Lushmer! Eu o seguirei no que ordenar-me, mas não tire meu corpo, pois é o único tesouro que possuo.

— Então se defenda, pois ele irá degolá-lo.

Lushmer olhou para Ialutá e falou:

— O que está esperando para cumprir minha ordem?

— Imediatamente, querido Lushmer. Não vou deixar vivo um rival que poderá afastar-me de você!

Ialutá puxou de sua espada e de um salto posicionou-se diante do infeliz rejeitado. Mas não pôde levantar a mão que a empunhava, pois uma força começou a paralisá-la. Podia lutar mentalmente contra essa força, mas resolveu se deixar dominar para ver o que Lushmer desejava com aquele jogo. Pouco a pouco todo o seu corpo foi paralisando-se. Então o seu rival tirou a espada de sua mão e sem desviar os olhos, já o ia degolando quando Lushmer levantou sua mão esquerda. O homem ficou paralisado com a espada próxima do pescoço de Ialutá. Este saiu de sua paralisia e, com o suor correndo de suas têmporas, apanhou de volta sua espada e a levantou para consumir a ordem. Quando ela já descia, um novo choque o paralisou e ela caiu no chão.

— Já chega, meus queridos! Os dois deram provas suficientes de que me adoram e cumprem todas as minhas ordens!

Os dois recuperaram seus movimentos e Lushmer ordenou-lhes que se abraçassem em sinal de pacificação.

— Sentem-se, meus queridos! Não quero que um odeie o outro, mas só que sintam ciúme por minha posse. Shefershi, acompanhe Hemoshi até seus novos aposentos e aguarde minhas ordens.

— Sim, querido Lushmer! — exclamou Ialutá.

— Gosto de você, Shefershi. Talvez eu envie Hemoshi para outro templo qualquer dia desses.

Assim que lhe foi mostrado o seu novo alojamento, Ialutá admirou-se com o luxo ali reinante. Em tudo contrastava com a antiga austeridade do Grande Templo do Âmbar, que ele um dia visitara com o Grande Mago da Luz Cristalina. Naquela época os princípios virtuosos imperavam em todo o Reino dos Cristais e as virtudes não comportavam o luxo, pois esse era considerado um dos mais danosos dos vícios.

A simplicidade no vestir, viver, comer, ser, pensar e agir era cultivada com dedicação por toda a população. Os templos tinham as funções de educar, curar, iniciar e aplicar os princípios virtuosos praticados por todos os habitantes sob sua jurisdição.

Mas tudo estava mudado. O luxo, o ódio, a intriga, a ambição, o desejo, o ciúme, a inveja, a escravidão da carne e do espírito haviam tomado o lugar das virtudes e a falsidade era a regra. Esse era o meio onde ele teria de caminhar para eliminar seus inimigos. No breve olhar trocado com Lushmer, descobrira que ele não era um iniciado na origem que caíra no meio. Não! Ele era um iniciado caído na origem! Se havia algum sentido em sua vinda à carne, era em função das novas levas de espíritos que já começavam a encarnar, encarnações estas que se tornariam predominantes num futuro próximo.

As levas que iriam evoluir no corpo carnal seriam os espíritos que não haviam dominado os vícios adquiridos no estágio dual de suas evoluções. Então não estavam aptos a evoluir num meio totalmente virtuoso, pois a pulsação dos seus mentais inferiores, inundados com os princípios negativos ou viciados do estágio dual, teria de encontrar na carne um canal em que pudessem descarregar os seus emocionais viciados nas vibrações negativas. O corpo carnal seria o meio de irem, lentamente, se purificando das vibrações negativas dos seus tormentos e pouco a pouco despertariam para as virtudes. Quando conseguiriam o equilíbrio entre vícios e virtudes?

Bem, isso competia à Lei da Evolução e não a ele. Quanto a despertá-los para as virtudes, isso sim, competiria aos espíritos virtuosos que reencarnariam em um meio totalmente viciado para auxiliá-los nas suas lentas mas constantes evoluções.

Isso era o que sabiam os que lutavam com todas as suas forças e meios para derrotar as sete cabeças dos sete sentidos das trevas, senão a luta seria iniciada em desequilíbrio. Por isso Ialutá e muitos outros iniciados na origem estavam infiltrados no meio onde os vícios eram valorizados e as virtudes odiadas.

Tudo isso Ialutá raciocinou em segundos enquanto Hemoshi lhe mostrava seus aposentos. Era hora de descobrir um pouco mais, e foi assim que viu Leish Ambar Yê.

Capítulo V

O Encontro com Leish Ambar Yê

Ialutá colocou seu acompanhante sob seu domínio mental mais sutil e o instigou a soltar a língua. Hemoshi tornou-se mais aberto ao diálogo e começou a falar:

— Este é o aposento do último que desagradou o poderoso Lushmer, Shefershi! Cuidado, pois senão logo outro virá ocupá-lo.

— O que ele fez para desagradá-lo?

— Ousou desobedecer a um desejo de realizarem-se em um meio diferente.

— Não é só no ônix que Lushmer se livra dos seus tormentos mentais?

— Que tormentos? Nós é que somos atormentados, pois ele é a própria encarnação viva dos tormentos do desejo dos prazeres da carne. Ele só os desperta em nós. Quanto a realizá-los, de tudo Lushmer já experimentou, mas só em espírito e nunca na carne. Isso ele transmitiu com maestria a Leish Ambar Yê.

— O que aconteceu com o homem que ousou desobedecer a uma ordem de Lushmer?

— Foi lançado no poço da morte.

— Que poço é esse?

— Fica atrás do aposento dele e está cheio de serpentes venenosíssimas.

— Odeio serpentes, Hemoshi! Elas me causam asco.

— Então é bom não desobedecer Lushmer ou será servido a elas ainda vivo.

— Como podemos fazer para conviver em paz e sem nos destruir por causa dele?

— Bastará você não tomá-lo de mim totalmente, pois através dele consigo tudo o que quero.

— Não farei isso, Hemoshi.

— Também estou gostando de você, Shefershi. Vamos nos dar bem, já que dividirá Lushmer comigo.

— Ótimo. Como posso ver Leish Ambar Yê?

— Por quê?

— Ela foi a causadora de minha queda. Um dia, ao vê-la a distância, sua beleza me fascinou e fez despertar esse meu dom negativo.

— Sei como vê-la em seu aposento mais íntimo. Quer dar uma olhada nela?

— Por que não? Foi por ela que caí e se puder aproximar-me e vê-la melhor, acho que já me satisfarei.

— Acompanhe-me, mas fique em silêncio total, pois só eu sei como vê-la quando ela está no templo.

— Ela sai muito?

— Sim. Eles a usam para despertar o sensualismo nos homens e levá-los à queda total.

— Quem a usa?

— Lamahoon, Lushmer, Habaal, Labasher, Lamishor e Hafgor. Ela é a encarnação dos desejos da carne. Então eles a mostram como a deusa do Âmbar ou a imortal senhora do poder do Âmbar. Eles dizem que ela é o gênio do Âmbar encarnado no corpo perfeito de uma mulher. Creio que Lushmer a mataria, só por ciúme, se não fosse pelo medo que sente de Lamahoon. Ela é protegida do poderoso Grande Mago Negro Lamahoon e ninguém, mas ninguém mesmo, o contraria em nada. Lushmer recebeu ordens de despertar nela todos os sentidos do desejo. De vez em quando Lamahoon vem visitá-la, pois ela o agrada demais. Já vi realizarem-se no interior do Âmbar!

— Eles não se tocam na carne?

— Não. Leish Ambar Yê é tão virgem como no dia em que veio à luz.

— Ela não conhece o prazer da carne?

— Não. Mas às vezes gosta de olhar os homens. Os que agradam aos seus sentidos dos desejos ela visita em espírito ou os leva ao interior do Âmbar e lá os possui.

— Você já foi com ela alguma vez?

— Só uma e foi muito desgastante. Ela nos deixa exaustos, pois se alimenta de nossas energias, assim como faz Lushmer.

— Então é possível fazer isso?

— Lógico! Mas só Lamahoon conhece o segredo e não o passou a mais ninguém além dos seus auxiliares, que já citei, e também a Leish Ambar Yê. Silêncio, pois estamos próximo do local que lhe falei.

Pouco depois, Ialutá via a deslumbrante Leish Ambar Yê. Era fascinante e extasiava os sentidos dos desejos dos prazeres da carne. Um homem chegaria ao “delírio” somente de a ficar observando.

— O que achou dela, Shefershi? — perguntou num sussurro Hemoshi.

— Ela é uma deusa da beleza e dos desejos, Hemoshi!

— Só de vê-la começo a delirar.

— Contenha-se, Hemoshi!

— Não posso. Ela me fascina e em breve estarei delirando.

Nisso uma voz telepática ecoou:

— Hemoshi, quero-o aqui agora!

Era Lushmer chamando seu delirante servo.

Ialutá o viu afastar-se com lágrimas nos olhos por ter de ir ao encontro do seu amo e deixar de delirar com sua deusa.

“Este é o segredo de Lushmer” — pensou Ialutá. “Se alguém fica inundado pelas sensações da visão de Leish Ambar, ele também entra em êxtase e o chama para realizá-lo. E o infeliz do Hemoshi ainda não descobriu nada. Vamos ver se já saíram do corpo!”

Após dar uma olhada com sua terceira visão, ele falou para si próprio.

— Lushmer, seu idiota! Eu podia tê-lo matado dentro do ônix onde foi realizar-se. Mas ainda não é hora de morrer. Antes preciso escravizar Leish Ambar. Mas isso farei quando levá-la ao meu jardim dos prazeres. Depois de escravizá-la, você morre!

Então ele tornou a olhar para a fresta e viu Leish Ambar deitada sobre a cama. Ela estava totalmente nua e a visão do seu belo corpo era extasiante.

“Vamos ver se você é tão poderosa quanto dizem, Leish Ambar Yê! Vamos ver se você resiste ao poder dos sentidos dos desejos que será enviado pela luz negra dos desejos dos prazeres da carne! Vamos ver se você resiste a seu novo amo Iafershí Shefershi, que logo a possuirá no seu muito particular jardim dos prazeres” — pensou ele.

Ialutá concentrou-se e enviou um pouco do seu poder sobre Leish Ambar Yê. Sua visão percorria o corpo dela, que começou a ofegar. Ialutá sentia suas vibrações alterando-se rapidamente.

Então foi varrendo aquele corpo com sua visão. Ela se contorcia toda sobre o leito. Ele direcionou sua visão e lhe enviou uma poderosa carga erótica. Imediatamente ela entrou em um prolongado êxtase. Ele forçou um pouco mais e ela delirou com o êxtase intenso que jamais havia tido antes.

Pouco a pouco, ele a foi liberando do seu poder e por fim a deixou livre. A carga vibratória havia sido tão forte que ela continuou com seu delírio por um longo tempo. Leish Ambar contorcia-se toda num frenesi extasiante. Ela ofegava e seu corpo contorcia-se nos estertores causados pelas ondas do prazer que ele lhe provocara.

“Vá se preparando, Leish Ambar Yê! Esta foi uma carga vibratória das mais fracas que costumo enviar sobre quem agrada a minha visão! Outras mais ainda sentirá antes de trazê-la ao meu aposento. Mas antes vou escravizar totalmente Lushmer e ver o que descubro em seu pervertido mental” — pensou ele.

Ele deu uma última olhada nela, que já estava de bruços no seu leito, e pensou:

“Ainda bem que não cheguei a iniciá-la, Leish Ambar! Se tivesse feito tal coisa, hoje não poderia escravizá-la através do meu dom negativo!”

Ialutá voltou aos seus aposentos e viu duas lindas mulheres. Ele as olhou de alto a baixo e pensou: “São muito lindas mesmo! O canalha quer me estimular para que vá correndo ao seu encontro e o satisfaça.” Pois vou dar-lhe sua primeira lição esta noite.

— Quem são vocês?

— Suas servas, iniciado, Shefershi! Lushmer nos enviou para que o sirvamos em todos os sentidos.

— Todos?

— Sim, amo! Ordene e obedecemos.

— Isso me agrada muito! Quero tomar um banho refrescante e trocar estas roupas.

Uma foi buscar novas vestes enquanto a outra lhe preparava o banho. Quando entrou na água elas o acompanharam. Então enviou uma onda ao mental de Lushmer, estimulando-o a vir observá-lo no banho. Foi uma onda tão poderosa que pouco depois ele entrou no aposento e ficou olhando-as darem banho em Shefershi. Nova onda e ele foi estimulado a sentir prazer nas carícias que elas recebiam.

Quanto mais Ialutá as acariciava, mais Lushmer ficava estimulado. Assim que se sentiu próximo do êxtase, cessou com as carícias que as levava ao êxtase.

— Não pare agora. Shefershi! — gritou Lushmer. — Continue com as carícias e realize-se com elas que vou me realizar somente de vê-los!

— Como queira, querido Lushmer!

Ialutá enviou-lhe mais uma onda vibratória e outra nelas. Então passou à real realização dos desejos que lhe despertavam as belas mulheres à sua frente, ao seu alcance e disposição. De vez em quando dava uma olhada em Lushmer e via que o autoestímulo já tinha tomado conta do seu mental e o comandava. Da banheira, Ialutá as conduziu à cama e continuou com sua lição em Lushmer. Este delirava com o erotismo que lhe chegava à visão. Foram horas de um novo prazer. E ele apreciou tanto que chegou a delirar. Nesses momentos, Ialutá penetrava em seu mental e vasculhava sua memória.

Quando encerrou sua lição, Lushmer falou-lhe:

— Esse é um novo tipo de prazer que muito me agradou, Shefershi! Quero que o repita todas as noites, mas me chame antes de iniciá-lo, pois não quero perder nada da próxima vez.

— Que sejam feitos seus desejos, querido Lushmer! Mas e durante o dia? O que poderei fazer para não me desgastar?

— O que deseja fazer durante o dia?

— Gostaria de voltar ao meu posto de iniciado e comandar o corpo de guardiões do Grande Templo do Âmbar.

— O posto já é seu, querido Shefershi! Você é a minha melhor aquisição dos últimos tempos.

— Tudo farei para agradá-lo, querido Lushmer! Acho que vou voltar à minha diversão mais um pouco.

— Então continue sozinho que vou dormir! O prazer foi tanto que preciso de descanso. Divirta-se, Shefershi!

— Envie-me novas atrações amanhã à noite!

— Terá as mais belas!

No dia seguinte Ialutá assumiu o seu posto e passou a comandar o corpo de guardiões. À noite, em seu aposento, estavam as mais lindas servidoras do poderoso Lushmer.

Somente três ficaram e as outras foram escaladas para outras noites. Para Ialutá, aquilo era o suficiente para escravizar Lushmer.

Assim os dias foram passando. A cada dia ele enviava uma nova onda vibratória em Leish Ambar Yê.

Reorganizou o corpo de guardiões e estendeu seu poder sobre toda a população sob o domínio do Templo do Âmbar. Como a desorganização havia trazido a miséria e em consequência a fome, ele cuidou de obrigar todos os habitantes a trabalharem na produção de alimentos. Alguns meses mais tarde os primeiros resultados surgiram.

As colheitas fartas abarrotaram os depósitos do templo e foram suficientes para alimentar todos os habitantes até novas colheitas. Lushmer o elogiou por sua capacidade administrativa.

— Muito bem, Shefershi! Você está provando que tem mais de uma capacidade, e isso muito me agrada!

— Apenas faço o que me permite! Portanto, os créditos são seus. Se não tivesse me permitido, eu nada teria feito.

— Sou o maior dos Magos Negros, Shefershi! Tenho comigo o melhor, mais competente e mais sábio iniciado na origem, mas caído no meio, a servir-me em todos os sentidos. Olhe só a alegria do povo em ter o que comer.

— Eles agora o amarão, poderoso Lushmer! Todos dirão: O poderoso Lushmer é o mais sábio e generoso Grande Mago Negro de todo o Reino dos Cristais.

— Será que dirão isso?

— Logo lhe chegarão aos ouvidos o que acabo de dizer.

— Como posso recompensá-lo, Shefershi?

— Gostaria de tornar-me um dos seus Magos Negros.

— Torná-lo-ei o meu Mago Negro especial. Vou prepará-lo como ninguém mais o faria ou seria capaz de fazê-lo!

— Seus desejos são minhas ordens e as cumpro com prazer, poderoso Lushmer!

— Vá esta tarde ao meu aposento que começarei a ensiná-lo a tornar-se um Grande Mago Negro. Se já tenho o melhor iniciado, então é hora de ter o melhor Mago Negro ao meu lado.

— Lá estarei, poderoso Lushmer!

O tempo foi passando e Ialutá ia intercalando as diversões para Lushmer enquanto era preparado por ele como Grande Mago Negro.

Certo dia, numa cerimônia em que Lushmer realizou, Leish Ambar Yê foi convidada a participar. Era a primeira vez que Ialutá participava já como Mago Negro, e foi seu primeiro encontro com ela. Como a olhou com intenso desejo, Lushmer perguntou-lhe:

— Ela o agrada?

— Sim.

— Muito?

— Agrada-me muito, poderoso Lushmer.

— Deseja tê-la em seu leito?

— Sim.

— Mas ela não gosta da realização do prazer na carne!

— Posso tentar usar um pouco do que me ensinou?

— Duvido que consiga algo com ela.

— E se eu conseguir?

— Entrarei em êxtase aqui mesmo, pois a odeio! Ela é tudo o que não posso ser e se você a possuir, me realizarei duplamente.

— Caso eu consiga, isso não trará complicações?

— Que complicação se tudo o que essa maldita deseja ou faz Lamahoon aprova?

— Tem certeza?

— Eu lhe darei cobertura se ela vier a arrepender-se depois de ter sentido o prazer na carne.

— Então me deseje sucesso, querido Lushmer!

— Não só desejo como vibrarei pelo seu sucesso, Shefershi. Dobre essa falsa deusa dos desejos.

— Vou esperar que ela olhe para mim.

— Não espere, idiota. Use o seu poder como lhe ensinei e a obrigue a olhar para você.

— Sim, poderoso Lushmer!

Shefershi enviou uma de suas suaves ondas de desejo do prazer na direção dela. Leish Ambar Yê se contorceu no seu assento e começou a procurar de onde ela vinha. Assim que viu quem as enviava, encarou-o fixamente e retribuiu com outra onda vibratória.

— Aumente mais sua concentração, Shefershi! — sussurrou Lushmer. — Ela já está caindo sob seu domínio mental.

— Farei isso.

Ele colocou mais intensidade nas ondas vibratórias mentais até o ponto em que ela veio até Lushmer e lhe perguntou:

— Quem é o seu amigo, Lushmer?

— Este é Shefershi, um Grande Mago Negro e iniciado guardião deste Grande Templo, minha querida! Anda tão ocupada que não tem tempo de conhecer os meus auxiliares mais competentes!

— Tem razão, querido Lushmer! Estou dando pouca atenção ao corpo interno em função dos meus deveres. Muito prazer em conhecê-lo, Grande Mago e iniciado guardião!

— O prazer é todo meu, Leish Ambar Yê.

— Onde posso encontrá-lo caso precise de sua ajuda?

- Estou alojado na ala norte, no terceiro aposento. Sabe onde fica?
- Sim. Caso venha a precisar dos seus favores, mando alguém chamá-lo.
- Será um imenso prazer poder servi-la, Leish Ambar Yê.

Dito isso, Ialutá enviou-lhe uma poderosa onda vibratória. Lushmer sorriu ao vê-la contrair o baixo ventre. Ela pediu licença e voltou ao seu lugar, mas não conseguia ficar imóvel, pois o desejo a consumia e a levava a olhar fixamente para ele.

Assim que a cerimônia foi encerrada, Lushmer anunciou aos presentes que Shefershi havia assumido o posto de Grande Mago Negro do Âmbar. Um colar com o novo grau foi colocado pelo próprio Lushmer em seu pescoço.

Leish Ambar Yê então voltou a aproximar-se deles e cumprimentou Shefershi:

— Parabéns por ter ascendido ao grau de Grande Mago Negro do Âmbar, iniciado Shefershi. Muito me honra tê-lo como o primeiro Grande Mago Negro do Âmbar.

— Fico feliz com seu elogio, Leish Ambar Yê. Disponha dos meus serviços em todos os sentidos.

— Todos os sentidos, Grande Mago do Âmbar?

— Sim, em todos eles!

— Procurarei não me esquecer disso nos meus momentos de solidão.

— Nesses momentos, se puder servi-la, a satisfarei em todos os seus sentidos.

— A qualquer momento provarei seu poder, Grande Mago Negro do Âmbar!

— Estarei aguardando esse momento, Leish Ambar Yê.

— Com licença, vou recolher-me aos meus aposentos!

Ela saiu do grande salão, mas no portal virou-se e olhou para Ialutá. Sorriu-lhe e acenou-lhe com a mão.

— Você conseguiu, Shefershi! Ela me enviou uma mensagem.

— Verdade? Qual? — perguntou Ialutá, que também a recebera.

“Espero-o no seu aposento, Shefershi!”

— Fui elevado ao grau de Grande Mago do Âmbar e nem Mago ainda sou!

— Logo será o maior Grande Mago, pois conseguiu dobrá-la aos seus desejos com seu poder mental.

— Acho que tive sua ajuda, não?

— Não, Shefershi. Isso você conseguiu sozinho. Amanhã lhe ensinarei muitos outros segredos e logo não precisará temer outros grandes Magos Negros. Agora vou para o lugar no seu aposento, que construí somente para assisti-lo na iniciação das virgens nos prazeres dos desejos da carne. Não quero perder nada esta noite!

— Procurarei não decepcioná-lo, querido Lushmer! — sussurrou Ialutá.

— Sei disso, meu querido Shefershi. Procure-me no meu aposento logo de manhã.

— Sim, meu mestre nos prazeres!

Lushmer saiu rápido e sorridente do grande salão, rumando direto ao seu lugar especial. Pouco depois, Ialutá entrava nos seus aposentos. Antes de ir para seu quarto de dormir, despiu-se das vestes rituais e envolveu-se num tecido leve.

Antes de entrar já havia visualizado Leish Ambar deitada em seu leito e completamente nua a sorrir.

Assim que a viu, enviou-lhe novas ondas que a colocaram em total desequilíbrio. Já quase sem voz ela lhe perguntou:

— Por que demorou tanto, meu iniciado?

— Compromissos com o novo cargo, Leish Ambar Yê!

— Não gosto de ter de esperar tanto para me realizar com um homem.

— Tenho problemas demais para assumir os seus e complicar-me mais ainda!

— Quais são os seus problemas e como posso ajudá-lo a solucioná-los?

— Não se preocupe comigo, Leish Ambar Yê!

— Mas me preocupo, iniciado! Afinal, este grande templo é meu e tenho o dever de auxiliá-lo na solução dos problemas.

— Prefiro que se preocupe com afazeres menos desagradáveis aos sentidos, Leish.

— Leish?!!

— Sim. E me chame apenas de Shefershi quando estivermos a sós.

— Gosto do seu jeito, Shefershi. Você tem um estilo que me agrada.

— Obrigado pelo elogio, Leish!

— O que mais lhe agrada em mim?

Ialutá correu a vista em todo o seu belíssimo corpo e quando chegou em determinada região vibrou sobre ela. Leish sofreu uma forte contração. Isso a deixou indefesa, já que finalmente ela soube quem a vinha estimulando a distância já há muito tempo.

— Como posso realizar seus desejos, Shefershi?

— O que tem a oferecer-me, Leish?

Ela acariciou seu Âmbar e, apontando-o, falou:

— Mergulhe comigo no interior dele e verá o que tenho a lhe oferecer.

— Prefiro a realização na carne, Leish!

— Isso não posso fazer.

— Por que não?

— Estou proibida de fazê-lo pelo meu próprio bem.

— Bem? Você nunca se realizou na carne?

— Não.

— Então não sabe o que é melhor para os seus sentidos, Leish. Somente a carne traz a realização plena a um ser humano.

— Se eu fizer tal coisa e Lamahoon souber ele me matará.

— Quem lhe irá contar?

— Lushmer faria tal coisa, pois me odeia. Se ainda não me eliminou é porque sabe que Lamahoon o eliminaria imediatamente.

— Então Lushmer não saberá de nada, pois esse será o nosso segredo, Leish!

— Também temo a dor do prazer, Shefershi.

— Garanto que será a dor mais agradável que sentirá e nenhuma outra sensação se comparará a ela.

— Como posso ter certeza disso?

— Prove-a, Leish! Sem isso nunca conhecerá o que há de melhor nos sentidos do prazer.

— Deixe-me acariciá-lo, Shefershi! Somente assim conhecerei a sensação que o meu objeto do prazer me causará.

Shefershi soltou o tecido que o cobria e deitou-se ao lado dela. Então Leish, já quase delirando, o acariciou por inteiro e se deteve no seu objeto do prazer. Com calma, ele também a acariciou e lhe enviou mais e mais ondas mentais que a colocaram em total desarmonia vibratória. Mas, num repente, ela não só parou com as carícias como barrou as dele, cada vez mais ousadas.

— Chega, Shefershi!

— Por que parar agora se você já está alcançando o delírio do prazer?

— Lamahoon. Ele poderá descobrir e então serei punida sem complacência.

— Ele jamais descobrirá, minha amada Leish Ambar Yê.

— Prefiro o Âmbar, Shefershi.

— Então se realize com outro, pois não me submeterei aos seus desejos.

— Ousa desafiar Leish Ambar Yê?

— Não desafio nada ou ninguém. Apenas lhe digo que somente me realizo na carne e nada mais.

— Irá arrepender-se, Shefershi!

— Não precisa ordenar a alguém que me mate às escondidas, Leish Ambar Yê. Apanhe o punhal af na cabeceira e mate-me, pois só me realizo na carne, e não no interior do âmbar. Para mim, você é o âmbar no qual poderei me realizar.

Ela olhou o punhal afiado e não teve coragem de tirá-lo de sua bainha. Preferiu vestir-se e sair do quarto, mas antes de fazê-lo o ameaçou:

— Ou nos realizamos no âmbar ou Lamahoon o destituirá do seu posto, iniciado!

— Eu a esperarei no meu leito, Leish Ambar Yê. Quando quiser conhecer o prazer carnal, esta porta estará aberta, isto é, se outra não estiver delirando por ousar conhecê-lo.

Ela, ao sair, bateu com força a porta. Lushmer saiu furioso de seu esconderijo e falou:

— Maldita! Eu já delirava quando ela recuou. Estava sendo a minha mais deliciosa realização, pois estava vivenciando em todo o meu ser o prazer do ódio. E ele, para mim, é incomparável!

— Ela cederá em pouco tempo, poderoso Lushmer! É só uma questão de tempo e nada mais.

— O medo que ela sente de Lamahoon a bloqueia.

— O desejo é mais forte que o medo, pois foi por causa dele que não tive receios de cair.

— Tem razão! Leish Ambar Yê cederá em pouco tempo. Olhe! Ela até se esqueceu do seu âmbar encantado.

— Volte a seu esconderijo, pois ela voltará para apanhá-lo em instantes.

— Talvez ela ceda dessa vez!

Lushmer voltou a seu esconderijo. Ialutá começou a magnetizar o âmbar com as mãos e enviar novas ondas vibratórias ao mental de Leish. Ela voltou a sentir as contrações enquanto chorava de ódio e desespero por não tê-lo subjugado a seus desejos. Nisso lembrou-se do âmbar e saiu correndo do seu quarto em direção ao dele, onde o havia deixado.

Quando Ialutá a sentiu próxima estendeu-se na cama e fechou os olhos, como se estivesse meditando. Ela veio até o quarto e ao vê-lo assim não falou nada, apenas o devorou com os olhos. Do jeito que estava ele entrou em seu mental e a seguiu com sua visão. E quando ela fixou-se no seu objeto do prazer, ele enviou-lhe a mais poderosa onda vibratória. Então ela deitou-se a seu lado e começou a acariciar o que tanto desejava. A reação imediata a deixou sem voz para chamá-lo.

Como não conseguia falar, pois a voz havia sumido com o travamento das cordas vocais, ela acariciou seu rosto e o tirou do estado de meditação. Ao olhar para o rosto de Leish, Ialutá o viu molhado pelas lágrimas que lhe desciam dos olhos.

— Leish, deseja realizar-se na carne?

— Sim — respondeu, rouca.

— Isso não violentará seus princípios?

— Não, Shefershi. Sou sua a partir de agora, pois desejo me realizar como mulher.

— Então permita que enxugue seu pranto e lhe devolva o sorriso. Somente assim me sentirei feliz em torná-la a mais feliz das mulheres.

Após enxugar as lágrimas de Leish Ambar Yê, Ialutá a levou até seu jardim dos prazeres onde ela conheceu o delírio em toda a sua força e êxtase. Já amanhecia quando ela se vestiu.

— Eu a espero ao anoitecer, Leish.

— Obrigada por livrar-me do vazio da realização no interior Âmbar, Shefershi.

Ao anoitecer estarei novamente em seu leito.

Assim que ela saiu, Lushmer veio para perto dele e falou-lhe:

— Você me proporcionou o melhor delírio que já senti, Shefershi! Agora acabo com Leish Ambar Yê de uma vez por todas. Vou denunciá-la a Lamahoon quando ele vier ao Templo do Âmbar.

— Eu o compreendo, mas acho que é muito arriscado.

— Por quê?

— Qual será a reação de Lamahoon?

— Ele é imprevisível, mas certamente a eliminará de vez.

— E se ele quiser eliminar-me também?

— Não permitirei. Onde eu encontraria outro para proporcionar-me tanto prazer?

— Mas e se ele achar que estava por trás de tudo?

— O que ele poderá fazer contra mim?

- Não sei, mas preocupo-me com você.
 - Muito nobre de sua parte, Shefershi. É melhor pensar num jeito de eliminar Leish Ambar sem perder nada.
 - Você odeia Lamahoon?
 - Sim.
 - Então se vingue dele ao ver-me possuir Leish Ambar e realize-se no ódio que você alimenta contra a prepotência do poderoso Lamahoon.
 - Você é ótimo! Eu não havia pensado em como será prazeroso vê-lo possuir a carne da deusa de Lamahoon! Somente este pensamento já me põe em delírio, Shefershi! Acompanhe-me e vou-lhe ensinar algo que só eu conheço.
 - O que é?
 - Como descobrir o prazer de observar os outros através de uma pedra.
 - Isso é possível? — perguntou, inocente, Ialutá, que já conhecia isso.
 - Sim.
 - Precisa ensinar-me mais coisas como esta, querido Lushmer! Só assim serei um verdadeiro Grande Mago!
 - Em pouco tempo assumirá o posto de oficiante dos rituais do Grande Templo do Âmbar.
 - E quanto ao Grande Mago que os realiza?
 - Será eliminado, pois é um homem da confiança de Lamahoon. Em todos os templos os oficiantes são auxiliares dele e dedicam-lhe lealdade total.
 - E você aceita isso pacificamente?
 - Como resistir ao poder de Lamahoon? Ele se impôs sobre todos e, depois disso, passou a comandar todo o processo de queda da Humanidade.
 - Por quê?
 - Ora, só ele possui a fórmula do elixir da longa vida e o prepara pessoalmente. Nós jamais tivemos acesso à fórmula e somos escravos dele, já que sem o elixir perdemos nossa imortalidade e perecemos na carne.
 - Seria essa a recompensa que o grande mestre havia me prometido?
 - Sem dúvida. É com o elixir que ele consegue a lealdade dos Grandes Magos Negros que o servem cegamente.
 - Mas então como terei acesso a ele?
 - Você ainda é jovem, Shefershi. Quando envelhecer alguns anos eu lhe darei uma dose do meu frasco e rejuvenescerá na carne em segundos. Além do mais, ficará fora do domínio de Lamahoon e será minha arma secreta contra qualquer perigo que Leish possa representar contra meu domínio no Grande Templo do Âmbar. Eu a quero submissa e você conseguirá isso para mim, Shefershi!
 - Suas ordens são meus desejos, poderoso Lushmer!
 - Vamos dar início à sua preparação como Grande Mago Negro.
- E, assim, Ialutá descobriu coisas até então desconhecidas mesmo para os Grandes Magos do Templo da Coral, que pensavam conhecer tudo sobre os mistérios das trevas. Um acidente “fortuito” eliminou do caminho de Lushmer o Grande Mago oficiante do Grande Templo do Âmbar. Imediatamente Ialutá assumiu o seu

posto e continuou sua escalada rumo a Lamahoon. Quando Leish Ambar Yê saía do templo, era ele quem a acompanhava. E, a despeito do ciúme de Lushmer, conseguia acalmá-lo com palavras bem calculadas antes de serem ditas.

Pouco a pouco Shefershi, o Grande Mago oficiante do Templo do Âmbar, foi se impondo nas reuniões com outros iguais a ele, pois se a fome e miséria espalharam-se por todo o reino, ele conseguia a abundância com imensas colheitas. Foi por esse motivo que Lamahoon chegou sem aviso algum ao Grande Templo do Âmbar.

Lushmer estava no ônix com Shefershi quando ele escancarou a porta do aposento mais oculto do templo e entrou. Imediatamente os dois voltaram ao corpo e Lushmer o saudou, todo melífluo.

— Que surpresa, poderoso Lamahoon! Por que não avisou que viria nos visitar? Sabe muito bem que não gosto de surpresas.

— Pare de reclamar, Lushmer! Vim aqui por motivos mais importantes que seu mau humor. Precisamos falar a sós imediatamente.

— Do que se trata?

— Do seu grande templo.

— O que há de errado com ele, poderoso Lamahoon?

— Não é com o que há de errado, e sim os seus sucessos na produção de alimentos.

— Então ordene a saída dos seus cães de guarda que falaremos aqui mesmo, pois o Grande Mago Negro do Âmbar é meu homem de confiança e só cumpre minhas ordens.

— Por quê?

— Eu o formei, Lamahoon!

— Compreendo. Quer uma compensação, não?

— Exatamente! Shefershi é o responsável pela nossa fatura, pois faz exatamente o que ordeno. Ele não é como os seus lacaios incompetentes que não conseguem um mínimo de sucesso nas ordens mais fáceis de serem cumpridas.

— Compreendo!

Lamahoon virou-se para seus acompanhantes e ordenou-lhes que saíssem do aposento de Lushmer. Ialutá, num breve olhar dirigido a eles, viu o iniciado das Três Cruzes e o da Justiça entre os acompanhantes do poderoso Mago Negro. Assim que a porta foi fechada, Lushmer perguntou:

— O que deseja saber, poderoso Lamahoon?

— Quero o segredo das colheitas fartas! A morte está se alastrando e não temos como alimentar o povo subjugado. E sem povo não há poder! Além do mais, estamos encontrando dificuldades em conquistar os reinos onde existem alimentos em abundância.

— Posso ordenar a Shefershi que cuide disso para você, mas quero algo em troca.

— Ele será capaz de alterar esta situação?

— Garanto-lhe que sim, poderoso Lamahoon. Shefershi conhece o segredo de convencer os escravos a produzirem mais e mais.

- E se ele falhar?
- O que perderá se você já está sendo sustentado pelos alimentos que lhe envio?
- Realmente, nada. O que deseja em troca?
- O Grande Templo da Luz Negra e que já foi o da Luz Cristalina. Estou cansado de ficar neste templo sem muitos atrativos.
- Ele foi dado a Habaal pela eficiência com que derrotou os virtuosos na grande batalha final.
- Ora, afaste-o!
- Como?
- Falarei com ele. Garanto-lhe que logo voltará a seu antigo Templo da Luz Verde, de onde nunca deveria ter saído, pois agora a miséria é total, com exceção do Templo do Âmbar que eu dirijo!
- Está certo, Lushmer. Tiro Habaal dele e entrego-o a você, mas quero resultados, e se você falhar, tiro-lhe do comando dos dois templos.
- Então vamos até o Grande Templo da Luz Negra, porque sei que o maldito Habaal, que me odeia, irá convencê-lo a oferecer-me outro grande templo pelos serviços de Shefershi.
- Ousa duvidar de mim, Lushmer?
- Sim. Você havia me prometido aquele templo e o deu a Habaal. Agora é hora de vingar-me dele e fazê-lo sair humilhado.
- Você não nega mesmo o seu dom negativo, Lushmer. Ainda acabará trazendo a discórdia aos nossos domínios!
- Acalme-se, poderoso Lamahoon! Conheço meus limites, e o Grande Templo da Luz Negra está dentro deles!
- Vamos, pois quero voltar logo ao meu refúgio, onde não preciso ser incomodado pela luz e muito menos por suas diferenças tão insignificantes!
- Mais tarde o poderoso Lamahoon estacionava seu veículo no pátio do outra imponente e magnífico Templo da Luz Cristalina, agora reduzido a um antro onde vagavam de um lado para outro guardiões portando mortíferas armas e seres esqueléticos que se amontoavam nos desvãos da imensa construção. Atrás de Lamahoon estavam seus cães de guarda!
- De outro veículo desceu Lushmer protegido por Ialutá e sua escolta de iniciados caídos. Junto do veículo de Lamahoon estacionou mais uma dezena deles, cheios de guardiões que o escoltavam nas suas movimentações.
- Habaal foi avisado e veio recebê-los assim que adentraram o imenso salão de reuniões.
- O que o traz até meu templo, poderoso Lamahoon?
- Salve, Habaal! Vim empossar Lushmer como novo senhor deste Grande templo.
- Por quê?
- Você me prometeu a vitória, e o que temos?

— Mas nós vencemos a batalha final, poderoso Lamahoon!

— Mas foi só, Habaal! Onde está o poder que precisamos para dominar o mundo, se em breve não haverá mais habitantes para alimentarem nossos corpos de luta?

— Podíamos invadir outro reino e conseguir alimentos, poderoso Lamahoon.

— Como? Apenas com armas e homens famintos? Você vai recolher seu pessoal e voltar ao seu grande templo porque a partir de agora Lushmer é o novo senhor deste templo!

— Por que deixar este grande templo nas mãos de um idiota pervertido como Lushmer?

— Dobre a língua, Habaal! Não admito críticas por parte de um incompetente como você que só não nos levou à ruína por causa de minhas boas ideias, que têm nos livrado da fome total — falou Lushmer.

— Ora, você jamais teve boas ideias, Lushmer!

— Dobre a língua ou serei obrigado a cortá-la, Habaal!

— Você não cortará nada, Lushmer, pois antes vou cortar sua garganta.

Habaal sacou de um longo e afiado punhal. Quando avançou contra Lushmer, a afiada lâmina de Shefershi o degolou, jogando sua cabeça a distância. Os acompanhantes de Habaal levaram as mãos às armas, mas a mesma lâmina os degolou num piscar de olhos. Com um grito, Lamahoon o impediu de continuar com sua ceifa de pescoços:

— Pare, Shefershi! Ordeno que pare imediatamente!

Shefershi olhou para Lushmer e este confirmou a ordem.

— Como queira, poderoso Lushmer! — falou Shefershi calmamente.

— Estúpidos! Agora vamos nos destruir por causa desse povo miserável?

— Habaal colocou minha vida em risco, poderoso Lamahoon! Ele pagou o preço de sua ousadia, pois devia conhecer-me melhor. Ninguém ameaça Lushmer impunemente!

Lamahoon olhou para o Grande Mago da Luz Negra e, irado, ordenou-lhe:

— Vá reunir toda a hierarquia deste grande templo imediatamente, Grande Mago. Quero todos reunidos em uma hora!

Virando-se para Lushmer, falou:

— Sentemos no grande salão e aguardemos que todos cheguem!

Uma hora depois o imenso salão estava lotado pelos componentes da hierarquia do Grande Templo da Luz Negra. Ialutá observava tudo em silêncio e esperava a hora de colocar seu segundo plano em ação.

Após o Grande Mago da Luz Negra anunciar a presença de Lamahoon, de Lushmer e do Grande Mago Negro do Âmbar, o poderoso chefe tomou a palavra.

— Lushmer é o novo senhor do grande Templo da Luz Negra. De agora em diante sua palavra é a lei e suas ordens terão de ser cumpridas. Quem desafiá-las pagará com a própria vida o preço do desafio.

Ele ainda falou mais um pouco antes de dar a palavra a Lushmer. Este, quando a tomou, disse:

— Nomeio Shefershi, Grande Mago Negro do Âmbar, como o novo Grande Mago da Luz Negra. Todos estarão sob sua orientação e farão tudo o que ele ordenar, porque será para o próprio bem dos nossos domínios. Em breve ele nos trará a abundância de alimentos e assim poderemos voltar a pensar em expandir nossos domínios para além-mar!

Nesse momento Ialutá pôs o segundo ato do seu plano em ação.

Hemoshi, até então calado, falou ríspido com Lushmer.

— Poderoso Lushmer! Este posto era para ser meu e não do Mago do Âmbar. Já sou um Grande Mago Negro do Ônix e ainda não tenho um grande templo para dirigir.

— Cale-se, Hemoshi. Depois conversaremos!

Ialutá vibrou um ódio tão forte no mental de Hemoshi, que já odiava seu chefe, que ele, num movimento rapidíssimo, saltou sobre o indefeso Lushmer e cravou-lhe várias vezes no peito o longo, afiado e envenenado punhal. O coração foi atravessado e o sangue jorrou em abundância do peito do Mago Negro Lushmer.

Dois espadas ceifaram ao mesmo tempo o pescoço de Hemoshi. Uma era a de Ialutá e a outra do guardião de Lamahoon, o iniciado das Três Cruzes.

— Maldito ciumento incompetente! — gritou, furioso, Ialutá.

Quando os ânimos se acalmaram, Lamahoon passou as mãos na cabeça e comentou:

— Que dia maldito! Perdi dois dos meus mais leais auxiliares.

— Mas ainda tem a sua disposição o mais competente deles. Sinto ter perdido o meu chefe só pelo maldito ciúme de um idiota que nada mais sabia fazer além de realizar-se no interior do ônix. Quanto a mim, tudo tenho feito para conseguir o que um dia me prometeu o grande mestre que me induziu à queda. Mas o que tenho conseguido com minha dedicação e queda em todos os sentidos senão despertar a inveja dos incompetentes que somente sabem iludir os outros com falsas promessas?

— Dê-me sua espada simbólica, iniciado caído!

Ialutá a pegou pela lâmina e a entregou a Lamahoon. Este a examinou e a empunhou. A seguir a levantou e falou-lhe:

— Vou degolá-lo, Shefershi!

— Faça-o logo, poderoso Lamahoon! Já caí em todos os sentidos e sem Lushmer não conseguirei a única coisa que me garantiria a vida eterna na carne. Então é melhor ir ao encontro de meu destino, ainda jovem no corpo, a ter de fazê-lo numa velhice agonizante.

Lamahoon desceu a lâmina e Ialutá fechou os olhos instintivamente. Mas ela não veio na direção do seu pescoço e sim por cima de sua cabeça. Ainda deu para sentir os cabelos se moverem com o deslocamento do ar ao passar sobre ela. Ao abrir os olhos, sua espada estava com o cabo estendido em sua direção.

— Pegue-a, Shefershi. Pegue-a e degole-me!

— Não posso fazer isso, poderoso Lamahoon.

— Por que não?

— Tem o que tanto desejo e, se eu matá-lo, nada ganho, além de já ter perdido tudo como iniciado na origem.

— Você é sábio, Shefershi.

— Apenas procuro minha realização na carne por toda a eternidade, já que sei que no espírito estou morto. Sei que minha vida só terá sentido se conseguir o que preciso. Do contrário, é melhor morrer logo!

— Acompanhe-me, Shefershi.

Assim que ficaram a sós, Lamahoon tirou de dentro de seu manto um frasco e o mostrou a Ialutá.

— É isso que tanto deseja, não?

— Se não for veneno mas o elixir da longa vida, é isso mesmo que tanto o meu Mestre como Lushmer me haviam prometido.

— Pois este frasco contém o elixir da longa vida, Shefershi!

— Está o oferecendo a mim, poderoso Lamahoon?

— O que me dá em troca?

— Tudo o que já havia oferecido a Lushmer. Lealdade total e coloco a seus serviços tanto minha espada quanto minha capacidade. E, para mostrar-lhe tudo do que sou capaz, somente preciso da liberdade de ação que Lushmer me dera.

— Eu sei que foi você o único responsável pelos sucessos dele, assim como sei de sua preferência pelas belas mulheres.

— É meu dom negro, mas sei como uni-lo aos serviços mais necessários à nossa sobrevivência. Do contrário, em breve estaremos reduzidos a imensos grandes templos vazios. Então nem com quem me realizar na carne terei mais!

— Voltemos ao grande salão, Shefershi!

Assim que voltaram, o silêncio se fez de imediato. Lamahoon então perguntou a Ialutá:

— O que tem a me oferecer, iniciado na origem, mas caído no meio?

— Lealdade total em todos os sentidos, poderoso Lamahoon!

— Ajoelhe-se, Grande Mago Negro do Âmbar!

Com um sinal, um de seus guardiões lhe trouxe o grande colar de ônix que pertencera a Lushmer ainda manchado de sangue. Ele o colocou sobre a cabeça de Shefershi e ordenou:

— Levante-se, senhor do poder dos desejos! O seu acabou de ser realizado. Sua palavra é a lei tanto no Templo do Âmbar como neste grande templo. Quer testar diante de todos a sua busca sem fim, mas que agora alcança com sua lealdade comigo?

— Sim, poderoso Lamahoon!

Ialutá escolheu uma mulher de uns 60 anos e lhe deu uma dose do elixir. Em instantes ela rejuvenesceu uns 40 anos no mínimo. Ao olhar-se, ela deu um grito de alegria.

— Posso até imaginar porque escolheu uma mulher, iniciado!

— Creio que sim, poderoso Lamahoon. Já que vou passar parte do meu tempo neste templo, é melhor começar a preocupar-me com meu bem-estar pessoal. Somente assim poderei raciocinar com rapidez e encontrar um meio de reverter a nossa situação, aparentemente caótica, mas em verdade só mal administrada.

— Terá de orientar todos os grandes templos para que aumentem a produção e se tornem mais eficientes.

— Espero que não boicotem minhas ações nem fiquem enciumados pelo poder a mim conferido pelo nosso bem comum.

— Em todos eles será recebido como meu enviado especial, e nenhuma voz ou pensamento o contradizerá, Shefershi. Mas quero resultados nas próximas safras.

— Serão tão abundantes que em breve poderá começar a movimentar-se para além-mar.

— Assuma seu posto, iniciado!

— Suas ordens são meus desejos, e seus desejos, minhas ordens, poderoso Lamahoon!

— Gosto de você, Shefershi. Qualquer dia o levarei para que conheça o meu refúgio mais íntimo.

— Somente faça isso depois de provar-lhe do que sou capaz, não antes!

— Assim será, Shefershi. Meus guardiões o procurarão para que me envie informações das suas ações. Só estes três ao meu lado falam por mim.

— Tudo saberá, pois nada omitirei ao meu chefe.

Lamahoon saiu protegido por sua escolta e deixou Ialutá no comando total da produção de todo o reino e do grande Templo da Luz Negra.

Assim que ficou só, Ialutá fez um discurso das suas diretrizes que seriam implantadas para afastar a ameaça do caos total. Então, com a potente voz, falou:

— Quem irá serviu-me com lealdade, que se ajoelhe em sinal de reverência e aceitação. Mas quem pensar em desobedecer-me ou trair-me, que saia agora, senão a morte o colherá mais adiante.

Toda a hierarquia ajoelhou-se imediatamente e jurou lealdade ao Grande Mago Negro do Âmbar. Depois Ialutá convocou o corpo dos sábios, mestres e guardiões dirigentes ao seu novo salão de comando.

A cada um pediu um relatório sucinto da situação. Após ouvi-los começou a dar ordens que seriam cumpridas imediatamente.

Quando somente restaram na sala os três iniciados caídos que comandavam os guardiões armados, quis saber o estado das prisões.

— Estão abarrotadas, Grande Mago do Âmbar.

— Vamos dar uma olhada nelas e ver como nos desembaraçar deles.

— Pretende eliminá-los, poderoso Shefershi?

— Está louco? Todos serão conduzidos aos campos e começarão a produzir para nós imediatamente. Chega de matar quem pode nos dar o que mais precisamos, iniciado guardião!

Ialutá foi conduzido ao subsolo da imensa construção. Milhares e milhares de pessoas apodreciam ali em condições subumanas.

— Comece a libertá-los, iniciado guardião.

— Como?

— É uma ordem! Obedeça imediatamente. Vou ficar na porta da escada de saída e esperar até que todos tenham saído.

— Mas...

— Ousa desobedecer-me?

— Perdoe-me, poderoso Shefershi. Serão libertados imediatamente.

— Estarei com minha guarda pessoal no portal de saída! Após libertá-los, espere-me aqui mesmo para que venha ver se restou ao menos um!

— Sim, senhor.

Ialutá falava duramente e o medo tomou conta do iniciado guardião. Do topo da escada, podia ver os prisioneiros saírem lentamente, uns carregando outros, já enfermos.

Centenas já haviam saído quando um rosto familiar chamou sua atenção. Era o Grande Mago da Luz Cristalina. Próximo dele estavam vários conhecidos de Ialutá, ainda que marcados pela dor, sofrimento e tempo passado na prisão.

Com uma ordem o grupo foi desviado da interminável fila pelos seus guardiões e levados até onde estava.

— Você, iniciado guardião, leve-os aos meus aposentos e deixe um guardião a vigiá-los até meu regresso.

— Seus desejos são ordens para mim, poderoso Shefershi!

— Ótimo, iniciado! Estou gostando dos seus modos. Em breve será recompensado pela sua dedicação e lealdade.

— Suas ordens são meus desejos, Grande Mago do Âmbar.

— Providencie roupas adequadas para eles, iniciado guardião. Essas até cheiram mal e não suportam sujeira.

— Sim, senhor.

Depois de o grupo ser levado dali, Ialutá voltou a observar os libertos. Só a muito custo continha a revolta diante de tanta miséria humana. Quantos mais já não teriam perecido ali ou nos outros grandes templos? E quantos não estariam apodrecendo nos subterrâneos deles?

“Pelo menos isso logo terá um fim!”, pensou ele.

A fila já estava acabando quando o seu leal iniciado guardião voltou e falou:

— Poderoso Shefershi, providenciei roupas, banho e alimentos aos que colocou sob minhas ordens.

— Ótimo. Está vendo aquela mulher ali?

— Qual delas?

— Aquela com uma faixa na cabeça.

— Sim, já a vi.

— Leve-me também, pois ela me agrada. Quero-a bem apresentável para minha diversão pessoal.

— Imediatamente, poderoso Shefershi.

Quando ela foi retirada da fila e conduzida para longe, Ialutá passou a mão pelos olhos e começou a andar um pouco para livrar-se da emoção de rever sua

amada Sher. Como ela estava mudada! A dor e a tristeza haviam apagado sua luz e beleza de outrora.

Meia hora depois o iniciado guardião do grande templo chegou ao pé da escada e ficou esperando Ialutá. Este desceu e já deu uma nova ordem.

— Convoque um corpo de guardiões para que lavem e desinfetem todos estes subterrâneos. Vou usá-lo para armazenar alimentos.

— Imediatamente, poderoso Shefershi!

Pouco depois iniciavam a limpeza e desinfecção do local. Então o iniciado guardião interpelou Ialutá.

— Grande Mago, por acaso sabe que entre os prisioneiros estão os magos, sábios e mestres que não se curvaram à nova ordem?

— Não, eu não sabia. Quem mais sabe disso?

— O Grande Mago da Luz Negra e o chefe do corpo de torturas.

— Chame-os imediatamente aqui para providenciarmos a recaptura deles, pois mandei aprisioná-los no pátio externo do templo.

— Imediatamente, Grande Mago!

Minutos depois os dois estavam diante do Ialutá.

— Sigam-me, iniciados guardiões!

Quando chegaram ao topo da escada, Ialutá fez um sinal aos seus guardiões pessoais e os dois foram mortos imediatamente. Após certificar-se de que estavam mortos, falou:

— Eles ousaram desobedecer a uma ordem minha. Além disso, estavam de acordo com o Grande Mago da Luz Negra e iriam assassinar-me. Vamos até o aposento do Grande Mago da Luz Negra. Ele deve pagar pela falsidade!

Assim que Ialutá entrou no aposento do Grande Mago da Luz Negra, seus guardiões dispararam vários projéteis na cabeça dele.

— Levem-no e queimem-no com os dois traidores. Você! — Ialutá apontou para o que havia levado os prisioneiros ao seu aposento — assuma imediatamente o comando do grupo externo de defesa e destaque um comboio para ir buscar alimentos e sementes no grande Templo do Âmbar. Retire-os do nosso depósito secreto.

— Imediatamente, poderoso Shefershi.

— Diga também a seus comandados que os que ousarem desafiar-me assim serão tratados .

— Sim, senhor.


Assim que o novo iniciado guardião se afastou, Ialutá virou-se para outro dos seus iniciados e ordenou:

— Você, assuma o comando do corpo interno e repita minhas palavras a todos. Também quero que os mande aos campos. Façam o que fizemos no Templo do Âmbar. Quero que cuide pessoalmente do bom andamento da nova diretriz a ser executada.

— Sim, poderoso Shefershi!

— Ótimo. Agora vou me recolher. Não quero revoltas nem falhas na execução de minhas ordens. Quem desobedecê-las deve morrer imediatamente!

— Sim, senhor.



Ialutá voltou a seu aposento guardado pelo grupo de guardiões que sempre o acompanhava. A um ele ordenou:

— Misture-se ao corpo de servidores e me mantenha informado das reações às minhas diretrizes.

— Sim, senhor.

A outro ele ordenou:

— Quero que você pessoalmente forme um corpo para vigiar os alimentos e sementes. Não admitirei desvios, proteção na distribuição ao povo faminto e muito menos corrupção.

— Nem se vier a precisar de um pouco para conseguir os favores de alguma bela mulher que me agrade, poderoso Shefershi?

— Gosto de sua franqueza, guardião! Faça isso só caso precise. Mas que isso não se generalize, pois preciso passar a impressão de implacável senão logo tudo voltará à inoperância atual. Sirva-me com lealdade e franqueza e tudo terá...

— Seus desejos são ordens para mim e suas ordens são os meus desejos.

— Ótimo. Caso veja no meio desse povo esquelético alguma jovem bonita que não lhe agrade, envie-a ao meu aposento de descanso.

— Tenho um bom olho para descobrir belas jovens!

— Sei disso! Foi por isso que o incumbi desse assunto muito pessoal. Agora vá formar seu corpo de guardiões dos alimentos e sementes.

— Sim, senhor.

— Quanto a você, iniciado guardião, cuidará de minha segurança pessoal. Quero que desaloje todos da ala onde ficam meus aposentos. Isso aqui é um antro de traições e não quero correr riscos desnecessários até ter controle total das mentes dos componentes da hierarquia de servidores.

— Sim, poderoso Shefershi!

— Coloque guardiões no portal de ingresso daquela ala 24 horas por dia. Quero um servidor somente para anunciar quem for despachar comigo. Aloje-o junto à entrada.

— Sim, senhor.

— Quanto a vocês dois, deem uma olhada para ver se está tudo em paz e anuncie a todos que amanhã receberemos alimentos. Digam que dentro de certas contingências a fatura já começa a voltar. Isso acalmará qualquer reação ao nosso domínio implacável.

— Imediatamente, poderoso Shefershi.

Assim que eles se foram, só restaram três do seu corpo de guarda pessoal.

— Você, que é especializado e já fez isso antes, vá falar com os libertos no pátio externo e seja bem convincente. Quando terminar, volte ao meu aposento e transmita-me a reação obtida. Também passe no depósito de alimentos e ordene a distribuição de uma ração mínima de sobrevivência a todos os ex-prisioneiros.

— Sim, senhor.

— Quanto a vocês dois, vão descansar, pois precisarei dos seus serviços ao amanhecer. Se virem qualquer anormalidade, falsidade ou traição, informem-me imediatamente!

— Sim, senhor.

Só depois disso Ialutá entrou no seu aposento. Os prisioneiros ainda comiam quando se sentou no seu lugar. Chamou o guardião que os vigiava e ordenou-lhe:

— Vá lavar este colar que está manchado com o sangue do infeliz Lushmer. Depois, veja se toda esta ala já foi desocupada e se já estão em seus postos os guardiões do portal de ingresso a ela.

— Sim, senhor, poderoso Shefershi!

Ao ver que o grupo de prisioneiros havia parado de comer, ele falou gentilmente:

— Por favor, não parem de comer só porque estou presente. Odeio a fome e não gosto de ver pessoas mal alimentadas ou mal vestidas. Em breve este grande templo voltará a resplandecer o seu esplendor de outrora. Vamos, comam!

Eles voltaram a comer e Ialutá, discretamente, os observou um a um. Como haviam envelhecido os seus amigos de outrora! Até mesmo o outrora vigoroso Grande Mago da Luz Cristalina. Quanto a Sher, jamais perderia seu encanto feminino e em pouco tempo o recuperaria e voltaria a ser a luz do seu amor.

Nesse momento o guardião bateu na porta.

— Entre!

— Pronto, poderoso Shefershi. Está limpo novamente. E quanto aos aposentos, já estão vazios. Acho que se sentiram aliviados em ter de sair de perto do senhor! Quanto à guarda, já se instalou no portal.

— Ótimo! E qual é o estado dos aposentos desta ala?

— Superam no luxo e conforto a tudo que possa ter visto ou usado no Templo do Âmbar.

— O maldito Habaal era incompetente só em dirigir o grande templo! Você fica encarregado de suprir esta ala de tudo o que precisarem seus novos ocupantes.

— Sim, senhor.

— Agora veja o que falta para esta ala ter autonomia total do resto do grande templo, e supra-a imediatamente. Depois, pode ir descansar e só volte aqui ao amanhecer.

— Suas ordens são meus desejos e seus desejos são minhas ordens, poderoso Shefershi!

— Que assim seja, guardião! Gosto do seu jeito de servir-me.

— Fico feliz em agradá-lo e, se o agrado, muito mais feliz me sinto!

— Tem um grande futuro, guardião! Logo vou designá-lo para um posto de maior importância, pois estou vendo que é muito mais eficiente do que eu imaginava.

— Sim, senhor. Com sua licença, poderoso Mago Negro do Âmbar.

— Pode retirar-se.

Assim que o guardião saiu, Shefershi levantou-se, indo examinar os aposentos que um dia haviam pertencido ao Grande Mago da Luz Cristalina. Quando chegou ao local mais oculto dele, começou a gargalhar. Voltou rindo a sua sala de despachos e falou:

— O senhor foi o último Grande Mago da Luz Cristalina, não?

— Sim, filho.

— Saiba que o maldito Habaal não só conservou o retrato de todos os Grandes Magos como acrescentou o próprio à imensa galeria. Além do mais, mantém uma enorme serpente negra no interior dele.

— Isso é uma ofensa contra os homens que ocuparam aquele recinto!

— Sei disso, Grande Mago da Luz Cristalina. Venha comigo e veja como era feio o poderoso Habaal!

— Conheci Habaal e sua feiura. Mas a interior era muito pior que a exterior. Onde está ele agora?

— No inferno, Grande Mago!

— Ele morreu?

— Morreu, sim.

— Como?

— Esta espada degolou o maldito hoje cedo e eu assumi seu lugar. Acompanhe-me!

Ialutá voltou ao local mais oculto e o Grande Mago o seguiu. Já dentro dele, começou a gargalhar novamente ao ver o rosto de Habaal. Com a ponta da espada o derrubou da parede com cuidado.

— Por que faz isso, iniciado?

— Tenho de ser cauteloso, pois o maldito pode ter instalado uma armadilha por trás dele.

— Vocês são tão traiçoeiros assim?

— Sim, senhor. Todo cuidado é pouco.

Somente quando se certificou de que não havia perigo, Ialutá o pegou com as mãos e o levou até a lareira, queimando-o.

— Eis o que restou de você, Habaal! É agora só cinzas e nada mais. Espero que o mesmo tenha acontecido com seu espírito amaldiçoado por Deus.

— Esse nome não fica bem num ser das trevas como você, iniciado.

— Talvez não, Grande Mago! Mas fui eu quem libertou todos os prisioneiros e ordenou que recebessem uma ração mínima de sobrevivência até a próxima colheita. Lembra-se da janela que dava uma visão do pátio externo?

— Sim.

— Vá até ela com seus amigos e veja a distribuição de alimentos enquanto mato esta maldita cobra negra, pois ela me causa asco.

— É estranho um servo dela odiá-la.

— Muitas coisas são estranhas, Grande Mago da Luz Cristalina. Com o tempo deixarão de o ser!

— Quando, iniciado caído?

— Um dia, mas só nesse dia e não antes nem depois, tudo deixará de ser estranho!

— Um dia ouvi alguém falar assim, iniciado.

— Isso também é estranho, não?

— Sim, muito estranho.

O Grande Mago olhou nos olhos de Ialutá e este sustentou seu olhar. Somente quando o Grande Mago falou que ia ver a distribuição de alimentos os olhos se desviaram.

Ialutá matou com sua espada a enorme serpente negra e então a jogou no buraco que ia aos esgotos do grande templo. Depois, com redobrada cautela moveu o abrigo onde ela vivia. Por baixo havia outras delas e foi com o uso de toda a sua agilidade que cortou suas cabeças.

— Maldito Habaal. Eu sabia que tinha reservado uma das suas traições para seu sucessor. É melhor mandar remover tudo daqui se quiser ficar livre de sua sombra negra.

Ialutá trancou a porta e voltou à sala de despachos. Todos estavam na janela observando a distribuição de alimentos aos libertos.

Ele sentou-se à mesa e ficou em silêncio. Enquanto observavam, Ialutá foi examinando-os e penetrando nos seus mentais, e descobriu um traidor. Quanto aos outros, estavam limpos de quaisquer vícios. Então os chamou:

— Sentem-se, senhores! Precisamos conversar um pouco.

Quando todos se acomodaram ele falou:

— O Grande Mago da Luz Negra falou-me que havia um infiltrado seu entre vocês. Como ele partiu com o poderoso Lamahoon, não teve tempo de mostrá-lo. Também me disse que ele sabia o nome dos infiltrados de Lamahoon e que era um dos contatos entre todos eles. Já sei quem é o homem, mas prefiro que se apresente espontaneamente.

Como ninguém se moveu ele escreveu o nome num papel, o mostrou e falou:

— Sei quem é o homem e se não se levantar e sentar-se à minha direita vou penetrar em seu mental e matá-lo, pois não gosto de ser desobedecido.

Um homem se levantou e Iafershi o cumprimentou, ordenando que sentasse na cadeira ao seu lado.

— Ouça-me bem, Lehamor! O Grande Mago da Luz Negra partiu às presas e Habaal está morto. Sou o novo homem de Lamahoon por aqui. Conte-me tudo o que descobriu a respeito dessas pessoas a nossa frente.

O homem, sob sutil domínio mental exercido por Ialutá, começou a falar, falar e falar. Em nada que havia descoberto denunciara um caído entre as pessoas que o ouviam.

— Ótimo! Agora quero que escreva o nome dos componentes do corpo de espiões de Lamahoon. Não omita nenhum, pois tenho uma lista fornecida pelo Grande Mago da Luz Negra e quero ver se me é leal como foi com ele ou me trairá. Só após apanhar o papel e ver os nomes Ialutá penetrou em profundidade no seu mental e leu sua memória. Depois de descobrir tudo o que queria e confirmar que ele não omitira nome nenhum, falou:

— Você me traiu, pois omitiu alguns nomes. Vá àquela janela e atire-se no pátio externo, Lehamor!

— Sim, poderoso Mago Negro!

Ele, sob o domínio mental de Ialutá, atirou-se de uma altura de setenta metros. Ialutá levantou-se de sua cadeira e foi vê-lo morto no solo do pátio. Tornou a sentar-se e falou:

— Assunto resolvido. Odeio traições ou falsidade. Há alguém entre vocês que deseje servir à serpente negra? Se houver, que se manifeste agora, pois dentro de pouco tempo todos terão o mesmo fim que Lehamor.

Como ninguém se manifestasse, ele tornou a falar:

— Decidam-se logo, pois seu tempo está se esgotando.

Um homem levantou-se e, trêmulo, disse que estava pronto a servi-lo.

— Ótimo! Afaste-se do grupo e sente-se ao meu lado, grande mestre! Alguém mais? Ou se manifesta agora ou não poderá fazê-lo depois de morto.

Ialutá ouvia os pensamentos de todos e não detectou ninguém propenso a servi-lo. Após certificar-se de que todos preferiam morrer a servi-lo, virou-se para o grande mestre e falou:

— Vamos testar seu poder mental. Tente dominar-me, grande mestre!

O homem tentou, mas foi em vão, pois Ialutá não só o dominou como ordenou-lhe que também se atirasse pela janela. O Grande Mago da Luz Cristalina perguntou-lhe:

— Por que matou os pobres infelizes se uma prisão resolveria seus problemas?

— Talvez tenha razão, Grande Mago. Mas somente terei certeza disso no dia do qual já lhe falei.

— Mas até esse dia chegar terá cometido muitos crimes.

— Certamente que sim, como muitos já cometi só por causa desse dia. Até ele chegar, estarei percorrendo minha longa jornada no meio das trevas, e todo cuidado é pouco quando a menor falha pode pôr tudo a perder. Eu não posso perder! Do meu sucesso depende a vida de milhões de pessoas. Sendo assim, então, o que vale a vida de um ser se não pode perder a sua em benefício da dos seus semelhantes?

— Tudo é muito estranho para mim, Grande Mago do Âmbar.

— Provavelmente nesse dia o senhor me compreenda melhor e possa dizer-me se eu tinha outra alternativa quando outra alternativa não me foi deixada.

— Talvez o compreenda, talvez não. Mas só saberei dizer-lhe tal coisa com toda certeza quando esse dia chegar.

— Então esperemos mais um pouco, não?

— Sim. Somente na espera podemos refletir sobre o que pesa em nossa consciência.

— Por falar em consciências, é hora de calar-se, pois o guardião executor se aproxima!

E neste momento ele bateu à porta.

— Entre, guardião executor!

O homem entrou e Ialutá lhe entregou uma cópia com os nomes dos traidores.

— Quero-os reunidos na câmara de execuções ao amanhecer.

— Sim, senhor.

— Não lhes diga nada. Apenas os prenda e aguarde minha chegada.

— Suas ordens são os meus desejos e meus desejos são as minhas ordens, poderoso Shefershi!

— Perfeito. Agora execute seu trabalho em silêncio total. Mande recolher os corpos dos libertos que não quiseram servir-me e à serpente negra, guardião executor!

— Sim, senhor. Agora compreendo porque eles se “suicidaram”, poderoso Mago Negro do Âmbar!

— Ótimo, executor! Você é um homem sábio e isso muito me agrada, cumpre minha ordem!

— Imediatamente! Com sua licença, poderoso Shefershi!

Depois da saída do executor, Ialutá falou-lhes:

— Preciso de alguém em quem possa confiar minha vida. Quem se apresenta?

— Posso ver a lâmina de sua espada simbólica, iniciado?

— Tome-a e examine-a à vontade.

Depois de examiná-la e devolvê-la, o Grande Mago falou:

— Um dia recolhi esta espada à beira-mar, e seu dono nunca mais a usou. Como a conseguiu?

— Apanhei no salão onde estava guardada.

— Por quê?

— Conheci o dono dela melhor que o senhor e sei porque ele foi obrigado a separar-se dela. Então a tomei para meu uso somente para honrar seu dono, que não teve outra alternativa senão separar-se dela, já que outra ele não tinha.

— Compreendo. Serei o homem em quem você poderá confiar sua vida, iniciado!

— Então, de agora em diante, chame-me de Grande Mago do Âmbar, está bem?

— Sim, Grande Mago do Âmbar. Como posso servi-lo?

Ialutá abriu uma gaveta, retirou várias insígnias e entregou-as a ele, dizendo:

— Distribua-as para seus amigos. Com elas terão trânsito livre em todo o Reino dos Cristais.

— Assim será feito.

Depois de todos colocarem as insígnias, Ialutá explicou-lhes como funcionaria a hierarquia. Eles só agiriam sob suas ordens, mas teriam de ser cuidadosos com o que falassem, fizessem ou pensassem.

— Todo cuidado é pouco enquanto percorremos essa longa jornada nas trevas.

Apontando para Sher, ele falou:

— Você ficará encarregada de anunciar-me os que vierem pedir audiência depois do meio-dia e até as seis.

— Sim, Grande Mago do Âmbar!

De um em um, foi dando funções a todos.

— E quanto a mim, o que farei? — perguntou-lhe o Grande Mago.

— O senhor é o responsável por esta ala e, na minha ausência, não permitirá a entrada de ninguém. Os guardiões tratarão e responderão ao senhor. Só não

diga que é o Grande Mago da Luz Cristalina senão estará cortando o meu pescoço, assim como o de muitos milhões que dependem do meu sucesso.

— Por que se ausentará?

— Tenho a incumbência de produzir alimentos para evitar a morte pela fome e miséria de todo um povo.

— Esses são os seus milhões?

— Ainda não. Os meus milhões somente virão muito depois de minha partida da carne. Eles chegarão e terão de viver do meu sucesso ou de minha derrota. Como não tenciono traí-los, então morram, mas não me traiam senão, no dia que já lhe falei em várias oportunidades, nada terei a apresentar diante do juiz que me julgará, pois ousei confiar em vocês enquanto caminhava no escuro abismo de minha longa jornada rumo ao meu fim.

— Não o trairei, iniciado da Estrela!

— Sei que não me trairá, Mestre do Âmbar.

— Sou o Mestre do Âmbar?

— Sim, o nomeio desde já.

— Ótimo, Grande Mago Negro do Âmbar! Quanto a eles, respondo por todos.

— Está certo. Agora vou meditar um pouco. Escolham os aposentos que mais lhes agradar e procurem se vestir de acordo com a escuridão que ainda ofusca a grande pedra do cristal purificador.

— Não seremos motivos de preocupação, Grande Mago do Âmbar. Preferiremos morrer no silêncio a atrapalhar o seu sucesso que beneficiará os milhões que virão.

— Ótimo! Podem sair agora.

— Com sua licença, Grande Mago do Âmbar!

Sher olhou para Ialutá e não conseguiu desviar os olhos dos dele, que se inundaram de lágrimas. Veio até sua mesa e lhe falou:

— Houve um tempo em que olhos iguais aos do poderoso Shefershi também inundaram-se de lágrimas quando outra alternativa não lhe foi deixada como safada para um tormento que o incomodava muito.

— Digo-lhe que se outra ele tivesse encontrado, a teria tomado só para não seguir a única que lhe restou. Mas se ele a tivesse recusado, hoje eu não estaria aqui para trazer de volta o esplendor do magnífico Templo da Luz Cristalina.

— É tudo muito estranho, não?

— O que é estranho?

— Estou revelando coisas do passado a alguém que parece conhecê-las tão bem como eu, ainda que seja muito mais novo.

— Tem razão, tudo é muito estranho e nada pode ser dito para alterar esta tão estranha situação.

— Talvez um dia consiga entender tudo, poderoso Shefershi.

— Sem dúvida, Sher. Nesse dia, e somente nesse dia, tudo se esclarecerá. Mas então o mundo já não será o mesmo e muito menos os seres humanos. Tantas mudanças acontecerão que nós mesmos não nos reconheceremos e até nos confundiremos com outros, que em verdade somos nós mesmos.

- O Grande Mago Negro do Âmbar é humano?
- Sim. E também muito sensível em determinados momentos!
- Fora esses momentos, o que ele é?
- O mais implacável, cruel, sensual e frio iniciado na origem que não se envergonha dos meios que usa para alcançar seus fins.
- Entendo.
- Se entender realmente isso então todo o resto deixará de lhe parecer estranho e assumirá um sentido muito lógico.
- Esse sentido é em função da caminhada no escuro abismo que surgiu na sua longa jornada rumo ao seu fim, não?
- Creio que está começando a entender o que digo.
- Estou refletindo sobre tudo o que se passou. Desde que eu tinha 21 anos estou procurando encontrar esse sentido.
- Só um dia você o entenderá completamente. Mas até lá, para que martirizar-se?
- Tem razão, poderoso Shefershi. Mas quando meu mental estiver muito perturbado, por favor, ajude-me a aliviar um pouco os meus tormentos, senão acabarei enlouquecendo.
- Cuidado, Sher! Qualquer vibração dos mais íntimos sentimentos femininos desperta o meu dom negativo e não posso controlá-lo, pois isso é algo fora do meu alcance.
- O seu dom negativo é tão forte assim?
- Eu o vivi em toda sua intensidade e nem um dos seus vícios me é estranho. Agora mesmo estou sentindo suas vibrações de um desejo nunca realizado e isso já é o suficiente para provocar uma alteração vibratória no meu ser imortal. Sempre que houver uma mulher não realizada ele desperta em todo o seu poder e intensidade. Vá para o seu aposento antes que eu violente seus princípios virtuosos e a coloque numa desarmonia pior.
- Em minha memória vive uma imagem que desperta sentimentos não realizados. Talvez seja por isso que em meio a tantas coisas estranhas não consigo ocultá-los.
- Tem razão. Tudo em nossa memória é motivo para sermos atormentados em meio a tantas coisas estranhas, Sher. Agora vá para seu aposento.
- Quando o poderoso Shefershi quiser ensinar-me algo que nunca aprendi como mulher, a porta do meu aposento estará somente encostada!
- É bom que saiba que o poderoso Mago do Âmbar não vai aos aposentos alheios. Isso o tornaria vulnerável e esse é um princípio que tenho seguido para não falhar em minha missão.
- Então bastará chamar-me.
- Ótimo! Agora vá descansar, pois amanhã terá muito que fazer em seu novo posto. Jamais pense algo quando alguém estiver por perto, pois isso me causará problemas que somente a morte resolverá.
- Pensar é algo que aprendemos a evitar nestes anos de grandes tormentos e foi o único meio que tivemos para não sermos mortos. Com sua licença, Grande Mago Negro do Âmbar!

— Pode sair!

Sher saiu e assim que fechou a porta atrás de si, ela recostou-se nela e levou as mãos sobre os lábios para sufocar o pranto que teimava em explodir. O velho Mago da Luz Cristalina, que a esperava, a abraçou e a conduziu para um dos aposentos próximos.

— É ele, Grande Mago — exclamou ela, assim que entraram no aposento.

— Talvez não, Sher!

— Eu sei que é. Ialutá voltou para nos libertar!

— Ialutá, se estivesse vivo, estaria com a sua idade e não 20 e tantos anos mais novo. Talvez esse seja um filho dele.

— Impossível! Eu sei que é ele, somente não tenho como confirmar.

— Esse é o Grande Mago Negro do Âmbar e é assim que você terá de aceitá-lo.

— Mas ele fala como Ialutá, é igual em tudo e até vibra o mesmo amor por mim.

— Não, Sher. Deixe-o cumprir sua missão, pois se nos libertou é porque não confia em mais ninguém para auxiliá-lo. Se o seu amor o atrapalhar, todos morreremos sem tê-lo ajudado. Controle-se ou em breve ele será morto. E mesmo que seja Ialutá, já é um outro homem. Você viu com que frieza ele assassinou aqueles homens ao induzi-los ao suicídio. Esse aí é um ser frio e calculista que só recorreu a nós por não confiar em mais ninguém. Os seus aliados são movidos pelos vícios e se ele lhes voltar as costas um punhal será cravado nela imediatamente. Não o perturbe com o seu amor num momento tão crucial como este! — disse incisivo o Grande Mago da Luz Cristalina.

— Está certo, Grande Mago. Vou me controlar em todos os sentidos.

— Sei que fará isso, minha filha! Agora vá dormir um pouco.

Ela foi ao quarto por ele designado e atirou-se na cama. Então derramou todas as lágrimas contidas durante muitos anos.

Em seu leito Ialutá a ouvia chorando e isso o colocou em desequilíbrio por um instante. Então se lembrou da mulher que havia tomado o elixir e a chamou mentalmente. Em instantes ela chegou ao seu aposento. Ao entrar, não precisou perguntar ou falar nada, mas apenas realizar-se com o homem que a havia rejuvenescido. Para ela era um imenso prazer satisfazer o todo-poderoso Shefershi, senhor do grande Templo da Luz Negra.

Ela somente saiu do aposento ao amanhecer e, ao passar pelo portal de acesso àquela ala, Sher a viu e imaginou o que ela estivera fazendo a noite toda com Ialutá.

“Por que ele não convidou a mim que o amo, em vez desta que apenas o deseja?”, pensou ela. Mas logo anulou seus pensamentos, pois lembrou-se das palavras do Grande Mago.

E, assim, o tempo foi passando. Ialutá ficava pouco no grande Templo da Luz Negra. Geralmente só permanecia ali um dia e uma noite por semana, pois o resto do tempo ia impondo suas diretrizes aos outros templos. Um corpo de iniciados guardiões o acompanhava em suas viagens e Shefershi tornou-se sinônimo de terror e incomplacência para os incompetentes.

Onde quer chegasse o terror se fazia presente. Homens morriam na sua frente, vítimas das armas dos seus guardiões. E isso não o abalava, pois ou vencia ou morria!

Quando chegou ao Grande Templo da Luz Verde já sabia quem o aguardava e foi preparado para o pior. Lá estavam Labasher e Lamishor e iria matá-los na primeira oportunidade.

Assim que desceu de seu veículo, não viu ninguém à sua espera.

— Onde está o Grande Mago Labasher? — perguntou ao guardião que o recebeu.

— Em reunião com o poderoso Lamishor e alguns enviados do poderoso Lamahoon. Ele logo o receberá.

— Conduza-me até onde estão reunidos.

— Não posso fazer isso.

— Ou me conduza até eles ou morrerá imediatamente.

— Acompanhem-me!

Pouco depois Ialutá era introduzido na ala onde os dois Grandes Magos Negros discutiam acaloradamente com os enviados de Lamahoon.

— Quem foi o idiota que permitiu o ingresso destes idiotas em minha sala? — gritou Labasher ao ver Ialutá.

— Dobre sua língua antes de me ofender e depois a engula se não quiser ser degolado, cão maldito! — respondeu Ialutá.

— Como ousa falar nesse tom comigo, imbecil?

— Eu sou o Grande Mago Negro do Âmbar e não admito este tipo de ofensas, cão maldito! Desculpe-se ou morrerá imediatamente.

— Não me desculpe por nada do que digo, idiota. Caia fora dos meus domínios imediatamente ou irá arrepende-se. Não o aceito como meu superior só porque o idiota do Lamahoon o nomeou para um posto inexistente.

— Mais uma vez lhe ordeno que dobre a língua e a engula, pois está ofendendo o poderoso Lamahoon.

— Poderoso coisa nenhuma! — exclamou Lamishor. — Nós somos poderosos, pois temos o poder. Lamahoon existe porque nós o fortalecemos. Sem nós ele não existe!

— Lamahoon saberá disso! — exclamou um dos enviados de Lamahoon.

— Comente algo com ele e morrerá, Grande Mago Negro do Tempo.

— Ousa ameaçar-me, Lamishor? — perguntou irado o Mago Negro do Tempo.

— Sim, lacaio de Lamahoon!

Então Ialutá, depois de ter insuflado os ânimos, falou:

— O que temos aqui é uma rebelião contra o poder de Lamahoon. É hora de dar um basta nisso tudo!

Sem dar-lhes tempo para reagir, fez um sinal com a mão e seus guardiões fulminaram tanto Labasher e Lamishor quanto seus guardiões. Foram segundos de muita tensão devido ao calor das discussões.

— Busquem um corpo de lutas imediatamente! — ordenou Ialutá aos seus guardiões. Quanto aos outros, acompanhem-me, pois vamos assumir o comando deste grande templo imediatamente. Quanto ao senhor, Grande Mago do Tempo, volte e relate tudo ao poderoso Lamahoon. Sufocarei os revoltosos do grande templo sob o domínio de Lamishor assim que colocá-lo sob as ordens de um novo chefe.

— Partirei imediatamente, Grande Mago Negro do Âmbar!

À frente do seu corpo de guardiões Ialutá espalhou a morte no interior do grande templo que pertencera a Labasher.

Meia hora depois centenas de navas estacionaram e começou o desembarque de guardiões fortemente armados. Assim que foi sufocada a revolta em todo o templo ele deu uma nova ordem ao guardião iniciado que comandava o corpo de luta.

— Embarque imediatamente seus guardiões e rume ao grande templo de Lamishor. Ao chegar lá, elimine toda a cúpula de comando e poupe somente os fora da hierarquia e os prisioneiros. Com os últimos, faça como é nosso costume!

— Assim será feito, poderoso Shefershi.

— Cuidado com a reação dos guardiões do grande templo.

— Não terão tempo de reagir, pois se ousarem tocar em suas armas nós os fulminaremos.

— Ótimo! Vá e não perca tempo com explicações.

— Sim, senhor. Com sua licença!

Os veículos começaram a partir e Ialutá voltou a cuidar dos seus assuntos. Ia reorganizar a hierarquia e colocar no topo dela um dos seus homens.

Ao entardecer, depois de ter reorganizado tudo, partiu para o outro grande templo, onde a luta já havia cessado. Assim que estacionou no pátio externo, o seu iniciado guardião veio recebê-lo:

— Salve, poderoso Shefershi!

— Como foi a reação?

— Violenta. Mas já controlamos tudo por aqui. O grande templo está quase vazio.

— Ótimo. Instale-se no comando dele e implemente as minhas ordens.

— Como componho o novo corpo hierárquico?

— Preencha-o com seus guardiões até meu retorno para ver como está implementando minhas ordens.

— Seus desejos são minhas ordens e suas ordens são meus desejos, poderoso Shefershi!

— Reporte-se somente ao grande mestre do Âmbar e a ninguém mais.

— Sim, senhor.

Ialutá partiu para o Templo do Âmbar e recolheu-se a seus aposentos. Logo depois alguém bateu na porta e entrou.

— Como vai, Leish Ambar Yê?

— Sentindo sua ausência, Shefershi!

— Logo terei terminado de impor as ordens do poderoso Lamahoon e poderei voltar aos meus reais afazeres. Nunca imaginei que teria tanto trabalho e contratempos para cumprir. Esses malditos incompetentes pensam apenas nos próprios interesses mesquinhos e nada mais. Imagine que acreditam que, estando ilhados pela miséria e morte, irão conquistar alguma coisa. O máximo que conseguirão será um lugar no inferno muito em breve, pois recebi informações de que um grande exército se arma contra nós em vários lugares do planeta. Estou lutando contra o próprio tempo e uns idiotas ficam criando empecilhos absurdos que somente nos colocarão em desvantagem no caso de um ataque em massa.

— Você superará esses empecilhos, Shefershi!

— Espero que sim, senão estarei em apuros com o poderoso Lamahoon.

— Em caso de ataque, poderemos fugir, Shefershi.

— Está delirando, Leish Ambar Yê? O que temos de fazer é derrotá-los e dominar os seus reinos. Isso sim!

— Não está sonhando?

— Penso em coisas possíveis, Leish Ambar yê. Onde pude agir com liberdade e cooperação, as safras têm sido abundantes, mas onde isso não me foi possível, pela reação contrária, o fracasso continua. Como vou justificar-me perante o poderoso Lamahoon quando for cobrado o que prometi?

— Então terá como se justificar, Shefershi!

— Minha natureza não admite justificativas para falhas. Ou venço ou entrego minha espada e meu posto, indo a seguir ajustar minhas contas com a lei no inferno.

— Isso não será feito tão cedo, Shefershi! — falou uma voz rouca e potente.

— Poderoso Lamahoon! — exclamou Ialutá assustado. — Não sabia que estava nos ouvindo.

— Tenho vigiado suas ações e compartilho suas preocupações quanto aos nossos inimigos externos. Também recebi informações detalhadas dos movimentos deles.

— Finalmente encontro um sábio que não se preocupa somente com interesses imediatos. Pelo menos agora fico menos preocupado com nosso futuro, poderoso Lamahoon!

— Meus enviados me relataram sobre o que ocorreu. Tem minha gratidão por ter eliminado os cães que tramavam contra meu poder. Eu o divido com quem me é leal, mas não abduco de exercê-lo em toda sua plenitude.

— Suas ordens são minhas ações e minhas ações são suas ordens, poderoso Lamahoon! Se mais e melhor não fiz foi em função de certos empecilhos que têm tolhido minhas ações.

— Imponha-se a ferro e fogo se for preciso, pois logo que as tiver cumprido será levado ao meu refúgio para receber novas ordens.

— Sim, senhor. Serei mais implacável com os refratários a sua vontade.

— Ótimo! Agora vou partir e aguardar que obtenha o sucesso total para então assumir uma missão muito mais importante, Shefershi!

Ialutá pensou: “Aniquilar os inimigos externos!”

— Isso mesmo, Shefershi! — disse gargalhando Lamahoon. — Em breve voltaremos a nos encontrar!

— Sim, poderoso Lamahoon! — exclamou, feliz, Ialutá.

O Mago Negro partiu com um sorriso nos lábios e Leish Ambar comentou:

— Está vendo como nem tudo está dando errado, Shefershi! Até Lamahoon o está incentivando a agir com maior rigor contra os ineptos para os postos de comando nas hierarquias!

— Vou mudar a feição deste continente em pouco tempo, Leish. Em breve teremos o maior corpo de lutas do planeta e então será o momento de dominá-lo e impor nossa hierarquia a todos.

— E quanto a mim, poderoso Shefershi? Como fica sua frágil Leish Ambar Yê?

— Se Lamahoon não impedir, a tornarei a deusa que será adorada de um extremo a outro do planeta.

— Faria isso por mim?

— Só se Lamahoon tiver outros planos, Leish.

— Eu o convencerei a aceitar seus planos, meu amado! — falou ela, toda insinuante.

— Está me fazendo esquecer dos problemas, minha Ambar!

— Em instantes não se lembrará de mais nada, Shefershi! Só terá olhos e pensamentos para sua deusa do Âmbar.

— Será que, para o prazer, só preciso tê-la ao meu lado, e nada mais?

Somente dois dias depois ele voltou ao Templo da Luz Negra, pois Leish era tão envolvente quanto ele. E, se ele voltou ao seu posto, foi pelos problemas a serem solucionados.

Assim que chegou, abriu o portal de acesso a sua sala de despachos e começou a dar solução à maior parte deles. Somente os mais difíceis foram deixados para serem resolvidos mais tarde.

Uma nova direttriz alterou as hierarquias dos grandes templos. Mais da metade dos corpos hierárquicos foram enviados para os campos. Os responsáveis pelas normas estenderam seus poderes até sobre os Grandes Magos Negros. Estes se revoltaram, mas foram calados à força.

Então o poderoso Mago Negro do Âmbar impôs nova direttriz e foi adotado o casamento múltiplo. O que solucionou o problema do excesso de mulheres em todo o Reino dos Cristais.

Mais uma nova direttriz e ele abriu os pontos de força durante 24 horas por dia e sete dias por semana. Mas, em compensação, afastou os iniciados guardiões de perto deles e aboliu os perímetros sagrados.

Essa lei causou a maior confusão, pois os afastou das mãos dos sacerdotes negros que proliferavam como uma classe de parasitas por todo o reino e retirou deles uma fonte inesgotável de rendas. Os que ousaram reclamar foram parar nas prisões ou mortos.

O Grande Mago Negro do Âmbar impunha-se a fogo e ferro sob o manto protetor do poderoso Lamahoon.

Para os postos das hierarquias eram aceitas pessoas do povo e sem maiores preparos além de um juramento de lealdade. Com isso toda a ordem foi alterada, pois, se antes era necessário revelar seus dons negros para ser aceito, agora bastava jurar lealdade à ordem estabelecida. Eram os princípios duais que se iam impondo dia a dia.

O que antes era considerado pecado e afronta às virtudes já era aceito como permitido pelas leis do poderoso Mago do Âmbar. Com isso ninguém mais distinguia uma virtude de um vício, e as circunstâncias é que determinavam qual via era a mais apropriada na obtenção de um objetivo.

Mas o fato mais significativo foi a fome e a miséria terem se acabado em dois anos.

Então Ialutá baixou mais uma diretriz que foi aclamada como sábia por todos. Os grandes templos foram obrigados a recrutar pessoas aptas a curar as doenças, que assumiam proporções de epidemias. Com isso milhares de sábios da antiga ordem voltaram aos grandes templos sob uma nova designação. Com todos os seus conhecimentos, foram indicados em outros cargos e prepararam um corpo só de curadores.

Mais uma vez os Magos Negros reagiram com a alteração dos postos nas hierarquias dos grandes templos, pois o responsável por eles não era outro senão o Grande Mestre do Âmbar ou o antigo Grande Mago da Luz Cristalina.

Numa viagem em que Ialutá o acompanhava, ele comentou:

— Você está alterando toda a ordem, poderoso Grande Mago do Âmbar. Onde deseja chegar afinal?

Com uma ordem, o veículo estacionou à beira-mar e ele convidou o ancião a caminhar pela praia. Quando ficaram a sós, falou:

— Grande Mago, já sabe o que estou fazendo e se aprova ou não, ainda não sei.

— Corrija-me se estiver errado, iniciado. Você está tentando tornar só decorativo os postos de Mago e Grande Mago?

— Certo.

— E está tornando os graus de sábios, tantos os virtuosos quanto os viciados, em postos abertos a todos.

— Sim.

— Afastando os sacerdotes, todos poderão ser seus próprios guias na religiosidade.

— Sim.

— E os mestres já não ensinam princípios virtuosos ou viciados, mas sim só o conhecimento comum e nada mais.

— Exatamente. Afasto de seus ensinamentos a conexão com o divino ou o negativo.

— Então está formando uma sociedade na qual a hierarquia somente dependerá de suas diretrizes, que são de âmbito continental.

— Sim.

— E isso o está tornando o senhor absoluto do Reino dos Cristais.

— Sim, é isso mesmo!

— Então me diga por que seu chefe, o poderoso Lamahoon, está deixando você fazer isso se contraria tudo o que ele vem tentando nos últimos 350 anos?

— Lamahoon sabe que perdeu quando os iniciados saíram a campo e começaram a matar os Grandes Magos Negros em outros reinos. Nós os degolamos em todos os lugares, menos aqui no Reino dos Cristais. Então ele está adotando uma nova tática de domínio, pois somente por intermédio dos corpos de luta lhe será possível dominar o mundo.

— Mas você o está ajudando! A abundância de alimentos lhe tornará possível levar a guerra ao resto do mundo, e logo poderá desviar imensos contingentes de homens para os campos de luta.

— Eu sei disso, mas nós já o vencemos em outros continentes e tornaremos a derrotá-lo aqui também.

— Por que essa obsessão em derrotá-lo, iniciado? Não seria fácil você lançar mão de sua espada e degolá-lo e assim acabar com essa luta sem fim?

— Como acabar com um homem que se move no mental inferior das pessoas e tira sua força dos princípios viciados codificados como meios a serem usados quando o tormento for insuportável?

— Dando a todos a oportunidade de vivenciarem os princípios viciados e descobrirem que não conduzem a nada senão a novos e mais cruéis tormentos, não?

— Exatamente, essa é a lógica que alimenta Lamahoon e o torna imortal no mental inferior dos seres humanos. Eu tudo fiz para conquistar o Templo da Luz Cristalina. Mas quando o conquistei, vi que havia sido em vão minha vitória.

— Por quê?

— Lamahoon havia retirado o quadro com seu rosto e o respectivo nome da galeria que contém todos os grandes Magos da Luz Cristalina desde a fundação do Reino dos Cristais.

— Como chegou à conclusão de que Lamahoon foi um Mago da Luz Cristalina?

— Ele já está na carne há quase 400 anos, se não forem mais!

— Impossível!

— Não, Grande Mago! Nós já suspeitávamos disso no grande Templo da Coral e isso confirmei ao ver o quadro com Habaal na galeria. Lamahoon sabia de nossas suspeitas e, ao retirar o seu da galeria, preencheu o lugar com o de Habaal. Com isso sua origem se perdeu e não temos como derrotá-lo. Se descobríssemos sua origem já o teríamos matado a distância há muito tempo.

— Você fala “nós” como se a tentativa de destruí-lo já fosse antiga.

— E é mesmo! Olho para os iniciados que me servem e não sei se são leais a mim ou a Lamahoon. Já os Magos Negros, estes lhe são fiéis. Então, somente com o dualismo estabelecido nós o derrotaremos, pois quando todos conhecerem os vícios, as virtudes é que despertarão o interesse das pessoas e as atrairão.

— Quem são esses “nós” a que você se refere?

— Milhares de iniciados, magos, mestres e sábios que lutam dia e noite para derrotar Lamahoon antes do advento do grande cataclisma.

— Por que essa obsessão se o cataclisma arrasará a Terra?

— Lamahoon sabe quais serão os locais poupados pelo Criador e está contando com eles para dominar a nova configuração do planeta depois da transformação.

— Quem é você afinal?

— Ainda não sabe?

— Desconfio, mas não tenho certeza.

— Vou dizer quem sou sem falar nada. Portanto somente olhe e não pense nem fale nada.

E Ialutá tirou sua espada simbólica e as vestes. Depois as dobrou e colocou a espada por cima delas e sentou-se na posição ritual em frente às águas cristalinas. Então olhou para o Grande Mago e este assentiu com a cabeça que sim.

— Ótimo. Agora, já que estou nu, vou banhar-me.

Ialutá tirou o grande colar de pedras que pertencera a Lushmer e era seu símbolo de autoridade e mergulhou na água. Já dentro dela, uma mensagem começou a lhe chegar, mas assim que elevou a cabeça para fora da água não a ouviu mais. Ainda fixou os sentidos do ar, mas nada! Então voltou a mergulhar e novamente ouviu a mensagem. Ouviu-a até precisar de ar puro nos pulmões. Novamente mergulhou e acabou de ouvi-la. Quando elevou a cabeça fez um sinal de silêncio e outro para que o Grande Mago se despisse e entrasse na água.

Quando o Grande Mago, já de idade avançada, pisou na água, Ialutá tomou sua mão e o conduziu para o meio das ondas. E ali lhe contou o que ouvira do gênio das águas e de como eram vigiados dia e noite por Lamahoon.

O ancião afundou-se na água várias vezes até ouvi-la também.

— Então é por isso que ele não se incomoda com suas ações. Ele sabe de todas elas e até o induz a tomá-las.

— Exatamente! O senhor conhece os segredos do cristal incolor, não?

— Sim.

— Lushmer ia me ensinar como penetrar nele para ir aonde quisesse e, dali, ouvir e ver o que fosse necessário. Mas não teve tempo porque o matei antes que fizesse isso por mim.

— Eu lhe ensinarei isso, mas para que quer aprender tal coisa?

— O grande cristal puro que havia em seu aposento mais oculto foi retirado e no buraco onde ele estava Habaal colocou numa serpente negra. Depois colocou uma caixa com outra dentro. Mas suspeito que não foi exatamente Habaal e sim Lamahoon que fez aquilo. De alguma forma ele quis dizer que o antigo Mago da Luz Cristalina e agora o Grande Mago da Serpente Negra o havia recuperado. Assim que eu aprender como mover-me de um cristal para outro vigiarei Lamahoon do mesmo jeito que seus Magos Negros fazem conosco. Lamahoon tanto me vigia pelo colar de Lushmer como pelo ônix que carrego no interior de minha veste.

— Por que ele não o matou até agora?

— Porque não traí meus amigos que estão infiltrados e ocultos à espera de um momento próprio para matá-lo.

— São muitos?

— Não, mas nem nos lembramos do rosto, nome ou mesmo da existência dos outros, pois juramos não nos trair em atos, palavras ou pensamentos e isso nos tem mantido vivos e Lamahoon ou um antigo Grande Mago da Luz Cristalina descobriu o elixir da longa vida e a partir daí pensou em dominar o mundo.

— Ele é um louco!

— Talvez. Mas creio que sua ânsia de descobrir o elixir e livrar-se do tormento da morte o levou a pactuar com o princípio das trevas e perder-se em todos os sentidos.

— Vamos esclarecer algo. Você ingeriu o tal elixir?

— Sim. Um falso Lamahoon deu-me uma pequena porção dele na tentativa de convencer-me a me perder em todos os sentidos. Recusei sua oferta e outro iniciado o degolou. Mas guardei o frasco com o elixir e nós o tomamos por sermos conhecidos por Lamahoon. Somente assim nós penetramos em seus templos sem sermos reconhecidos e nos infiltramos nas hierarquias, onde temos alcançado postos importantes.

— À espera do momento de matá-lo!

— Isso mesmo. Mas acredito que o Lamahoon que procuro não é o que se apresenta a mim como tal. Creio mesmo é que um Grande Mago Negro que me tem vigiado o tempo todo, mesmo quando estou com Leish Ambar Yê.

— Minha filha!!!

— Sim, ela mesma. Lamahoon a raptou e a preparou para que servisse às trevas. Sinto muito, mas ela já se perdeu em todos os sentidos, Grande Mago!

— Sei disso. E isso me tem martirizado desde que ele a raptou.

— Eu a tenho na conta de minha amante e Lamahoon me vigia através dela. Preciso descobrir onde se oculta o verdadeiro Lamahoon e matá-lo, senão logo serei morto.

— Vou prepará-lo em poucos dias para que consiga deslocar-se para onde quiser no interior dos cristais.

— Mas antes vou despistar meus vigias. Sei que me vigiam e também devem estar vigiando todos os iniciados que combatem através do dualismo aceito pelos outros povos.

— Sim, isso é possível.

— Estou imaginando se a ação dos outros iniciados de além-mar não está sendo induzida por ele com um fim específico.

— Qual?

— Como nós sabemos que o Reino dos Cristais submergirá, talvez ele queira uma guerra para aniquilar os guardiões de além-mar e depois dominá-los com suas forças ocultas.

— Espere um instante! Acabo de me lembrar de um Grande Mago da Luz Cristalina que morreu numa explosão e seu corpo desintegrou-se. Ele possui uma sepultura simbólica junto aos outros Grandes Magos. Talvez tenham colocado algo no interior do seu jazigo que possa nos esclarecer quem é o verdadeiro Lamahoon.

— Vamos voltar ao Grande Templo da Luz Cristalina e antes de irmos ao local nos livraremos de toda e qualquer pedra. Somente assim não seremos descobertos!

— Ótimo, Ialutá! Lamahoon, desta vez, será derrotado.

— Sem dúvida, Grande Mago. Como Iafershi limpamos meio mundo dos escravos dele. Como Shefershi limparei o mundo de sua nefasta presença.

— Você era mesmo o que as informações diziam ser o devasso Grande Mago do Ônix?

— Sim.

— O que mais você já foi?

— O Grande Mago do Arco-íris, que tentou ajudá-los.

— Não!

— O senhor não me reconheceu devido à barba que eu deixara crescer.

— E quanto ao iniciado e Grande Mago do Ar, Larrin?

— Ele não precisou cair em nenhum sentido. Ele nasceu sob o perigo da destruição do grande Templo da Coral e foi preparado para lutar contra Lamahoon desde a infância.

— Ele tomou o elixir alguma vez?

— Não. Larrin somente soube da existência dele quando matamos outro falso Lamahoon.

— Então não vamos descansar enquanto não descobirmos o verdadeiro Lamahoon e arrancar suas presas venenosas.

— Não fale nada sobre o que acontece enquanto usam os crachás, pois antes quero descobrir algo mais através deles. Mas vou ter de viajar através dos cristais.

— Vou preparar-lhe algo que somente os grandes Magos da Luz Cristalina conhecem.

— O que é?

— O Arco-íris Cristalino. Através dele você penetra em todo tipo de cristais coloridos a partir do translúcido, incolor e purificado cristal da luz. Através dele você entrará na cor que quiser e passará a outra caso corra perigo em seu interior.

— Levarei minha espada simbólica espiritual quando mergulhar neles. Talvez comece a cortar os fios que ligam os espíritos aos corpos e assim os deixe aprisionados no interior dos cristais para todo o sempre.

— Também sei como transportá-la para o interior dos cristais.

Ialutá sorriu feliz. Lamahoon agora iria enfrentar um inimigo que sabia quais eram seus reais poderes. Pena que Larrin ou o iniciado das Sete Espadas não soubessem que ele já fora um Grande Mago da Luz Cristalina.

— Vamos voltar, Grande Mago. É hora de lutar no interior dos cristais!

Assim que o veículo estacionou no pátio interno Ialutá começou a observar outra coisa no interior do grande templo. Algo o incomodava, mas não conseguia saber de onde vinha o perigo. Subiu a seus aposentos acompanhado do Grande Mago e despachou rapidamente os que o aguardavam na sala de espera.

— Está mais corado hoje, poderoso Shefershi! — observou Sher.

— Senti vontade de banhar-me no mar, Sher. Acho que me fez bem. Há muito estava precisando desligar-me um pouco dos problemas que me afligem.

— São tantos assim?

— Muito mais do que imagina. Ordene aos guardiões para que avisem a todos os que me procurarem que voltem somente daqui a três dias, pois quero montar um organograma de meus corpos de luta espalhados por todo o Reino dos Cristais.

— Posso ajudá-lo?

— Se quiser, será um bom auxílio. São tantos corpos de luta espalhados e sem um iniciado guardião a coordená-los que, em caso de sofrermos um ataque, seremos derrotados pela inoperância ou falta de um comando centralizado. Eles trabalham em função dos grandes templos e não o inverso, que seria o mais racional. Foi por isso que vencemos quando atacamos este templo.

Ialutá piscou-lhe um olho e ela nada falou ou pensou:

— Virei ajudá-lo, poderoso Shefershi. A que horas começará a montá-lo?

— Às oito horas, Sher.

— Então estarei aqui. Com sua licença!

— Pode sair.

Assim que ela trancou a porta atrás de si, Ialutá despiu-se e foi ao seu quarto de dormir, do qual retirou todos os cristais e pedras que nele haviam. Quando certificou-se de que havia recolhido todos, os levou ao aposento mais oculto e os deixou num canto.

Mas ao voltar a sua sala de despachos levou um susto e causou o mesmo em Sher, que ficou estática ao vê-lo totalmente nu. Não conseguiram dizer nada pelo constrangimento de tão absurda situação. Ela o olhava de alto a baixo e isso deu-lhe uma ideia: aproximou-se dela e, após abraçá-la, deu-lhe um longo beijo. Em princípio ela tentou fugir do seu domínio, mas depois cedeu ao desejo que tanto a atormentava e o envolveu com seus braços.

Então Ialutá começou a despi-la. Ela tentou reagir, mas um novo beijo quebrou toda a sua resistência.

Após despi-la por completo, ele a conduziu a seu quarto. Depois de fechar a porta a chave, a levou até a cama e ainda sentados na beira dela falou-lhe:

— Sinto ter feito isso, Sher. Mas não tive outra alternativa, mais uma vez!

— O que está tentando justificar, Ialutá?

— Como soube que sou Ialutá? O Grande Mago lhe contou isso?

— Não. Eu já suspeitava há muito tempo, mas quando o vi nu não tive mais dúvida por causa dessa marca em sua coxa. Conheço-a desde que você tinha oito anos de idade. Foi um acidente horrível que a causou, e foi meu pai quem tratou do seu ferimento.

— Então continue em dúvida sobre mim, pois somos vigiados o tempo todo por homens de Lamahoon através dos crachás, do grande colar de Lushmer ou até do meu ônix. Trouxe-a nua para cá para contar-lhe tudo isso sem sermos ouvidos ou vistos.

— Como solucionará isso?

— Recolhendo todos os cristais dos nossos aposentos de dormir e vigiar ainda mais nossas palavras e pensamentos.

— Nisso estou de acordo, pois sei que você tem motivos de sobra para se preocupar. Mas e quanto à sua hesitação ao me abraçar na sua sala? Ela cessou de repente e o deixou impotente?

— Tinha de agir com rapidez ou seria descoberto pelos que nos vigiam dia e noite.

— Então não lhe desperto o desejo?

— Não é isso, Sher.

— Não sou mais a jovem de 20 anos que ainda possuía um corpo desejável e preenchia sua imagem da mulher bela que o agradava, não?

— Também não é isso. Desejo-a muito mais do que imagina, mas talvez não compreenda que minha conduta obedece a propósitos bem definidos e talvez venha a enciumar-se quando outras entrarem neste quarto pela outra porta.

— Nem ao menos mereço algo por ser uma mulher cheia de desejos?

— Gostaria de possuí-la com o prazer que somente o amor pode nos proporcionar, pois o prazer vazio é sem sentidos. Já o vivencio há muito tempo e jamais me deixou satisfeito.

— O seu dom negativo?

— Ele mesmo.

— Então terei de morrer como uma mulher pulsante e cheia de amor, mas que não conseguiu realizá-lo com o homem que amo? Pena que tenha sido tão rápida a minha alegria. Desta vez eu não iria deixá-lo deitado nesta cama só por medo de realizar-me como mulher, como fiz naquele dia em seu quarto, lembra-se?

— Sim, e jamais o esqueceria, Sher. Mas temo que o ciúme venha a colocar em perigo tudo o que planejamos para derrotar Lamahoon. Se não fosse por isso, eu a tomaria em meus braços e a envolveria com todo o amor que ainda sinto por você.

— Não sentirei ciúme. Já me acostumei a ver tantas entrarem e saírem do seu aposento enquanto fico sofrendo os tormentos do desejo e da solidão no vazio mais íntimo do meu ser imortal.

Ialutá a olhou demoradamente de alto a baixo, pois ela havia se levantado. Sher era linda, apesar de já não ser mais uma jovem de 20 anos. Seu belo e bem delineado corpo possuía um encanto que nenhuma outra mulher podia ter. Era o encanto do amor e ela já se dirigia para a porta quando ele a chamou. Ela recostou-se na porta e com os olhos cheios de lágrimas perguntou:

— O que deseja agora, poderoso Ialutá?

— Quero que passe esta noite no meu leito, encanto do meu amor. Por ele pagarei o preço do risco de fracassar e ser lançado no inferno para todo o sempre!

— Por quê?

— Se você se trair antes de derrotarmos Lamahoon, ele dominará o mundo e a luz começará em desvantagem depois do grande cataclisma.

— Não traí o Grande Mago nestes anos todos e não iria traí-lo agora que descobri o que me faltava para que me realizasse como mulher, e sem ser atormentada pelo sentimento de culpa.

— Permita então que um homem que se viciou em todos os sentidos a posua no único sentido que jamais o provou.

— Faça isso por mim, Ialutá. Senão jamais poderá comparar todos os seus sentimentos e descobrir qual deles é o mais gratificante, compensador, satisfatório e preenchedor do vazio que existe em seu íntimo. Apenas assim provará de tudo e de todas, e terá meios de descobrir que o amor não tem uma forma, mas é só um sentimento puro que une os seres humanos com laços que nem o tempo ou as mais difíceis situações conseguem desatar.

Ialutá a envolveu com os braços e disse-lhe:

— Querida Sher, esqueça-se da podridão que meu dom negro despertou em meu mental e me ame como a tenho amado.

— Como você tem me amado, Ialutá?

— Como o ser mais puro desta Terra imunda.

— Esqueço-me de tudo, mesmo de mim quando o sinto junto de meu corpo. Ajude-me a realizar-me como mulher no virtuoso sentimento do amor e nunca mais se esquecerá de que só nele o sexo deixa de ser um instinto e assume a condição de sentimento vivo agradável de ser vivido por um homem e uma mulher.

Ialutá não deixou Sher falar mais nada e a beijou longamente. Somente retornaram à sala de despachos no dia seguinte para vestirem suas roupas e voltarem à rotina do grande templo.

Muito haviam se falado durante a noite e agora era apenas uma questão de tempo para que Lamahoon viesse a cair.

Pouco depois o Grande Mago chegou. Como Ialutá ainda não colocara o grande colar nem apanhara seu ônix, ele os cobriu com um tecido. Ialutá olhou para ele e viu que não trazia o crachá. O ancião foi até Sher e retirou o dela e o colocou sob o tecido.

— Venham! — falou Ialutá. — Já retirei todas as pedras do meu quarto, Grande Mago!

— Esperem um pouco! — exclamou Sher, que correu para o quarto.

O Grande Mago olhou para Ialutá e este fez que sim com a cabeça.

— Ótimo! — exclamou o velho Mago. — Pelo menos um dano mental começa a ser reparado enquanto ainda há tempo.

— Outros também serão quando o tempo da reparação chegar.

— Assim espero!

Pouco depois Sher voltou e com um sinal eles a seguiram. Quando estavam a sós, ela tentou justificar-se.

— Não precisa dizer nada, minha filha. Fui a seu quarto para retirar os cristais e não a vi. Depois de recolhê-los vi que se demorava e vim ver se ainda trabalhava, mas ao ver seu crachá caído no chão, fui dormir com um sorriso nos lábios.

— Agradeço sua compreensão, Grande Mago!

— Deixemos de falar e comecemos com a primeira lição que só um Grande Mago da Luz Cristalina conhece. O pano que usei para cobrir o colar de Ialutá o

veda e impede que quem o vigia a partir do interior dele ouça, veja e até mesmo sinta algo. Aqui temos meio de bloqueá-los. Quero que leiam com muita atenção o que escrevi nesta folha e decorem tudo, pois só assim saberão qual é a cor que bloqueia outra. Tanto pode ser num cristal como num tecido ou na luz. Uma cor, se colocada na sua irradiação contrária, a bloqueia totalmente.

— Isso já sei, Grande Mago. Sou um Mago do Arco-Íris!

— Ótimo, então vamos passar ao segundo ponto: como penetrar num cristal?

— Isso também já sei.

— Mas eu não sei — falou Sher.

— Esta é uma luta minha. Portanto é melhor você ficar fora, Sher!

— Terá de dividi-la comigo, Ialutá. Não vou deixá-lo a sós numa luta tão importante!

— Está certo, Sher. Dê-me suas mãos que lhe ensinarei.

E eles mergulharam no único cristal em que os Magos negros não podiam vigiá-los, pois o cristalino era transparente e eles não sustentavam a visão a partir do seu interior. A forte luz que ele irradia não permite que vejam de dentro para fora. Ialutá a levou ao interior e a trouxe de volta várias vezes.

— Agora vamos entrar e você voltará sozinha.

— Como?

— Através da consciência. Seu mental a guiará de volta imediatamente.

Mas em caso de dificuldades estarei a seu lado para socorrê-la.

Ela fez várias tentativas até que conseguiu penetrar e sair sozinha do cristal.

— Agora entre e comece a movimentar-se no interior dele, Sher — disse o Grande Mago. — Precisa dominar seus movimentos e só conseguirá com a visão e o pensamento. No interior dos cristais estes são os únicos meios de movimentar-se.

— E quanto à ação, Grande Mago? — perguntou Sher.

— Pode deixar que isso lhe ensino, Sher! — falou Ialutá.

Eles mergulharam e voltaram somente uma hora depois.

— Posso até imaginar qual foi sua lição, filho! — exclamou ríspido o Grande Mago.

— Pois saiba que a partir de agora ela se moverá tão facilmente quanto o melhor dos Magos dos Cristais, Grande Mago!

— Imagino que sim. Vamos acender esta poderosa luz antes de ensinar-lhes como passar de um cristal incolor para outro, colorido.

— Por quê?

— Tenho-o pronto desde que alcancei o grau de 77 e eles não o encontraram em meu aposento mais oculto porque eu o havia escondido onde nunca seria encontrado caso alguém tentasse se apossar do mistério dos mistérios dos Magos da Luz Cristalina.

— Que mistério é esse, Grande Mago? — perguntou Ialutá.

Ele apanhou algo embrulhado num tecido de cor prateada e muito grosso.

— Este envoltório não permite que alguém consiga algo de dentro para fora. E este pequeno furo deixa o cristal puro e incolor com sua ponta piramidal para fora. Com isso nós penetramos nele e passamos para os outros cristais sem o risco de sermos descobertos. Por isso todo Grande Mago tem seu aposento mais oculto onde apenas ele entra. É ali que fazemos isso, Ialutá!

— Bem, hoje tudo está mudado, Grande Mago! Seu aposento mais oculto está localizado, nesse momento, em meu quarto de dormir.

— Isso não importa. Agora direcione esta luz para o ápice da pirâmide cristalina para que ela bloqueie a visão a partir das outras cores assim que eu remover a cobertura prateada. Observe que a lâmpada é menor que o furo do tecido da cobertura. Sabe o porquê disso?

— Penso que é para poder levantá-lo e passá-lo pela lâmpada e levá-lo através da alça sem interromper o fluxo da luz que a lâmpada está irradiando no ápice da pirâmide.

— Exatamente. Assim você não é visto mesmo que esteja sendo vigiado e pode vigiar o que bem quiser. Aproxime bastante a luz do ápice e direcione-a corretamente.

— Assim, Grande Mago?

— Sim, Ialutá. Observe para que a lâmpada reflita na mesma altura em todos os lados da pirâmide. Se isso não acontecer, então a irradiação não será igual em todos os lados e você fica vulnerável.

— Posso tentar uma vez? — perguntou Sher.

— Sim, é bom que também pratique isso, pois, em caso de necessidade, poderá ser-lhe muito útil.

Depois de ela ter posicionado a lâmpada, ele falou:

— Ótimo. Agora vou remover a cobertura para que possam fazê-lo também.

Quando os dois aprendizes viram a peça completa, dos seus lábios saíram exclamações de admiração com a beleza, ciência e perfeição da peça. Ela media uns 20 centímetros de altura por uns 40 de circunferência. Todos os matizes conhecidos dos cristais estavam lá. Eram filetes incrustados num puríssimo cristal translúcido. Todos eles se ligavam ao cristal em forma de pirâmide, ao grande e puríssimo cristal dos Magos!

— Observem a arte e a ciência desta peça, meus filhos! A luz que jorra do ápice da pirâmide irradia-se por todos os outros cristais e impede que alguém possa chegar até aqui e espionar-nos. Com isso podemos agir à vontade sem sermos descobertos.

— Magnífico, Grande Mago! — exclamou Ialutá.

— Agora é hora de ensinar-lhe como passar do cristal para as outras pedras coloridas e voltar a ele numa fração de segundo. Somente quando estiverem ágeis a esse ponto poderão mover-se à vontade.

— Por que, Grande Mago?

— Em caso de qualquer som no interior de nosso aposento mais oculto ou mesmo o calor ou uma vibração magnética, voltamos à velocidade da luz aos nossos corpos carnis.

— Por isso a câmara tem um fecho especial por dentro, não?

— Sim.

— Então vou fechar as portas que dão acesso a estes aposentos. Volto num instante!

Assim que Ialutá voltou, eles foram iniciados no mistério dos mistérios dos grandes Magos da Luz Cristalina. Após adquirirem a capacidade de voltar ao corpo em uma fração de segundo, mesmo estando a milhares de quilômetros de distância e a passar de um tipo de rocha mineral para outra com a mesma facilidade, o Grande Mago os felicitou com um sorriso e uma bênção.

— Agora vamos comer um pouco e depois iremos visitar as tumbas dos Grandes Magos da Luz Cristalina que já exerceram o poder neste grande templo. Mas você fica, Sher.

— Por quê?

— Para não despertar suspeitas. Nós entraremos nus no interior daquela ala e até os guardas não serão vigiados caso o outro lado suspeite de algo.

— Pegue este cristal especial, Sher — disse o Grande Mago. — Oculte-o entre seus pertences íntimos onde nunca possa ser encontrado. Tire todas as pedras de seu dormitório, mas deixe este outro cristal puro sempre à mão. Logo estabeleceremos uma hora para nos encontrar, mesmo estando vigiados.

— Como?

— Saindo do corpo e mergulhando neles. No interior dele, nós nos encontraremos e transmitiremos ou trocaremos informações.

— Ótimo plano, Grande Mago! Deixe-me dar uma última olhada nas cores que eliminam o poder dos nossos inimigos.

Depois de certificar-se das cores, eles voltaram a vestir-se com os crachás e Ialutá recolocou o grande colar.

Enquanto comiam Ialutá sentiu-se observado a partir do seu colar. Mas nada falou. Suas faculdades perceptuais haviam se aberto totalmente. Então apanhou sua espada simbólica da forma como havia lhe ensinado o Grande Mago e numa rápida concentração mergulhou no interior da pedra que era usada para vigiá-lo. Já no interior dela e sem ser visto, deu um golpe que cortou o fio que ligava quem o espionava ao seu corpo carnal. Dali seguiu até onde estava o corpo já sem vida e de um relance viu mais dois corpos diante de outras pedras. Uma era um Âmbar e a outra um Jade. As pedras do Grande Mago e de Sher. Voltou ao corpo e sem mover-se mergulhou no Âmbar do Grande Mago da Luz Cristalina. Num piscar de olhos mais um espírito ficou preso para todo o sempre no interior do Âmbar. Depois foi a vez de penetrar no Jade. Quando voltou à carne, um sorriso estampou-se no seu rosto.

— Por que sorri o poderoso Shefershi?

— Acabo de ceifar o fio da vida de três curiosos descuidados, Sher. Eles nos vigiam a partir da ala onde estão sepultados os Grandes Magos. Vou para lá imediatamente, pois acabo de descobrir algo muito importante.

Pouco depois chegavam à ala onde ficavam as sepulturas.

Dois guardiões vigiavam a entrada da ala nos subterrâneos do grande templo. Eles se perfilaram imediatamente.

— Salve, poderoso Shefershi!

— Quem é o responsável pela segurança desta ala?

— É o Grande Mestre da Luz Negra.

— Ótimo! Quem entra nela?

— Ele e seu corpo de auxiliares.

— Ninguém mais?

— Não?

— Ele sempre vem ver como está esta ala?

— Diariamente, poderoso Grande Mago do Âmbar.

— A que horas?

— Às seis da tarde, logo que termina o culto no grande salão.

— Ótimo. E vocês, quando são rendidos na guarda da entrada?

— No mesmo horário.

— Vocês são bons guardiões. Vou recomendar sua promoção em breve.

— Obrigado, poderoso Shefershi! — responderam felizes os dois guardiões.

— Abram a porta que quero examinar o interior desta ala e ver se o Grande Mestre da Luz Negra a tem conservado em ordem.

— Imediatamente, poderoso Shefershi!

Eles abriram e Ialutá virou-se para Sher ordenando-lhe que ficasse à espera deles. Logo que a porta foi fechada, eles despiram-se e apanharam as ferramentas que haviam trazido sob as vestes. Logo descobriram os três corpos imóveis diante das pedras em que seus espíritos estavam presos para todo o sempre. Juntos, localizaram a câmara funerária do Grande Mago que havia morrido num acidente. Com as ferramentas removeram o lacre de pedra e puxaram uma mortalha retangular. Assim que ela ficou toda exposta o fecho foi quebrado e o ataúde de pedra cristalina foi aberto. Do interior retiraram um livro e vários objetos de uso pessoal do falecido Grande Mago da Luz Cristalina. Ialutá colocou tudo numa sacola e depois colocou no interior dele um dos corpos sem vida dos seus vigias.

Após lacrarem novamente a tumba ele falou:

— Vamos violar mais dois túmulos, Grande Mago. Tive outra ideia.

— Qual é ela?

— Ocultar esses dois corpos e apanhar mais dois cristais iguais ao seu. Com eles em nosso poder vamos poder agir muito melhor.

— Tem razão. Os espíritos dos Grandes Magos vão ficar felizes por usarmos algo que somente eles usaram quando viveram na carne.

Em pouco tempo abriram outros dois túmulos e depois de recolherem os cristais especiais colocaram os corpos e tornaram a lacrá-los. Então voltaram até onde estavam suas roupas e se vestiram. Ialutá ocultou a sacola por baixo de sua longa capa e o Grande Mago ocultou os dois cristais.

Após a porta ser aberta, Ialutá falou aos dois guardas:

— Não gostei do estado de conservação desta ala. Silenciem a respeito de minha visita, pois quero falar antes com o Grande Mestre da Luz Negra.

— Sim, poderoso Shefershi!

Os três voltaram ao aposento de despachos, retirando as pedras, crachás e tudo o que pudesse denunciá-los caso estivessem sendo vigiados a partir de outro ponto da Terra. Depois, já no interior do quarto, abriram a sacola para descobrir quem era Lamahoon. Ialutá apanhou um dos cristais especial e o entregou a Sher dizendo-lhe:

— Este é seu, Sher. Limpe-o, e também ao meu, pois a partir deles iniciaremos a busca de Lamahoon.

Enquanto ela os limpava e polia, ele e o Grande Mago da Luz Cristalina folhearam o livro com a biografia sucinta do Grande Mago morto na explosão.

— Lamar Ho Om Hep! — exclamou o Grande Mago.

— Ou Lamahoon, Grande Mago! Ele suprimiu alguns sons do seu nome iniciático e o transformou num nome negativo.

— Exatamente, Ialutá! Agora saberemos como descobrir seu elemento original e seu dom negativo.

— E a partir deles, do seu dom negativo e seu real poder, vamos destruí-lo para sempre.

— Vamos à grande biblioteca. Lá existe uma ala onde está o grande livro que traz a origem completa dos Grandes Magos. Tudo está em código, mas o conheço e posso decifrá-lo.

— Ótimo!

Pouco depois os dois entravam na grande biblioteca. O Grande Mago foi direto a um compartimento que somente ele conhecia e, após abri-lo, retirou um grosso livro envolto num tecido prateado. Depois tornou a fechar o compartimento e os dois voltaram a seu aposento. Assim que entraram, Sher mostrou os dois cristais especiais e falou:

— O que acham? Não parece que acabaram de ser feitos?

— Sim, Sher. Estão limpos de qualquer irradiação ou poeira que os desarmonizem.

— Também limpei os tecidos prateados. Vou envolvê-los e ocultá-los em meu quarto — falou ela.

— Logo saberemos como destruir Lamahoon.

Uma hora depois, o Grande Mago tinha tudo de que precisavam escrito numa folha. Os três leram tudo com atenção e ele lhes ia explicando todos os segredos de Lamahoon.

— Isso o torna vulnerável, Grande Mago!

— Agora só precisamos descobrir onde ele está, Ialutá.

— Este é o nosso problema, Grande Mago. Estive pensando algo aterrador.

— O que é?

— Talvez todos os grandes templos sejam vigiados por homens de Lamahoon, como este aqui era.

— Tudo é possível.

— Então o Grande Templo da Coral também está sendo vigiado. E talvez todos os movimentos de Larrin ou do iniciado das Sete Espadas sejam do conhe-

cimento dele. Talvez ele tenha infiltrado homens seus nos corpos de luta do iniciado, e eles o estejam instigando a atacar-nos, com o intuito de destruí-lo numa imensa luta.

— Seu raciocínio tem lógica.

— Outra ideia um tanto absurda acaba de me ocorrer.

— Qual?

— Talvez o abrigo do falso Lamahoon seja o Templo do Âmbar onde vive Leish Ambar Yê.

— Será possível?

— Vou dar uma olhada em Leish Ambar, Grande Mago!

— Vou com você, meu filho.

— Não, senhor. Ao vê-la poderá emocionar-se e então não retornará a seu corpo.

— Tem razão. Vá sozinho que fico aqui vigiando seu corpo.

— Posso ir junto? — pediu Sher.

— Vamos! — falou ele.

Em instantes mergulharam no cristal incolor e dali passaram ao Âmbar e moveram-se até a pedra que sempre estava ao lado de Leish Ambar Yê.

Ela, como de hábito, estava nua em seu leito e tinha a seu lado o falso Lamahoon. Após ouvir parte do que falavam e quando começaram a se preparar para se realizar no interior do Âmbar, eles voltaram a seus corpos.

— Bem! Agora sabemos como vigiar Lamahoon e Leish Ambar Yê.

— Ela é muito linda, Ialutá! — exclamou Sher.

— Sem dúvida. Eu a conheço muito bem.

— Vou dar uma olhada nela, Ialutá — disse o Grande Mago.

— Agora não, Grande Mago. Ela e o falso Lamahoon mergulharam no Âmbar para se realizarem em seu interior. Assim que descobrir o verdadeiro Lamahoon, corto o fio da vida do falso e o aprisiono no interior do Âmbar.

— O que descobriram?

— Que o refúgio dele é nos subterrâneos do grande Templo do Âmbar. É ali que ele recolhe as informações e as envia ao verdadeiro em algum lugar do planeta.

— Que deve ser para onde Lamahoon levou o grande cristal translúcido com os 77 vértices que estava no seu aposento mais oculto desde que este templo foi construído há milênios.

— Sem dúvida, Grande Mago. Nós podemos descobrir quem é o verdadeiro Lamahoon se quisermos. Mas antes vou assistir ao culto e ver quem são os auxiliares do Grande Mestre da Luz Negra. Se antes não prestei muita atenção nele, logo não precisarei preocupar-me mais com suas traições.

E assim Ialutá foi participar do culto no grande salão.

Entre os auxiliares dele estava a bela jovem que Ialutá havia tirado da velhice.

“Maldita!”, pensou ele. “Traíndo-me enquanto dizia me amar muito. Logo mais estará morta, traidora!”

Ialutá estava acompanhado do seu corpo de guarda pessoal. Quando o grande mestre se retirou, ele o seguiu até seu aposento mais oculto.

— Quanta gentileza ser visitado pelo poderoso Shefershi! O que tanto o preocupa, Grande Mago do Âmbar?

— Preciso falar a sós com o senhor, grande mestre.

— Saíam! — ordenou ele a seus auxiliares.

— Vocês também! — falou Ialutá aos seus auxiliares. — Vigiem a porta, pois não quero ser interrompido enquanto falo com o grande mestre.

Os guardiões saíram do aposento, e o grande mestre perguntou-lhe:

— É tão grave assim, poderoso Shefershi?

— Muito mais do que imagina. Vamos nos sentar, Grande Mestre.

Ialutá retirou o seu Âmbar e o colocou entre eles. Depois retirou o grande colar e o colocou ao lado.

— Vamos mergulhar no Âmbar, grande mestre.

— Por quê?

— Falarei tudo no interior dele, pois sinto-me vigiado e penso que um dos meus guardiões iniciados esteja planejando assassinar-me.

— Impossível! — exclamou o homem, realmente assustado.

— No interior dele lhe contarei tudo o que já descobri e o que planejam contra mim.

— Então vamos logo, poderoso Shefershi!

Ialutá lhe estendeu a mão esquerda, que ele segurou. Mas a direita segurava o cabo de sua poderosa espada simbólica.

Ao mergulhar, a cópia astral dela ia em sua mão direita. Quando estavam no interior do Âmbar, Ialutá o subjugou e encostou a espada no seu fio da vida que o ligava ao corpo carnal. Mentalmente, perguntou-lhe:

— Conte-me tudo o que sabe sobre a grande teia de espionagem usada por Lamahoon para nos vigiar ou o aprisiono para sempre no interior do âmbar.

— Não faça isso comigo!

— Então me conte tudo e não omita nada, pois já sei de muitas coisas. Caso não diga o que já sei e mais o que desejo saber, jamais sairá daqui.

— Revelarei tudo! Mas jure que não me aprisionará no Âmbar. Jure pelo seu Deus, pois só assim saberei que voltarei a meu corpo carnal.

— Está certo, Mago Negro. O que quero vale muito mais que sua vida. Juro pelo meu Deus todo-poderoso que não cortarei seu fio da vida que o liga ao seu corpo carnal e o levarei de volta a ele assim que disser tudo o que sabe e após abrir sua memória para que eu possa confirmar se é verdade e se tem algo mais que me interesse saber. Mais uma vez juro por meu Deus que não cortarei o seu fio da vida. Agora me revele tudo, Mago Negro!

Algum tempo depois Ialutá já sabia de tudo. Então penetrou na memória do Mago Negro e descobriu muito mais coisas.

— Vamos voltar a nosso corpo carnal, Mago Negro. Sempre cumpro o que juro em nome do meu Deus.

— Sei disso, Ialutá. Foi por isso que o obriguei a jurar por ele.

— Ótimo! Vamos, Mago Negro?

— Vamos, iniciado da Estrela!

Assim que voltaram aos seus corpos carnis, Ialutá puxou de sua espada simbólica e o degolou com o próprio movimento de desembainhá-la.

— Aí está, Mago Negro! Sempre cumpro o que juro por meu Deus. Não cortei seu fio da vida nem o aprisionei no interior do Âmbar, como eu havia prometido. Mas como não prometi não cortar seu pescoço, você perdeu sua cabeça e irá mais cedo para o inferno. Boa viagem, Mago Negro!

Então Ialutá mergulhou no seu ônix e foi vigiar o interior da ala onde o estavam vigiando. Os novos vigias já tomavam seus assentos. Pouco depois o encarregado de vigiá-lo mergulhou no ônix e assim que passou por ele teve seu fio da vida cortado. Depois, num movimento ágil e usando a sua peça de cristal do Grande Mago da Luz Cristalina, passou para o Âmbar e ceifou mais um fio da vida. Por fim foi até o Jade e cortou o fio da vida do espião que vigiava Sher. Então voltou a seu corpo carnal, recolocou o grande colar e guardou suas pedras.

— Guardiões! — gritou ele, que já havia colocado um punhal na mão do morto.

Imediatamente a porta foi aberta.

— O que houve, poderoso Shefershi?

— Este maldito tentou me matar.

— Não devia ter-nos mandado sair, poderoso Shefershi!

— Isso não acontecerá de novo. Dê-me papel e um lápis que vou dar o nome dos traidores que estavam aliados a ele. Quero que prendam todos eles imediatamente e os levem à câmara de execuções. Ajam rápido!

Assim que acabou de escrever os nomes e os postos, eles partiram rápido. Ialutá voltou a seus aposentos e sentou-se com ar de desanimado.

— O que houve, poderoso Shefershi? — perguntou Sher.

— O verdadeiro Lamahoon sabe que sou Ialutá, e que o Grande Mago da Luz Cristalina está a meu lado. Até recebeu uma pintura com o rosto dele e de todos os que habitam esta ala, inclusive o seu. Nós somos conhecidos dele há muito tempo. E já não adianta tentarmos nos ocultar.

— Meu Deus! — exclamou Sher.

— Protegei-nos, bom Deus! — exclamou o Grande Mago da Luz Cristalina

— O que faremos agora?

— Só tenho uma alternativa. Mais uma vez só uma me é deixada.

— Qual?

— Vamos a meu aposento sem estas malditas pedras e lhes contarei tudo o que eles sabem e qual a minha alternativa.

Já a sós, Ialutá começou a falar:

— Leish Ambar Yê nos traiu! Ela costuma ir regularmente até onde o verdadeiro Lamahoon se oculta. Apenas ela sabe onde ele fica. O falso que conhecemos é somente um dos seus auxiliares e nada mais.

— Então você...

— Exatamente! Jamais matei qualquer um dos sentidos das sete cabeças da serpente negra. Larrin e o iniciado das Sete Espadas precisam ser avisados ime-

diatamente ou logo todos serão assassinados e o verdadeiro Lamahoon assumirá o controle do mundo todo.

— Como chegar até eles se somos conhecidos e vigiados quando saímos do grande templo?

— Vocês não sairão do grande templo, mas sim duas pessoas mais jovens.

— Como? — perguntaram os dois ao mesmo tempo.

Ialutá levantou-se e foi a um armário, retirando dele um frasco muito especial.

— Com isto, meus irmãos de luta!

— O que é isso?

— O elixir da longa vida. Parte dele foi o falso Lamahoon quem me deu e o resto encontrei com o falso Labasher. Vocês o ingerirão e rejuvenescerão. Assim não serão reconhecidos pelos guardiões que nos vigiam, tampouco por quem quer que os veja.

— Isso é perigoso, Ialutá — exclamou o Grande Mago.

— É isso que nós combatemos, Grande Mago. Ninguém na carne tem direito à vida eterna. Foi por isso que meus gênios ancestral e tutelar me ordenaram cair em quase todos os sentidos, menos num.

— Qual é o que não pode cair?

— Na minha fé, amor e fidelidade a Deus. Todos os meios me estão à disposição, menos cair em todos os sentidos.

— Eu me arrisco, Ialutá! — disse Sher, decidida.

— Eu também! — decidiu-se o Grande Mago.

— Então vão apanhar suas peças dos Grandes Magos da Luz Cristalina, que levarão com vocês. Tragam outras vestes para uma longa viagem e também alimentos. Irão precisar muito deles!

— E quanto a você? O que fará, agora que já sabe que eles sabem quem é e que o vigiam o tempo todo?

— Sobreviverei! Não se preocupem comigo, mas sim em avisar Larrin e o iniciado das Sete Espadas da Morte.

— Volto daqui a pouco, Ialutá.

— Enquanto você providencia as coisas que levarão, o Grande Mago reunirá todos os servidores desta ala, enquanto vou presenciar a execução dos auxiliares do Mago Negro que nos vigiava. Ordene que todos saiam às escondidas do templo pela porta oculta que há neste quarto e que leva direto ao exterior do templo. Depois de estarem fora, desapareçam nos campos e mudem de identidade e até no vestir, pois direi que os matei.

Ialutá saiu da sua ala e foi à câmara de execuções. Lá, estavam reunidos todos os auxiliares do Mago Negro traidor.

Após certificar-se de que todos haviam sido presos, ordenou a execução em massa e posterior incineração dos corpos. Depois foi até os dois guardiões que montavam guarda na parte externa e ordenou-lhes que fossem realizar uma tarefa qualquer no interior do templo, pois ele aguardava uma jovem muito especial que não queria ser vista por ninguém.

Com o sorriso nos lábios, os dois foram embora. Ialutá voltou por aquela entrada e chegou a seu quarto. O Grande Mago já o esperava.

— Todos estão reunidos e livres dos malditos crachás.

— Ótimo! Traga-os até aqui.

Quando eles entraram no quarto, Ialutá agradeceu a lealdade de todos e mandou que fossem para o exterior do grande templo pela passagem secreta. Ele os acompanhou até a saída e lá abraçou a todos. Em poucos minutos já não havia mais ninguém à vista. Pouco depois os dois guardiões voltavam com os dois veículos de transporte pedidos por eles e os estacionaram ali mesmo.

— Estão totalmente abastecidos?

— Como nos ordenou, poderoso Shefershi.

— Ótimo, gosto dos seus modos discretos de agir.

— Seus desejos são nossas ordens e nossas ordens são os seus desejos, poderoso Shefershi!

— Os dois têm me servido com lealdade e discrição. Vou recompensá-los pelo silêncio. Aqui estão suas novas ordens. Um irá ao grande Templo do Rubi e assumirá o comando do corpo de lutas que lá será formado. E o outro irá ao da Esmeralda e assumirá o comando das operações no campo, pois me requisitaram um servidor capaz. Escolham!

— Eu tenho parentes no Templo da Esmeralda! — falou um deles.

— Então o posto é seu, o do Rubi fica com seu amigo guardião. Sirvam-me com lealdade!

— Suas ordens são nossos desejos e nossos desejos são suas ordens.

— Partam imediatamente e ao amanhecer assumam suas novas funções.

— Com sua licença, poderoso Shefershi.

— Saiam agora.

Assim que os dois se afastaram, Ialutá voltou a seu quarto.

— É hora de rejuvenescerem, meus amigos!

— Venha conosco, Ialutá! — pediu Sher.

— Não. Sou um iniciado na origem e minha natureza não comporta a fuga da luta, por mais adversa que me seja a situação. Vamos, ingiram as doses. Coloquei a proporção para que voltem a ter mais ou menos 20 anos de idade.

— Não posso ficar mais velho um pouco? — perguntou o Grande Mago.

— Não. Vamos, bebam!

Algum tempo depois os dois voltaram à aparência dos seus 20 anos.

— Incrível! — exclamou Sher. Mas calou-se ao ver lágrimas nos olhos de Ialutá.

— Por que está chorando, meu querido?

— Estou a revendo tão linda como quando tive de deixá-la, já que outra alternativa não me haviam deixado. Agora que voltou no tempo, choro, pois mais uma vez vamos ser torturados com a separação. Meu Deus, por que tem de ser assim? — exclamou ele, muito triste.

Sher o abraçou e procurou consolá-lo.

— Não ligue para mim, Sher. Esta é a minha maior luta e nossos sentimentos mais íntimos não contam. Vamos, apanhem suas coisas e vamos descer a escadaria. É hora de vocês partirem.

Quando chegaram aos veículos o Grande Mago o abraçou e falou:

— Caso não consiga convencer Larrin e o iniciado das Sete Espadas, continuarei com nossa luta contra a Serpente Negra.

— Sei que fará isso, Grande Mago. Cuide bem de Sher, pois ela é a melhor e mais bela mulher do mundo.

— Farei isso, Ialutá.

— Ótimo. Vocês até formam um belo par e, caso resolvam unir-se um dia, eu gostaria de renascer em seu lar.

Sher o abraçou chorando e em meio aos soluços e lágrimas trocaram um longo beijo. Quando se separaram, ele ordenou:

— Partam imediatamente, pois logo receberei a visita do falso Lamahoon e Leish Ambar Yê. Quero-os bem longe e fora do alcance deles. Voem direto ao Reino dos Vermelhos e digam, caso os indaguem, que fugiram da morte.

— Certamente não estaremos mentindo, Ialutá!

— Claro que não, Grande Mago. Vão agora, meus amigos e irmãos na luz. Digam que são marido e mulher quando lá chegarem!

Eles embarcaram em seus veículos e partiram a toda velocidade.

Ialutá só encostara a porta falsa e a escorara com uma pedra. Depois voltou ao seu aposento onde havia ocultado o cristal especial atrás da falsa porta. Ele foi colocado atrás de uma pedra falsa onde ninguém jamais o descobriria.

Após certificar-se de que ninguém suspeitaria de que ali havia uma passagem secreta, foi até o portal de ingresso à ala e com duas ordens despachou para bem longe do Templo da Luz Cristalina os dois homens que a guardavam.

A seguir foi até onde o aguardavam os guardiões que haviam capturado e executado os traidores e também os enviou para bem longe. Só faltavam os guardas das tumbas. Eles o esperavam como lhes havia sido ordenado e também ganharam postos importantes, mas longe dali. Mas antes levaram os três corpos ocultos nas tumbas à câmara de execuções e os incineraram.

Ialutá trancou a porta de acesso às tumbas e voltou ao local das execuções deixando ali os crachás dos seus amigos. Somente então mandou chamar o escrivão para arquivá-los como mortos.

Sempre que alguém era executado o seu nome era colocado no livro das execuções e o crachá arquivado num local especial.

Quando o escrivão chegou, Ialutá o hipnotizou e colocou em sua memória a sua versão das execuções. Ela incluía o grande mestre traidor e seu grupo de auxiliares. Quando Ialutá afastou-se, o homem começou a fazer seu trabalho rapidamente.

Dois novos guardiões tomaram o lugar dos antigos, enviados para longe. E o escrivão contou-lhes sobre a traição descoberta por ele contra o poderoso Shefershi. Este, por sua vez, fez o seu tradicional e já conhecido por todos: elogiou os três

homens. Os dois guardiões do dia foram enviados para guardar a entrada das tumbas dos grandes Magos da Luz Cristalina ali sepultados. Novos servidores neutros, ou seja, não iniciados, foram designados para a sua ala.

Só após tudo haver sido providenciado, Ialutá foi ao pátio e, acompanhado do seu corpo de guardiões, partiu veloz rumo ao Templo do Âmbar.

Ao chegar lá foi informado que Leish Ambar Yê fora ao Templo da Luz Cristalina. Imediatamente voltou para ele. Se bem que sabia disso, pois o Mago Negro lhe dissera que aquela noite seria decisiva para ele.

Assim que entrou na sua ala, o falso Lamahoon surgiu a sua frente cercado por seus cães de guarda. Como era costume deles, apontavam suas armas para os interlocutores do seu chefe. Isso deixava todos impotentes quando à sua frente. Ialutá havia escrito durante toda a viagem e trazia um relatório nas mãos.

— Salve, poderoso Lamahoon! Fico feliz em reencontrá-lo.

— O que houve por aqui, Shefershi?

— Só soube quando voltei esta tarde e tudo já havia se consumado. O Grande Mestre da Luz Negra me espionava com o intuito de me assassinar em conluio com os servidores desta ala.

— Onde esteve durante o dia?

— Nos Templos do Rubi, das Esmeraldas, do Diamante e da Safira preenchendo postos de muita importância.

— O que fizeram com o Grande Mestre Negro? — perguntou o falso Lamahoon.

— Os meus guardiões o executaram, pois não admito traições e muito menos revoltas internas patrocinadas pelo corpo de servidores. Eles têm ordens de executar imediatamente qualquer um que me coloque em perigo.

— Quem descobriu a traição contra você?

— Um espião interno, poderoso Lamahoon.

— Quero vê-lo imediatamente, Shefershi.

— Eu o conduzirei até ele, poderoso Lamahoon.

Pouco depois o escrivão contava sua versão ao poderoso Lamahoon, entre trêmulo e assustado. Sem que percebesse, o Mago Negro o hipnotizou e extraiu dele a versão que Ialutá havia passado a sua memória. Quando terminou, Lamahoon falou:

— Ótimo! Estou satisfeito com seus guardiões, Shefershi. Até a mim o Grande Mestre enganou, pois o recebi há poucos dias e não me falou que desejava o seu posto. Idiota! — exclamou irado o falso Lamahoon.

Quando voltaram aos aposentos de Ialutá, ele pediu a pasta com as anotações e as leu rapidamente.

— Por que tanta movimentação com os corpos de luta?

— Estamos a ponto de ser atacados e quero estar preparado para qualquer eventualidade.

— De onde vieram suas informações?

— Diretamente do grande Templo da Coral. Hoje cedo me chegou à mão um relatório secreto.

Ialutá abriu uma gaveta e entregou o relatório a Lamahoon. Este, depois de o ler com atenção, ficou preocupado.

— Se isso for verdade, estamos em perigo!

— Eu confio na minha fonte de informações, poderoso Lamahoon.

— Vou voltar ao meu refúgio imediatamente. Informe-me sobre isso, Shefershi. Logo terá notícias minhas!

— E quanto aos meus preparativos para a luta?

— Continue com eles e acelere a formação de novos corpos de lutas.

— Amanhã mesmo darei início à formação de mais três, que já tenho planejado nos últimos dias.

— Ótimo! Até a vista, Shefershi! — falou ele, já sorrindo descontraído.

— Sua alegria é minha felicidade e minha felicidade é vê-lo feliz, poderoso Lamahoon!

O falso Lamahoon saiu, mas Leish Ambar ainda continuou na sala. Ela caminhou até Ialutá, o abraçou e beijou.

Então ele a tomou com violência e retribuiu as carícias.

— Fui à sua procura, pois já não consigo controlar meus desejos por você, Leish. Fique comigo esta noite, pois esta tensão somente ativa meus instintos!

— Amanhã volto, Shefershi. Guarde suas energias que também estou ávida de sentir seus músculos a envolver-me toda.

— Fique comigo, Leish!

— Não posso. O poderoso Lamahoon quer que o acompanhe até seu refúgio.

Ialutá a deixou partir contrariado, pois realmente a queria. Ela havia despertado o seu dom negativo em toda a sua força. Ele foi até os guardiões e deu ordens severas. Depois entrou nos seus aposentos e o trancou por dentro.

Então foi ao quarto e apanhou detrás da passagem secreta o cristal especial. Eles haviam revistado tudo por ali!

Logo ele estava no aposento mais oculto do Grande Mago da Luz Cristalina. Retirou todas as pedras rapidamente e após certificar-se de que não havia perigo algum trancou-se em seu interior. Ali ninguém penetraria, colocando-o em perigo. Então acendeu a forte luz sobre a pedra especial e retirou sua cobertura. Após concentrar-se mergulhou no cristal translúcido com a espada simbólica na mão direita. Dali foi direto à pedra de âmbar no leito de Leish.

Ela conversava com o falso Lamahoon. Ainda o ouviu dizer a ela:

— Se for verdadeira a informação de Ialutá, Lamahoon está mal informado.

— Não creio nisso, Mago Negro do Tempo. Ou ele mentiu ou então alguém o está induzindo a formar um poderoso exército.

— Mas quem, se o Grande Mago da Luz Cristalina havia aceitado o jogo do maldito Mestre da Luz Negra para assassinar Ialutá?

— O imbecil devia ter esperado sua chegada para assumir o posto!

— Talvez ele tivesse receio de que outro tomasse o lugar de Ialutá e tentou antecipar-se a nós para apresentar-se como o novo Grande Mago da Luz Negra.

— respondeu o Mago do Tempo e falso Lamahoon.

— Isso altera as ordens de Lamahoon, Mago Negro. Vou ter de ir até o Templo da Coral esta noite mesmo!

— Sim, acho que é o melhor que temos a fazer em função das novas informações. Pegarei o veículo ultrassônico no nosso esconderijo e logo estarei lá.

Ialutá tudo via e ouvia. Até descobriu como chegar ao tal refúgio secreto do falso Lamahoon. Realmente ele ficava nos subterrâneos do Grande Templo do Âmbar.

Leish partiu e Ialutá continuou vigiando-a a partir da pedra de âmbar em seu peito, que pendia na ponta do seu colar. Viu por onde penetrar no esconderijo do verdadeiro Lamahoon e admirou-se com o tamanho da construção sob os alicerces do grande templo, que ficava numa montanha rochosa. Entrava-se nele por um túnel cavado na rocha maciça e chegava a um imenso pátio.

Ela foi recebida por um iniciado guardião que a conduziu até o local onde Lamahoon estava. Ao ver a imensidão da fortaleza, Ialutá ficou pasmo. Enquanto ela caminhava, ele via tudo à sua frente.

Quando Leish Ambar Yê foi anunciada, uma rocha falsa abriu-se e ela penetrou no aposento mais oculto de Lamahoon. O poderoso Mago Negro estava sentado numa macia poltrona e uma serpente negra rastejava por cima de seu corpo. Leish o saudou reverente, depois foi saudar todos os outros seis sentidos da serpente negra. Ialutá viu todos e tudo o que ali havia.

Até o cristal translúcido que pertencera ao Templo da Luz Cristalina ele viu. Mas nesse momento duas mãos travaram-se em seu pescoço. Com um esforço sobre-humano conseguiu ver quem o sufocava.

Era o falso Lamahoon que resolvera saber o que o verdadeiro diria a Leish Ambar Yê e ficar informado. Como viu Ialutá vigiando-o, tentou matá-lo. Este, já quase sufocado, levantou a mão com a espada e cortou o fio da vida do Mago Negro, que imediatamente o largou e foi tragado pelo magnetismo do núcleo do âmbar.

— Algo está acontecendo no seu âmbar, Leish! — falou Lamahoon. — Dê-o para mim que vou matar quem a está seguindo.

Num piscar de olhos, Ialutá saiu do âmbar e passou para o grande cristal dos 77 ápices. Dali viu Lamahoon irradiar algo no âmbar e depois mergulhar nele.

Logo que voltou falou para ela:

— Era o idiota do Grande Mago do Tempo que se fazia passar por mim. Vi seu corpo já sem vida diante do seu âmbar ritual.

— Por que o idiota tentou descobrir seu refúgio ou as ordens que aqui eu receberia?

— Todos são assim mesmo. Crescem, ganham minha confiança e depois tentam me superar e me trair. Esse é o princípio negativo que se espalhará no mental de toda a Humanidade pelo resto do tempo em que ela existir neste planeta maldito onde estou aprisionado para todo o sempre por ter caído um dia. Mas o dominarei e acabarei com todas as virtudes originais da espécie humana.

— Como faço agora, se já não tenho o falso Lamahoon para envolver Ialutá e matá-lo no momento mais oportuno?

— Você voltará e irá para o lado dele. Lá você o vigiará e me informará sobre seus movimentos. Use a noite do seu ritual no Templo do Âmbar para me informar. Quanto ao resto do tempo, fique ao lado dele e não o perca de vista.

— Farei isso, poderoso Lamahoon!

— Deixe sempre seu âmbar ao lado do seu leito, pois assim poderei vigiá-lo. Se eu não puder, um dos outros seis fará isso em meu lugar, pois também preciso vigiar o iniciado das Sete Espadas através de sua esposa, que também é minha serva.

— Sendo assim voltarei imediatamente, poderoso Lamahoon!

— Tem muito tempo, minha adorada deusa. Deixe-me servi-la com uma de minhas especiarias mais apreciadas pelos imortais na carne.

— Está certo. Sempre tem algo bom para me oferecer quando o visito, meu Mestre!

— Gosto de você, Leish Ambar Yê. Dê-me um pouco de prazer com uma de suas mais sensuais danças, minha deusa do prazer.

— Será uma grande satisfação distraí-lo um pouco, meu Mestre!

Logo, Leish reuniu um grande grupo de lindas mulheres e sob os efeitos sonoros de uma melodia sensual deu início a uma dança infernal que alterou o humor de todos os sete sentidos das trevas da ignorância.

Leish dançou por quase uma hora e seu corpo suado e completamente nu exalava prazer e sensualidade por todos os poros. As outras bailarinas também eram belas e sensuais e quase a igualavam.

Quando a melodia cessou, ela atirou-se aos pés de Lamahoon. Este a aplaudiu entusiasmamente.

— Muito bem, Leish Ambar Yê! Você, e só você, é a deusa do prazer!

Nesse momento chegou um criado com uma bandeja. Nela havia oito copos com um líquido rubro e espumante e um coração cortado em fatias.

— Sirva-se primeiro, minha deusa! Aqui você merece a primazia em tudo!

Ela apanhou um copo e uma fatia, que abocanhou de uma só vez. Após mastigá-la bem, a engoliu com um gole do líquido, que Ialutá imaginou ser sangue. Depois ela foi bebendo vagarosamente o restante. Quando terminou, apanhou suas vestes e as colocou sobre seu corpo. Lamahoon então lhe falou:

— Leve esta serpente negra e a coloque debaixo da cama de Ialutá. Eu a encantei e, se um dia quiser matá-lo, daqui mesmo a guiarei contra o corpo dele. Bastará uma picada e ele morre imediatamente. Então ninguém poderá acusá-la de tê-lo matado.

— Como é sábio e poderoso, meu Mestre!

— Eu descobri o mistério da vida eterna na carne, minha deusa!

— E eu viverei para sempre nela, pois sou sua deusa do prazer, meu Mestre! Com sua licença, vou apanhar o veneno que matará o iniciado que ousou desafiá-lo.

E Ialutá viu Leish estender seu braço e a enorme serpente negra subir por ele até seu corpo. Assim que ela saiu do aposento, Lamahoon falou:

— Observem melhor o iniciado das Sete Espadas e se for verdadeira a informação que Ialutá recebeu vou despertar a serpente que dorme sob seu leito.

Todos os outros Magos Negros concordaram e depois voltaram suas atenções à nova dança que se iniciava. Ialutá imediatamente voltou ao seu corpo carnal. Este transpirava por todos os poros.

Depois de enxugar o suor do corpo, meditou sobre tudo que vira e ouvira no esconderijo de Lamahoon.

Tinha de avisar o iniciado das Sete Espadas sobre o perigo que corria e a traição que a própria esposa praticava com ele.

— Que poder imenso e maldito possui esse homem! — exclamou, irado.

— Larrin! É isso! Larrin deve ter-me avisado através da água que era vigiado. Ele é o próprio ar e tudo sabe através dos sons. Somente não descobre Lamahoon porque está no interior de uma rocha maciça de onde som algum sai ou penetra. Vou enviar-lhe uma mensagem através do mar ou do ar!

Logo Ialutá tomava um veículo, e chegando à praia, despiu-se todo. Então emitiu vibrações endereçadas ao Mago do Ar. Tentou várias vezes e não obteve retorno. Tentou através da água e uma voz lhe disse:

— Larrin foi picado por uma serpente negra, iniciado!

— Quem fala comigo?

— O gênio do oráculo das águas.

— Como posso fazer para salvar o iniciado das Sete Espadas avisando-o de que uma serpente negra repousa debaixo do seu leito?

— Invoque o Gênio do Ar e peça a ele que leve seu ser imortal até ele. Lá, fale-lhe no ouvido enquanto dorme que ele despertará assustado e a descobrira a tempo.

— Obrigado!

Ialutá voltou à areia e invocou o Gênio do Ar. Imediatamente seu espírito imortal foi parar ao lado da cama do iniciado. Então ele lhe falou várias vezes que havia uma serpente negra sob sua cama.

O iniciado deu um salto e apanhou sua espada simbólica. Sua esposa acordou assustada e lhe perguntou:

— O que está acontecendo, meu amado?

— Sonhei que há uma serpente negra igual a que picou Larrin debaixo de minha cama. Saia que vou remover o colchão.

— Que bobagem, querido! Este quarto foi limpo hoje e não havia serpente nenhuma embaixo da cama ou em qualquer outro canto dele.

— É, devo ter sonhado por causa da morte de Larrin na noite passada.

— Vamos voltar a dormir, meu amado!

Ialutá falou-lhe novamente no ouvido:

— Ela mente, irmão na luz. A morte está enrolada debaixo de sua cama. Tire o colchão e a encontrará.

— Saia já daí, mulher!

— Mas...

— Saia! — gritou ele, já levantando o colchão e vendo a enorme serpente enrolada e dormindo. Deu um golpe e decepou sua cabeça. Depois tornou a apurar a audição.

Ialutá tornou a falar-lhe:

— Sua esposa é serva de Lamahoon. Foi ela quem colocou a serpente sob sua cama, assim como sob a de Larrin. Procure e outras mais encontrará. Mas aja em silêncio absoluto. Quem o avisa é Ialutá, seu irmão na luz! Até outro dia!

Ialutá foi trazido de volta ao seu corpo e voltou para o grande templo. Por via de dúvidas, deu uma olhada debaixo do seu colchão e em todos os outros aposentos. Quando se certificou de que não havia serpente nenhuma, falou:

— Maldito Lamahoon! Você matou meu irmão na luz, Larrin, mas juro por Deus que o matarei em vingança a ele! Vou olhar o aposento do iniciado das Sete Espadas e ver como é sua esposa.

Ialutá voltou ao outro aposento e mergulhou no cristal. Pouco depois via tudo pelo cristal translúcido do cabo de sua espada simbólica. Ele já ia saindo, mas deu para ver um cristal azul na cabeceira da cama dele. Numa fração de segundos ele mudou de cristal e ficou aguardando ela penetrar nele para avisar Lamahoon.

Não precisou esperar muito. Logo que ela trancou a porta, sentou-se na posição e mergulhou no cristal azul.

Ialutá a agarrou pelo pescoço e impediu que ela chegasse até seu Mestre Negro. O mesmo que ele havia feito com o Mago Negro que o vigiava fez com ela e depois de ter ouvido sua confissão e penetrado em sua memória cortou o seu fio da vida. Seu espírito imortal imediatamente foi tragado pelo magnetismo do cristal azul. Então ele voltou ao seu corpo e foi deitar-se tranquilo.

— Amanhã será um dia muito atarefado e preciso estar descansado para suportá-lo. Vou ter de agir com cautela para não despertar suspeitas até poder falar com o iniciado das Sete Espadas.

No dia seguinte Leish Ambar Yê veio, mas acompanhada dos malditos cães de guarda do falso Lamahoon. Eles agiam da mesma forma que quando acompanhavam o falsário maldito.

— Por que uma escolta tão poderosa, Leish?

— Lamahoon quer que fique bem protegida, pois tenciono passar a maior parte do meu tempo com você e ele não quer que eu corra nenhum perigo.

Ialutá sorriu e avançou para abraçá-la, mas as armas quase foram disparadas e isso só não aconteceu porque ele parou instantaneamente.

— O que é isso, Leish?

— Eles são treinados para reagir assim quando alguém se aproxima, Shefershi.

— Não vou sujeitar minha vida, que considero muito preciosa, à reação instintiva desses cães de guarda do poderoso Lamahoon. Ou eles saem desta ala e ficam sujeitos ao meu iniciado guardião que protege esta ala ou volte ao Templo do Âmbar.

— Não vou voltar ao Templo do Âmbar, Shefershi. Já me decidi e aqui ficarei, pois quero estar ao seu lado.

Ialutá tirou o grande colar de pedras ônix e o colocou no pescoço de Leish.

— Assuma o poder, Leish Ambar Yê! Imaginei mesmo que algo parecido iria acontecer, pois o poderoso Lamahoon não confiou em mim quando eu lhe disse o que havia ocorrido aqui durante minha ausência. Se ele fez isso com Lushmer, comigo será diferente, pois ou mando ou renuncio ao cargo fictício. Assuma o domínio, Leish. Vou descansar um pouco o meu mental exposto a tensão 24 horas por dia! Caso eu resolva submeter-me ao seu modo de agir, volto até aqui e me ajoelho a seus pés em sinal de adoração. Com sua licença, poderosa Leish Ambar Yê! Recomendações minhas ao poderoso Lamahoon e congratulações! Eu não acreditava em Lushmer quando ele dizia que, no final, Leish sempre conseguia o que queria depois de nos usar à vontade para alcançar seus objetivos!

Ialutá afastou-se rapidamente e bateu a porta atrás de si. Ela correu e o abraçou pedindo que não fosse embora.

— Eu não quero o seu lugar, Shefershi! Apenas pedi a Lamahoon para ficar aqui, pois gostei deste templo e ele ordenou aos seus guardiões que me protegessem e nada mais. Onde está o meu fogoso amado de ontem?

— Seu fogoso amado está se achando o maior idiota do mundo, Leish! Olhe para trás a verá os cães novamente apontando suas armas para mim.

— É o hábito deles, Shefershi! Você não compreende isso?

— Não, eu não compreendo isso e ainda que não acredite a amo e a quero muito, mas sem cães apontando armas para meu peito. Solte-me, Leish. Quero descansar um pouco. Estou muito nervoso e cansado.

— Para onde você vai?

— Vou à beira-mar e lá refletir um pouco sobre minha vida e a real situação. Se decidir voltar, eu a procuro.

Ialutá saiu e, já fora da ala, virou-se para os dois guardiões e falou-lhes: — Ela é a nova senhora deste grande templo. Sirvam-na com a mesma lealdade que dedicaram a mim, guardiões!

— Isso não é verdade, poderoso Shefershi. Você é o senhor deste templo e de todos os grandes templos. Não vá embora!

Ialutá virou-lhes as costas e continuou a caminhar. Logo entrava num veículo que dirigiu à enseada, onde deixara há muito tempo o seu posto de iniciado Guardiã da Estrela, retirou suas vestes e mergulhou na água salgada. Ainda banhava-se quando outro veículo estacionou junto ao seu e dele desceu a poderosa Leish Ambar Yê. Ele mergulhou e foi mais para o meio do mar.

Ela sentou-se junto às suas vestes e o ficou esperando. Como ele não voltava à praia, ela se despiu e foi até onde ele estava. Ele já se afastava quando ela gritou desesperada:

— Não se afaste de mim, Shefershi. Nem que nade até o meio do oceano eu o deixo sozinho. Se quiser, afasto os cães de Lamahoon, mas não me deixe, meu amado!

Ele parou e veio para junto dela.

— Não vou voltar, Leish. Este banho está me fazendo um bem muito grande. Não me sentia assim desde o dia em que fui enviado à Ilha dos Desterrados. Não quero viver mais sob tensão constante.

— Eu o ajudo a relaxar caso me permita isso, meu amado!

— Não, Leish. Para mim já chega. Um dia caí por sua causa e veja o que consegui: nada, absolutamente nada! Depois de tantos anos sonhando em dominar este continente e depois o mundo sou jogado fora. Não foi para ser descartado desta forma pelo poderoso Lamahoon que caí tanto. Não, isto não!

— O que você quer realmente, Shefershi?

— O mundo, Leish! Os Grandes Magos já acabaram e são somente figuras decorativas. Quem tem o poder são os guardiões, pois têm as armas e os corpos de luta. Um dia perdi meu posto na luz, mas foi consciente, pois sabia que mais dia menos dia o poder dos Magos terminaria. Então escolhi o lado que me daria condições de dar vazão à minha real natureza, que é dominadora.

— Isso ainda é possível, Shefershi!

— Não é, Leish. Tudo acabou.

— Não acabou, meu amado!

— Acabou, sim. Lamahoon já me condenou e somente está esperando a hora certa de colocar outro dos seus em meu lugar. Pois, se é assim, prefiro continuar pelo menos senhor de minha vida, que é a única coisa real que ainda me resta. Volte ao grande templo e assumo meu lugar, Leish. Você é tão ambiciosa quanto eu e se sentirá muito feliz em comandar todo o Reino dos Cristais.

— Você sabe que não tenho competência para isso.

— Mas tem a competência de encontrar servos leais e dedicados aos seus encantos femininos. Logo muitos estarão aos seus pés clamando pelos seus favores de mulher linda e sensual.

— Você enlouqueceu, Shefershi.

— Talvez, já que meu plano foi destruído ontem, Leish.

— Quem o destruiu?

— O maldito Mestre da Luz Negra. Ele destruiu tudo o que eu havia arquitetado com tanta precisão.

— Você não me falou sobre isso.

— E nem podia. Eu trouxe para junto de mim o Grande Mago da Luz Cristalina e ia usá-lo no tempo certo para conquistar o coração e a mente de todo este povo reconduzindo-o ao seu cargo, mas apenas figurativamente, pois o poder real estaria nas minhas mãos. Então conquistaria com meus corpos de lutas o resto do mundo. E você seria a grande deusa do meu império, Leish!

— Por que nunca me contou isso?

— Não podia, pois sentia-me vigiado por Lamahoon. Mas, na verdade, quem me vigiava era o maldito Mestre da Luz Negra que deve ter descoberto meu plano. Como, não sei, porque o protegi muito bem até de você.

— Vamos nos sentar um pouco, Shefershi. Quero lhe falar, mas com calma, e não sob o calor das emoções.

Eles foram até a areia e ela então falou:

— Eu não pedi seu posto ao poderoso Lamahoon. Vim por livre vontade. Não suportava mais a solidão e queria ficar ao seu lado porque somente você me satisfaz! Dê-me um crédito e deixe-me provar que o amo de verdade.

— Talvez você esteja sendo sincera, mas já não sei em quem confiar em meio a tantas traições. Acho melhor me afastar enquanto estou de posse da minha vida.

— Não faça isso, meu amor. Preciso de você ao meu lado e não o deixarei por coisa alguma deste mundo. Vou voltar ao Templo do Âmbar e falar com Lamahoon. Devolvo-lhe seus cães de guarda e, se ele concordar, volto sozinha para que possamos viver o nosso amor com a intensidade que só nós possuímos em nossos seres imortais. Também descobrirei quais são os planos dele em relação a você, meu amor.

— Não sei não, Leish. Talvez ele concorde só para me usar enquanto lhe for útil.

— Tenho meios de descobrir isso, Shefershi. Dê-me um crédito pelo nosso amor.

— Está certo, Leish. Mas, se perceber que mais uma traição se arma à minha volta, eu a mato primeiro e, depois, ao poderoso Lamahoon.

— Ame-me um pouco, Shefershi! Estou tão carente de suas carícias. Somente você me faz sentir uma mulher de verdade, e não um objeto intocável!

Leish despiu suas peças íntimas e se agarrou em Ialutá. Este tentou conter seu dom negativo, mas ela o despertou em toda a sua intensidade.

— Leish, minha adorada deusa do Âmbar! Como resistir a seus encantos de mulher? Você me transforma e me escraviza com sua beleza incomparável! Já possuí milhares de mulheres e nenhuma se compara a você. Por você, e somente por sua causa, eu conquisto o mundo e o deposito aos seus pés, minha amada! O que é o mundo comparado a sua beleza e seus encantos?

— Ame-me, Shefershi! — clamou ela com a voz rouca pelo desejo dos prazeres da carne.

Ialutá a amou na areia e à beira d'água.

Antes de ela entrar no seu veículo, deu-lhe o grande colar de ônix.

— Tome-o! Ele lhe pertence por direito adquirido, meu amado!

— Isso nunca foi meu, Leish.

— Use-o até eu voltar e então verá que ele sempre foi seu.

— Sou o que sou com ou sem este colar. Inclusive vou baixar uma diretriz assim que voltar ao grande templo. Serei o número 1 e os outros irão sendo numerados de acordo com seus graus na hierarquia.

— Como assim?

— Logo terei tudo planejado e se voltar com boas notícias não haverá dois números 1 em todo o Reino dos Cristais. Até Lamahoon será dispensável, pois terá de falar com o número 1 se quiser saber de algo. É isso! Perdi o Grande Mago da Luz Cristalina, mas consigo o poder de outra forma.

— Vai me contar seus planos desta vez?

— Somente se tiver certeza de que não vou ser morto por traição.

— Voltarei com esta certeza, meu amado! Com sua licença, poderoso Shefershi!

— Vá, minha deusa do Âmbar e senhora do meu amor. Vá e lute pelo único que poderá depositar o mundo a seus pés.

E virando-se para o mar, tirou o grande colar e o atirou a uma longa distância no meio das águas.

— Por que fez isso, meu amado? Era o símbolo do seu poder.

— Não, Leish, o meu poder sou eu mesmo! Aquilo era algo já ultrapassado, pois o poder real já está nas mãos dos guardiões em todo o mundo. Os Magos, tanto os da luz quanto os das trevas, já foram superados pelos acontecimentos e terão de aceitar a força das armas ou serão mortos. O caos já se estabeleceu em todos os reinos. Ninguém mais, em sã consciência, pode realmente dizer que controla coisa alguma. Somente os mais sábios e poderosos sobreviverão neste novo meio que já se faz presente e com sua força destruidora que acabou com milênios de conformismo ante as virtudes estabelecidas como via de evolução.

— Você fala de uma forma diferente, Shefershi. Não conhecia esse seu lado dominador!

— Eu o ocultei até do grande mestre que me induziu à queda há muito tempo. Já sou um caído há muito tempo, Leish! Tenho me aproximado várias vezes do elixir da longa vida, mas o máximo que tenho conseguido são frascos que mal dão para um século de existência. Ou domino o mundo e o consigo à força de Lamahoon, ou pereço logo, pois sem ele não tem sentido lutar tanto por algo finito.

— Estou gostando dessa sua nova face, Shefershi!

— Chega de ocultá-la por tanto tempo. Ou domino o mundo ou pereço de uma vez. Mas de agora em diante vou vivenciar minha natureza de iniciado na origem, mas caído no meio. Ou consigo o que quero ou morro!

Leish o abraçou e deu-lhe um longo beijo como despedida. Era a primeira vez que ela fazia isso ao se separarem.

Quando seu veículo afastou-se velozmente com seus cães de guarda que haviam ficado dentro dele, Ialutá chamou seus guardiões e deu-lhes ordens severas:

— Afastem-se até o veículo e vigiem tudo à volta, até eu sair de minha meditação. Que ninguém se aproxime!

— Sim, poderoso Shefershi.

O sol estava sob sua cabeça quando Ialutá tirou suas vestes. Após cavar um pouco, retirou a peça de cristal dos grandes Magos da Luz Cristalina que havia enterrado.

Passou água marinha para remover a areia e posicionou a peça sob os raios da luz do sol. Ele sabia que Lamahoon ou um dos seus o havia vigiado o tempo todo em que estivera com Leish, pois ela não retirara o seu grande colar mesmo ao entrar na água marinha. Então era hora de saber o que falava Lamahoon.

Ialutá mergulhou no cristal e em segundos já vigiava Lamahoon através do cristal de 77 vértices.

— O maldito então resolveu revelar sua natureza! Eu sempre desconfiei desses iniciados. Todos são iguais e somente pensam no poder máximo.

— O que fará com ele, poderoso Lamahoon? — perguntou outro dos sete sentidos do mal.

— Vou envolvê-lo através de Leish Ambar Yê. O que não tenho conseguido com meus homens, minhas mulheres têm me dado. Foi um grande transtorno o iniciado das Sete Espadas ter descoberto o plano de sua esposa e minha escrava. Voltamos a ficar em desvantagem temporária quando estávamos quase alcançando o poder total nos dois reinos que mais nos interessam. Só queria descobrir quem matou a esposa do iniciado, pois até seu espírito sumiu para sempre.

— Não será coisa do iniciado do Ar?

— Ele já está morto, Hafgor!

— Mas o seu espírito imortal ainda está livre, Lamahoon!

— Nós sabemos que apenas depois de um certo tempo livre do corpo carnal um espírito adquire plena consciência e força de ação. Assim que ele sair em campo nós o aprisionaremos no cristal de 77 ápices como fizemos com todos os grandes magos, mestres, sábios iniciados na origem durante os últimos 300 anos.

— Sim, temos de fazer isso, pois ele poderá nos denunciar, agora que tem a liberdade de mobilidade. Como o pegará, Lamahoon?

— Fácil, Lushmer. Usarei o mesmo método que usei com os outros grandes Magos. O seu objeto de poder já está comigo, pois sua amada esposa me trouxe o seu grande colar de cristais incolores. Após o sétimo dia puxarei seu espírito com ele e depois o enviarei ao interior do cristal dos 77 vértices. Lá ele poderá reencontrar os seus amigos multimilenares derrotados por nós nos últimos três séculos. Ah, ah, ah...

Todos os sete caíram na gargalhada. Depois Lamahoon falou:

— Minha deusa do prazer já colocou a serpente negra sob a cama de Ialutá e posicionou o seu Âmbar em seu quarto. Nós o vigiaremos e caso nos incomode muito, o mataremos. Esperemos Leish Ambar Yê chegar para lhe darmos novas ordens. Voltemos à nossa diversão!

Ialutá voltou mais preocupado ainda a seu corpo. Então ele havia invadido o Templo da Luz Cristalina somente para aprisionar os espíritos dos Grandes Magos! Ou será que possuía outro método?

Isso ficaria para outra hora, pois tinha de ouvir suas instruções a Leish. Recolheu suas vestes e pôs o cristal numa sacola. Então entrou no veículo e enquanto se vestia ordenou:

— Direto para o grande templo!

Pouco depois dava novas ordens:

— Se alguém tentar entrar nos meus aposentos, mate-o.

— Sim, poderoso Shefershi!

Ele foi direto ao aposento mais oculto e posicionou-se para mergulhar no cristal. Mas antes resolveu usar o poder do arco-íris e quebrar o encanto de Lamahoon. Com seu poder mental despertou a serpente negra e a fez sair do quarto e vir até onde estava. Ela levantou-se e ficou quase de pé sobre o rabo. Com um golpe de espada, Ialutá decepou sua cabeça. Depois a jogou na saída de descargas e voltou ao seu jogo com Lamahoon.

Assim que chegou a seu esconderijo no grande cristal, Leish entrava no refúgio de Lamahoon e, assustada, falou:

— Salve, poderoso Lamahoon! Depois ela saudou a todas às outras cabeças do mal.

Como Bengalor não respondeu à saudação, ela perguntou:

— O que há com ele, meu Mestre? Por acaso está bravo comigo?

— Não, minha deusa. Bengalor está no âmbar que você deixou no quarto do iniciado, esperando-o voltar para ler os seus pensamentos e saber quais serão os próximos passos dele.

Ialutá não esperou mais para agir. Fulminante como um raio, transportou-se de volta a seu cristal e de lá foi ao âmbar de Leish. Lá estava o poderoso Bengalor. Com um sorriso nos lábios, a sua mão armada ceifou o negro fio da vida do Mago Negro. Ao vê-lo desaparecer no âmbar, Ialutá voltou à sua vigia e ouviu o que diziam.

— Então você o iludirá o tempo todo até que o iniciado que caiu em todos os sentidos tenha condições de tornar-se o número 1 do Reino dos Cristais.

— Conseguirei isso, meu Mestre. Quem controla o iniciado?

— Bengalor o controla e é o meu contato com ele. Vou mandar alguém buscá-lo e ele a instruirá melhor em como levar Ialutá a cair em todos os sentidos! Hafgor! Vá até o posto de observação de Bengalor e mande-o de volta, pois preciso dele aqui.

— Imediatamente, poderoso Lamahoon! — falou o Mago Negro Hafgor.

Quando ele mergulhou no âmbar alguém mergulhou também em outro local. No instante em que ele chegou ao que estava no seu quarto, Ialutá chegou por trás e com um só golpe decepou o fio da vida dele. No segundo seguinte, já estava de volta e continuou a ouvir a conversa.

Como Hafgor estava se demorando, Lamahoon falou:

— O que há? Por que Hafgor não voltou com Bengalor?

— Talvez estejam se divertindo com a visão do iniciado e uma de suas escravas no seu jardim dos prazeres. Vou lá ver o que aqueles dois devassos estão vendo, Lamahoon. Mas prometo não me demorar, está bem?

— Vá e traga-os imediatamente, Lushmer! — gritou ele.

Assim que Lushmer mergulhou no âmbar, Ialutá foi esperá-lo. A cada mudança tornava-se mais rápido e Lushmer nem viu de onde veio o golpe que ceifou seu fio da vida quando entrou no âmbar. Ele nem teve tempo de ver que os outros dois não estavam em seu interior.

Ialutá voltou ao seu posto e continuou a ouvir Lamahoon.

— E você só terá de fazer isso, minha deusa. Aí teremos mais um iniciado na origem em nosso poder.

— Deixe comigo, meu Mestre. Terá o melhor de todos rastejando a seus pés em pouco tempo.

Lamahoon olhou para onde estavam seus auxiliares e falou:

— Algo está errado! Hafgor não voltou com Bengalor e Lushmer não voltou com eles.

— Vou buscá-los imediatamente! — gritou, irado, Labasher.

— Pare! Algo muito perigoso está acontecendo aqui.

Ele fez um sinal e um servidor foi examinar os corpos deles.

— Estão mortos, poderoso Lamahoon! — gritou assustado o homem. — Os três estão mortos!

— Como???? — espantou-se Lamahoon. — Impossível acontecer isso sob minhas vistas!

— Venha ver pessoalmente, poderoso Lamahoon!

Após certificar-se de que estavam mortos ele perguntou:

— Habaal?

— Não percebi nada, Lamahoon!

— Lamishor?

— Eu também nada notei de anormal.

— Hemofer?

— Sei tanto quanto você, Lamahoon!

— Leish Ambar Yê?

— Estou assustada e com medo, meu Mestre. Algo muito poderoso, invisível e insensível esteve aqui e matou três dos mais poderosos homens do mundo. Como isso é possível?

— Ainda não sei, mas logo descobrirei. Talvez seja mesmo o Mago do Ar Larrin que, em vez de ir descansar depois de perder sua luta contra nós, esteja querendo se vingar. Esta noite mesmo vou fazer o ritual de invocação de seu espírito imortal e aprisioná-lo no cristal dos 77 ápices, pois não posso correr o risco de ser morto por um espírito vingativo que descobriu algum dos nossos pontos fracos. Minha deusa, volte imediatamente e vá para junto do iniciado que está nos dando tanto trabalho.

— Dentro de pouco tempo ele estará aqui rastejando aos seus pés ou então morrerá. Com licença, meu Mestre!

— Vá, minha deusa!

Ialutá continuou a ouvir todas as conversas dos quatro assustados sentidos do mal. Quando calculou que Leish estaria de volta, voltou a seu corpo e ficou meditando:

— Lamahoon irá invocar Larrin. Então ele será aprisionado no cristal e será seu fim. Mas já deve haver milhares de espíritos aprisionados por Lamahoon no interior dele, e todos devem parar no mesmo lugar, pois não os vejo no cristal onde

o fico vigiando. Talvez esse mistério tenha a ver com os 77 ápices facetados no cristal. Provavelmente consiga chegar ao mesmo tempo que Larrin entrará no ápice e descubra como localizar os espíritos aprisionados em seu interior. Caso eu consiga isso, poderei libertar todos eles! Não posso ficar aqui, pois Leish logo chegará e aí perderei a cerimônia de invocação. Também devo tomar cuidado com o ambar colocado em meu aposento. Vou descobrir onde ele está e cobri-lo até que realize minha manobra e possa voltar a este aposento oculto para esperar a meia-noite.

Ialutá saiu do seu aposento oculto e já com um tecido com a cor que apagava o Âmbar foi a seu quarto. Com muito cuidado o encontrou e o cobriu. Depois, por via das dúvidas, tornou a olhar debaixo do seu leito. Para seu espanto ali havia várias cobras negras, e não estavam encantadas, mas sim dentro de uma caixa.

— O falso Habaal era um criador de serpentes negras, pois elas estão quase secas. Maldito Mago Negro, e maldita distração minha!

Com todo cuidado Ialutá removeu a caixa e matou as já semimortas serpentes negras. Depois de deixar uma já morta no lugar da que Leish deixara, foi até o salão e pediu um veículo imediatamente. Saiu do pátio interno e voou para fora, mas estacionou junto à falsa porta que conduzia a seu quarto de dormir. Assim que entrou por ela, a trancou e então descobriu o âmbar e voltou ao aposento mais oculto. Ali se trancou e foi dar mais uma olhada em Lamahoon. Ao ver o salão vazio, voltou a seu corpo.

— Eles devem ter ido sepultar os três canalhas que matei. Como me sinto bem! Demorou muito tempo, mas o sabor da vingança compensou os sacrifícios. Prepare-se, Lamahoon! Logo será a sua vez, pois somente preciso de um descuido seu para cortar o seu fio da vida e fazê-lo desaparecer para sempre. Vamos ver se consigo contatar o Grande Mago ou Sher.

Mas foi em vão. Os seus cristais continuavam encobertos. Voltou mais uma vez até Lamahoon e viu que faziam os preparativos para a cerimônia de invocação. Um distraído Hemofer sentou-se diante do âmbar. Concentrou-se e mergulhou nele. Imediatamente Ialutá seguiu-o em sua última viagem através das pedras. Hemofer apenas teve tempo de virar-se enquanto a lâmina já se aproximava do seu fio da vida e o ceifava.

Ialutá voltou a seu corpo e gritou:

— Mais um maldito sentido do mal a menos! Meu Deus, que dia de vitórias!

Então se acalmou e voltou a sua vigia. Logo descobriram que Hemofer também havia morrido.

— Que dia infeliz! — urrou Lamahoon. — Algo muito poderoso ou alguém está acabando conosco! Andem logo com isso, pois não vou esperar a meia-noite para prender o espírito do Mago do Ar. E fiquem alerta para ver se descobrimos de onde vem a morte!

Ialutá continuou em seu posto com todos os sentidos alertas e a espada na mão para defender-se. Assim que tudo ficou pronto, Lamahoon apanhou o cristal de 77 ápices e o levou até o centro do círculo ritual. Depois de invocar os mistérios dele, colocou o grande colar de Larrin em seu centro, mas em volta do cristal.

Então começou a cerimônia de invocação do Mago do Ar. Pouco a pouco uma egrégora foi se formando e logo Larrin surgiu nela.

Lamahoon, um ser com a clarividência, gargalhou ao vê-lo no interior do círculo ritual e falou:

— Chegou o seu fim como espírito imortal da espécie humana, Mago do Ar! Vou aprisioná-lo no meu cristal de 77 ápices e ninguém mais conseguirá libertá-lo, pois só quem fez este cristal conhecia o segredo de penetrar nele através dos ápices e libertar quem está aprisionado em seu interior. Mas Mon He Mochet não revelou isso a ninguém e, se descobri a sua chave, foi por acaso ao ler sobre ele na sua biografia ainda no tempo em que era um Grande Mago da Luz Cristalina.

Ialutá anotou o nome Mon He Mochet e continuou vigiando para descobrir onde iria ser preso o espírito do Mago do Ar.

Ele viu quando Lamahoon apanhou um condão de cristal puro e o foi levando na direção do vértice logo abaixo do que havia se postado. Com a velocidade da luz, passou para ele e ficou à espera da entrada de Larrin. Este, por sua vez, foi entrando lentamente no vértice e Ialutá agarrou-se aos seus pés. Assim que todo o iniciado ficou dentro do vértice, foi tragado a uma velocidade superior à da luz e foi estacionar numa zona cristalina neutra que não permitia movimento nenhum, pois lhe faltava o fio da vida a energizá-lo.

Ialutá, sem soltá-lo, elevou-se até ficarem frente a frente e falou mentalmente:

— Sou eu, meu irmão na luz. Vim para libertá-lo!

— Ialutá, meu irmão na origem! Que bom revê-lo. Como veio até aqui?

— Vigjava Lamahoon e aguardava sua entrada no cristal para tentar libertar todos os espíritos que ele já aprisionou no interior do cristal de 77 vértices. Vamos, segure-se no meu corpo que me moverei nesta região e ver se encontro outros irmãos na luz.

Eles vagaram por muito tempo até encontrar um grande número de antigos membros das hierarquias. Todos sorriram ao ver que Ialutá possuía o fio da vida intacto e brilhante. Pouco a pouco um foi dando a mão ao outro e uma enorme fila se formou. Depois de vagar por todo o meio neutro, Ialutá transmitiu mentalmente a ordem:

— Segurem-se bem, pois vou sair do cristal e voltar a meu corpo. Não se soltem, pois não sei como voltar a este lugar.

E logo depois firmou o pensamento no seu cristal e retornou a seu corpo. Com ele saíram centenas de espíritos. Um a um, ele os irradiou com sua luz pessoal e todos foram se apresentando. Quando um deles falou seu nome, Ialutá pediu-lhe para repeti-lo.

— Mon He Mochet, iniciado da Estrela!

— Preciso de sua ajuda, Grande Mago. Como posso penetrar nos ápices do cristal de 77 vértices e libertar todos os irmãos na luz que o maldito Lamahoon já aprisionou?

— Eu lhe digo como é, iniciado da Estrela!

Quando Mon He Mochet terminou com as explicações, Ialutá falou:

— Agora só preciso construir um igual ao de Lamahoon, mas se a medida for diferente, não chegarei ao mesmo meio neutro onde eles se encontram.

— Não precisa fazer isso, iniciado. Existe outro igual em tudo no interior de minha tumba. Também existe lá uma peça especial que consegue libertar os aprisionados em qualquer meio neutro das pedras.

— Que peça é esta?

— Um condão de cristal puro. Se imantá-lo com sua energia e mover seu pensamento para libertar, todos os que estiverem no meio neutro serão puxados pelo condão e sairão tão rápido como nós fomos enviados ao meio neutro do cristal.

— Ótimo. Logo libertarei todos os espíritos que Lamahoon e seus Magos negros já aprisionaram. Vou fazer uma prece invocatória dos guardiões da Lei e outra ao Divino Mestre, pedindo que todos vocês sejam encaminhados às esferas luminosas e possam descansar em paz de agora em diante.

— Que Deus o abençoe em sua luta contra os Sentidos do Mal, iniciado da Estrela!

— Que assim seja, Mon He Mochet!

— Salihed Iayê! — responderam todos os espíritos libertos por ele de suas maiores provações.

Imediatamente um clarão dourado invadiu o ambiente mais oculto e os levou embora.

Ialutá voltou ao salão de Lamahoon, mas o viu totalmente vazio. Então voltou a seu corpo e mentalizou seu quarto. Mentalmente viu Leish Ambar dormindo no seu leito. Ele ocultou o cristal e saiu. Sem fazer barulho algum, passou pela porta falsa e foi até o veículo que deixara do lado de fora do templo. Entrou nele e logo descia no pátio interno. Dali rumou ao local dos túmulos e, sozinho, foi procurar o túmulo de Mon He Mochet. Levou muito tempo até encontrá-lo, mas logo ele quebrava o lacre e puxava o ataúde de cristal. Então viu outro cristal com 77 ápices. Apanhou-o com cuidado e depois o condão cristalino. Mas também apanhou os livros ali guardados. Empurrou o ataúde de volta a seu lugar e saiu da ala funerária.

Pouco depois, entrava nos seus aposentos em silêncio. Depois de guardar tudo no seu aposento mais oculto, fechou-o a chave e a ocultou debaixo de uma toalha da mesa que havia no aposento contíguo. Suspirou fundo e, decidido a ter um pouco de prazer, foi tomar um refrescante banho. Ainda sentia a água cair sobre sua cabeça quando um corpo macio encostou-se nele por trás.

— Adivinhe quem é, meu amado?

— Leish Ambar Yê!

— Eu mesma! Por que não me acordou quando entrou?

— Você estava num sono tão gostoso que preferi não incomodá-la.

— Agora estou acordada e vou demorar para dormir novamente.

— Ótimo. Temos de conversar muito antes que volte a ter sono, minha amada!

— Sobre o quê?

— Tudo!

— Tudo?

— Exatamente. Vou me enxugar e depois conversaremos no melhor dos lugares para se discutir questões delicadas — falou ele, abraçando-a e beijando-a.

— Estou gostando, Shefershi. Isso é uma amostra do que será nosso diálogo?

— Sem dúvida, Leish querida.

Ialutá conversou o resto da noite com Leish e aperfeiçoou sua sensibilidade até descobrir quem o vigiava no interior do âmbar.

Como havia dois ou três, pois Leish deixara seu colar de um lado da cama e a sua inseparável pedra do outro, Ialutá sentiu-se bem à vontade para dar vazão a todos os instintos bestiais do seu dom negativo. Mas, enquanto fazia isso, conseguiu descobrir que o poderoso Lamahoon não saía de seu corpo para ver ou ouvir o que queria. Sua percepção era fantástica. Mais um ponto a favor do Mago Negro, pois certamente não se arriscaria a sair do seu corpo só para deixá-lo vulnerável.

Ialutá chegou mesmo a sentir ondas de ciúme vindo do âmbar que Leish sempre trazia no pescoço. O iniciado nada pensava. Só absorvia e revidava com uma maior agressividade dos instintos, o que causava mais ciúme em Lamahoon, que em dado momento deixou de vigiá-los, pois não suportou a voluptuosidade que ele despertava em sua deusa da beleza e do prazer. Chegou mesmo a ouvir, através da vibração saída do âmbar, quando o Mago Negro gritou furioso:

— Maldito iniciado, está degradando a minha deusa, pois ela é só para ser desejada por sua imensa beleza e exuberância das formas, e quem a ver deverá realizar-se só com a visão de sua imagem perfeita do sentido dos desejos dos prazeres da matéria.

Ialutá dormiu um pouco antes de o sol surgir no horizonte. Após levantar-se, tomou um banho, vestiu novas roupas e foi a seu aposento mais oculto, pois Leish não acordaria tão cedo. Então se trancou nele e após certo ritual começou a libertar todos os espíritos aprisionados no cristal de 77 ápices. Libertava e magnetizava novamente os espíritos, fortalecendo-os com sua energia.

Já havia esvaziado 30 e poucos quando, de dentro de um deles, viu sair sua própria mãe. Ao magnetizá-la, perguntou-lhe:

— Qual o seu nome, senhora?

— Leish Hash Let, iniciado da Estrela. Agradeço em nome de todos por nos libertar desse cristal.

— Deve ter sido horrível sua prisão, não?

— Sim, iniciado. Fui vítima de uma magia negativa de um Mago que nunca deveria ter vindo à carne.

— Lamar Ho Om Hep?

— Ele mesmo. Meu esposo estava suspeitando de que outro grande mestre da Luz Cristalina estava agindo de forma diferente do seu hábito e ele percebeu isso quando o viu examinando o livro onde todos os grandes Magos eram descritos.

— Por quê?

— Meu marido examinava os túmulos e ao ver o de Lamar Ho Om Hep vazio, uma suspeita lhe despertou a curiosidade. Um dia depois de o grande mestre tê-lo visto examinando os dados da Lamar eu adoeci. E no terceiro dia meu espírito foi arrancado do corpo carnal e aprisionado neste cristal.

— Então seu companheiro deve estar aí também, minha senhora.

— Sem dúvida!

— Gostaria de esperar aqui até que liberte todos os nossos amigos?

— Sim.

— Então fique atrás de mim que vou agir com maior rapidez.

— Obrigada, iniciado da Estrela.

Ialutá atuou com perfeição e rapidez até que do ápice de número 76 seu pai foi libertado. Quando Leish Hash Let o viu, foi até ele e o abraçou. Depois de magnetizados, ambos ficaram atrás do iniciado até que todos os ápices ficassem totalmente vazios. Depois voltou a conversar com seus pais, se bem que eles não soubessem ainda que o próprio filho era o homem que os libertara.

— Obrigado por nos libertar, iniciado da Estrela — disse o Mestre da Luz Cristalina.

— Fico feliz em vê-los bem e unidos novamente, meus pais.

— Quem é você, iniciado?

— Eu sou seu filho, Ialutá — respondeu ele, não mais contendo o pranto. — Sinto muito não ter descoberto isso antes, pois vocês não teriam sofrido tanto.

O casal de espíritos abraçou o filho e também choraram muito. Depois de algum tempo, Ialutá, mentalmente, pediu:

— Papai, ajude-me um pouco.

— O que posso fazer por você, meu filho?

— Preciso que me diga quem realmente é Lamar Ho Om Hep, pois suspeito que os dados que possuímos sobre ele são falsos. Se o grande mestre caído o viu consultando os dados sobre ele, deve tê-los adulterado para ocultá-lo, caso alguém mais seguisse sua pista.

— Sem dúvida, meu filho. Lamar foi uma encarnação infeliz de um iniciado na origem, mas caído no estágio dual da evolução. Ele, a partir daí, começou a servir ao Criador através das trevas da ignorância. O motivo pelo qual foi protegido e elevado a um posto tão importante como este não sei. Mas o fato é que ele chegou onde chegou à custa de um grande mestre muito sábio que caiu antes dele e o ocultou até alcançar o grau dos 77. Esse mestre morreu aos 144 anos de idade e com toda a certeza foi Lamar quem o matou.

— Isso explica o elixir da vida eterna na carne, não?

— Sim. O grande mestre deve ter descoberto muitas coisas, pois era de um gênio fenomenal.

— Então deve ter pensado em criar uma super-raça, não?

— Exatamente, filho.

— Como era o nome dele?

— Leha Macho He.

— Vou localizar o seu túmulo e a partir daí procurarei o seu espírito imortal, pois só assim saberei com certeza como derrotar Lamar.

— Como pretende derrotá-lo? Matando-o?

— Não, isso já não tem sentido, pois antes preciso destruir seu elixir da vida eterna. Se conseguir isso, todos os caídos em todos os sentidos deixarão de existir ao mesmo tempo.

— Como?

Ialutá retirou o frasco do seu bolso e o mostrou ao pai.

— Aqui tenho uma porção dele. Primeiro tomei uma dose e rejuvenesci mais de vinte anos, depois a cada mês, sempre na Lua Cheia, tomo uma porção que consiste de três gotas. Então mantenho inalterado o meu corpo carnal.

— Isso quer dizer que o elixir tem suas falhas, não?

— Exatamente! Todos são escravos de Lamar, pois só ele possui a fórmula e com isso todos os caídos defendem sua vida, lutam sob suas ordens e o servem cegamente. Lamar só é imortal enquanto possuir o segredo do seu poder. Mas se descobri-lo e conseguir alterar sua composição, então todos logo serão atingidos quando receberem novas remessas do elixir, pois ao tomá-los serão envenenados com o mais mortal dos venenos ao ser humano.

— Qual?

— O veneno da Coral Almiscarada!

— Você é um verdadeiro sábio, meu filho. Que Deus o auxilie nesta luta extra-humana.

— Só que uma coisa acaba de me ocorrer, papai.

— O que é?

— O Grande Mago que criou o cristal de 77 ápices deve conhecer o mistério de chegar ao interior neutro de todo tipo de pedra.

— E o que isso tem a ver com Leha Macho He?

— Lamar deve ter aprisionado seu espírito imortal em algum tipo de pedra que não o cristal de 77. Então não saberei como libertá-lo mesmo que descubra em qual deles Lamar o aprisionou, pois os centros neutros devem ser diferentes e variar na medida em que mudamos de pedra e de matiz.

— Isso é verdade.

— Além do mais, precisarei descobrir em qual pedra Leha Macho He está porque só assim o encontrarei.

— É uma tarefa digna de um iniciado da Estrela, meu filho.

— Mas perdi minha chance, pois Mon He Mochet, o Grande Mago que inventou o cristal de 77 ápices, foi levado pela Luz Dourada a alguma esfera luminosa.

— Localize Leha Macho He a partir de sua tumba que nós procuraremos Mon He Mochet para você.

— Como?

— Nós temos de auxiliá-lo, não?

— Sim.

— Então deixe isso conosco e dedique-se à sua tarefa mais urgente.

— São tantas, meu pai!

— Mas você conseguirá vencer Lamar Ho Om Hep, meu filho.

— Como pode ter tanta certeza disso?

— Eu, quando você nasceu, vi seu passado ancestral e o localizei no corpo do Grande Mago da Luz Cristalina que antecedeu Lamar. Então esta é uma luta antiga, mas que a carne ocultou de seu consciente racional para melhor protegê-lo de Lamar.

— Então já tenho algo mais a me ajudar. Vou à ala dos túmulos buscar mais armas para destruir Lamahoon, ou Lamar Ho Om Hep.

— Vá, filho. Todos os dias, no ponto do meio-dia, que é o ponto da Luz Cristalina, nós voltaremos para vê-lo.

— Caso eu não possa estar aqui, é porque outros compromissos precisam de minha atenção. Então não me procurem e voltem às suas esferas luminosas, onde estarão protegidos dele.

— Até novo encontro, iniciado da Estrela!

— Até lá, meus amados pais. Orem por meu sucesso.

Nesse momento, um clarão os levou para as esferas da luz e Ialutá ocultou seus cristais justamente no buraco cavado no piso cristalino pelo falso Habaal. Todo o aposento mais oculto era revestido de cristal translúcido e isso o tornava inviolável aos seres negativos, que não podem penetrar nele por serem muito densos, pois isso os esmaga e a vibração cristalina lhes causa uma dor insuportável, mesmo ao mais poderoso deles. Nem o poderoso Lamahoon conseguia penetrar no cristal translúcido ou sentir a presença de Ialutá ao espioná-lo. Essa era a segurança máxima de um Mago da Luz Cristalina. O revestimento não permitia a entrada ou saída dos pensamentos, vibrações e magnetismo de quem estava em seu interior. Pela sua disposição geométrica, se podia ver com a terceira visão, de dentro para fora, mas não o contrário através de suas peças cônicas, feitas de forma a distorcerem e bloquear tudo do exterior e interior.

Ialutá deu outra olhada em Leish e a viu tomando banho. Aproveitou e foi até a ala dos túmulos. Ali deu ordens aos dois guardas que não deixassem ninguém entrar até ele sair e a não dizerem que havia entrado.

Demorou horas para encontrar o túmulo de Leha Macho He.

Quando puxou o seu ataúde e o abriu, ficou fascinado com o que viu. Vários livros de ciências aplicadas estavam ocultos ali. Foi colocando-os na sacola e quando viu o que lhe interessava apanhou-o rapidamente. Era o crânio do grande sábio. Ialutá então foi atrás do seu próprio túmulo e, assim que o localizou, derramou lágrimas sentidas. Era um retorno a um passado luminoso e livre dos tormentos por que passava nessa sua encarnação. Recolheu seus restos mortais noutra sacola e a fechou. Depois apanhou o seu cristal de Grande Mago da Luz Cristalina e o enfiou na primeira sacola com os pertences do grande sábio. Apanhou seu grande colar e o livro com relatos de sua vida.

Já ia saindo quando algo lhe ocorreu. Firmou a terceira visão e viu Leish forçando a porta do aposento mais oculto. Ela tentou, mas não conseguiu. Então saiu da ala e tomou um veículo, partindo do grande Templo da Luz Cristalina.

Ele voltou rapidamente ao aposento e ocultou tudo no buraco cavado no solo. Depois o cobriu com a pedra de cristal. Quando se certificou de que ninguém desconfiaria de que tantos segredos estavam ocultos ali, foi comer. Mais tarde tomou um veículo e foi visitar o grande Templo do Diamante para dar solução a vários problemas. De vez em quando dava uma olhada em Leish Ambar e a localizava em seu Templo do Âmbar. Apressou-se na solução dos casos e, assim que terminou, voltou a seu templo.

Pouco depois, Leish entrava na sua sala de despachos.

— Onde esteve, Shefershi?

— Logo cedo fui ao Templo do Diamante solucionar vários casos, minha amada.

— Por que não me acordou também? Teria ficado feliz em acompanhá-lo.

— Creio que não teria gostado, Leish. Está vendo estes relatórios? Tenho de analisar todos ainda hoje. Não vejo a hora de acabar com isso para voltarmos ao nosso leito.

— Eu o aguardarei nele, meu amado.

— Onde esteve que não a encontrei em lugar nenhum?

— Fui dar uma volta com meu veículo novo.

— Ótimo. E como foi?

— É muito mais veloz que o anterior.

— Fico feliz que tenha gostado do meu presente. Igual a ele em rapidez e conforto não existe outro em todo o mundo. Acho que mereço uma compensação, não?

— Logo mais o compensarei com o que possuo de melhor e que mais lhe agrada.

Ialutá tentou abraçá-la, mas ela falou-lhe:

— Acabe logo com isso, meu amado, que eu vou guardar numa de suas gavetas algumas peças íntimas que trouxe comigo.

— Íntimas, é!? — perguntou ele, sorrindo.

— Muito íntimas, meu amado!

Ela saiu da sala de despachos e Ialutá a seguiu com a terceira visão. Leish foi direto ao aposento mais oculto e colocou algo num canto. Ele não pode ver o que era, mas anotou mentalmente o lugar.

Leish havia trazido uma chave que abria o tipo de fechadura da porta do aposento mais oculto. Somente não se incomodou de fechá-la quando entrou. Por isso ele a vigiava com a terceira visão.

Também a viu olhar o aposento quase todo vazio. Ialutá o havia esvaziado por precaução contra qualquer armadilha do falso Habaal. Além das pinturas e de um armário com uma veste de Grande Mago da Luz Cristalina, nada mais havia. Decepcionada por nada encontrar ali, ela tornou a fechar a porta e foi para o quarto de dormir.

Ialutá sorriu ao sentir sua vibração de decepção. Assim que uma servidora chegou com a refeição e a provou na sua frente, ele foi para o quarto. Leish, como de costume, estava nua sobre o leito.

— Hora de comer, minha amada.

— Estou faminta, Shefershi!

Enquanto comiam, Ialutá falava dos seus planos para o futuro sabendo que Lamahoon o vigiava. Nada falou que contrariasse o Mago Negro. Tudo o que dizia ia ao encontro dos planos do Grande Mago.

— Mas também tenho outra ideia, minha amada. Vou popularizá-la em todos os grandes templos como minha deusa da beleza e do prazer.

— Como, meu amado?

— A cada dia irá a um grande templo e realizará um ritual do Âmbar. Assim, em pouco tempo será a número 2 deste reino e nem o poderoso Lamahoon poderá se desfazer de você, pois o povo a terá em grande conta e a adorarão como realmente é: uma deusa do Âmbar!

Leish sorriu feliz. Isso era melhor do que esperava conseguir dele. Quando estivesse bem popularizada, eliminaria o número 1 e assumiria seu lugar. Ialutá anotou esse pensamento dela, mas nada pensou, pois sabia do poder de Lamahoon, que vigiava os dois.

— Amanhã mesmo terá sua primeira experiência como deusa no Templo do Diamante, pois já dei ordens para que lhe preparasse uma grandiosa recepção.

— Você é um gênio, meu amado!

— Tudo pela minha deusa da beleza e do prazer!

— A que horas partirei?

— Às sete. Às oito, o Grande Mago dará início às cerimônias e depois visitará todo o território sob domínio do Templo do Diamante.

— Ninguém se esquecerá de Leish Ambar Yê, meu amado!

— Tenho certeza de que sim, Leish. Logo todos estarão fascinados por sua beleza.

— Mas lembre-se de que às sextas-feiras pertença a meu templo.

— Está certo.

Ainda conversaram muito antes de se entregarem aos seus dons e aos mistérios negativos contidos neles.

No dia seguinte, assim que Leish partiu para seu novo trabalho que a afastaria do Templo dos Cristais, Ialutá ordenou à faxineira que limpasse o aposento mais oculto e a sala contígua. Antes abriu a fechadura, mas não se afastou do lugar. Pouco depois ouvia um grito e, ao abrir a porta, a viu caída no solo e uma pequena serpente negra rastejando.

Com a espada a matou e depois a jogou na caixa de descargas. O mesmo fez com o corpo da mulher, pois ninguém deveria saber da sua morte. Isso alertaria Leish e seu maldito mestre negro!

Lamahoon havia suspeitado de algo e resolvera se precaver, pois se Ialutá o vigiasse a partir do aposento mais oculto então se tornaria vulnerável. Como

precaução ordenara a Leish que colocasse uma de suas serpentes no interior dela para matá-lo caso estivesse usando desse meio para tirar a vida dos seus auxiliares graduados.

Ele havia sido um Grande Mago da Luz Cristalina e sabia do poder da sala!

Ialutá resolveu dar uma espiada em Lamahoon, mas antes olhou dentro do armário com todo o cuidado e descobriu mais uma serpente em seu interior. Assim que a matou, estendeu-a embaixo do armário só com a ponta da cauda à vista. Caso Leish viesse dar uma olhada não suspeitaria de nada e tampouco ousaria abrir toda a porta.

Por precaução, Ialutá trouxe uma grande toalha prateada e cobriu todo o armário até o solo de cristais. Nada mais ficou visível que pudesse perturbá-lo, nem mesmo a visão da serpente já sem sua perigosíssima cabeça!

Então voltou ao cristal e foi até o esconderijo de Lamahoon, onde começou a ouvi-lo.

— Esse iniciado não é tão sábio, Lamahoon! — falou uma das cabeças do mal.

— Ele está fascinado pela minha deusa e isso me interessa. Um dia o matarei somente por possuí-la na carne de forma tão bestial!

— Você está com ciúme, Lamahoon! — exclamou o outro das três cabeças que restavam.

— Bobagem! Vejam como se sai minha deusa, pois preciso ir ao outro esconderijo nosso.

— O que fará lá que até dispensa a visão do coroamento popular de sua deusa?

— Isso não lhe interessa, Habaal!

Assim que Lamahoon saiu do salão, Habaal mergulhou no âmbar e Ialutá foi atrás dele.

Habaal nem soube o que cortou o seu fio da vida. Mas mal Ialutá virou e deparou-se com Lamishor, muito assustado. Só girou a espada e o acertou no peito, abrindo um corte na altura do coração. O Mago Negro ainda voltou ao seu corpo carnal, mas não conseguiu levantar-se do seu confortável assento, pois começou a ter estertores horríveis até cair para o lado, já sem vida.

— O espírito desse maldito me escapou. Vou ter de dar um jeito de aprisioná-lo também, pois se ele ficar vagando no inferno, um dia voltará a perturbar a Humanidade.

Como nada havia para ser visto ali, Ialutá voltou a seu corpo e começou a ler os livros encontrados no ataúde do grande sábio Leha Macho He. Somente se deteve no que mais lhe interessava.

Quando ficou a par de quem ele realmente havia sido, apanhou o seu crânio e procurou localizar seu espírito imortal. Depois de longa e exaustiva busca mental, localizou-o no interior do ônix.

— Mas qual, e como chegar a ele?

— Com minha ajuda, iniciado! — exclamou uma voz no seu mental.

— Mon He Mochet! Voltou para me ajudar, iniciado na origem?

— Sim, iniciado da Estrela!

— Então já sabe do que preciso, não?

— Sim. Como você já deve saber, cada pedra tem uma formação própria, mas influenciada por variantes. Se ela tem uma origem num reino mineral, as variantes são umas, pois o seu peso específico, densidade, magnetismo, força gravitacional, vibração energética e centro neutralizador seguem uma ordem que tem correspondência com o elemento que predominou na sua formação. Mas se ela tiver origem em outro reino, então essas variantes alteram-se totalmente em função do magnetismo, vibração, luz e cor desse elemento, além do calor concentrado na sua formação no meio ígneo.

— Magnífico, Mon He Mochet! Continue, pois estou raciocinando com base no que está me ensinando.

E Mon He Mochet falou tudo o que poderia ajudar Ialutá a encontrar o meio neutro onde poderia encontrar o grande sábio Leha Macho He.

Ialutá ouvia e raciocinava. Quando achou que poderia tentar algo com segurança, pediu ao mestre que o aguardasse, pois iria tentar chegar sozinho ao interior neutro de um dos vértices do cristal de 77.

Com a velocidade da luz, ele se lançou bem no centro do vértice e avançou. Logo alcançava o centro neutro.

Saiu e entrou várias vezes até dominar a técnica. Então tentou outros ápices e obteve sucesso total.

— Fico feliz por seu sucesso, iniciado da Estrela! — exclamou Mon He Mochet.

— E eu por tê-lo como mestre iniciado na origem, meu irmão na luz.

— O que fará agora?

— Vou tentar encontrar o meio neutro da lâmina de ônix dessa peça dos Grandes Magos.

— Por que logo o ônix?

— Essa é a pedra onde Lamar Ho Om Hep aprisionou o espírito imortal do sábio Leha Macho He, que lhe transmitiu a fórmula do elixir da longa vida. Ao saber da composição dela, posso alterá-la toda com a quantia certa de veneno da Coral Almiscarada.

— Isso é muito perigoso.

— Envenenar o elixir é perigoso, sábio?

— Não. Eu me refiro a você descobrir a composição da fórmula, iniciado.

— Por quê?

— Talvez você pense em tornar-se um semideus na carne e cair em todos os sentidos diante do criador.

— É um risco que tenho de correr, Mon He Mochet. Somente assim saberei se sou digno do meu Criador ou não.

— Você já avançou muito mais que qualquer outro em todos os sentidos. É hora de parar, Ialutá!

— Ainda não. Tenho de destruir Lamahoon e todos os que se servem do seu maldito elixir.

— Pare agora e invada o esconderijo dele. Mate-o como é usual no meio já instalado na Terra!

— Não, Mon He. Se um, e apenas um, dos que se servem do elixir sobreviver, a busca da fórmula continuará e mais dia menos dia outra inteligência humana a acabará descobrindo, e um novo deus da vida na carne voltará a impor-se como se fosse o todo-poderoso. Vou até o fim por honra e glória do meu Criador. Se eu cair, que Ele me aprisione para todo o sempre no nono círculo descendente.

— Está certo. Mas lembre-se de sua origem e do significado da estrela na evolução da espécie humana.

— Eu me lembrarei, Mon He Mochet. Obrigado pelas lições que me abriram o acesso ao meio neutro das pedras e cristais.

— Boa sorte na sua iniciativa, iniciado!

— Obrigado, meu irmão na luz.

Mon He Mochet volatilizou-se no ar e Ialutá foi até o centro neutro do ônix. Depois, foi ao de todas as pedras contidas na peça dos Grandes Magos da Luz Cristalina. Quando viu que isso já estava sob seu domínio, foi dar uma olhada no salão de Lamahoon. Por coincidência encontrou Sher e o Grande Mago vigiando o salão. Como não havia ninguém no interior do salão, eles vieram ao ápice do cristal de Ialutá e trocaram informações através dos seus mentais.

Após Ialutá transmitir a eles que já havia tirado a vida de seis das cabeças e só faltava Lamahoon, o Grande Mago lhe falou:

— Nós conseguimos contatar o iniciado das Sete Espadas e descobrimos que este local fica embaixo do Templo da Coral. Logo ele será atacado e destruído.

— Não façam isso agora, pois Lamahoon produz seu elixir da vida eterna em outro local secreto e provavelmente fugirá para lá assim que o iniciado das Sete Espadas atacar.

— Por que deixá-lo vivo?

— Vou descobrir onde é e envenenar sua produção para que todos os seus consumidores morram em pouco tempo.

— É muito arriscado, Ialutá!

— O que não é arriscado na atual situação?

— Tem razão. O que sugere?

— Aguardem o meu aviso antes de desfecharem o ataque.

— Como manteremos contato?

— Vamos até seu cristal para localizá-los. Assim que eu conseguir o que preciso, vocês poderão atacar Lamahoon.

— Está certo, Ialutá. Vamos ao meu cristal e depois ao de Sher.

Depois de os ter localizado, Ialutá falou:

— Fiquem o tempo todo no cristal. Façam um revezamento. Quanto ao nosso ponto de encontro, continua sendo o ápice do cristal de 77. Até a vista, meus irmãos na luz!

E Ialutá voltou ao seu corpo carnal.

Então começou a raciocinar. O Mago Negro que quis ver seu dom negativo logo que chegou à Ilha dos Desterrados o identificou com o ônix. Foi levado até o falso Hemofer e logo o Grande Mago Negro o tornou o Grande Mago do Ônix e deu-lhe uma pedra dele para que não o deixasse fora de seu alcance visual. A filha do Grande Mago Negro usava um ônix no pescoço. A mulher do falso Hemofer também usava outro igual. Pérola Negra, a filha do falso Habaal, usava uma pedra de ônix bem no centro de sua tiara multicolorida. Quando voltou à Ilha dos Desterrados, usou o ônix e, após matar todos os desterrados, foi enviado logo para o Templo do Âmbar onde reinavam Leish Ambar Yê e Lushmer.

Ela tinha a função específica de seduzi-lo com sua beleza e não mais deixá-lo livre dos seus prazeres. O falso Lushmer somente o levou ao interior do ônix uma única vez e não mais violentou seus hábitos heterossexuais. Não! Ele ainda os incentivou e até o induziu a possuir a protegida do falso poderoso Lamahoon. Após isso conseguido, Ialutá obteve e trouxe a abundância ao Reino dos Cristais, já totalmente sob o domínio do verdadeiro Lamahoon.

Quando conseguiu isso, Lamahoon achou que já tinha arrancado tudo o que precisava do iniciado da Estrela. Então ordenou a Leish para ir ao Templo dos Cristais e colocar no posto número 1 o iniciado caído em todos os sentidos.

Lamahoon sabia de tudo o tempo todo. E agora iria colocar no poder um dos outros cinco que, como ele, haviam ingerido a sua maldita poção. Fora por isso que ninguém duvidou da versão dos seis sobre a morte dos desterrados e também porque o grande mestre já sabia de sua ida juntamente com um grupo de iniciados ao Templo da Luz Cristalina para pedir ajuda. Com isso o grande mestre atuou nos bastidores pela neutralidade numa luta em que todas as iniciativas dos seus aliados eram de antemão conhecidas e assim os corpos de luta eram dizimados quando entravam em combate.

Mas o falso Lamahoon ao ver Lushmer morto logo o elevou ao posto máximo do reino e lhe deu total liberdade de ação. Com Leish a dominá-lo no seu dom negro e Lamahoon a vigiá-lo dia e noite, não havia risco nenhum!

Mas qual a real intenção de Lamahoon em tê-lo deixado alterar toda a hierarquia e impor-se como o número 1?

Será que ele já teria dado o que Lamahoon precisava ou ainda faltava algo, para Leish não tê-lo matado, quando foi desafiada abertamente?

Faltaria só o domínio através do iniciado caído? Se assim fosse, logo que Leish se popularizasse, ele seria morto por seus próprios guardiões, mas se não fosse apenas isso, então o que mais Lamahoon precisava dele?

Uma voz o esclareceu:

— Da verdadeira fórmula do elixir da vida eterna. Leha Macho He não lhe deu todos os componentes dela, irmão na luz! Lamahoon tenciona alcançar a dose única através de você.

— Larrin! Você voltou!

— Como poderia deixá-lo só num momento como este? O que está em jogo é mais importante do que pode imaginar.

— Compreendo. Assim que eu tirar a fórmula do mental de Leha, Lamahoon me aprisiona e arranca a fórmula de minha memória, pois ele, após ter lançado o seu mestre no interior do ônix, não soube como resgatá-lo para conseguir o componente que lhe falta para dispensar a ingestão contínua do elixir da vida eterna, certo?

— É isso mesmo, Ialutá. Após deduzir tão brilhantemente o meio usado por Lamahoon para conduzi-lo ao Templo da Luz Cristalina, onde acha que Leha Macho He está aprisionado?

— No colar de ônix que o falso Lamahoon tirou do falso Lushmer e colocou no meu pescoço! Mas é isso mesmo, Larrin! Só depois que joguei o colar no mar ele ordenou a colocação da serpente negra sob o meu leito.

— Tal como fez comigo, Ialutá.

— Eu sei. E o iniciado das Sete Espadas só não morreu picado por ela porque eu usei o que me ensinou através do Gênio do Ar e o avisei da morte certa sob sua cama.

— Foi você quem matou a esposa dele?

— Sim. Ou eu fazia aquilo ou ela avisaria Lamahoon de que ele havia matado a serpente negra sob sua cama, e de outro tipo de morte ela seria a portadora.

— Sabe que ele a amava muito?

— Não, mas espero que ele me perdoe por tê-la matado. Ou era ela ou ele. Preferi ver meu irmão na luz vivo que caindo ante tão pérfida traição. Ela merece viver toda a eternidade aprisionada no meio neutro do cristal azul.

— Ela não ficará no meio neutro, Ialutá.

— Por que não, Larrin?

— Os caídos em todos os sentidos ou devedores da Lei vão para além dele e são lançados no interior negativo do cristal. Lá a vibração é tão insuportável, mas tão insuportável que o tormento total toma conta de todo o espírito de quem é lançado nele.

— Então descubro mais outra intenção de Lamahoon. Ele espera que eu consiga entrar no interior do ônix onde Leha Macho He está aprisionado e o retire para então ele o tomar de mim e extrair de seu mental a fórmula completa que o tornará realmente imortal.

— Sem dúvida, pois seu espírito imortal caído em todos os sentidos não conseguiria retornar do interior negativo do ônix, que tem vibrações e magnetismo igual e ele perderia o poder de locomoção. Então seu tormento seria muito pior, pois ainda teria o corpo carnal a sentir as dores e a enviá-las ao seu mental.

— Um ótimo fim para um canalha como ele. Talvez eu o envie ao ônix antes mesmo de matá-lo.

— Você está se deixando cair em muitos sentidos, Ialutá!

— Tem razão, Larrin. Mas como não cair, tendo de conviver ao lado de pessoas que iludem, matam sem a menor complacência e mentem o tempo todo? Somente sendo igual a elas na maioria dos sentidos consegui sobreviver em seus meios.

— Ainda assim tem de preservar sua noção dos princípios virtuosos.

— Tenho procurado não me esquecer deles mesmo quando a mulher que está se realizando nos nossos braços, e com toda a voluptuosidade possível, sabe que debaixo de nossos leitos há uma enorme e mortal serpente negra que pode nos picar a qualquer momento, bastando para isso que seu maldito mestre negro a desperte de seu sono encantado. Elas mereciam ser picadas também, Larrin!

— E são, Ialutá. A minha morreu do mesmo jeito que eu. Quando despertas, as serpentes negras atacam a todos que encontram pela frente. Em meus aposentos ela picou a mim, minha esposa e nossos dois filhos antes de ser morta por um dos meus guardiões que a viu, ao entrar à minha procura.

— Ótimo. Caso Leish Ambar tenha ocultado outra em nosso quarto, e Lamahoon a desperte, ela morrerá também.

— Sem dúvida, Ialutá. Mas diga-me: o que fará agora?

— Vou procurar o colar de Lushmer e iludir Lamahoon.

— Como?

— Fazendo-o crer que tenho a chave de acesso a Leha Macho He.

— Acha que conseguirá?

— Sim. Não quero matá-lo agora, pois antes tenho de ter acesso à sua fonte de produção do elixir da vida e acredito que fique em seu outro esconderijo.

— Acautele-se.

— Descobrirei onde é ele, meu irmão na luz. Sim, isso juro que conseguirei!

— Então lhe mostro onde está o colar maldito. Vamos até a beira-mar.

Ialutá ocultou tudo no buraco e recolheu o tecido que cobria o armário, guardando-o dentro do próprio. Assim Leish não o descobriria.

Saiu do aposento e o fechou a chave, pois ela tinha uma cópia para abri-la. Ao ir até a beira-mar, Ialutá levou um tecido que anularia o ônix.

Depois, seguindo as indicações do espírito Larrin, mergulhou e, passando as mãos na areia entre as rochas, recolheu o colar de ônix e imediatamente o cobriu com o tecido. Saiu da água, voltou a seus aposentos e o ocultou no interior do armário.

Somente então voltou a dar outra olhada no salão de Lamahoon. Mais uma vez viu tudo vazio. Foi até o cristal de Sher e ela disse que Lamahoon havia estado ali por pouco tempo. Apanhara vários pertences e saíra novamente.

— Então ele abandonou em definitivo o local, Sher. Podem atacá-lo. E que o iniciado das Sete Espadas não poupe ninguém.

— Por que será que ele não levou o cristal de 77 ápices, Ialutá?

— Ele descobriu que seus auxiliares perderam a vida no interior dos cristais e deve ter imaginado corretamente que nós os atacávamos a partir do cristal dos 77 ápices. Então o deixou aí só para nos iludir. E ganhar tempo. Volte a seu corpo carnal e diga ao iniciado para não deixar ninguém fugir do interior da caverna.

Ialutá voltou a seu corpo e foi banhar-se e trocar de roupas antes que Leish Ambar voltasse, pois já eram quase seis horas da tarde.

Noutra parte do mundo, no Templo da Coral, o iniciado das Sete Espadas partia à frente de um corpo de combate e iniciava a invasão da caverna cavada no interior da montanha.

Foi uma luta renhida, mas ninguém conseguiu fugir e, no fim da batalha, todos foram mortos. Depois o iniciado ordenou a seus homens que explodissem todo o complexo ali instalado.

— Aqui Lamahoon perdeu, Grande Mago. Mas onde será que ele se escondeu?

— Não tenho a menor ideia, iniciado das Sete Espadas da Morte.

— Espero que Ialutá o descubra logo ou mais uma vez ele formará novamente os sete sentidos do mal, que voltarão a ganhar força maior.

— Assim espero, iniciado — assentiu, pensativo, o Grande Mago da Luz Cristalina.

Enquanto isso, Ialutá conversava com Leish Ambar Yê.

— E você precisava estar lá para ver como eles me saudavam, Shefershi!

— Fico feliz que você tenha se saído bem em seu novo posto, Leish. Você em breve canalizará todos os descontentes com minha dureza no trato das coisas públicas. Assim, eu os chicoteio com mãos cruéis e você os acaricia com suas palavras meigas e delicadas! Tiro deles o sangue e você os energiza para que mais sangue eu possa tirar. Quando lançar-me à conquista do mundo, você atrairá tantos voluntários aos meus corpos de luta que guerrearão com uma bravura incomparável.

— Shefershi, se eu não estivesse ao seu lado, não gostaria de estar contra você, pois seria capaz de matar-me mesmo que lhe desse todo o prazer que somente eu sei como lhe dar.

— Nisso você está certa, Leish. Nada me deterá até conseguir duas coisas, minha amada.

— Que coisas?

— O domínio total do mundo e o domínio do elixir de Lamahoon.

— Mas ele lhe enviará tanto que não precisará se preocupar com isso pelos próximos dez mil anos.

— Duvido!

— Por que duvida?

— Lamahoon não me deixaria livre de seu poder, pois sabe que eu tenho minha natureza a guiar-me. Assim como eu, ele é um iniciado na origem e quer somente o primeiro posto, que não o divide com mais ninguém. Para ele todos são apenas meios para alcançar o seu fim. Você, eu e todos os outros nada mais somos que os meios de ele alcançar seu fim. Quando não precisar mais de nós, manda suas serpentes negras nos matar.

— Você está enganado, Shefershi.

— Não estou não. Veja a informação que recebi hoje de um espião meu no reino dos vermelhos.

Leish leu o relatório preparado pelo próprio Ialutá.

“O iniciado e Mago do Ar chamado Larrin foi morto pela picada de uma serpente negra que Lamahoon enviou contra ele. A serpente penetrou em seu quarto e picou Larrin, sua esposa e seus dois filhos.

“O iniciado das Sete Espadas matou uma igual sob a sua cama. Provavelmente ela iria picá-lo e à sua esposa naquela mesma noite.

“Cuide-se! Caso ele já não o ache útil a seus planos e você ainda não tenha obtido dele o elixir como planejamos, ele tentará matá-lo, pois o iniciado das Sete Espadas, o nosso mais perigoso adversário, irá atacar o esconderijo de Lamahoon.

“Também se prepare, pois logo ele atacará o Reino dos Cristais com todos os seus corpos de luta.”

Ass. G.M.C.C.

— O que significam estas iniciais, Shefershi?

— São de um aliado meu na conquista do mundo.

— Isso eu sei. Mas as iniciais, o que significam?

— Só iniciais, querida Leish! Vamos nos realizar agora, pois já não resisto mais a seus encantos de mulher.

Leish uniu-se a Ialutá, mas já não estava tão descontraída como das outras vezes, pois em sua mente veio a lembrança da serpente sob o leito onde se amavam. E se Lamahoon estivesse ouvindo a conversa e resolvesse despertá-la do seu encanto? E eram duas, pois a outra estava oculta num dos cantos do quarto e oculta por um dos seus longos vestidos pendurados na parede e alcançando o chão.

Após uma realização um tanto sem graça, Ialutá perguntou-lhe:

— O que há com você, minha amada?

— Acho que estou cansada, Shefershi. Foi um dia muito agradável, mas muito cansativo.

— Logo você se acostumará com as viagens, e até gostará delas.

— Assim espero, meu amado!

— Vou tomar outro banho antes de dormir, pois esta noite está muito quente, Leish.

Assim que Ialutá foi ao banho, ela gritou:

— Socorro, Shefershi. Uma serpente em nosso quarto.

Ele saiu do boxe e de um salto apanhou sua espada.

— Onde, Leish?

— Eu a vi ir para baixo daquele vestido.

— Vou matá-la de um só golpe.

— Cuidado, Shefershi.

Com um golpe ele cortou o vestido e a serpente adormecida. Ela ficou partida em vários pedaços.

— Ainda bem que você a viu, Leish. Provavelmente ele tencionava nos matar para não deixar pistas, pois você sabe onde fica seu refúgio.

— Somente conheço um deles, Shefershi. Mas sei que ele tem mais dois em outras partes do mundo.

— Não tem ideia de onde ficam?

— Não.

— Então o perigo continua, minha amada. Vou vasculhar este quarto depois de jogar fora esta serpente morta.

Ialutá recolheu os pedaços dela e a jogou na caixa de despejos. Depois levantou seu colchão e, ao fazer isso, olhou para os olhos de Leish, pregados na

parte interna da cama. Ele viu quando ela sentiu um arrepio ao não ver a outra serpente que ela mesma colocara ali. Mas Leish nada falou.

Depois Ialutá revistou todo o quarto e nada encontrou.

— Acho que aquela era a única. Mas temos de ficar alertas, pois outra poderá chegar aqui como aquela chegou.

— Estou com medo, Shefershi. Vamos sair daqui!

— Acalme-se, minha querida. Já revistei tudo e nada encontrei.

— Assim mesmo, estou trêmula!

— Estou vendo. Vou chamar alguns guardiões e mandar remover estes armários, pois só assim ficará tranquila.

Pouco depois tudo era retirado do quarto, e até as vestes ela quis que fossem levadas, só as que havia colocado no corpo ficaram no quarto. Então ela falou:

— Olhem também no colchão, pois alguma pode ter penetrado nele.

Eles olharam, mas o colchão não continha o menor furo, assim nada poderia ter penetrado nele.

— Está tudo bem, minha amada. Mas, se quiser, poderemos dormir no aposento mais oculto dos grandes Magos. Se bem que me arrepio no seu interior, pois quando entrei nele o maldito Habaal havia colocado uma igual a esta que matei, só para enfeitá-lo. Quando foram removê-la, outra havia por baixo da caixa e um dos serviçais foi morto por ela antes que os outros a matassem. Mandei que removessem tudo, mas nunca mais voltei lá, pois ele poderia ter deixado alguma armadilha para matar quem ousasse ficar lá dentro, que é o local mais seguro desta construção. Quer ir para lá, minha amada?

— Não, não. Prefiro ficar ao seu lado neste quarto. Mas ordene que eles varram toda esta ala, pois somente assim ficarei tranquila, meu amado!

— Vou ordenar que façam isso em todo o templo, a começar por estes aposentos.

Ialutá havia visto quando ela colocara o seu âmbar e o do pescoço numa gaveta do armário e os guardiões o levaram para fora logo a seguir.

Leish estava com medo de Lamahoon. Era hora de descobrir quem era o iniciado caído em todos os sentidos do grupo dos seis que haviam jurado não se trair.

— Quem mais poderia representar um risco para nós, Leish?

— Não sei, Shefershi. Todos são inimigos de todos por causa do medo que nutrem por Lamahoon.

— Eu não o temo.

— Você é o único.

— Vamos, Leish. Você precisa se lembrar, pois ele, a esta hora, já pode ter decretado nossa morte.

— Não duvido disso. Se foi capaz de matar Larrin e sua esposa, não nos poupará.

— É isso! Caso perceba que com a serpente isso não lhe é possível, pois fui avisado pelo meu aliado, então poderá usar alguém de sua confiança.

— Ele pode usar o iniciado das Três Cruzes. Ele é o único que tem acesso a Lamahoon. Mas nunca o vi no refúgio em que me encontro com Lamahoon.

— Qual iniciado das Três Cruzes?

— O que comandava o grupo que veio comigo quando resolvi me mudar para cá. Você se lembra dele?

— Não. Estava muito tenso e não prestei atenção no rosto deles.

— Ele tem uma serpente negra marcada sobre seu símbolo no peito.

— Como descobrir, se não posso vê-lo nu?

— Estou com muito medo, Shefershi!

— Acalme-se, minha amada. Vou colocar um corpo de guardiões totalmente leais a mim para protegê-la quando sair amanhã para visitar o Templo do Rubi.

— Não! É lá que ele está comandando o corpo interno de guardiões.

— Vou mandar outro corpo de guardas só para vigiá-lo enquanto você permanecer por lá.

— Estou com medo.

— Qual a pedra que ele usa em seu colar, Leish?

— Um rubi enorme e todo facetado.

— Muito bem. Agora procure descansar e mantenha esta porta trancada até minha volta. Vou cuidar dos dois corpos de guardiões que a acompanharão amanhã.

— Bata, mas também se anuncie quando voltar, meu amado!

Ialutá foi direto a seu aposento mais oculto e retirou rapidamente o seu cristal de Grande Mago. Então se lembrou e cobriu o armário com o tecido prateado. Logo a seguir mergulhou do cristal translúcido, passou para o rubi e foi vigiar o iniciado das Três Cruzes. Ele dormia com uma bela mulher nos braços.

Ialutá não se descuidava de sua retaguarda um instante sequer e ficou ali o tempo necessário para colher a sua maior vitória. Dois homens mal encarados e com a serpente negra tatuada no rosto entraram pela porta sem ao menos bater.

O iniciado deu um salto para apanhar sua arma, mas parou ao ver quem eram os homens.

— Saia! — gritou para a mulher.

Ela, nua em pelo, saiu correndo do quarto dele.

— O que vocês querem?

— Lamahoon o chama imediatamente. Ele tem uma missão para você. É de extrema urgência!

— Onde ele está? No Templo do Âmbar ou no da Luz Negra?

— Ele está no laboratório.

— Logo estarei lá.

— Nós vamos levá-lo até ele.

E assim Ialutá conheceu o local onde ficava a fábrica. Era exatamente debaixo do Templo da Luz Cristalina. Viu quando uma parede falsa se moveu e o veículo entrou.

Ialutá vigiava tudo à sua frente e na retaguarda também.

Quando o iniciado entrou no salão de Lamahoon, Ialutá viu o seu cristal de Grande Mago da Luz Cristalina. Imediatamente saiu do rubi e foi para o ápice da peça.

Ialutá não pensava, só via e ouvia.

Viu uma caldeira gigante sob duas vigas enormes. Por baixo, o fogo aquecia algo no seu interior. Olhou tudo a sua volta e viu dezenas de pessoas preparando frascos que logo seriam enchidos com o elixir da vida eterna. Então ouviu a voz do iniciado.

— Salve, poderoso Lamahoon. Em que posso servi-lo?

— Você tem de eliminar Leish Ambar Yê ao amanhecer. Ela me traiu por culpa do maldito iniciado da Estrela.

— Eu bem que havia pedido para eliminá-lo há muito tempo.

— Agora é tudo uma questão de tempo. Depois de Leish, ele morre! Preciso de apenas três dias mais para enviar o elixir a todos os meus distribuidores. Então você tomará o poder no Reino dos Cristais e aí invadirá o Reino dos Vermelhos, pois o Grande Mago da Cobra Coral me está traindo com Ialutá. Enquanto o Grande Mago me servia, instruía Ialutá sobre meus movimentos. Quero que concentre o primeiro ataque sobre o Templo da Coral, pois se ele cair, todo o reino será nosso e lá me instalarei enquanto você ficar com o Reino dos Cristais sob suas ordens.

— Assim será feito, poderoso Lamahoon.

— Faça tudo muito bem, pois seis das sete cabeças estão vazias e uma será sua.

— Seus desejos são minhas ordens e minhas ordens são os seus desejos, poderoso Lamahoon. Com licença!

— Vá e não falhe, iniciado.

— Logo terá boas notícias.

— Cuidado, pois Leish Ambar Yê pode tê-lo traído.

— Não importa. Eu domino o meu corpo de lutas. Com ele mato Ialutá na primeira investida.

— Também estamos sob a ameaça de um ataque por parte do iniciado das Sete Espadas.

— Antes o atacarei.

— Vá, e faça-o!

— Sim, senhor.

O iniciado caído saiu e Ialutá viu Lamahoon colocar mais um ingrediente numa enorme bandeja e ela ser elevada até o alto das vigas e depois ser virada por controles no interior da enorme caldeira. Então voltou a seu corpo físico e abriu o colar de ônix. Através do crânio de Leha Macho He, ele localizou em qual dos ônix estava o espírito imortal do homem que fora um gênio. Destacou a pedra do resto do colar e ocultou-o novamente no tecido. Depois orou a Deus, pediu sua bênção e mergulhou no seu interior. Ultrapassou o meio neutro e foi tragado pelo campo negativo.

Ao penetrá-lo, sentiu-se comprimido por todos os lados, mas com muito esforço começou a mover-se. A cada instante conseguia mais agilidade.

Então começou a ver o horror no interior do ônix. Pequenos pontos eram vidas latejantes.

— Meu Deus, isto é um verdadeiro inferno. Ajude-me, meu Criador, pois sei que tanto está no macro quanto no micro. Então auxilie seu iniciado na origem sob o símbolo da Estrela. Como localizar Leha Macho He, meu Deus?

Uma ideia lhe veio à mente e de imediato pensou no crânio. Mentalizou-o com todo o seu poder mental e dali até o espírito imortal de Leha. Logo distinguiu uma mancha que vinha em sua direção. Quando ela chegou perto, Ialutá a segurou com uma das mãos, pois a outra segurava sua espada simbólica.

Então penetrou mentalmente na mancha compacta e confirmou ser ela o gênio Leha Macho He.

Concentrou-se todo em seu corpo carnal e somente com muito esforço saiu do campo negativo e chegou ao meio neutro. Parou um pouco. Viu a mancha se descontraír lentamente e ir tomando a forma humana. Pouco a pouco, Leha voltava à vida.

Quando viu todo o seu corpo espiritual refeito, levou-o consigo para fora do ônix e o seguiu ao meio neutro do seu cristal de Mago da Luz Cristalina. Após deixá-lo ali, voltou ao corpo carnal e ocultou o ônix.

— Pronto, está feito! Agora já não corro perigo algum da parte do maldito Lamahoon. É hora de falar com Leha.

E Ialutá mergulhou no ápice do seu cristal e foi direto até onde estava Leha. Este, com a irradiação pura do cristal, havia se recuperado e o olhou assustado e com lágrimas nos olhos.

— Quem é você, iniciado?

— Eu sou o Grande Mago da Luz Cristalina que antecedeu Lamar Ho Om Hep, criatura sua, Leha Macho He!

— Impossível!!!

— Voltei à carne para reparar o dano que você causou à Humanidade ao descobrir o elixir da vida eterna na matéria.

— O que você quer de mim?

— Venha comigo, mas não pense, pois quero que veja a sua criatura em sua ação destruidora sob o Templo da Luz Cristalina.

E Ialutá o levou até o ápice do cristal de Lamahoon.

Após algum tempo, Ialutá o trouxe de volta ao centro neutro do seu cristal.

— E então? Viu como está a sua criatura. E o ouviu, não?

— Sim. O que deseja de mim?

— Como posso chegar até lá sem ser visto?

— Há uma passagem da ala das tumbas para lá. Vai dar numa das vigas, que possui uma escada.

— Tem certeza?

— Fui eu quem construiu todo aquele subsolo e era lá que eu fazia minhas pesquisas.

— Quem lhe abriu o princípio do elixir da vida eterna no corpo físico?

— Um anjo negro.

— Que anjo?

— Lushfer.

— Lushfer?

— Sim, o Poder da Via Negra ou o Senhor dos Caminhos Escuros ou a Serpente Negra de Sete Cabeças ou Sentidos do Mal. Quer saber a fórmula também, iniciado?

— Para que, Leha?

— Dei-a incompleta a Lamar e logo ele me matou, pois achou que não precisava mais de mim. Talvez você a queira completa para libertar-me.

— Já a obtive, Leha. Quando penetrei em seu mental, você a entregou completa para mim.

— Isso não é verdade, iniciado!

— É sim, e provo, Leha! Você só não disse a Lamahoon que ele precisaria adicionar lágrimas humanas na composição completa.

— Meu Deus, você a conhece mesmo, iniciado!

— Sim, Leha. Mas não se preocupe, pois as lágrimas serão o único componente que a espécie humana terá de verter muito se quiser alcançar a vida eterna junto a Deus, porque ela já se degenerou tanto que hoje Lamar Ho Om Hep já a adicionou ao meio humano como mais um dos seus componentes inseparáveis da vida eterna. Só os que chorarem e adicionarem suas lágrimas à fórmula fornecida a você por Lushfer, e recebida incompleta por Lamahoon, alcançarão a vida eterna junto a Deus. Mas terão de vertê-las na carne e em espírito, e chorar muito por um dia terem acreditado que Deus permitiria uma afronta aos Seus princípios divinos. Somente o espírito é eterno, Leha, pois se Deus não quisesse assim não nos teria feito mortais no corpo carnal e imortais no espírito eterno, gerados a partir de uma centelha luminosa do Sagrado Iayê, o Senhor da Luz.

— Para onde me levará, iniciado?

— Vou tirá-lo daqui e entregá-lo aos Guardiões da Lei. Eles saberão qual é o lugar onde irá ser confinado, Leha Macho He!

E Ialutá voltou a seu corpo físico com o espírito Leha seguro em sua mão. À volta do seu corpo já estavam os 21 Sagrados Guardiões da Lei.

Ialutá nada falou. Apenas soltou a mão de Leha e ele foi levado pelos 21. Imediatamente Ialutá mergulhou em seu cristal e foi até o de Sher.

— Vazio! — exclamou ele.

— Não, iniciado, eu já cheguei.

— Onde estava, Grande Mago da Luz Cristalina?

— Eu o estava vigiando o tempo todo.

— O senhor penetrou no ônix?

— Sim. E também no seu meio neutro e depois no meio neutro do seu cristal.

— Então sabe de tudo.

— Sim. O que fará, agora que conhece da fórmula completa?

— Ela morre comigo.

— Será?

— Isso garanto, meu mestre na luz e na carne.

— Quando chegar a hora final, ousará resistir e enfrentar toda a sua queda?

— Sim.

— E o medo de que Deus o envie aos domínios de Lushfer?

— Eu não o temo!

— Mas ele tem contas a ajustar com você.

— Eu também tenho de ajustar algumas com ele e morrerei com minha espada simbólica na mão direita.

— Se resistir, serei sua testemunha diante do Tribunal Sagrado dos 21.

— Agradeço sua oferta de testemunha, meu mestre na luz e na carne, mas nesse dia quero estar a sós com eles, pois foi diante deles que meu gênio tutelar levou-me e deu o seu testemunho de que eu não falharia na missão a mim confiada. Nesse dia quero somente o testemunho do meu gênio tutelar, pois apenas ele compreenderá porque tive de cair tanto para derrotar Lamahoon, e só o testemunho dele me livrará de ser lançado no reino onde apenas as Sete Cabeças dos Sete Sentidos das Trevas da Ignorância sobrevivem.

— Esperarei por esse dia, iniciado da Estrela.

— Eu também, Mago iniciado na origem. Agora peço que instrua o iniciado das Sete Espadas para que prenda o Grande Mago da Cobra Coral, pois ele é só mais um dos servos de Lamahoon. E também que envie os seus melhores corpos de luta contra o Templo do Rubi no Reino dos Cristais e elimine o corpo de luta do iniciado das Três Cruzes, pois ele faltou ao nosso juramento e caiu em todos os sentidos.

— Onde você irá?

— Envenenar o elixir da vida eterna de Lamahoon. Depois de avisar o iniciado das Sete Espadas, assistirei a sua maior vitória. Até a vista, iniciado!

Ialutá voltou ao seu corpo, guardou tudo no buraco, retirou o tecido prateado e o dobrou. Depois de guardá-lo, jogou o resto da serpente negra na caixa de descargas.

— Você já não me é mais útil, então que suma de minha frente.

Ialutá, a seguir, se dirigiu direto à ala onde eram aprisionadas as serpentes encontradas em todo o reino.

Chegou onde estavam as corais e encantou sete delas. Depois colocou uma caixa e abriu a passagem, deixando-as entrar. Tornou a fechar a passagem e a caixa de transporte e foi com ela direto à ala dos túmulos. Já dentro dela, procurou a passagem que lhe havia ensinado Leha.

Então usou todo o seu poder mental e enviou as sete corais pela fresta, e uma a uma, elas foram rastejando sobre a grossa viga. Com outra ordem mental, elas mergulharam na enorme caldeira. Então ele voltou a seu aposento oculto, posicionou o seu cristal e nele penetrou. Foi parar ao lado do Grande Mago, que balançou a cabeça em sinal de aprovação. Ainda viram Lamahoon colocar o último ingrediente que faltava e dizer:

— Ao amanhecer comecem a encher os frascos e despachá-los para todo o mundo. Todos os estão pedindo. Estão acabando com a última remessa que enviaremos. Se regiões ficarem sem recebê-los, nós lhes enviaremos do próximo elixir que prepararei após a caldeira ser esvaziada. Agora vou descansar um pouco.

Lamahoon se recolheu e Ialutá e o Grande Mago voltaram a seu cristal.

— Você as viu caindo, Grande Mago?

— Sim. Você realmente envenenou o elixir, pois tanto o veneno delas quanto elas próprias serão dissolvidas e espalhadas no elixir.

— Minha primeira vitória contra as sete cabeças. Mas Lamahoon precisa de tempo para enviar a segunda remessa.

— Por quê?

— Quero que todos os adeptos da vida eterna na carne pereçam nela para verem que ninguém desafia as Leis Divinas impunemente. O ser das trevas que adotaram na carne será o tormento deles quando estiverem só em espíritos.

— Isso não o deixa triste?

— Sim, mas alguém tinha de fazê-lo, não?

— Certamente alguém tinha de fazer, Ialutá.

— E se fui eu o escolhido, então não decepcionarei nem meu gênio ancestral que me trouxe todo o conhecimento necessário a meu sucesso nem a meu gênio tutelar, que testemunhou a meu favor ao dizer que eu obteria a vitória.

O Grande Mago ficou pensativo e depois falou:

— O iniciado já avança na direção do Templo do Rubi.

— Ótimo! Após ele o destruir nós faremos um acordo que dará tempo a Lamahoon para que envie suas remessas do elixir. Depois o mato! Agora vou descansar, Grande Mago.

— Bom descanso, iniciado da Estrela.

Ialutá, após entrar em seu quarto, deitou-se ao lado de uma Leish assustada e sem sono.

— Acalme-se, Leish. Esta ala foi toda vasculhada e nenhuma serpente foi encontrada. Amanhã você não irá ao Templo do Rubi até que tenhamos eliminado o iniciado das Três Cruzes.

Ao ouvir isso ela se tranquilizou e até se tornou sedutora.

— Você é tão bom, Shefershi! Preocupa-se tanto comigo que não sei como lhe agradecer.

— Não sabe mesmo, Leish?

E Ialutá foi agraciado por uma Leish arrancada do seu mestre negro e jogada contra sua vontade sob o seu domínio total.

Ao amanhecer Ialutá foi acordado por batidas e gritos na porta do seu quarto. Vestiu-se rapidamente e foi ouvir o relato do que havia planejado com o Grande Mago da Luz Cristalina.

Após inteirar-se de tudo, foi ao pátio externo e tomou um veículo, partindo a toda velocidade à frente de um poderoso corpo de lutas.

Mas não entrou em combate com o iniciado das Sete Espadas, pois mensageiros dele vieram a seu encontro. O templo havia caído em poder dos invasores.

Através de comunicações telepáticas, os dois acertaram um encontro a sós numa praia deserta.

Os dois veículos estacionaram próximo um do outro e, após descer dele, Ialutá despiu suas vestes e só com uma peça íntima e a espada simbólica nas mãos foi até a beira-mar. O mesmo fez o iniciado das Sete Espadas.

Os dois sentaram-se frente a frente e ficaram se olhando por um longo tempo sem nada dizer. Como iniciativa de diálogo, Ialutá falou-lhe com lágrimas nos olhos:

— Sinto muito ter sido obrigado a ceifar o fio da vida de sua esposa, meu irmão na luz. Era ela ou você, pois Lamahoon ia matá-lo através dela.

— Eu compreendo e o desculpo, iniciado da Estrela! Nossos sentimentos pessoais não contam no campo em que estamos atuando. Eu não só o desculpo como lhe fico agradecido, pois não tínhamos uma explicação lógica para a morte de Larrin. Muitas outras serpentes negras foram encontradas nos aposentos de dormir dos meus mais leais auxiliares.

— Em breve as mortes dos adeptos de Lamahoon terão início. Retirei do Templo dos Cristais a maior parte dos meus guardiões para que ele tenha maiores facilidades para escoar sua imensa produção do maldito elixir.

— O Grande Mago contou-me todo o seu plano. Por que o ataque ao Templo do Rubi? Era só por causa do iniciado das Três Cruzes?

— Não. Lamahoon deve ter um esconderijo em algum lugar do mundo onde só ele tem conhecimento e acesso. É até ele que quero chegar.

— Por quê?

— Por que talvez esse aí também seja um falso Lamahoon. Se já matei dois e eram falsos, nada impede que um outro e verdadeiro exista.

— Tem razão, iniciado da Estrela. O que faço com o iniciado das Três Cruzes?

— Mate-o, pois ele nos traiu em nosso juramento e desonrou ao Criador em sua queda vergonhosa.

— E o corpo de luta dele? Quase todos foram mortos.

— Elimine todos, pois somente assim ficaremos livres de um corpo traidor. Mas lembre-se, estarei sendo vigiado o tempo todo através dos cristais.

— O Grande Mago já me alertou. Em meus aposentos não deixo uma só pedra.

— Ótimo.

— E quanto aos outros cinco iniciados que fizeram o juramento? Onde estão?

— Não sei. Mas logo eles aparecerão ou nós os encontraremos. Tudo, de agora em diante, é apenas uma questão de tempo.

— Compreendo. Qual será o nosso acordo temporário?

— Eu lhe entrego este templo e o do Âmbar, logo abaixo.

— Por quê?

— Lá é o outro esconderijo desse Lamahoon que estamos combatendo.

— Mas e quanto à marca que ele traz?

— Todos os que caem em todos os sentidos são marcados com a serpente negra.

— Compreendo.

— Então vou ordenar a retirada do fraco corpo de lutas do Templo do Âmbar e você o varre de alto a baixo e no subsolo até encontrar o outro esconderijo de Lamahoon. Se nada encontrar, arrase com ele.

— Tal como fazíamos antes, não?

— Isso mesmo. Que não reste pedra sobre pedra até que toda aquela região fique livre do domínio do Mago Negro. Mas espere até amanhã para assumi-lo e então destruí-lo.

— Quer que os adeptos recebam seus frascos do elixir, não?

— Sim, pois somente dessa forma poderemos confiar nos que estiverem à nossa volta sem o perigo de sermos mortos enquanto dormimos. Após a mortandade, ninguém mais desejará ingerir o elixir da vida eterna na carne em detrimento da imortalidade do espírito que vive em Deus.

— Mantenha uma linha aberta de comunicações com o Templo da Coral.

— Quem assumirá o lugar do G.M.C.C.?

— Ainda não sei, mas seja quem for, o Grande Mago da Luz Cristalina antes penetrará em seu mental, e somente permitirei a nova escolha dentro de um mês. Até lá todos os adeptos de Lamahoon já terão se envenenado.

— Ótimo! Até a vista, meu irmão na luz.

— Até lá, iniciado da Estrela.

Ialutá voltou até onde estavam suas vestes e deixou para vesti-las no interior do seu veículo. Pouco depois chegava ao Templo dos Cristais. Uma desconfiança havia tomado conta do seu ser imortal, pois o iniciado das Três Cruzes perguntara: — No Templo da Luz Negra ou do Âmbar? — e os mensageiros haviam respondido: — No laboratório.

Isso significava que um local desconhecido de todos existia e chamava-se Templo de Luz Negra, e que não era o Templo da Luz Cristalina, pois ouvira o terceiro Lamahoon chamá-lo de cristalino.

— É hora de sacrificar a deusa a seus criadores.

E Ialutá passou na ala onde eram fabricadas as peças de cristais e apanhou uma caixa com o artesão chefe.

— Está feita de acordo com suas especificações, poderoso Shefershi.

— Ótimo, mestre dos cristais!

Pouco depois Ialutá entrava nos seus aposentos e Leish o abraçou ainda assustada.

— Acalme-se, minha amada. Já está tudo bem e, para provar-lhe, veja só o que lhe trouxe: a tiara da deusa da beleza e do prazer.

— Como é linda, Shefershi! Que encanto de tiara!

— O mestre dos cristais a fez para você, Leish. Vamos, coloque-a para ver como ficará em sua cabeça.

A tiara era toda trabalhada em pedras preciosas e tinha no topo uma pequena figura de Leish. O artesão era exímio em seu ofício e a figura era uma cópia exata de Leish. Ela tinha uns 5 centímetros de altura e era envolta por um minúsculo manto de pequeníssimas pedras preciosas.

Mas havia um detalhe. O cristal incolor e puríssimo também estava lá. Era isso que importava para Ialutá.

Logo começou a sentir-se vigiado. Era Lamahoon que já ficara sabendo que Ialutá retirara a tiara que havia mandado fazer havia uns 15 dias.

Ialutá chamou o seu grupo de guardiões fortemente armados e falou:

— Levem-na para o Templo da Ametista no outro extremo do continente e a protejam com suas vidas, pois senão eu mesmo os matarei.

— Por que me manda para tão longe, meu amado.

— Tenho homens de confiança total no Templo da Ametista. Lá não correrá nenhum perigo até tudo se acalmar por aqui, Leish. Quando eu tiver certeza de que nem o iniciado da Espada nem Lamahoon nos ameaçam mandarei buscá-la.

— Até quando este tormento durará, Shefershi?

— Até eu saber que o iniciado da Espada matou Lamahoon.

— Ele vai matá-lo?

— Sim. Ele tem informações de que Lamahoon possui um esconderijo sob o Templo do Âmbar.

— Onde eu vivia?

— Exatamente! E o iniciado somente aceitou a paz caso lhe entregasse o Templo do Âmbar, senão a força que está vindo para cá atacará diretamente o Templo da Luz Cristalina e nós perderemos tudo. Como não sei com quais corpos de luta posso contar realmente, já que talvez a maioria esteja sob o domínio de Lamahoon, então vou deixá-lo acabar com o maldito primeiro, e depois eu acabo com ele e assumo a ofensiva final.

— Mas e o elixir da vida eterna?

— Eu sei como chegar até quem o inventou realmente, minha amada. É por isso que não temo Lamahoon! Quando eu estiver totalmente livre da presença dele, que está disputando o mesmo que eu, vou atrás do gênio que o inventou. Nunca estive tão próximo de minha vitória e preciso de apenas alguns dias mais para alcançá-la. Primeiro deixemos o iniciado da Espada acabar com Lamahoon. Depois, à glória eterna, minha deusa do prazer e da beleza!

— Ainda estou com medo, Shefershi.

— Nada tema, minha amada. O iniciado guardião do Templo da Ametista nos é leal em todos os sentidos. Agora vá, que preciso de tempo para refletir melhor nos meus próximos movimentos.

Nisso entrou o iniciado guardião e falou-lhe:

— Salve, poderoso Shefershi!

— Sim?

— Já enviei os emissários até os iniciados guardiões de todos os grandes templos. Amanhã à noite todos se reunirão no Templo da Ametista como ordenou.

— Ótimo. Agora vá preparar nossas defesas para o caso de o iniciado da Espada ter mentido ou não cumprir seu acordo de não atacar este grande templo.

— Sim, senhor!

Assim que o homem saiu, Ialutá falou para Leish:

— Viu, minha amada? Depois de amanhã já terei pleno domínio dos corpos de luta e saberei quem me será leal e quem morrerá por me trair.

— Por que não faz isso hoje mesmo?

— Se eu começar a movimentar-me com o iniciado das Sete Espadas da Morte ainda aqui posso provocar uma reação incontrollável. Deixemos que ele acabe com Lamahoon primeiro. Depois, à vitória total em todos os sentidos. Agora vá, minha amada!

Assim que Leish saiu acompanhada pelo poderoso grupo de guardiões, Ialutá correu para o seu aposento mais oculto e apanhou rapidamente o cristal dos Magos.

Em segundos já estava no interior de um dos minúsculos cristais puros e incolores a vigiá-la. Ele viu quando Leish pediu que fosse em seu próprio veículo até o Templo da Ametista.

Viu também quando ela, já em pleno ar e longe do templo, disparou um certo disparo no veículo com os seus guardiões e o explodiu totalmente. Ialutá podia sentir no cristal a vibração do único e poderoso Lamahoon a guiá-la.

Então Leish Ambar Yê tomou um rumo ignorado e saiu do Reino dos Cristais a toda velocidade. Realmente o veículo era muito veloz e uma hora depois ela chegava no Reino dos Negros, agora uma Terra sem grandes templos, pois os iniciados haviam destruído todos os que existiam por lá.

Ialutá a viu sobrevoar um grande lago e entrar numa caverna no alto de uma montanha íngreme e impossível de ser escalada.

Pouco depois, ela descia do veículo e era levada ao interior da montanha onde estava o verdadeiro Lamahoon.

E, finalmente, Ialutá viu o homem que tanto procurava. Lá estava o único, primeiro e verdadeiro Lamar Ho Om Hep ou Lamahoon!

Leish foi diante do homem e o saudou:

— Salve, poderoso mestre negro Lamar Ho Om Hep!

— Salve, Leish Ambar Yê.

— Trago-lhe a notícia que tanto queria ouvir.

— Eu sei, Leish Ambar Yê. Eu sempre soube que você iria conseguir. O iniciado da Estrela logo estará pronto para cair em todos os sentidos, pois eu já vi milhares de outros iguais caírem. Mas ele tem algo que nenhum outro pode me oferecer.

— Logo ele terá a fórmula integral do elixir e assim poderá matá-lo, grande mestre negro!

— Eu não quero matá-lo, deusa da sensualidade. Preciso derrubá-lo, pois esta foi a ordem que recebi do meu Senhor.

— Compreendo. Como devo agir?

— Volte imediatamente ao Templo da Ametista e continue a induzi-lo no rumo que ele mesmo escolheu.

— Farei isso, grande mestre da Luz Negra.

— Então volte imediatamente e diga-lhe que seu veículo foi atacado e que sua escolta foi abatida em pleno ar.

— Sim, senhor. Acho que ele está apaixonado por mim, pois acredita que não caí em todos os sentidos por minha marca não ser visível.

— Eu já senti nele o desejo de libertá-la do meu poder e reconduzi-la à luz.

— Se ele cair em todos os sentidos, o senhor o dará para mim?

— Lógico, minha deusa do Âmbar. Tudo faço por uma serva tão leal como você. Ele a agrada?

— Sim. Dos que já possuí na carne, é um dos melhores.

— Então será um dos melhores para mim também. Agora vá, Leish Ambar Yê. Logo poderá viver a eternidade sob o manto protetor da Luz Negra dos Sete Mistérios das Trevas.

Ialutá não esperou para começar a agir. Voltou a seu corpo e com muito esforço mental soltou o minúsculo cristal incrustado na parte anterior do manto da Deusa do Âmbar. Seu esforço foi tanto que ficou esgotado por um longo tempo, mas a pedra caiu no solo.

No entanto uma outra armadilha ele também havia preparado para Leish e seu mestre da Luz Negra.

Quando o veículo de Leish estacionou no esconderijo, a pressão do peso abriu uma tampa falsa e deixou aberto um buraco. Dali começaram a sair sete corais encantadas. Na penumbra da caverna elas rastejaram e foram ocultar-se por trás das pedras.

Assim que o veículo alçou voo, o compartimento tornou a fechar-se.

Ialutá ia se preparando para o duelo final. Quando sentiu seu mental recarregado, foi dar uma olhada no falso Lamahoon. Os últimos frascos estavam sendo selados e veículos especiais partiam do subsolo para seus destinos finais. Viu também que outra imensa quantidade já era preparada. Voltou a seu corpo imediatamente.

Apenas com uma poderosa vibração mental uma nova leva de corais começou a mover-se e a rastejar sobre a imensa viga. Ialutá as seguia e, uma a uma, todas saltaram dentro da imensa caldeira.

Quando a última ia caindo ele mergulhou no cristal e ainda viu o falso Lamahoon. Também notou o Mago da Luz Cristalina a seu lado. Os dois voltaram ao cristal de Ialutá e o Grande Mago perguntou-lhe:

— Por que tantas corais dessa vez?

— Imagino que esse falso Lamahoon irá ao encontro do seu mestre da Luz Negra. Então levará um carregamento do elixir com ele, pois lá não devem produzi-lo.

— E...

— Quero que, mesmo que falhemos, o verdadeiro Lamahoon venha a morrer envenenado.

— Você pensa em tudo, não?

— Pensar em tudo ainda não é o suficiente, Grande Mago. Já tenho sete corais encantadas dentro da caverna dele à espera da minha ordem mental para o caçarem.

— Mais isso?

— Sim. Como eu disse, tudo é pouco num caso destes.

— Agora entendo como você se sente neste meio, Ialutá. Apenas um guerreiro excepcional teria um sentido tão apurado como o seu.

— Ainda me sinto inseguro, Grande Mago. Sua filha realmente caiu em todos os sentidos.

— Como sabe se ela não tem a marca negra?

— Ouvi o verdadeiro Lamahoon dizer que sua marca era invisível, então está oculta no seu couro cabeludo. Mas isso logo descobriremos. Assim que ela dormir, vou dar uma olhada. Não sei por que isso não me ocorreu antes!

— Alguém deve tê-lo impedido de fazer isso, Ialutá.

— Mas quem?

— Que importa isso agora?

— Quer ir até o último refúgio de Lamahoon?

— Sim.

Imediatamente Ialutá o levou ao interior do cristal e dali o Grande Mago viu o verdadeiro Lamar Ho Om Hep.

Ialutá também viu uma das corais rastejando lentamente até debaixo de um móvel. Um sorriso surgiu em seus lábios.

O Grande Mago ainda quis olhar mais um pouco em tudo à volta do minúsculo cristal. Então voltaram ao cristal de Ialutá.

Ali conversaram longamente e depois foram dar mais uma olhada no falso Lamahoon, que estava nervoso e falando a um auxiliar:

— Malditos! Estão acabando com nosso esconderijo no Templo do Âmbar. Tanto trabalho para construí-lo e agora o destroem em poucas horas.

— Não se preocupe, grande Lamahoon. Quando eu voltar ao Templo da Coral, mato o iniciado da Espada para o senhor.

— Faça isso, Ho Lishech! Faça isso por mim e o compensarei regiamente. Não vejo a hora de terminar com esta remessa e ir ao Templo da Luz Negra. Lá me sentirei totalmente seguro.

— Quando terminará com ela?

— Nesta noite mesmo. Assim que estiver tudo despachado sigo para junto do nosso mestre da Luz Negra e fico à espera de melhores dias.

— Com sua licença poderoso Lamahoon, pois preciso voltar com o carregamento dos frascos enquanto o iniciado está fora.

— Vá logo, Ho Lishech. Cortem o contato conosco e aguardem novas ordens.

— Sim, senhor.

O homem partiu e Ialutá voltou ao seu cristal. Então disse ao Grande Mago:

— Está vendo?

— Sim. Ho Lishech é um homem de confiança do iniciado da Espada.

— Logo estará morto, Grande Mago.

— Assim espero, Ialutá, senão ele matará o iniciado na primeira oportunidade.

— Ainda vou me encontrar com ele antes de sua partida e o alertarei.

- Ótimo, agora vá descansar um pouco, pois está muito esgotado.
- O senhor também está cansado.
- É verdade. Os últimos dias foram tão tensos que estou muito fraco.
- Ou triste?
- Talvez isso também esteja influenciando no meu ânimo.

Os dois voltaram a seus corpos e Ialutá dormiu ali mesmo no seu aposento mais oculto.

Não viu seu gênio tutelar sair do cristal e derramar sobre seu corpo um líquido astralino que o revitalizou por inteiro.

O líquido penetrou em seu corpo carnal e espiritual.

Capítulo VI

O Fim de Lamahoon ou Lamar Ho Om Hep

Quando Ialutá acordou, sentiu-se totalmente refeito do desgaste dos últimos dias. Saiu do aposento mais oculto e foi despachar com seus auxiliares. Logo que terminou com eles, comeu um pouco e foi dar uma volta pelo grande templo. Ao ver uma bela servidora, não titubeou e logo a acompanhou até seu aposento numa outra ala do templo. Era a primeira vez que estava em um leito que não o seu e isso o deixou um tanto embaraçado, mas logo deu plena vazão ao seu dom negativo, pois sentiu-se vigiado e, agora, pelo verdadeiro Lamahoon. Ficou quase uma hora no leito dela e antes de partir disse-lhe:

— Eu não havia notado como era encantadora e tão agradável companhia, minha amada!

— Fico feliz por tê-lo agradado, meu mestre!

— Logo que eu terminar com um projeto, irá habitar meu leito, bela mulher! E nele, muitas tão belas como você terão seu lugar e sua vez.

Ialutá estava com seus sentidos tão à flor da pele que podia sentir o Mago da Luz Negra dentro da pedra entre ela e o seu corpo.

Ao cair da noite, ele voltou ao seu aposento mais oculto e foi vigiar primeiro o falso Lamahoon. Ficou vendo com que precisão um aparelho instalado na enorme caldeira colocava uma certa dose nos frascos, os vedava e conduzia às caixas. A velocidade era espantosa e dezenas de pessoas trabalhavam na linha industrial. À medida que as caixas eram fechadas, já eram carregadas nos veículos de transporte, que, após estarem lotados, partiam.

“Como um tráfico tão intenso não é descoberto pelos guardiões do templo?” pensou Ialutá.

Mas sua pergunta logo foi respondida. O seu iniciado guardião responsável pelo corpo de defesa interna entrou na fábrica e foi até o falso Lamahoon. Por

causa do barulho, Ialutá não os ouvia direito. Mas viu quando um grande veículo de carga foi lotado e o falso Lamahoon entrou nele e se foi.

“Leve o elixir purificador, maldito! Assim teremos menos trabalho quando invadirmos a caverna da serpente negra.”

— Isso lhe dá prazer, iniciado?

— Grande Mago!

— Não respondeu à minha pergunta.

— Sim, isso me dá prazer, Grande Mago. Está vendo aquele iniciado guardião?

— Não é o responsável pelo corpo interno de defesa?

— Ele mesmo. Eu pensava que estivesse livre dessa praga. Mas até meus comandos estão vendidos a Lamahoon. Olhe! O canalha está guardando vários frascos no seu bolso quando somente uma gota dele já é suficiente para que alcance a vida eterna, no inferno!

— É, tudo está muito confuso mesmo! — concordou o Mago a seu lado.

— Vamos dar uma olhada nos outros pontos que nos interessam?

— Vá na frente que o siga.

No mesmo segundo, os dois estavam vendo Leish estendida no leito com dois homens a acariciá-la. Ialutá então falou:

— Vamos ao outro ponto, meu amigo.

— Espere. Quem são esses aí?

— Um é o homem de minha inteira confiança no Templo da Ametista. O outro, não o conheço ainda, mas veja em seu peito a serpente negra.

— Mais um caído em todos os sentidos?

— O inferno em breve terá de abrir suas sete portas para poder dar passagem a tantos adeptos dos Sete Sentidos das Trevas da Ignorância. Vamos embora agora?

— Está com ciúme?

— Eu não. Já a vi num leito com meia dúzia de homens ao mesmo tempo. A quantidade não importa para ela, mas sim a intensidade das sensações.

— Vamos sair daqui, pois estão fazendo algo que revolta os meus sentidos, Ialutá!

— Vamos, Grande Mago.

Logo estavam na caverna de Lamahoon e o que viram não era menos incômodo ao Grande Mago. Um corpo de bailarinas executava uma das danças sensuais que Ialutá já vira Leish executar ao falso Lamahoon.

O Grande Mago fez sinal a Ialutá de que iria embora, pois bailavam nuas sobre o pequeníssimo cristal incolor. Ialutá o seguiu e já no cristal do Grande Mago falou:

— Daqui a pouco estará chegando lá o falso Lamahoon. Quero ver como será a distribuição dos frascos.

— Então vá sozinho porque vou entrar em contato com Sher.

— Está bem. Amanhã cedo nos encontraremos aqui mesmo.

E Ialutá voltou à caverna. Tanto vigiava a entrada quanto as belas bailarinas nuas. De vez em quando olhava ao fundo o poderoso Lamahoon extasiado com a dança sensual que imitava a sinuosidade das serpentes.

Quando a longa dança terminou, chegou o falso Lamahoon. Ialutá o viu ir saudar o poderoso Lamahoon e ser chamado de Lamishor pelo verdadeiro.

Então mais um mistério se esclarecia. Se ele era Lamishor, e tinha outros seis sentidos com ele, o Grande Mago Negro que o fizera o Grande Mago do Ônix devia ser outro dos sete originais. Ou não?

Também viu homens passarem com as caixas em pequenos veículos e entrarem por uma porta falsa que conduzia ao interior da montanha.

“Outras entradas e saídas deve haver por aqui”, raciocinou Ialutá.

Logo viu chegar outro veículo e dele descer outro homem que tomou um assento ao lado de Lamahoon. Foi saudado como Habaal.

“Quanta luta em vão!”, pensou Ialutá. “Estão todos vivos!”

— Isso mesmo, filho.

— Grande Mago! Sher! Sabia que o senhor não resistiria.

Mas Ialutá viu um dos iniciados, que jurara destruir Lamahoon, saudar o poderoso Senhor da Luz Negra. Mais tarde outro poderoso Mago chegou.

E, por volta da meia-noite, os sete Tronos estavam reunidos. Então Lamahoon falou com um tom de voz que não deixava dúvidas sobre sua autoconfiança.

— Amanhã, Leish Ambar Yê nos trará o iniciado da Estrela até aqui e, finalmente, teremos a fórmula completa do elixir da vida eterna. Até lá, ele já deve tê-la conseguido e nós a arrancaremos de sua memória. Depois disso, não precisaremos mais nos preocupar, pois seremos imortais!

— Irá espalhá-la pelo mundo, Lamahoon?

— Não, Habaal. Os nossos leais servidores terão acesso a ela, mas os escravos continuarão a ter acesso somente à que os mantém sob nosso poder!

— Como Leish Ambar Yê trará o iniciado da Estrela?

— Ela lhe dará uma bebida e ele dormirá. Quando aqui chegar, penetro em sua memória ancestral e lhe arranco o componente que ainda nos falta para alcançar a vitória final. Quando ele acordar, já não terá como ocultar nada de nós, pois lhe apresentaremos os fatos consumados. Aí, deixo tudo na consciência dele e logo será o guerreiro frio que conquistará para nós as partes do mundo que não sucumbirão ou submergirão dentro de alguns anos quando o grande cataclisma abalar este planeta.

A gargalhada foi geral. Ialutá fez sinal e Sher e o Grande Mago o seguiram. Já em seu cristal, Ialutá falou:

— Preciso de sua ajuda, Grande Mago.

— Como?

— Quero que entre em minha memória e altere o nome do componente que Lamahoon quer possuir.

— Vou voltar ao meu corpo e em duas horas o encontro na enseada onde caiu.

— Estarei lá em duas horas. Até lá!

Ialutá voltou a seu corpo e saiu sozinho do Templo da Luz Cristalina. Foi direto ao acampamento do iniciado da Espada. Pouco depois, dois veículos levantavam voo rumo à enseada. Como de hábito, os dois ficaram apenas com suas

peças íntimas e foram trocar informações à beira-mar. Quando o Grande Mago chegou, já haviam planejado como seria a luta dali em diante.

— Ialutá, boas notícias! — falou o Grande Mago. — O elixir já começou a levar à vida eterna os adeptos dela na carne. Vi muitos corpos sem vida no Templo da Coral.

— Ótimo! Espero que Lamahoon e os seus cães também a conheçam antes de ir para lá.

— Saiam de perto vocês dois! — disse o Grande Mago a Sher e ao iniciado da espada. — Preciso fazer algo em Ialutá.

O Grande Mago hipnotizou Ialutá e o fez regredir até o campo negativo no interior do ônix. Ali ele o trabalhou como somente um verdadeiro Grande Mago da Luz Cristalina o faria. Também o foi conduzindo até os pontos em que a fórmula voltava a sua memória. Mesmo ali ele a alterava. Quando se deu por satisfeito, trouxe o espírito imortal de Ialutá de volta à matéria e novamente o fez confirmar a fórmula. Ao ver que ela estava protegida pela substituição do componente certo por outro errado, o despertou do transe hipnótico e o fez repeti-la em raciocínio normal e acordado.

— Ótimo! Agora saia do corpo e revele-a em espírito.

Ialutá a repetiu e o Grande Mago sorriu. Ao voltarem ao corpo ele tirou um frasco do bolso e mandou que bebesse.

— Para que é isso, Grande Mago?

— Beba e não procure saber o porquê. Digamos que é um brinde para comemorar a vitória final.

Depois que Ialutá o bebeu, o Grande Mago falou:

— Sher, leve-o de volta a seus aposentos no Templo da Luz Cristalina e ajude-o, pois passará mal por mais de uma hora. Depois tudo voltará ao normal com ele.

— Isso é preciso, Grande Mago?

— Sim, Ialutá. É hora de receber o verdadeiro auxílio do seu mestre na matéria e em espírito. Se você tem sofrido tantos tormentos foi porque eu me recusava a aceitar a realidade que atingiu a todos.

— Fico feliz de que finalmente tenha saído do seu isolamento ante um quadro tão confuso como o nosso.

— Entre logo no seu veículo que o efeito começará em instantes!

Mal Ialutá entrou no veículo, caiu em convulsão.

— Vá logo, Sher. Não se preocupe, pois ele não irá morrer!

— Sim, senhor.

Pouco depois ela estacionava no pátio interno e pedia socorro aos guardiões. Ialutá foi levado a seu quarto onde Sher ficou a sós com ele. Uma hora depois ele começou a voltar a si. Pouco depois já estava plenamente restabelecido e dono do seu raciocínio e movimentos.

Ao se encontrar seminu exclamou:

— Você se aproveitou da minha inconsciência, Sher?

— Não. Apenas tirei suas vestes, pois transpirava muito.

— Ah!

— Acha que devia ter-me aproveitado?

— Penso que sim. Mas como não ousou fazer isso, sou tentado a convidá-la a ficar comigo o resto da noite, pois essa poderá ser realmente minha última noite não só ao seu lado como neste mundo.

— Quantas noites nós tivemos, Ialutá?

— Muito poucas, Sher.

— Então pare de falar e realize-me como mulher, amor de minha vida!

— Não se incomoda de seu amor ser um homem totalmente viciado neste sentido?

— Tenho toda a eternidade para purificá-lo, pois outras vidas na carne ainda teremos.

— Talvez venha a viciá-la também.

— Que importa? A seu lado, tudo o que comigo fizer me parecerá virtudes agradáveis de serem vividas.

— Como é bom ouvir, ver e sentir quem amo! Não preciso despertar meu dom negativo para me realizar e muito menos pensar que estou traindo e sendo traído. Tudo é tão natural e, ao mesmo tempo, tão agradável. Um sorriso seu me ilumina mais do que qualquer luz terrena, pois ilumina minha alma. Seus olhos brilham igual às estrelas no firmamento e seu corpo é tão gostoso de se acariciar que é como se eu estivesse acariciando seu espírito imortal, inseparável do meu desde nossa origem. As lágrimas que vejo rolares dos seus olhos são como as águas da mais pura fonte ou mesmo da mais cristalina cachoeira. Sua respiração ofegante e o seu hálito morno são como a brisa das noites de verão, e o som que produz se assemelha ao dos trigais, vergando sob a força constante dos ventos do sudoeste! Olho o seu rosto e vejo uma rosa desabrochar diante dos meus olhos. Se aspiro forte, inalo o mais suave dos perfumes e o mais inebriante de todos, pois toma conta de todos os meus sentidos, como só a beleza cheia de virtudes consegue. Se a toco, sinto as ondas de prazer que seu corpo irradia. Se acaricio sua pele meu corpo vibra todo, pois ela subtrai todo o meu poder e razão. Se a tomo em meus braços então começo a vibrar, pois sei que estou vivo! Somente o amor de minha vida pode manter-me vivo num meio tão mortal como este em que vivemos. Se estou vivo, é porque amo! Apenas os que amam vivem! E muito mais vive quem pode amar o amor de sua vida! Sher, ainda que eu venha a morrer, meu amor por você me manterá vivo para sempre, pois neste momento não sinto as vibrações do desejo, sinto apenas as do meu amor por você.

Sher nada falou. Apenas se deitou a seu lado e os dois foram levados ao êxtase do amor.

Ao amanhecer Ialutá foi acordado com batidas insistentes na porta do seu quarto. Cobriu Sher e vestiu um roupão para ver do que se tratava. Um guardião e vários sábios o esperavam aflitos do outro lado da porta.

— O que está acontecendo, guardião?

— Muitos estão morrendo, poderoso Shefershi! Notícias nos chegam de todos os pontos do Reino dos Cristais e de outras partes do mundo.

— Eu sei, guardião. Quase morri esta noite. Acho que é uma epidemia mundial. Quem tiver imunidade a ela não perecerá. Comecem a incinerar todos os corpos imediatamente e envie ordens neste sentido a todos os grandes templos imediatamente. Não deixem de incinerar um só corpo tanto neles como nos campos. Que os crematórios funcionem a toda carga dia e noite, pois somente assim não contaminaremos os que ainda não foram atingidos pelo vírus dessa epidemia. Vá logo e avise a todos os grandes templos.

— Sim, senhor. Com sua licença!

Todos saíram e Ialutá fechou a porta do seu quarto. Sher havia acordado com a conversa.

— O que houve, Ialutá?

— A vingança de Deus contra os homens que ousaram desafiar seus princípios imutáveis teve início, Sher. Em algum lugar do universo, Deus chora de tristeza pela ignorância que tomou conta da Humanidade e quando suas lágrimas caírem sobre o planeta, queimarão como o fogo, inundarão os oceanos e abalarão a terra em todos os rincões mais afastados. A fúria dos suspiros de tristeza do Sagrado Iayê arrancará os oceanos dos seus leitos e novos leitos se formarão onde outrora só existia vida, alegria e amor.

— Você parece um mensageiro da morte, Ialutá.

— Não, Sher. Apenas sou alguém que ousou servir a Deus nesse tempo tão confuso. Mas temos de nos acostumar a viver onde o mal ousará desafiar o bem em pé de igualdade e com uma ousadia jamais vista! Será o meio no qual iremos reencarnar por milênios e milênios.

— Estou com medo, Ialutá!

— Não tenha, meu amor. Tudo está sendo feito por Deus em função das Suas Leis Evolucionistas. E, se assim é e será, é porque assim Ele quis, pois outra alternativa Ele não teve para poder impulsionar para frente e para cima os bilhões de espíritos imortais que caíram nos estágios duais de suas evoluções, realizadas só no mundo espiritual e em outra dimensão deste ou de qualquer outro planeta do universo, que é o Corpo Sagrado do Senhor da Luz.

— Abrace-me e diga que voltará para que eu não me sinta sozinha quando essa hora chegar.

— Procurarei não me esquecer disso, Sher. Vamos tomar um banho e depois comeremos um pouco.

Meia hora depois, Ialutá fazia sua refeição com Sher quando dois sábios entraram sem pedir licença.

— O que houve, senhores?

— Más notícias, poderoso Shefershi. A morte se alastra por todo o planeta. As mortes alcançam a cifra das dezenas de milhões.

— Nada poderemos fazer além de continuar cremando os corpos dos mortos. Gostaria de saber onde se iniciaram as mortes, pois assim localizaríamos o vírus.

— Elas estão acontecendo em todo o mundo, poderoso Shefershi. Ninguém está livre dela.

— Divulguem uma nova ordem em todo o reino. Que as famílias se isolem de qualquer contato por um mês. Não visitem parentes nem amigos e só saiam de suas casas para trabalhar ou adquirir os alimentos básicos a sua sobrevivência.

— Nós a divulgaremos imediatamente, poderoso Shefershi.

— Diga-me, sábio do ônix, já pararam as mortes no interior do templo?

— Ainda não.

— Mantenha os portais de ingresso a ele fechados até que cessem as mortes. Quase morri ontem à noite e não quero correr esse risco mais uma vez. Envie um guardião até o Templo da Ametista para suspender a reunião que teríamos hoje à noite. Mande avisar Leish Ambar Yê que se mantenha isolada do contato com o público.

— Farei isso, poderoso Shefershi!

— O senhor também evite um contato direto com as pessoas enquanto durar esta epidemia, pois senão logo não terei mais nenhum auxiliar a me servir. Façam como eu, cubram a boca e narinas com um tecido para evitar a inoculação do vírus mortal.

— Sim, senhor.

Ialutá sentia que estava sendo espionado, mas não detectava quem fazia isso. Assim que o sábio do ônix saiu da sala de reuniões, ele foi a seu aposento mais oculto e penetrou no cristal. Logo estava na caverna de Lamahoon. Um dos sete estava concentrado diante de um ônix e outro diante de um âmbar. Ialutá foi direto ao ônix do sábio e, sem olhar quem era, ceifou-lhe o fio da vida. Depois foi à Deusa do Âmbar no topo da tiara de Leish Ambar e ceifou mais outra vida. Depois voltou à caverna. Dois dos sete poderosos estavam mortos.

Logo que foram descobertos, o pânico tomou conta do salão de pedras.

— Eles estão mortos, poderoso Lamahoon.

— Então esses malditos trouxeram o vírus à nossa caverna impenetrável. Ninguém jamais entrou aqui ou sequer suspeitou que havia vida no interior desta montanha. Isso é uma ironia do destino!

— Por que, Lamahoon? — perguntou outra das cabeças.

— Por quê? Por que os iniciados mais poderosos vêm tentando nos destruir há séculos ou mesmo nos encontrar sem o menor sucesso e agora um maldito vírus de origem desconhecida penetrou em meu refúgio e já matou metade dos meus escravos. Façam como o maldito iniciado da Estrela falou e cubram a boca e as narinas. Somente assim quem ainda não está contaminado terá alguma chance de sobreviver.

Com uma rapidez espantosa todos cobriram os rostos.

— Um de vocês volte a vigiar Leish e outro o sábio do ônix, pois temos de estar informados caso descubram a causa desta epidemia.

Outro dos sete sentidos foi vigiar o sábio do ônix e Ialutá esperou um pouco antes de agir, pois senão o Mago da Luz Negra que se fizera passar por Lamahoon

e o enganara iria desconfiar. E foi exatamente a ele que o verdadeiro Lamahoon mandou que fosse vigiar a bela e sensual Leish. Assim que ele mergulhou no âmbar, Ialutá saiu do minúsculo cristal.

Quando o falso Lamahoon instalou-se no âmbar, uma espada vingadora ceifou-lhe o fio que o ligava com o corpo carnal. Mas Ialutá o agarrou e segurou, pois já dominava todos os Mistérios das Pedras, e o levou até o meio neutro.

O Grande Mago da Luz Negra olhava atordoado para Ialutá.

— Onde é o outro refúgio de Lamahoon, maldito?

— Não sei! — exclamou ele.

— Fale ou eu o soltarei e irá direto ao centro negativo do âmbar e será triturado até ficar do tamanho de um átomo do âmbar. E olhe que ninguém mais o resgatará dele se eu soltá-lo.

— Então jure pelo seu Deus que não me enviará ao interior negativo do âmbar.

— Revelará onde é o refúgio que ele usa para enganar a todos nós?

— Sim, mas apenas se você jurar pelo seu Deus que não me enviará ao centro negativo do âmbar.

— Está certo, maldito. Só para descobrir tal coisa juro pelo meu Deus que não o enviarei ao centro negativo do âmbar. Agora me diga onde Lamahoon tem se ocultado todos estes séculos!

— Ele, quando quer dominar um grande templo, toma o elixir e rejuvenesce até a idade de vinte anos e ingressa nele. Então vai dominando-o até colocar um dos seus no poder. Ele vai corrompendo todo o corpo da hierarquia.

— Compreendo. E hoje, quem é Lamahoon fora desta caverna?

— Ele é o grande mestre da Luz Dourada no Templo da Serpente Dourada no extremo sul dos domínios dos Vermelhos.

— Quem mais está ligado a ele lá?

— A maioria dos componentes da hierarquia. Somente uns poucos, que não interessa a ele corrompê-los, estão livres de cair.

— Por que ele não os corrompe?

— São pessoas de ligação com outros templos e, se caíssem, seriam descobertos nos contatos externos.

— Na ausência dele, quem assume o comando?

— O Mestre da Luz Verde, pois é um dos sete maiores da hierarquia.

— Quem é ele?

— Lushmer.

— Quero saber onde ficam os outros cinco cabeças.

— Não sei.

— Ou me conta ou o solto imediatamente, pois sei que os seis que chegaram na caverna e se fizeram passar pelas cabeças são falsos.

— Não posso dizer isso senão Lamahoon me matará.

— Você já morreu para a carne, idiota! Agora tem de se livrar do ponto negativo do âmbar ou eu o solto imediatamente.

— Não, eu conto!

— Quero os verdadeiros sete cabeças, pois se mentir não voltarei aqui para livrá-lo.

— Vai me deixar aqui?

— Até descobrir se fala a verdade ou mente.

— Mas ele vem aqui e me destrói.

— Vou dar-lhe uma melhor proteção, Mestre da Luz Negra!

E, no instante seguinte, Ialutá já estava com ele no interior do cristal puro de sua peça de Grande Mago da Luz Cristalina.

— E então? Aqui ele não pode penetrar. Agora fale!

— Muito bem, vou confiar em você, iniciado.

— Confie e não o levarei de volta ao âmbar.

E o homem contou tudo o que Ialutá queria saber. Quando Ialutá ouviu tudo, o soltou e ele foi para o polo negativo do cristal translúcido: o pior dos centros negativos das pedras.

— Como eu disse, jurei pelo meu Deus que não o soltaria no âmbar!

Ialutá voltou a seu corpo e chorou muito. Somente quando deu vazão a sua mágoa voltou a raciocinar com lógica. Imediatamente voltou ao cristal e foi até a caverna. Dois outros cabeças estavam vigiando através das pedras. Imediatamente Ialutá ceifou suas vidas e depois voltou ao corpo carnal. Com uma poderosa mensagem mental ele despertou as corais e enviou ordens para picarem os homens que lhe interessavam. Quando, com a terceira visão, as viu se moverem, voltou ao cristal e pôde vê-las picarem os homens, distraídos por graves problemas.

Ele viu o grande e poderoso Lamahoon olhar para o lado no exato momento em que a coral dava o bote. As presas dela se cravaram na sua boca e segundos depois ele caía morto.

Todos os presentes na sala foram picados. Ialutá então voltou a seu corpo e deu uma gargalhada, com o ódio a impregná-la.

— Maldito! Finalmente matei Habaal! O verdadeiro Habaal!

Ialutá apanhou o seu cristal com a lâmpada e o colocou numa sacola. Depois foi até o quarto, onde Sher o aguardava, e falou-lhe:

— Vou sair, minha querida. Só voltarei quando for o momento de eliminar o verdadeiro Lamahoon.

— Quem é ele, Ialutá?

— Abra o seu mental para mim, Sher. Antes preciso saber de algo.

Ela se colocou sob seu poder e Ialutá vasculhou sua memória ancestral. Somente quando confirmou que podia confiar nela, ele lhe contou quem era o poderoso Lamar Ho Om Hep.

Sher também chorou muito ao ouvir a revelação do nome do verdadeiro Lamahoon.

— Se não consegue dominar-se, então é melhor ocultar-se até eu resolver tudo, Sher.

— Eu me controlo, Ialutá. Mas diga-me, por que isso?

— Não sei. Acho que só saberemos a verdade se penetrarmos em seu mental ou o próprio Criador divino nos contar a verdade um dia desses.

— O que fará agora, Ialutá?

— Vá para junto do iniciado da Espada e aguarde minha volta.

— Até onde irá?

— Vou trancar-me em meu aposento mais oculto e pensar. Quando eu souber como agir, vou buscá-la.

— Está certo. Mas antes vou apanhar um punhal e ocultá-lo sob minhas vestes, pois, com exceção de você, já não confio em mais ninguém.

— Faça isso.

Logo ela entrava em seu veículo e partia. Ialutá chamou os guardiões restantes e depois de todos reunidos ordenou-lhes:

— Retirem todo e qualquer tipo de pedras de suas vestes e veículos e as tragam ao depósito de descargas.

Quando todos haviam se desfeito de quaisquer pedra, deu outra ordem:

— Apanhem as nossas melhores armas e veículos de combates, pois vamos partir para uma longa jornada de lutas.

Enquanto eles se preparavam, Ialutá entrou num veículo e saiu do templo, mas só foi até a entrada usada para saírem os veículos com o elixir da vida eterna.

Com um disparo a abriu e depois, com o disparo de uma poderosa carga, explodiu tudo ali dentro. Tão forte foi a explosão que o grande templo foi abalado em seus alicerces.

Logo ele estava de volta e assumiu o comando do corpo de lutas. Então dirigiu-se a mais cinco outros grandes templos e arregimentou todos os guardiões deles. Quando olhou a quantidade de veículos de combates prontos para a luta, deu ordens de partida para a longa jornada.

O primeiro local a ser atacado foi a montanha onde Leish deveria levá-lo. Quando o ataque cessou, a montanha havia sido reduzida a fragmentos e uma planície agora existia em seu lugar.

— Vamos ao Templo da Luz Dourada, guardiões.

Ialutá o cercou por todos os lados e deu um ultimato.

— Rendam-se ou os reduziremos a pó.

Após a rendição, Ialutá quis falar a sós com o Mestre da Luz Verde. Mas antes ele foi deixado nu.

“Não quero que Lamahoon me veja através do seu cristal maldito” pensou Ialutá.

Quando ficaram a sós, foi logo falando:

— Ou me abre o seu mental ou o esfolo vivo, Lushmer.

O espanto do homem foi muito grande.

— Como me descobriu, iniciado da Estrela?

— Isso não importa, maldito. Quero sua memória imediatamente.

— Prefiro a morte, iniciado.

— Você é quem pediu, Lushmer! Vou lançá-lo no poço da Serpente Dourada.

— Não, isso não!

— Por que não? Vamos ver o que acontece a seu mental quando o veneno dela atingir seu cérebro, Lushmer.

— Você sabe o que acontecerá, iniciado.

— Sim, eu sei.

— Entrego-me! Pode penetrar em minha memória.

— Vou adormecê-lo antes, pois não quero traições.

— Você teme o meu poder, iniciado?

— Sim, Lushmer.

Ialutá o adormeceu com uma dose de sonífero e depois penetrou em sua memória. Somente quando confirmou tudo o que lhe havia dito o Mago da Luz Negra, Ialutá saiu de sua memória. Então ordenou a morte dele no poço da Serpente Dourada. Lushmer morreu dormindo.

Depois Ialutá ordenou a saída de todos e explodiu o templo em instantes. Dali rumou a outro ponto da Terra onde estava oculto o outro dos sete sentidos do mal. Três dias se passaram nessa ofensiva.

Parou somente quando apenas um deles restava. Então deu ordens para seu poderoso corpo de lutas ir direto ao Templo da Coral. Houve uma reação, mas logo foi dominada.

Ialutá retornou ao templo onde havia adquirido quase todo o seu conhecimento como Mago do Arco-íris. No grande salão, ordenou a um guardião que abrisse uma tampa e se afastasse. Ialutá desceu por uma escada e foi até um escuro porão. Ali acendeu uma lanterna e viu uma cela. Ao abrir sua porta viu um ancião esquelético deitado numa cama imunda.

Como o ancião dormia, Ialutá penetrou em sua memória ancestral e soube tudo o que tanto desejava. Depois o despertou e com lágrimas nos olhos o levou para a luz e o ar puro.

Os olhos do ancião com longas barbas inundaram-se de lágrimas ao ver o rosto de Ialutá. Um pranto convulsivo brotou dos lábios dele e Ialutá o acompanhou. Tanta foi a emoção deles que Ialutá se sentou e ficaram abraçados e chorando. Quando as emoções amainaram, Ialutá o levou até um aposento e ali duas servidoras deram-lhe um banho e depois o vestiram. Uma sopa foi trazida e servida a ele.

Ialutá postou dois guardiões na porta do aposento e foi limpar o grande templo dos últimos servos de Lamaboon.

Poucos foram os que ficaram vivos depois de sua ação fulminante.

Quanto aos que restaram, Ialutá penetrou no mental de todos. Só quando confirmou que não haviam caído, explicou-lhes quem era o ancião e o que havia acontecido.

Então Ialutá falou dos acontecimentos que logo se abateriam sobre a face da Terra e da ilusão dos que haviam se perdido na tentativa de conseguir a vida eterna na carne.

Dali ele rumou ao Templo da Luz Cristalina. Ao chegar, poucos servidores ainda restavam.

“Idiotas!” pensou Ialutá. “Finalmente conheceram a imortalidade e acredito que não gostarão dela. Se era para o ser humano ser imortal, Deus o teria feito imortal na carne e não em espírito. Estúpidos!”

Ialutá então foi a seu aposento mais oculto, mergulhou em seu cristal de Grande Mago da Luz Cristalina e foi até o do Grande Mago. Ele dormia ao lado de seu cristal.

Então ele saiu do aposento mais oculto e deu ordens aos guardiões para que voassem até próximo de onde estavam os corpos de luta do iniciado das Sete Espadas e o avisassem que logo o poderoso Shefershi iria até ele.

Assim que seu poderoso corpo de lutas partiu, ele foi até o serpenteuário e recolheu uma coral. Depois de encantá-la, a recolheu numa bolsa e saiu rumo ao encontro com o iniciado das Sete Espadas da Morte.

Ao descer do seu veículo, Ialutá foi recebido pelo próprio iniciado, que foi logo perguntando:

— Onde esteve e por que uma força completa de lutas, meu irmão na Luz?
 — Tenho algo a resolver, iniciado da Espada. Onde está o Grande Mago?
 — Foi com Sher ao Templo da Ametista.
 — Vamos para lá, meu irmão na Luz. Mas antes me deixe vasculhar sua memória ancestral?

— Por quê?
 — Preciso saber se você não é um caído também.
 — Duvida de mim?
 — Não. Só quero ver se posso confiar em você ou não.
 — Posso exigir a mesma coisa de você, iniciado na Estrela!
 — Sei disso, iniciado da Espada.
 — E então, como ficamos?
 — Vamos nos sentar e ver quem consegue penetrar na memória do outro primeiro, pois só assim poderemos resolver isso.
 — Como queira, iniciado da Estrela.

Ialutá colocou sua bolsa num canto e deixou seu fecho aberto. Assim que sentou, deu a ordem mental à coral encantada. Imediatamente ela começou a se mover enquanto os dois concentravam todos os seus poderes mentais. Com os olhos fixos nos de Ialutá, o iniciado não viu a coral chegar à suas costas, lançar-se sobre ele e picá-lo no braço. Imediatamente Ialutá a agarrou e tornou a encantá-la, recolocando-a na bolsa. Depois foi até o corpo do iniciado e com a lâmina afiada de sua espada simbólica raspou uma parte de seu couro cabeludo. Lá estava a marca da Serpente Negra a traí-lo.

— Como imaginei, meu irmão nas Trevas! O tempo todo você sabia dos meus movimentos e por isso não venci Lamahoon antes. O seu contato comigo servia para mantê-los informados do que os outros nunca saberiam. É uma pena, pois cheguei a amá-lo como um verdadeiro irmão, meu irmão nas Trevas!

Ialutá saiu da tenda e rumou diretamente a seu veículo. Quando chegou onde estavam estacionados os seus guardiões, deu uma ordem:

— Ataquem estes invasores do nosso reino e não deixem nenhum fugir com vida. Assim que terminarem, voem até o Templo da Ametista e, caso não saia ninguém para recebê-los, reduzam tanto o grande templo como seus ocupantes a pó, sem deixar ninguém escapar. Entendido?

— Sim, poderoso Shefershi.

Ialutá partiu acompanhado por um grupo de veículos que compunham sua defesa. Assim que estacionaram, um iniciado veio recebê-los.

O homem não teve tempo de falar nada, pois os guardiões de Ialutá o eliminaram de pronto.

— Comecem a prender todos os iniciados guardiões e, se reagirem, mate-os.

— Sim, senhor.

Ialutá foi direto onde estava Leish Ambar Yê, pois ela poderia informar-lhe o que queria. No ombro, ele levava a bolsa com a coral encantada dentro.

Leish, ao ouvir baterem na porta, a abriu assustada. Ao ver que era Ialutá, o abraçou e beijou carinhosamente e depois perguntou-lhe:

— Meu amado, por que tanta demora?

— Estava esperando a epidemia fazer seu trabalho purificador, Leish. Vejo que ela não a atingiu.

— Por sorte, não morri, Shefershi.

— Vamos Leish, onde está o Grande Mago da Luz Cristalina?

— Acompanhe-me, poderoso Shefershi.

Ialutá a seguiu até outra ala e ela mostrou-lhe uma porta.

— Ele está ali, Shefershi. Eu o prendi, pois julguei que era um perigo para nós.

— Ele é meu mestre, Leish. Confio tanto nele que deposito minhas mãos no fogo por ele.

— Eu não sabia — disse ela, encabulada.

— Está tudo bem, Leish. E onde está Sher?

— Dormindo no quarto ao lado. Venha, eu lhe mostro!

Leish abriu-lhe a porta e um arrepio tomou conta do seu corpo. Imediatamente colocou a bolsa num canto, já com o fecho aberto.

Ialutá foi até ela e beijou seu rosto. Depois foi ao encontro do Grande Mago da Luz Cristalina. Ao sair, não só não trancou a porta como ainda deixou um vão aberto. Também enviou uma ordem mental à coral encantada, que começou a mover-se.

Leish abriu a porta e entrou, seguida de Ialutá. Esse sorriu ao ver o Grande Mago sentado na posição ritual e com o seu cristal na frente.

— Pensei que não viria mais, iniciado da Estrela!

— Tive muito trabalho para destruir o santuário de Lamahoon.

— Conseguiu?

— Sim — respondeu Ialutá.

— Onde mais você atacou?

— O grande Templo da Coral. Eu o reduzi a pó, Grande Mago. E depois eliminei meu inimigo mortal.

- Quem era ele?
- O iniciado das Sete Espadas da Morte. Sher não lhe falou?
- Sim. Foi por isso que achei melhor irmos para cá e aguardar sua vinda. Eu sabia que você se encontraria aqui com seus guardiões.
- Nisso os guardiões de Ialutá bateram na porta. Leish foi abri-la e eles entraram.
- Prendam-na imediatamente, guardiões! — ordenou.
- Leish foi segura por dois deles e Ialutá revistou todo o corpo dela. Depois falou-lhe:
- Confiei em você, Leish. Foi uma pena ter me traído!
- Em seguida ele lhe aplicou um sedativo e ela caiu adormecida.
- Levem-na imediatamente ao Templo da Luz Cristalina e a coloquem no aposento mais oculto do templo e depois fechem a porta e retirem a chave. Não saiam dali até eu voltar.
- Sim, senhor, poderoso Shefershi!
- Os dois guardiões saíram e Ialutá deu outra ordem aos restantes:
- Vasculhem este aposento à procura de alguma ou várias Serpentes Negras. Os guardiões vasculharam tudo e encontraram duas delas, mas encantadas.
- Com dois disparos elas viraram pó.
- Somente depois de tudo vasculhado, Ialutá deu-se por satisfeito. Um dos guardiões lhe perguntou:
- O que fazemos com os prisioneiros, poderoso Shefershi?
- Matem todos e depois esvaziem este templo.
- Sim, senhor.
- Eles saíram e Ialutá sentou-se com ar cansado.
- Está tudo terminado, não?
- Quase tudo, Grande Mago. Agora só faltam nós dois.
- Como assim?
- Sabe do que estou falando, Lamar Ho Om Hep.
- Como?
- Ouviu bem o que eu disse, Lamahoon. Todas as outras cabeças já foram cortadas e agora só falta a sua.
- Então já não adianta mais eu me ocultar, não?
- Isso mesmo.
- Mas por que disse a Sher que o iniciado era o verdadeiro Lamahoon?
- Eu sabia que você iria vasculhar a memória dela.
- Muito inteligente de sua parte, mas sabia que você havia mentido a ela e por isso a adormeci com um sedativo e coloquei uma serpente negra encantada no quarto em que ela está dormindo. Caso você não me obedeça, ela morre, pois só preciso de uma ordem mental para despertar minha escrava negra.
- Muito inteligente de sua parte, Lamahoon.
- Se sobrevivi 300 e tantos anos oculto é por ser muito inteligente, iniciado da Estrela!
- Para que tantas mortes entre seus adeptos, Lamahoon? Por que não matou-me antes se sabia que eu ia envenenar a todos?

— Eu estava perdendo o controle há muito tempo, iniciado. Cada cabeça tornou-se um corpo independente na busca do elixir da vida eterna. Eu teria de conviver com isso para sempre. Então deixei você consegui-lo para mim e ninguém mais.

— Então você não sabia realmente qual era o componente que faltava quando falou aquilo para mim, certo?

— Não. Eu não podia penetrar no ponto negativo do ðnix. Assim, só vigiava seus movimentos a partir do seu aposento mais oculto. Eu já fui um Grande Mago da Luz Cristalina e conhecia os mistérios que me possibilitavam mover-me nele, e também os que me estavam vedados. Então o fiz acreditar que já conhecia a fórmula para que a obtivesse em primeira mão e mantivesse meus domínios sobre os outros. Eu seria eterno com o elixir e meus novos servos só obteriam o elixir incompleto. Assim nunca mais seria afrontado pelos outros grandes Magos negros que dominavam os outros seis sentidos. Além do mais, quando você entregou o espírito de Leha aos guardiões da Lei, eu acabara de mergulhar no cristal e soube que você havia obtido a fórmula completa. Então somente precisava fazê-lo acreditar que outro Lamahoon iria obtê-la e instruí o meu escravo a falar que iria adormecê-lo para penetrar em seu mental e vasculhar sua memória para obtê-la. A partir daí sabia que você confiaria totalmente em seu mestre na carne e em espírito.

— Muito inteligente, Lamar Ho Om Hep!

— Não muito, pois não imaginei que iria cortar o fio da vida de um escravo que conhecia meu segredo e depois vasculhar sua memória à procura de mais um Lamahoon, se já tinha o verdadeiro ao seu alcance. Isso realmente não estava nos meus planos e sequer me ocorreu.

— Mas por que continuou com a farsa se já sabia qual era o último componente que lhe faltava?

— Eu queria que você matasse todos naquela caverna. Assim eu iria assumir o cargo de Grande Mago da Cobra Coral e dominaria o mundo a partir do grande cataclisma que já se aproxima. Então a lenda de Lamahoon teria desaparecido.

— Muito inteligente mesmo. Você mataria o iniciado das Sete Espadas e ninguém mais o incomodaria, não?

— Sim, pois até ele estava à procura do último componente da fórmula. A serpente sob a cama dele fui eu quem colocou, pois ele realmente estava de acordo com o G.M.C.C. para se apossar dela primeiro, e assim se libertarem do meu domínio.

— Nada e coisa alguma têm valor se não lhe servem, não é mesmo?

— Exatamente, iniciado.

— Acabou-se, Lamar Ho Om Hep! Eu vou matá-lo agora.

— Não vai não, iniciado da Estrela. Eu quero ver se você é tão corajoso como diz!

— Por quê?

— Quando consultei o oráculo de minha vida, ele me disse que quando o primeiro que matei, para assumir o seu cargo, voltasse à carne eu morreria. Então me precavi antes.

— Por que me deu aquela bebida depois que lhe dei o que mais queria? Era aquela a sua precaução? Matar-me?

— Eu só estava testando um novo componente no elixir da vida eterna na carne, que já havia testado em mim. Quis ver se a reação seria a mesma.

— O que adicionou?

— A única coisa que eu ainda não havia testado, além do componente correto.

— E que componente era aquele?

— Lágrimas humanas. Como sua reação foi a mesma, o descartei como o que faltava e acreditei no que conseguiu retirar da memória de Leha Macho He.

— Não consigo me lembrar do nome do verdadeiro, pois você o apagou. Então por que colocou este em minha memória?

— Gostaria de possuir a fórmula?

— Não.

— Já fiz uma porção para mim, mas posso dividi-la com você!

— Para quê?

— Dividir com você as glórias do novo mundo que em breve surgirá.

— Por que dividi-lo se jamais quis dividir coisa nenhuma?

— Quero-o ao meu lado, iniciado! Dirigirei a hierarquia religiosa e você a civil. Assim reinaremos absolutos sobre a Humanidade.

— Eu o tiraria do poder em pouco tempo, Lamahoon.

— Isso não, iniciado. Somente eu conheço a fórmula, pois apaguei vários componentes e não apenas o que faltava. Assim, só eu fornecerei o elixir a partir do meu templo e você manterá o nosso poder com suas armas. Você só terá a ganhar com nossa aliança!

— Qual a sua precaução, Lamahoon? — perguntou Ialutá, impaciente.

— Muito bem, iniciado, vou dizer-lhe! Coloquei sete serpentes negras no quarto de Sher e você notou a presença delas lá, não?

— Sete?

— Sim. Uma está debaixo da coberta que a cobre e ela está sob domínio direto das vibrações do meu mental. Caso ela pare de receber minhas vibrações voltará a ser o que sempre foi, uma assassina. Então, se me matar, Sher morre. Como ficamos?

— Qual a sua proposta, Lamahoon?

— Beba o elixir da vida eterna e ela vive.

— Por que deseja tanto que eu viva eternamente na carne?

— Se desejar isso, sua Estrela se apagará. Se aceitar, por uma vida humana, ela se apagará do mesmo jeito, pois estará adquirindo exatamente o que veio eliminar. Vi isso em sua memória ancestral quando penetrei em seu mental. Essa foi a missão que você recebeu, primeiro em espírito e depois já na carne através do seu gênio tutelar.

— Então?

— Então se você a ingerir, será eterno na carne e saberá que caiu diante dos 21 Guardiões da Lei. E quem cai não pode esperar coisas boas para seu espírito.

— Está trocando minha queda pela vida de Sher?

— Não é só isso, iniciado. Tenho um círculo mágico firmado onde o espírito dela será aprisionado caso ela morra.

— Que tipo de círculo?

— O que envia um espírito ao nono círculo negativo.

— Maldito! Desse círculo não há saída.

— Sei disso, iniciado. Ou apago sua estrela na carne ou apago a carne e o espírito da única mulher que anula o seu dom negativo. Somente ela tem esse poder, pois ela é o positivo no seu negativo e você é o positivo no negativo dela.

— Você procurou saber tudo sobre mim, não?

— Tudo, iniciado! Precisava saber tudo, pois apenas assim o oráculo não se confirmaria e, o que me faltava, consegui ao me passar pelo Grande Mago da Luz Cristalina, o único em quem você confiaria sua vida.

— Eu achava que você era um gênio, Lamahoon, mas vejo que é um louco.

— Não sou louco, iniciado. Caí em todos os sentidos, portanto, tudo me é permitido!

— Tem razão, Lamahoon. Tudo lhe é permitido, pois Deus, para você, já não existe.

— Mas posso viver na carne para todo o sempre! Beba o elixir e todas as Leish Ambar Yê do mundo serão suas. Todas as mulheres que viu no salão dançando para o mestre da Luz Negra serão suas. Todas as mais belas mulheres serão suas e ninguém o impedirá de possuí-las, iniciado! Terá Sher e todas as outras exclusivamente para você.

— Está me tentando, Lamahoon?

— Sim, iniciado. Terá em troca não apenas a liberdade do espírito de Sher como seu corpo e o de toda mulher que agrada o seu dom negativo. E como elas o agradam, não?

— Sim, toda mulher agrada o meu dom negativo, mas algumas o agradam muito mais.

— Então o que está esperando para cair em todos os sentidos?

— Não, não e não!

— Então me mate, iniciado.

— Não preciso matá-lo, Lamahoon.

— Por que não? Logo este templo começará a ser destruído e morrerei, assim como você e Sher. Eu vou para junto do meu senhor nas trevas, você irá para a sua esfera, mas Sher irá ao nono círculo!

— Não tenho saída, não é mesmo?

— Não. É sua queda pelo espírito dela. Sei que por ela você se sacrificará, pois em caso contrário sua culpa será quase tão grande quanto sua queda. Mas você saberá que preferiu viver na Luz enquanto condenou o espírito imortal dela, e isso o destruirá do mesmo jeito que se tivesse caído. Então, como é um iniciado na origem, sabe que ela é mais importante que você, pois foi por você que ela se

pôs a seu serviço e é o responsável pelo espírito dela. Além do que ela também é uma iniciada na origem e vale tanto quanto você aos olhos da Lei. E a Lei não o perdoará por ter trocado a sua Luz pela Luz dela.

— Você me derrotou, Lamar Ho Om Hep.

— Eu sei disso, Ialutá. Desde que você nasceu o venho protegendo para este dia. Somente com sua queda consigo a imortalidade.

— Este foi o seu oráculo?

— Sim.

— Então viva a sua imortalidade, Lamahoon. Onde está o elixir?

— Em meu bolso.

— Já o tomou?

— Não.

— Por que não?

— Esperava a sua chegada para ingeri-lo, senão não valeria a pena tomá-lo sozinho.

— Espera que eu seja o primeiro a tomá-lo, não?

— Isso mesmo.

— Então não cairei, Lamahoon!

— Por que não?

— Penso que você colocou veneno ou mesmo que este seja um dos frascos que você me viu envenenar.

— Mas não é um deles e muito menos foi envenenado!

— Não acredito em você.

— Mas...

— Não adianta, Lamahoon. Agora sei que os 21 Guardiões compreenderão que eu não podia trocar minha vitória e o espírito de Sher, que certamente matará, pelo veneno que está querendo que eu beba.

— Mas não é veneno, Ialutá. Aqui nós temos o elixir da imortalidade!

— Então o beba primeiro, Lamahoon. Se você me provar que esse não é um dos frascos envenenados ou somente um poderoso veneno, então eu o tomarei também.

— Então jure pelo seu Deus que o beberá caso não seja um veneno.

— Quer que eu jure pelo meu Deus, o único sentido por quem vivo, que cairei?

— Sim.

— Isso é o cúmulo!

— São minhas condições, Ialutá!

— Está bem. Eu juro pelo meu Deus que me curvarei ao seu senhor nas trevas caso não morra por causa do seu elixir da vida eterna na carne.

— Ótimo, Ialutá. Ingerirei a primeira porção dele.

Lamar Ho Om Hep despejou num copo especial metade do conteúdo do frasco e o bebeu. Imediatamente ele caiu no chão!

— O que houve, Lamahoon? Era ou não era veneno?

— Não. Algo está errado! Estou paralisado, sem poder mover-me!

— Estou vendo, Lamar Ho Om Hep. Nem ordens mentais está conseguindo enviar às suas serpentes. Sei que está tentando, mas não consegue. Vou livrar Sher da morte enquanto agoniza.

Ialutá foi até a porta do outro aposento e a abriu. Sobre Sher estava a coral encantada. Com uma ordem sua, a coral saiu de cima dela e do quarto, indo em direção ao aposento em que Lamahoon agonizava.

Então Ialutá procurou ser muito cauteloso e com a ponta da espada levantou o cobertor que cobria Sher e viu a serpente negra morta. A coral a havia picado logo abaixo da cabeça, e bem no papo macio. Com a espada a jogou fora da cama e apanhou Sher no colo, retirando-a do quarto rapidamente. Ao sair trancou a porta a chave. Ao passar pelo quarto onde Lamahoon estava, viu a coral pronta para picá-lo, e ele sem poder mover-se. Com uma vibração mental a conteve e foi até perto dele e lhe falou:

— Eu sabia que o elixir estava envenenado, Lamahoon. Você somente viu os 21 Guardiões da Lei, mas não ouviu que lhes pedi mentalmente que apagassem o último componente de minha memória e o substituíssem por algo que me mataria caso tentasse conseguir a vida eterna na carne. Então você não foi enganado por um mortal, mas foi punido pela Lei!

— Por quê?

— Sua missão terminou, Lamar Ho Om Hep! Você já havia criado na face da Terra o meio próprio no qual os caídos no estágio dual da evolução terão um meio mais ou menos parecido ao em que vivem, onde poderão reiniciar suas evoluções. Aqui terão o corpo carnal para adormecer seus mentais negativos, despertados em todo o seu poder de vibração. A carne será, para eles, uma ameaça aos seus vícios, pois saberão que vida eterna somente é possível no espírito e na luz, porque fora da Luz existem apenas Trevas, que é sinônimo de morte. As lágrimas eram realmente o último componente à vida eterna. Mas não fique triste não, pois Lushfer não errou ao dizer que só adicionando lágrimas à vida na carne um espírito caído no seu estágio dual conseguirá a vida eterna. Só que ele não disse se seria ingerindo ou vertendo-as que nós alcançaríamos a imortalidade. E como Luz é vida e Trevas é morte, somente os que as verterem alcançarão a Luz que os tornará imortais. Mas tem mais uma coisa, Lamar Ho Om Hep: só Deus poderia ter-nos dado a imortalidade na carne. Ele, que tudo sabe, deve ter um bom motivo para não nos dar isso, já que tudo o que pedimos dentro de Suas Leis, a nós Ele concede. Até acreditarmos que é possível desafiá-Lo e viver na impunidade Ele permite, desde que não tentemos induzir outros a nos seguir em nossa loucura.

— Mas no dia em que Sher morrer, seu espírito será tragado pelo círculo mágico que firmei, e ele só se fechará no dia em que eu deixar de vibrar numa das sete esferas inferiores, Ialutá.

— Então um dia eu terei o poder de enviá-lo à nona esfera, Lamahoon.

— Mas até lá ela já terá deixado o corpo carnal, Ialutá.

— Isso não importa, Lamahoon. Está vendo esta coral à sua frente?

— Sim.

— Eu invoquei a encantada serpente do Arco-íris, da qual sou seu Grande Mago, e a coloquei nesta coral. Depois lhe ordenei que defendesse Sher para que seu espírito imortal não viesse a sofrer dano nenhum causado por você e que ela sempre a protegesse.

— Impossível!

— Não acredita? Então ouça o mental que a anima, Lamahoon. Ouça-o e saiba que o encanto nunca se desfará. Assim como pulsa agora, pulsará por todo o tempo em que você existir nas sete esferas negativas onde vicejam os vícios humanos!

E Lamahoon ouviu o pulsar mental da coral.

— Por que fez isso, Ialutá?

— Porque muitos serão os nossos encontros na carne depois do grande cataclisma. Então um dia voltarei à carne e terei todos em meu poder de Mago do Arco-íris adormecido, mas o espírito que formei a partir das suas sete cores, transpostas para as sete serpentes sagradas, estará rastejando e pulsando: servir Ialutá, proteger Sher de Lamahoon e destruí-lo, sempre que ele voltar à carne.

— Você é pior que eu, Ialutá!

— Sou somente o seu mais poderoso inimigo, Lamahoon. Apenas isso e nada mais. E como muitos serão os encontros que ainda terei com a serpente negra, então a coral, a única serpente que não morre ao ser picada por qualquer outra, nem a negra, estará sempre a meu lado para me servir, para proteger Sher e para destruí-lo. Adeus, meu inimigo nas trevas!

Ialutá saiu e ainda ouviu o bote da coral na jugular de Lamahoon. Ao olhar para trás a viu saindo rapidamente do aposento e ir-se embora. Ele firmou o mental e ouviu sua pulsação a guiá-la: servir Ialutá, proteger Sher e destruir Lamar Ho Om Hep, ou Lamahoon.

Sher, que acordou nesse momento, perguntou:

— Por que deixa viva e solta uma coral tão perigosa quanto a coral-rei?

— Não vou prender ou matar a coral encantada que irá proteger-nos para todo o sempre do veneno e traição da serpente negra.

— Para onde vamos?

— Para bem longe daqui, meu amor.

Quando Ialutá alcançou o pátio, os disparos dos guardiões tiveram início. Mal eles entraram no veículo e saíram a toda velocidade, todo o conjunto arquitetônico explodiu.

Ialutá estava no pátio externo à espera da chegada dos guardiões quando um intenso terremoto sacudiu todo o grande templo.

Imediatamente ele correu para apanhar Sher. Já ia saindo com ela do veículo quando um guardião veio a seu encontro com Leish Ambar Yê.

— O que faço com ela, poderoso Shefershi?

— Vamos para fora imediatamente, guardião. Mais um abalo como este e tudo ruirá como se fosse feito de areia.

Eles entraram no veículo e Ialutá levantou voo para dar uma olhada nos estragos causados pelo terremoto. Eles voaram por várias horas e no local do

epicentro do abalo sísmico nada havia restado de pé. Rachaduras que engoliam construções inteiras eram visíveis do alto.

— Deus lançou sua terceira fúria da Lei contra o ser humano — disse Ialutá.

— Por que a terceira, Ialutá?

— A primeira foi Lamar Ho Om Hep. A segunda foi Ialutá e a terceira este terremoto, que, acredito eu, abalou todo o planeta.

Mal Ialutá acabou de falar e um novo e mais violento abalo se fez ouvir. O estrondo foi ensurdecedor e as ondas magnéticas emitidas a partir do choque no centro do planeta avariou seu veículo, lançando-o de encontro ao solo. Por sorte Ialutá estava a poucos metros de altura, senão seriam mortos com a queda.

Já no solo, o veículo era jogado de um lado para outro, em total falta de equilíbrio gravitacional. Quando cessou o abalo, Ialutá procurou sair do veículo às pressas, pois viu Leish e Sher feridas. Com muito esforço conseguiu retirá-las do veículo e fazer curativos nos vários ferimentos em seus corpos. Depois tentou colocar o veículo em funcionamento, mas foi em vão, pois ele estava totalmente avariado.

Ialutá foi ao compartimento de reservas e colocou em mochilas as provisões que todos os veículos usados pelos líderes carregavam. Apanhou também uma arma, mas, ao testá-la, viu que também não funcionava. Testou todas as outras e também elas estavam inúteis.

Nesse momento, Sher veio até perto dele e lhe perguntou:

— O que aconteceu, Ialutá?

— Não sei ao certo, Sher. Parece que as ondas magnéticas danificaram tudo. Nem estas armas funcionam mais.

— Impossível!

— Teste-as você, então!

Depois de tentar em vão, ela perguntou:

— E as comunicações?

— Já tentei e foi em vão. Vamos, apanhe a mochila que lhe preparei. A outra é para Leish.

Leish, que chegava junto deles nesse momento, perguntou:

— O que é para mim, Shefershi?

— Deixe de representar, Leish! Lamahoon já está morto, assim como todos os malditos Magos Negros, e, penso eu, todos os caídos. Deus somente esperou Lamahoon partir de volta ao inferno para soltar suas fúrias das formas e das transformações. Agora sou o que sempre fui: o iniciado da Estrela, Ialutá! E você sempre soube disso!

— Mas me acostumei a chamá-lo de Shefershi.

— Então comece a acostumar-se a chamar-me de Ialutá. Já não temos motivos para fingir, pois acabou-se o elixir da vida eterna e as sete cabeças do mal foram decepadas. Apanhe esta mochila e siga-me.

Leish o olhou sem nada dizer. Quando o viu ir embora sem olhar para trás, ela assustou-se. Imediatamente apanhou a mochila e correu no encalço de Sher e Ialutá. Quando os alcançou, ainda ofegante, perguntou:

— Para onde vamos, Ialutá?

— Que importa isso agora se tudo foi alterado por Deus?

Eles caminharam o resto do dia e, ao anoitecer, Ialutá fez uma fogueira para se aquecerem enquanto aguardariam um novo amanhecer. Na hora de dormir, Sher deitou-se junto de Ialutá e Leish mais uma vez o ficou olhando de modo estranho, mas nada falou.

Eles caminharam por mais um dia até chegarem próximo do que restara de um grande templo. À volta dele dezenas de milhares de pessoas dos campos haviam montado suas barracas improvisadas.

— Vamos passar a noite aqui mesmo, Sher. Mais tarde darei uma olhada no aglomerado de pessoas.

— Quanta gente, Ialutá! Todos os moradores dos campos vieram para cá.

— Isso mesmo. Suas casas foram arrasadas e nada mais lhes restou fazer além de vir até o último lugar onde encontrariam uma palavra de consolo, conforto ou esclarecimento. Mas onde estão os Grandes Magos da Luz? E os sábios, os mestres e os iniciados para ajudá-los?

— Acabou-se uma civilização, não?

— Sim. Acabou-se o nosso meio organizado de evolução. Agora conhecem a extensão do dano que causaram a si próprios.

— Meu Deus, que horror! Tudo destruído e ninguém apto a conduzi-los.

Ialutá ficou olhando a multidão acampada e também muitos que vinham de todos os lugares. Meneou a cabeça e afastou-se do local, indo à procura de um lugar para passarem a noite.

Depois de comerem, Ialutá as deixou e foi dar uma olhada no que restara do grande templo. Quando entrou nele, viu que era o da Turmalina. Como o conhecia bem, andou por todo o seu interior destruído até alcançar onde ficavam os depósitos de comida. Aquela ala estava toda soterrada pelos escombros da enorme construção. Somente depois de avaliar o trabalho que daria para removê-los voltou para onde estavam Sher e Leish.

Sher dormia profundamente, mas Leish, não. Ela estava olhando para o fogo e absorta em pensamentos muito íntimos, pois seus olhos estavam lacrimejando.

Ialutá sentou-se a seu lado e lhe perguntou:

— Em que pensa, Leish?

Ela o olhou, mas foi como se não o tivesse visto, pois voltou a seu ensimesmamento.

— Vamos, Leish, diga-me o que a atormenta tanto!

— Que importa isso agora, Shefershi?

— Sim, o que importa isso agora, não? É hora de todos refletirem sobre tudo o que fizeram ou deixaram de fazer, e também no que farão de agora em diante, pois nada será igual a antes depois destes abalos sísmicos.

— Para onde iremos?

— Primeiro vou mostrar a esta gente como não morrer de fome até que possam refazer suas vidas. Depois vou tentar chegar ao grande Templo da Luz Cristalina para ver o que restou dele.

- Vai me levar junto?
— Sim.
— Por quê?
— Ainda não sei por que, mas não tenho coragem de deixá-la para trás.
— Você tem pena de mim?
— Não sei. Talvez não seja isso o que eu sinto por você.
— O que é, então?
— Ainda não sei. Quando souber, contarei. Agora vá dormir, pois está cansada.
— Não estou cansada, mas sim solitária.
— Também estou solitário.
— Mas você tem Sher a seu lado.
— E a você também. Mas ainda assim sinto-me vazio.
— Por quê?
— Tudo fiz para destruir as sete cabeças do mal e agora que já não existem mais sinto-me vazio e sem vontade de viver.
— Sinto-me assim também, Shefershi.
— Ialutá, Leish. Shefershi foi somente um estágio de minha vida. E ele morreu com as sete cabeças, assim como um dia Iafershi também morreu.
— Quem mais você já foi?
— Apenas esses dois, pois agora volto a ser o que sempre fui.
— Eu nunca fui outra pessoa e agora não tenho em que me agarrar ou voltar a ser. Fui, sou e serei Leish Ambar Yê.
— Você sempre foi e será só Leish Ambar, pois o nome sagrado Yê nunca lhe pertenceu.
— Eu sou a encarnação do gênio do Âmbar, Ialutá!
— Quem lhe disse isso?
— O Grande Mago da Luz Negra.
— Ele a iludiu, Leish Ambar. Você é a filha do Grande Mago da Luz Cristalina e o primeiro homem a assoprar o hálito da vida nas suas narinas fui eu.
— O que disse?
— É isso, Leish. Eu a vi com alguns meses de vida e depois somente voltei a vê-la já moça e sob o domínio dos caídos. Foi por isso que nunca pensei em matá-la, se bem que o contrário não seja verdade.
— Eu apenas obedecia ordens e nada mais. Ou o vencíamos ou todos perderíamos.
— Você soube representar bem, Leish!
— Você também, Ialutá. Todos nós nos enganamos o tempo todo enquanto fingíamos nos amar.
— Tem razão. Para que nos censurarmos agora que tudo terminou?
— Eu tenho um motivo a mais para me censurar, Ialutá.
— Esqueça-o. Você foi induzida à queda, pois era uma criança quando os malditos a raptaram. E como iria reagir a tantas pressões provocadas por mentes tão poderosas, sábias e viciadas ao mesmo tempo?

— Sim, como eu poderia reagir se nem dos meus pais me lembro?

— Agora vamos dormir, Leish.

— Posso me deitar junto de vocês?

Ialutá a olhou e sentiu as vibrações de Leish. Então se decidiu:

— Está bem, Leish! Deite-se junto a nós até acharmos um lugar adequado para nos abrigarmos.

Ialutá deitou-se ao lado de Sher e ela deitou-se atrás de suas costas e agarrou-se a ele. Esse era o seu hábito quando dormia com Ialutá. Este olhou para Sher e a viu de olhos abertos. Ela havia acordado e ouvira o diálogo travado pelos dois. Depois fechou os olhos e fingiu dormir.

Ialutá fez o mesmo e acabou dormindo logo, pois estava muito cansado. No dia seguinte as deixou ali mesmo e foi até os escombros do Grande Templo da Turmalina.

Com ordens enérgicas, formou um corpo de centenas de homens e começou a remover os escombros para conseguir acesso aos imensos depósitos de alimentos no subsolo dele. Quase o alcançaram ao cair da noite, mas somente por volta do meio-dia do dia seguinte isso foi conseguido, e por vias tortuosas.

Após conseguir o acesso, um grande grupo de responsáveis pelo controle e distribuição foi encarregado de distribuir tanto os alimentos quanto sementes a serem plantadas nos campos.

Três dias depois, Ialutá partia com Sher e Leish. Uma barraca era levada por ele.

Pela posição do Templo da Turmalina, Ialutá soube qual o rumo tomar para voltar ao Templo da Luz Cristalina.

— Demoraremos uns dez dias para chegar até ele se nos apressarmos, Sher.

— Para que voltar lá, Ialutá?

— Não sei, mas sinto que preciso voltar.

— Talvez nem exista mais.

— Talvez. Vamos?

Caminharam o dia todo. À noite acamparam às margens de um riacho onde se serviram de suas águas para tomar banho depois de muitos dias. Foi o início de uma descontração para os três, pois aproveitaram para lavar suas roupas e secá-las à beira do fogo. Para Ialutá foi o despertar do seu dom negro que passou a incomodá-lo incessantemente. Mas também sentiu o despertar do desejo nas duas mulheres. Então ele comentou:

— O homem nunca deixará de ser o que é, mesmo tendo todo o seu meio e vida alterados. E o mesmo se aplica à mulher!

— Por que diz isso, Ialutá? — perguntou Sher.

— Tenho tentado não pensar nos meus desejos, mas não adianta muito, pois quanto mais os combato mais fortes eles retornam e me dizem: “Faça algo, senão enlouquecerá, Ialutá!”

— São as imagens, não?

— Não são somente elas, Sher.

— O que mais o incomoda?

— O acúmulo de energias. Ou dou vazão a elas ou sou atormentado incessantemente.

— Tudo mudou, não?

— Nem tudo.

— Então o que o impede se eu sei que era amante de Leish antes de me reencontrar? Não serei eu quem o impedirá de externar seus sentimentos íntimos.

— Mas é isso o que me incomoda, pois vou chocar sua formação e destruir um sentimento que cultivo com tanto carinho.

— Que sentimento?

— O de amor por você.

— Eu também o amo e não será isso que irá destruí-lo, pois também estou viva e com um grande acúmulo de energia. Não tenho coragem de tomar a iniciativa, pois a presença de Leish me inibe.

— Como solucionar tal problema?

Nisso Leish voltou do riacho e sentou-se diante da fogueira, onde começou a secar suas roupas. Ao se sentir incomodada com os olhares dos dois, ela comentou:

— Por que me olham tanto? Nunca viram uma mulher nua?

Os dois se olharam e caíram na gargalhada. Leish não sabia qual o motivo da graça, mas também riu de sua observação. Quanto à solução, Ialutá a encontrou logo, pois os desejos são um sentimento tipicamente humano.

Doze dias depois, eles chegaram ao grande Templo da Luz Cristalina. Boa parte dele havia desabado com os abalos sísmicos. Ialutá estranhou não ver ninguém ali, mas logo ficou sabendo a causa.

O serpentário tinha sido atingido e milhares de cobras haviam se espalhado por toda a região. Elas eram criadas para a extração de uma infinidade de medicamentos. Dos venenos, dos ossos e das peles eram extraídos muitos medicamentos. E eram mais poderosos do que os conseguidos pelos cientistas de hoje.

Se os pesquisadores contemporâneos se dedicassem a estudar mais tanto os venenos como o resto das cobras, encontrariam muitos medicamentos que combateriam os vírus e as doenças mais terríveis que assolam à Humanidade. Tanto o veneno como o suco gástrico delas, se decompostos, possuem um alto poder terapêutico. Mas para a ciência moderna conseguir isso terá de revolucionar todos os seus princípios, baseados em fórmulas e composições. Os cientistas terão de iniciar seus experimentos a partir da decomposição.

No passado remoto, a serpente era símbolo de cura e não de morte, como acontece hoje. Todos os templos que levavam como nome o de uma serpente eram iguais a uma universidade do nosso tempo. Eram neles que os sábios se formavam e, quando alguém era chamado de Mago da cobra “tal”, significava que ele conhecia todos os mistérios de tal ofídio. Eram conhecidos dele tanto os mágicos quanto os benéficos e também os maléficos.

Um Grande Mago, sábio ou mestre era extremamente respeitado por todos, pois era o mesmo que um cientista contemporâneo, mas com uma vantagem muito grande: ele, por intermédio da magia, chegava a alcançar a origem divina dos seus conhecimentos, enquanto os atuais grandes magos da Física, da Química ou da Medicina ainda conhecem pouco sobre a origem material do que perdemos. Por isso foi dito no princípio deste livro que a média de vida era de 120 anos.

Hoje nós ainda temos muitos símbolos alusivos aos répteis, mas até isso escapa aos “magos” da atualidade, pois eles tentam penetrar nos mistérios da serpente pela porta de saída e não pela de entrada.

Quando pensam que estão chegando aos verdadeiros mistérios desses símbolos já os estão olhando do lado de fora e com olhos que a consideram, em princípio, um inimigo perigoso, uma magia negativa ou um ser maldito, quando na verdade ela é um depositário dos mais poderosos antibióticos, pois um rato empestado não a infecciona, um outro animal venenoso, como os sapos, não a envenena e seu suco gástrico dilui ossos, cabelos e outros elementos e os transformam em alimentos.

Qual a química animal que desintegra cabelos ou pelos e os transformam em energia? Só a das serpentes.

Pois é isso! Somente a partir da decomposição total da Mamba Negra Africana é que os cientistas atuais encontrarão o inimigo mortal do vírus da aids. A Mamba, quase extinta, era no passado remoto a que aludimos nesta história, a tão temida serpente negra dos servos de Lushmer ou o princípio das trevas.

Se os cientistas conseguissem descobrir realmente os mistérios ocultos na cabeça de uma serpente veriam que seus mais perfeitos radares ainda são inferiores ao que elas possuem. O delas capta sons, calor, magnetismo, vibrações e batidas cardíacas. Um só órgão delas, mas com vários e minúsculos pontos de recepção, codificação e reconhecimento envia-lhes o certo sentido de ataque e direção.

Algumas espécies são deficientes de alguns desses minúsculos pontos, mas os essenciais a sua sobrevivência, todas possuem.

Eis aí uma pequena descrição do original, puro e verdadeiro mistério do símbolo da serpente.

Tudo acabou na época do grande cataclisma, mas um templo especializado nas serpentes não teve nenhuma de suas pedras abaladas. Ele foi o grande Templo da Cobra Coral a que aludimos nesta história. Ele ficava mais ou menos na altura da cidade de Luxor, no Egito. Sobreviveu e existiu até há 14 mil anos sob o domínio dos Magos da Luz, pois Ialutá o limpou por completo dos servos das trevas e antes de partir, no dia em que nele entrou e libertou o Grande Mago da Luz Cristalina, instruiu um Mago da Luz a invocar e incorporar na Cobra Coral o espírito da serpente do Arco-íris. E todos os que ingressavam nele tinham de passar pela coral encantada. Caso trouxessem em seus mentais, racionais ou emocionais, qualquer vício das trevas, ela os picava e morriam imediatamente. Por 7 mil anos, os Grandes Magos, mestres e iniciados da Coral predominaram na

religião e nas ciências, pois foi o único grande templo a conservá-los intactos após o grande cataclisma.

Dizem os G.M.C.C., das quinta e sexta esferas da Luz, que o iniciado da Estrela voltou à carne sete vezes como Grande Mago da Cobra Coral e em todas elas alcançou o grau de G.M. da serpente do Arco-íris, pois ali era onde os dois sentidos dela, o divino e o humano, se encontravam.

Mas há 14 mil anos, novo cataclisma abalou o planeta e toda a região foi destruída e inundada. Foi daí que surgiu o mito da Arca de Noé, na alusão bíblica.

Uma nova serpente tomou o lugar de predomínio místico, religioso e científico: foi a Serpente Dourada ou a Deusa Dourada que predominou até a vinda de Akenaton, que a substituiu pelo saber do amor e lançou as sementes que germinariam com a vinda do Divino Mestre Jesus Cristo à Terra.

Mas isso são coisas passadas que jamais voltarão ao planeta senão por intermédio desses contos místicos e iniciáticos que são trazidos ao plano material por espíritos que as vivenciaram.

Havia também o Templo da Coruja, no Reino dos Amarelos, que permaneceu de pé até há 7 mil anos. Mas isso já é outro conto místico iniciático. Portanto, voltemos ao que já estamos terminando.

Ialutá conseguiu encantar várias das serpentes com seu poder e conhecimento de Mago do Arco-íris e afastou do grande Templo da Luz Cristalina as serpentes que haviam fugido do serpentário. As encantadas afastaram todas as outras e o templo voltou a ser habitável e sem maiores perigos que os de qualquer outro local. Novo serpentário as recolheu posteriormente.

Então Ialutá começou a montar uma nova hierarquia dentro dele, agora sem a ameaça das Sete Cabeças da Serpente Negra. O imenso depósito de alimentos e sementes foi aberto à população faminta, miserável e enferma da região.

Os campos voltaram a produzir um ano depois, e a hierarquia luminosa voltava a habitar o grande Templo da Luz Cristalina.

Foi então que um veículo estacionou no pátio interno dele e do seu interior desceu um grupo de homens, dentre eles o Grande Mago da Luz Cristalina.

Ialutá foi chamado e quando soube de quem se tratava saiu em disparada a seu encontro. Quando viu o Grande Mago seus olhos inundaram-se de lágrimas. Ambos se abraçaram e depois foram para o interior do grande templo.

Ialutá o levou até seu aposento mais oculto e lhe falou:

— Ei-lo, Grande Mago! Igualzinho como quando o senhor era o único a meditar em seu interior.

— Quanto tempo já se passou, Ialutá! Eu nunca fraquejei em minha fé em Deus, mas voltar a este aposento mais oculto, nunca pensei que conseguiria!

— Pois agora ele voltará a ser ocupado pelo único e verdadeiro Grande Mago da Luz Cristalina. Já chega de falsos magos o profanarem.

— E você, o que é hoje, Ialutá?

— Um homem à espera do meu fim e nada mais.

— Por que não voltou ao Templo da Coral como havia prometido?

— Não temos mais veículos de transporte, Grande Mago.

— Por que não?

— Eu não sei a causa, mas todos os nossos veículos sofreram um dano irreparável no motor de propulsão e as fábricas foram engolidas pelo solo. Então ficamos isolados do resto do mundo, que, imagino eu, deve ter sofrido tantos danos como esta parte.

— Realmente! Todos os continentes foram abalados. Só nos restaram uns poucos veículos que estavam no interior do grande Templo da Coral. Onde está o seu imenso corpo de lutas, Ialutá?

— Foi dizimado.

— Nas batalhas?

— Não, em pleno ar e sem nenhum adversário terreno a combatê-lo.

— Seus veículos foram atingidos pelas ondas eletromagnéticas?

— A 2 mil metros de altura, Grande Mago.

— Eram muitos?

— Todos, Grande Mago.

— Que horror.

— Eu que o diga. Mal acabamos com os sentidos do mal e o que usamos para derrotá-los foi destruído pela ação drástica da Natureza.

— Deus está por trás de tudo, Ialutá.

— Eu sei, Grande Mago.

— Por que, Ialutá?

— Vou tentar lhe falar o que sei e o que combati, Grande Mago. Está preparado para ouvir minha longa história?

— Você é o único que realmente sabe algo verdadeiro sobre tudo o que houve nas últimas cinco décadas, não?

— Vou começar lhe dizendo quem me deixou como única alternativa a queda e por quê. Somente assim entenderá tudo o que lhe contarei depois.

— Estou pronto para ouvi-lo, iniciado da Estrela.

E Ialutá contou toda a sua história ao Grande Mago. Enquanto falavam, uma mulher lhes serviu frutas e sucos, que o Grande Mago saboreou com grande prazer, pois desde que fora substituído por Lamahoon jamais voltara a prová-las.

Com ele, um grupo de sábios que o havia acompanhado ouvia com atenção a história de Ialutá. Quando este chegou ao fim de sua narrativa, o Grande Mago perguntou-lhe:

— Por que tudo isso, iniciado da Estrela?

— Este planeta já está recebendo levas e levas de espíritos caídos nos seus estágios duais da evolução, por isso Lamar Ho Om Hep e seus Magos Negros conseguiram com extrema facilidade tantos adeptos. Ele encontrava ressonâncias de tudo o que pregava em seus mentais inferiores. Portanto, preparem-se, pois um dualismo, inimaginado por nós, se imporá de agora em diante sobre a face da Terra. Tudo o que vivi e lhes narrei viveremos de agora em diante com muita intensidade, pois somente assim os espíritos caídos no estágio dual poderão dar uma vazão controlada ao excesso de negativismo acumulado nos seus racionais inferiores, pois o corpo carnal permitirá isso.

— Como, se o pouco que ouvi somente mostrou um negativismo extremo? — perguntou o Grande Mago.

— O que lhe narrei e o que sentiu na sua própria vida foi só uma tentativa de um grupo de seres muito, mas muito inteligentes, de fugir ao ciclo dual da evolução carne-espírito. Eles imaginavam ser capazes de alterar a *Lei Divina e viver eternamente na carne. Mas se esqueceram de que a carne, por si só, não é evolução*, mas sim estabilização ou regressão para um espírito humano.

— E você então alcançou a imortalidade na carne!

— Não. Eu somente tomei o elixir de Lamahoon, ou melhor, de Leha, ou melhor, de Lushfer, para combatê-los.

— Sabe, Ialutá, se eu não estivesse vendo os seus símbolos sagrados, dos quais jamais me esqueci, de tão luminosos, eu diria que está mentindo.

— Pois eu lhe digo que sou tão mortal quanto os senhores.

E Ialutá tirou sua espada e passou um dedo no seu fio. O sangue jorrou e ele falou:

— Bastará uma espada para acabar com minha vida do mesmo jeito que acabaria com a dos senhores.

— Nós prendemos alguns adeptos do elixir que não haviam ingerido do frasco envenenado. Eles, em poucos meses sem tomar novas doses, envelheceram até voltar às suas idades reais. Houve alguns que envelheceram mais de 200 anos em poucos meses. Então nos diga por que você não aparenta a idade que realmente tem?

— Isso eu também não compreendo, Grande Mago. Talvez eu tenha me dedicado tanto tempo a acabar com o elixir da vida eterna que o Criador tenha olhado para mim e dito: Ialutá, filho meu! Você se empenhou tanto em cumprir o que a Lei lhe ordenou que vou conservá-lo assim para todo o sempre, e isto, se isto quiser!

— E você quer isso, iniciado da Estrela?

— Não, Grande Mago. No dia em que este grande templo afundar eu estarei diante do altar sagrado orando ao Criador para que me perdoe por ter me recusado a fugir deste continente condenado a desaparecer.

— Creio que Lamar deixou escapar sua oportunidade de viver eternamente na carne ao tomar a poção que ele julgava ser a verdadeira. A verdadeira era a que continha lágrimas humanas, e que ele fez você ingerir.

— Também acho, pois ele podia continuar a tomar a incompleta e ficar na carne por todo o sempre. Mas a Lei já havia extraído dele tudo o que precisava que ele fizesse para criar um meio apropriado aos que caíram no estágio dual.

Ialutá mudou o rumo da conversa ao perguntar ao Grande Mago!

— Quer conhecer sua filha, Leish Ambar?

— Sim.

E o iniciado da Estrela o levou até onde estava Leish Ambar. Ela brincava com um grupo de crianças de uns 8 anos de idade. Nem se parecia com uma mulher de meia idade.

— Por que ela age assim, iniciado?

— Eu a hipnotizei após fazê-la regredir a uns dias antes de ser raptada. Depois bloqueei o seu racional e não permiti a volta da sua consciência.

— Mas após o desencarne ela voltará, iniciado.

— Que importa isso, se depois de isso acontecer todos nós já estaremos do outro lado para tentar ajudá-la?

— Como, se ela caiu em todos os sentidos?

— Isso não é algo que devemos nos preocupar por enquanto, mas somente quando já tiver acontecido.

— Você procura reduzir tudo à quase insignificância.

— Procuro apenas racionalizar da melhor forma possível tudo o que temos vivido e ainda a viver. Para que dramatizar mais se já tive muitas emoções negativas nestas horríveis encarnações, e que vibrarão tão forte em meu mental negativo que levarei milênios incontáveis para livrar-me delas? Mas vamos até Leish Ambar, Grande Mago. Vamos ver qual será a reação dela ao vê-lo.

E Leish Ambar viu o seu pai e ficou olhando-o de um modo estranho. Depois disse:

— Eu o conheço, não?

— Sim, você me conhece Leish Ambar.

— O senhor é meu pai, não é mesmo?

— Sim, minha filha. Eu sou o seu pai.

— Por que demorou tanto tempo para vir me buscar, papai?

— Eu não pude vir antes, minha filha. Vamos passear no jardim?

— Sim, senhor. Eu gosto de brincar no meio das flores.

E o Grande Mago a levou para passear enquanto dos seus fundos olhos lágrimas caíram em profusão.

Ialutá sentou-se num banco e começou a chorar também. Uma mulher sentou-se a seu lado e falou-lhe:

— Não chore, Ialutá. Nada poderá fazer por eles!

— Mas eu gostaria de poder fazer alguma coisa, Sher.

— Nos resta somente orar a Deus para que Ele tenha piedade da alma dela.

— Isso tenho feito desde o dia em que ela começou a dar sinais de debilidade mental. Creio que o período de tormento mental dela será muito grande.

— Mas nós estaremos prontos a auxiliá-la quando Deus nos permitir.

— Sim, nós estaremos à espera desse dia, Sher.

— Quando será esse dia, Ialutá?

— Não sei, mas quando Deus lhe der uma outra oportunidade, lá estaremos para ajudá-la em uma nova caminhada.

— Ela é tão linda, não?

— Sim, Leish é uma das mulheres mais lindas que já surgiram na Terra. Talvez um dia ela volte a ser uma das mais lindas também em espírito, não?

— Sim, Ialutá!

Alguns anos depois, quando quase ninguém mais se lembrava da profecia, a tormenta dos elementos se abateu sobre o planeta e o ente humano foi levado ao desespero total.

Continentes desapareceram, povos inteiros também tiveram o mesmo destino e a Humanidade foi reduzida a um estágio dual de evolução. Ialutá, Sher, Leish Ambar e o Grande Mago da Luz Cristalina estavam diante do altar sagrado do grande templo nesse dia.

Cada espírito foi para uma esfera e cada um viveu de acordo com o que havia vivido na carne.

Leish Ambar Yê voltou a lembrar-se de tudo o que havia feito na carne e caiu tão violentamente nas suas vibrações mentais que muitos e muitos milênios se passaram até que ela descarregasse todo o negativismo acumulado dentro de si.

Apenas recentemente alcançou de novo a Luz e, ainda assim, parcialmente. Antes do momento final, o Grande Mago da Luz Cristalina perguntou a Ialutá:

— Por que, iniciado da Estrela?

— Quer mesmo saber, não?

— Somente morrerei em paz se souber o porquê de você ter vencido Lamar Ho Om Hep.

— Muito bem, vou lhe dizer só para que não morra atormentado por uma coisa tão triste. Um dia alguém me revelou que eu corria grande perigo junto ao Grande Mago Negro, que servia o falso Hemofer, que havia me retirado da Ilha dos Desterrados. Eu ainda não conhecia os grandes mistérios negros em profundidade e alguém me disse que ele ia me matar, pois sua filha já havia colhido minha semente da vida. Disse a ele que daria o que quisesse se me contasse como ele faria para me matar. Ele me contou e lhe dei o que ele mais queria.

— Ainda não me falou nada, Ialutá! — exclamou o Grande Mago, muito sério.

— Está certo. O tal rapaz disse que me ajudaria se eu o levasse a meu jardim dos prazeres e o fizesse alcançar a outra única coisa que ele ainda não havia conseguido na carne, e que somente no meu jardim dos prazeres ele conseguiria. Eu aceitei suas condições e o levei até ele. Lá ele alcançou o que ninguém jamais havia lhe dado e que era o que mais lhe agradava no seu dom negativo, que era o mesmo que o meu. Quando ele alcançou o clímax do prazer e começou a delirar, perguntei-lhe: Como é seu nome? E ele respondeu-me: Para você, iniciado, eu sou Lamar, só Lamar!

— Isso quer dizer que Lamahoon era um homossexual?

— Sim, e por isso ele nunca permitiu que nenhum dos outros sentidos do mal me matasse quando o que mais eles queriam era minha morte.

— Então Lamar não queria somente o elixir da vida eterna, e sim a conquista de alguém que lhe proporcionasse o delírio do prazer.

— Por que eu cá, Grande Mago?

— Pelo desejo de realizar-se na carne através das imagens que atormentavam o seu emocional e despertavam os vícios sedimentados no seu mental inferior ou zona escura do seu mental inferior.

— Daí se conclui o quê?

— Que Lamar Ho Om Hep ou Lamahoon caiu em todos os sentidos somente para poder realizar o que mais encontrava ressonância na zona escura do seu mental. E como você foi o único que lhe propiciou tal realização, então ele não poderia matá-lo, pois sem você o próprio elixir da vida eterna perderia o seu sentido de existir.

— Sim. Da mesma forma que preferi arriscar a queda em todos os sentidos para não atingir Sher, pois sem ela a vida perderia seu sentido tanto na Luz quanto nas Trevas, Lamahoon sabia que somente colocado diante dessa possibilidade eu realmente não teria alternativas.

— Compreendo.

— Pois é isso, Grande Mago! Quando eu fui à beira-mar à meia-noite, o gênio negativo das águas cristalinas apenas me ensinou uma coisa: Como conduzir alguém ao jardim dos prazeres das sensações dos desejos na carne. Então ele me disse: “Com a posse deste mistério, todos os outros lhe serão facultados pelos que desejarem conhecê-lo.” E Lamar caiu por ele. Então a charada, eu a decifrei quando ouvi o nome Lamar Ho Om Hep.

— Lamahoon o amava!

— Finalmente o senhor entendeu, não?

— Sim, mas por quê?

— Talvez um dia, mas apenas talvez, e também apenas nesse dia, eu lhe diga esse porquê, Grande Mago.

— Por que apenas talvez?

— Não acha que têm muitos “porquês” nesta conversa?

— Tem razão! Isso também pode me levar à queda, não?

— Finalmente o senhor entendeu. É da tentativa de querermos saber a razão dos “porquês” que se nos apresentam a todo momento que todos caímos.

— Vou orar, Ialutá. Chega de querer saber a razão dos “porquês”!

— É isso, Grande Mago! — exclamou Ialutá, sorrindo.

Pouco depois um enorme estrondo se fez ouvir e todo o continente do Reino dos Cristais submergiu sob as águas do oceano, que hoje conhecemos como Pacífico, mas que naquele dia foi o mais violento de todos eles.

FIM